

Associação Espírita de Umbanda São Miguel  
Ponto de Memória do Grande Bom Jardim  
Grupo de Extensão e Pesquisa Diálogos/UNILAB/UECE

RELATÓRIO TÉCNICO

**MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DOS TERREIROS DA REGIONAL V**

Edital 10304 - Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais da Cidade de  
Fortaleza.

SECULTFOR - POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC

Adriano Paulino de Almeida  
Eduardo Gomes Machado  
Organizadores

**Fortaleza, Ceará**  
**Junho de 2026**

RELATÓRIO TÉCNICO

**MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DOS TERREIROS DA REGIONAL V**

Edital 10304 - Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais da Cidade de  
Fortaleza.

SECULTFOR - POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC

Fortaleza, Ceará  
Junho de 2026



Edital de Mapeamento dos Povos e Comunidades  
Tradicionais da Cidade de Fortaleza | PNAB

RELATÓRIO TÉCNICO

**MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DOS TERREIROS DA REGIONAL V**

Edital 10304 Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais da Cidade de  
Fortaleza.

SECULTFOR - POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC

*Relatório técnico de cunho etnográfico do projeto Mapeamento Participativo dos Terreiros da Regional V, executado pela Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza, por meio do Edital 10304 Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais da Cidade de Fortaleza, tendo como agente cultural proponente realizador a Associação Espírita de Umbanda São Miguel, em parceria com o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim e o Grupo de Extensão e Pesquisa Diálogos, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e à Universidade Estadual do Ceará (UECE), fomento Política Nacional Aldir Blanc (PNAB).*

*Me dê a sua mão, me dê o seu amor  
Eu quero te dar um aperto de mão!  
Zambi nos criou, Oxalá nos uniu,  
semeando o amor e a tristeza sumiu*  
**Ponto de Oxalá**

## **EQUIPE TÉCNICA**

### **ORGANIZADORES**

Adriano Paulino de Almeida (@drikoalmeida\_)

Eduardo Gomes Machado (@edugomesmachado, @grupo.dialogosurbanos)

### **AGENTE CULTURAL PROPONENTE**

Miguel Ferreira Neto

Pai Neto Tranca Rua (@painetotrancaRua)

Associação Espírita de Umbanda São Miguel

### **COORDENAÇÃO**

Adriano Paulino de Almeida (@drikoalmeida\_)

### **GEÓGRAFA / MAPAS**

Regina Balbino da Silva (@reginabalbino)

### **PROGRAMADOR PLATAFORMA**

Lucas dos Santos Almeida (@lucasalmeida.j)

### **FOTÓGRAFO E VIDEOMAKER**

Ycaro Martins (ycro.martins)

### **DESIGNER GRÁFICO**

Eduardo Gabriel de Sousa (@[gabrielsousa.br](https://www.instagram.com/gabrielsousa.br))

### **MÍDIAS SOCIAIS**

Adeilson Falamais (@falamais.oficial)

### **JORNALISTA**

Jocasta Pimentel (@\_jp.jornalismo)

### **NORMALIZAÇÃO E REVISÃO**

Antonio Wilame Ferreira da Silva Júnior (@jovem.esu)

### **BIBLIOTECÁRIA**

Neiliane Bezerra

### **PESQUISADORES SOCIAIS**

**Giuliano Freitas** (@giuliano.freitas) – Granja Lisboa

**Flávia Almeida** (@flaviamoal) – Granja Portugal

**Carla Vanessa** (@carla\_vbrasil) – Siqueira

**Nathyelly Araújo** (@nathy\_ara33) – Bom Jardim

**Paulo Fernando** (@nandobxj) – Bonsucesso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

R321 Relatório técnico [Recurso eletrônico]: mapeamento participativo dos terreiros da Regional V / Adriano Paulino de Almeida, Eduardo Gomes Machado, Organizadores. – Fortaleza: [s.n.] 2026.

280 p. ; il. color.,

ISBN 978-65-976263-0-4

1. Religiões africanas – Bom Jardim (Fortaleza, CE). 2. Cultos afro brasileiros – Bom Jardim (Fortaleza, CE). 3. Memória coletiva – Bom Jardim (Fortaleza, CE). 4. Umbanda – Bom Jardim (Fortaleza, CE). I. Almeida, Adriano Paulino de (Org.). II. Machado, Eduardo Gomes (Org.).

## **LISTA DE QUADROS**

- QUADRO 01** – Templos Pesquisados – Bom Jardim
- QUADRO 02** – Templos Pesquisados – Bonsucesso
- QUADRO 03** – Templos Pesquisados – Granja Lisboa
- QUADRO 04** – Templos Pesquisados – Granja Portugal
- QUADRO 05** – Templos Pesquisados – Siqueira
- QUADRO 06** – Entrevistas realizadas
- QUADRO 07** – Terreiros no Bom Jardim e data de fundação
- QUADRO 08** – Terreiros no Bonsucesso e data de fundação
- QUADRO 09** – Terreiros na Granja Lisboa e data de fundação
- QUADRO 10** – Terreiros na Granja Portugal e data de fundação
- QUADRO 11** – Terreiros no Siqueira e data de fundação
- QUADRO 12** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total
- QUADRO 13** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Bonsucesso
- QUADRO 14** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Bom Jardim
- QUADRO 15** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Granja Portugal
- QUADRO 16** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Granja Lisboa
- QUADRO 17** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Siqueira
- QUADRO 18** – Templos Pesquisados – Bom Jardim
- QUADRO 19** – Templos Pesquisados – Bonsucesso
- QUADRO 20** – Templos Pesquisados – Granja Portugal
- QUADRO 21** – Templos Pesquisados – Granja Lisboa
- QUADRO 22** – Templos Pesquisados – Siqueira
- QUADRO 23** – Lideranças espirituais fundadoras e atuais, por bairro e terreiro
- QUADRO 24** – Inscrição como sacerdote de religião tradicional de matriz africana e ou ameríndia
- QUADRO 25** – Terreiros no Bom Jardim e Tipologia
- QUADRO 26** – Terreiros no Bonsucesso e Tipologia
- QUADRO 27** – Terreiros na Granja Portugal e Tipologia
- QUADRO 28** – Terreiros na Granja Lisboa e Tipologia
- QUADRO 29** – Terreiros no Siqueira e Tipologia
- QUADRO 30** – Raízes e regentes dos Terreiros por data de fundação
- QUADRO 31** – Raízes e regentes dos Terreiros por bairro
- QUADRO 32** – Entidades/Divindades regentes dos templos por bairro
- QUADRO 33** – Principal festividade ou celebração em cada Terreiro
- QUADRO 34** – Sentidos atribuídos à principal festividade/celebração pela comunidade onde se situa o Terreiro
- QUADRO 35** – Impactos na rotina da comunidade e no comércio local da principal festividade/celebração
- QUADRO 36** – Transmissão de saberes e rituais para gerações futuras na principal festividade/celebração

- QUADRO 37** – Data de início com motivações e sentidos atribuídos para o início
- QUADRO 38** – Preparações rituais
- QUADRO 39** – Percepções quanto à relevância da principal festividade/celebração
- QUADRO 40** – Principais insígnias e instrumentos utilizados
- QUADRO 41** – Indumentárias – crianças, mulheres e homens
- QUADRO 42** – Indumentárias sacerdotes (as), outras autoridades e filhos (as) de santo ligados (a) à energia cultuada
- QUADRO 43** – Componentes cênicos
- QUADRO 44** – Principais códigos comunitários de participação (quizilas, tabus, preceitos, dentre outros)
- QUADRO 45** – Marcos edificados no templo diretamente relacionados e constituintes da principal festividade/celebração
- QUADRO 46** – Pontos ou cantigas diretamente relacionadas à principal festividade/celebração
- QUADRO 47** – Ciclo de Tempo Público e Cruzo com Datas Oficiais Hegemônicas
- QUADRO 48** – Ciclo de Fundamento e Encantaria Territorial (Móvel/Específico)
- QUADRO 49** – Ciclo da Quimbanda e Nobreza de Chão (Soberania Urbana)
- QUADRO 50** – Inventário Completo de Festividades ou Celebrações por bairro e indicação de terreiros
- QUADRO 51** – Inventário Completo de Festividades ou Celebrações por mês, com festividades agregadas
- QUADRO 52** – Calendário Litúrgico Consolidado (Fluxo Temporal)
- QUADRO 53** – Calendário Litúrgico completo VERSÃO 01
- QUADRO 54** – Calendário Litúrgico completo VERSÃO 02
- QUADRO 55** – Frequência de Entidades e Divindades no nome do Terreiro e na principal festividade/celebração
- QUADRO 56** – Frequência de Entidades e Divindades no Ciclo Anual e nos nomes dos Terreiros
- QUADRO 57** – Arquitetura de Forças e Governança Ancestral
- QUADRO 58** – Ciclos de Visitação Anual
- QUADRO 59** – Rotas Culturais e Turísticas
- QUADRO 60** – Margem de Segurança e Erro por Fonte
- QUADRO 61** – Estimativa do Contingente de Empresas por Bairro (2026)
- QUADRO 62** – Estimativa da Composição Empresarial por Segmento (2026)
- QUADRO 63** – Salário Médio por Segmento Econômico e Bairro (Valores Vigentes – Maio/2026)
- QUADRO 64** – Estimativa do Contingente de Trabalhadores no Território por Segmento e Bairro (2026)
- QUADRO 65** – Contingente Estimado de Trabalhadores residentes por segmento e destino (2026)
- QUADRO 66** – Estimativa da Cadeia Produtiva da Economia de Terreiro no Território (2026)
- QUADRO 67** – Estimativa da Circulação Financeira Anual na Economia de Terreiro (2026)
- QUADRO 68** – Estimativa de Postos de Trabalho Gerados pela Economia de Terreiro (2026)
- QUADRO 69** – Tipologia e Impacto dos Agentes da Economia de Terreiro (2026)

- QUADRO 70** – Sazonalidade Litúrgica e Dinâmica do Fluxo Econômico de Terreiro (2026)
- QUADRO 71** – Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT)
- QUADRO 72** – Escala do Grau de Precariedade e Ranking de Prioridade para Ações Públicas
- QUADRO 73** – Ações Públicas a serem desenvolvidas
- QUADRO 74** – Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT) aplicada aos Terreiros
- QUADRO 75** – Terreiros com sede própria e saneamento ambiental adequado
- QUADRO 76** – Terreiros sem sede própria
- QUADRO 77** – Terreiros sem ligação com a rede pública de água
- QUADRO 78** – Terreiros sem ligação com a rede pública de esgoto
- QUADRO 79** – Comparativo de destinação de esgoto
- QUADRO 80** – Terreiros sem ligação com a rede pública de esgoto – sistemas de destinação de esgoto
- QUADRO 81** – Terreiros sem rede de drenagem no logradouro
- QUADRO 82** – Relatos de violências aos Terreiros
- QUADRO 83** – Relatos de desafios e vulnerabilidades vivenciados pelos Terreiros
- QUADRO 84** – Principais fontes de manutenção do Templo
- QUADRO 85** – Prática inovadora para mobilização social e engajamento
- QUADRO 86** – Criação do Fórum
- QUADRO 87** – Propostas cultura e patrimônio cultural
- QUADRO 88** – Propostas povos e comunidades tradicionais
- QUADRO 89** – Turismo de base comunitária e Afroturismo
- QUADRO 90** – Áreas verdes
- QUADRO 91** – Ciência, tecnologia e inovação
- QUADRO 92** – Enfrentamento à precariedade urbana
- QUADRO 93** – Museologia social e comunitária
- QUADRO 94** – Gerais

## **LISTA DE TABELAS**

**TABELA 01** – Quantidade de Terreiros pesquisados e população residente por Bairro da Regional V

**TABELA 02** – Quantidade de Terreiros por tipologias

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICO 01** – Quantidade e percentual de Terreiros por década de fundação

**GRÁFICO 02** – Quantidade e percentual de filhos e filhas de santo por bairro

**GRÁFICO 03** – Terreiros por Bairro (quantitativo e percentual)

**GRÁFICO 04** – Lideranças fundadoras dos Terreiros por raça/etnia

**GRÁFICO 05** – Lideranças atuais dos Terreiros por raça/etnia

**GRÁFICO 06** – Lideranças fundadoras dos Terreiros por orientação sexual

**GRÁFICO 07** – Lideranças atuais dos Terreiros por orientação sexual

**GRÁFICO 08** - Inscrição como sacerdote de religião tradicional de matriz africana e ou ameríndia

**GRÁFICO 09** – Tipos de sede dos templos, quantidade e percentual

**GRÁFICO 10** – Ligação à rede pública de abastecimento de água, quantidade e percentual

**GRÁFICO 11** – Ligação dos Terreiros com rede pública de esgoto

**GRÁFICO 12** – Existência de rede de drenagem no logradouro

## **LISTA DE MAPAS**

**MAPA 01** – Mapa de Localização de Terreiros

**MAPA 02** – Concentração de Terreiros na Regional V

**MAPA 03** - Tipologia Religiosa

**MAPA 04** - Integração à Rede Pública de Abastecimento de Água

**MAPA 05** - Integração à Rede Pública de Drenagem

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	15
<b>PREFÁCIO</b> .....	19
<b>TERREIROS PESQUISADOS</b> .....	21
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	29
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	34
2.1 Diagnóstico participativo e pesquisa-ação.....	38
2.2 Formação de pesquisadores sociais.....	41
2.3 Identidade visual.....	42
2.4 Plataforma digital.....	43
2.5 Cartografia social.....	43
2.6 Considerações ético-políticas.....	46
2.7 Audiovisual.....	46
2.8 Linha narrativa.....	46
2.9 Tópicos propostos.....	46
2.9.1 Identificação e georreferenciamento dos assentamentos sagrados.....	46
2.9.2 Entendimento das raízes e ramificações dos assentamentos.....	47
2.9.3 Entendimento do processo histórico de ocupação urbana.....	47
2.9.4 Escolha da pergunta geradora.....	47
2.9.5 Perspectivas para montagem do material de vídeo.....	47
2.9.6 Álbum fotográfico.....	48
<b>3. CARACTERIZAÇÃO DOS TERREIROS</b> .....	49
3.1. Data de fundação dos terreiros .....	49
3.2. Filhos e filhas de santo.....	52
3.3. Localização dos terreiros.....	57
3.4. Lideranças espirituais dos terreiros.....	61
3.5. Tipologia religiosa no campo das Matrizes Afrodescendentes e Afroameríndias.....	67
3.6. Raízes e regentes dos terreiros .....	71
<b>4. UMA ANÁLISE DAS PRINCIPAIS FESTIVIDADES OU CELEBRAÇÕES DOS TERREIROS</b> .....	79
4.1. Principal celebração/festividade em cada Terreiro.....	79
4.2. Sentidos atribuídos pela comunidade onde se situa o Terreiro.....	82
4.3. Impactos na rotina da comunidade e no comércio local.....	88
4.4. Compartilhamento e Transmissão de saberes e rituais para gerações futuras na principal festividade/celebração.....	92

4.5. Data de início com motivações e sentidos atribuídos para o início.....	96
4.6. Preparações rituais.....	101
4.7. Percepções quanto à relevância da principal festividade/celebração.....	106
4.8. Principais insígnias e instrumentos utilizados.....	111
4.9. Indumentárias crianças, mulheres e homens.....	115
4.10. Indumentárias sacerdotes e outras autoridades e filhos(as) de santo ligados(as) à energia cultuada .....	119
4.11. Componentes cênicos.....	124
4.12. Principais códigos comunitários de participação.....	127
4.13. Marcos edificadas no templo.....	130
4.14. Pontos ou cantigas.....	133
4.15. Uma Estética e uma Semiótica do Terreiro.....	137
<b>5. CALENDÁRIO LITÚRGICO E ROTAS E CICLOS CULTURAIS E TURÍSTICOS.....</b>	<b>140</b>
5.1 Três eixos principais das festividades ou celebrações.....	140
5.2 Inventário completo das festividades ou celebrações.....	147
5.3 Frequência das entidades e divindades.....	163
5.4 Arquitetura de forças e governança ancestral.....	178
5.5 Agenda social e litúrgica em três eixos.....	181
5.5.1 Eixos de mobilização comunitária (confluência, ação social e integração comunitária).....	181
5.5.2 O fluxo geográfico-religioso (a “cidade que se move”).....	182
5.5.3 Governança ancestral e “heróis locais” (soberania cultural).....	182
5.6. Ciclos e rotas culturais e turísticas.....	183
<b>6. ECONOMIA DOS TERREIROS.....</b>	<b>195</b>
6.1. Dinâmica econômica e composição da classe trabalhadora no território.....	195
6.2. Dinâmica econômica e composição da classe trabalhadora na economia de terreiro.....	204
6.3. A economia de terreiro na regional V: dinâmicas, impactos e implicações para Fortaleza.....	212
6.4. Sazonalidade e fluxo econômico - economia do terreiro.....	218
6.5 Avançando na compreensão da economia do terreiro.....	221
6.5.1 Animais para abate ritual.....	221
6.5.2 Lojas de artigos religiosos.....	222
6.5.3 Vestuário ritual.....	223
6.5.4 Metalurgia e ferraria.....	223
6.5.5 Estabilidade e caixa contínuo.....	224
6.5.6 Ciclo econômico das ervas e defumadores.....	224

6.5.7 Logística do açougue e da mercearia.....	224
6.5.8 A economia do doce.....	225
6.5.9 Desafios para as políticas públicas.....	225
<b>7. UMA ANÁLISE DA PRECARIIDADE URBANA.....</b>	<b>227</b>
7.1. Matriz de vulnerabilidade urbana de terreiro (MVUT).....	230
7.2. Análise dos dados de precariedade urbana dos terreiros.....	231
<b>8. VIOLÊNCIA, SUSTENTABILIDADE E PRÁTICAS INOVADORAS.....</b>	<b>242</b>
8.1. Violências, desafios e vulnerabilidades.....	242
8.2. Sustentabilidade econômica e práticas inovadoras.....	246
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>254</b>
9.1. Propostas.....	258
<b>PÓS-FÁCIO.....</b>	<b>272</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>274</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>280</b>

## APRESENTAÇÃO

O Mapeamento Participativo dos Terreiros da Regional V trabalhou com quarenta (40) terreiros localizados em cinco bairros que compõem a Regional Administrativa V da cidade de Fortaleza, Ceará – Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira.

A pesquisa evidenciou a existência de um **ECOSSISTEMA ANCESTRAL DE POVOS E COMUNIDADES DE TERREIRO** no território, onde se plasam, moldam, reproduzem e entrelaçam patrimônios de matrizes afrodescendentes e afroameríndias que funcionam como matrizes performáticas, expressivas, sociais, estéticas, religiosas, litúrgicas, cosmológicas, epistêmicas, éticas e políticas da vida popular-comunitária local e da cidade.

No decorrer da pesquisa, entendemos que o Mapeamento Participativo dos Terreiros da Regional V adquiriu o caráter de um **INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL** associado ao conjunto de quarenta (40) Terreiros de matriz afrodescendente e afroameríndia que se fundamenta na/e vivência a Umbanda, a Quimbanda, o Terecô, a Jurema, o Tambor de Mina e o Candomblé.

Inventariamos práticas, celebrações e festividades, saberes, ofícios, lugares, técnicas e expressões artísticas e lúdicas que funcionam como referências, e, mais do que isso, como matrizes para a história e a memória dos grupos sociais que os praticam, juntamente com objetos, instrumentos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados. Cabe destacar particularmente os **SABERES**, envolvendo conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; as **CELEBRAÇÕES**, agregando rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; as **FORMAS DE EXPRESSÃO**, evidenciando manifestações, musicais, cênicas e lúdicas; os **LUGARES**, agregando os santuários e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Foram identificados, descritos e analisados **BENS CULTURAIS MATERIAIS E IMATERIAIS**, permitindo conhecer as formas como se manifestam e são praticados, como são transmitidos entre as gerações, bem como um conjunto de transformações e dificuldades vivenciadas, desvelando quem são os agentes que mantêm a tradição e quais são os patrimônios que vivenciam e lutam para salvaguardar.

O conjunto de Terreiros e seus agentes são portadores de referências à identidade, à ação e à memória de diferentes grupos formadores da sociedade fortalezense, evidenciando **BENS DE VALOR RECONHECIDO PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO, TOMADOS INDIVIDUALMENTE E EM CONJUNTO** (Fortaleza, 2025, p. 30, Art. 50º).

É essencial afirmar que a pesquisa evidenciou a **RELEVÂNCIA INCOMENSURÁVEL E INESTIMÁVEL** de acervos patrimoniais, memórias coletivas e institucionais, referências africanas, afrodescendentes e indígenas para a identidade cultural da cidade.

Também foram evidenciados as **FUNÇÕES E OS PAPÉIS ATUAIS E POTENCIAIS DOS TERREIROS E SEUS AGENTES** enquanto estratégicos à cidadania, ao acesso, garantia e usufruto de direitos humanos e à geração de alternativas ao desenvolvimento sustentável, considerando aspectos ambientais, socioeconômicos, urbanos, culturais, turísticos e científicos.

A pesquisa articulou métodos técnicos e científicos adequados e consistentes, efetuando um minucioso levantamento descritivo e documental dos bens culturais que compõem os patrimônios dos Terreiros, identificando os significados atribuídos e produzindo elementos para subsidiar o **PLANEJAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**, para a mobilização dos grupos envolvidos e para fundamentar **processos** de registro patrimonial.

Com um viés interdisciplinar, onde se destacam as perspectivas sociológicas e geográficas, coletamos informações e construímos dados quantitativos e qualitativos através de visitas técnicas, entrevistas com aplicação de questionários, registros fotográficos e mapas.

Geramos um conjunto relevante de dados que permite compreender a **DENSIDADE, INTENSIDADE, COMPLEXIDADE, HETEROGENEIDADE E RELEVÂNCIA PARA O TERRITÓRIO E A CIDADE** que atravessa e compõe esse conjunto de agentes individuais, coletivos e institucionais, considerando os patrimônios materiais e imateriais, as trajetórias, as histórias e as memórias vinculadas às **DIFERENTES CASAS E LINHAGENS RELIGIOSAS**.

Identificamos a localização geográfica de cada terreiro de Religião de Matriz Afrodescendente e/ou Afroameríndia no território, evidenciando a existência, na área sudoeste de Fortaleza, de um "conjunto de relevante expressão" histórica, cultural, artística, estética, turística e paisagística.

Apresentamos dados que permitem caracterizar os Templos nos cinco bairros, evidenciando sua localização, data de fundação, contingentes de filhos e filhas de santo, lideranças espirituais fundadoras e atuais, tipologias religiosas, raízes e regentes.

Apresentando a principal festividade/celebração de cada Terreiro, mergulhamos na densidade e complexidade dos patrimônios culturais, evidenciando sentidos e relevância atribuídos, relações com as comunidades do entorno e impactos urbanos e no comércio, transmissão ou compartilhamento de saberes, preparações rituais, indumentárias, componentes cênicos, principais códigos comunitários, marcos edificados e pontos/cantigas.

Apresentamos um inventário completo das festividades, celebrações e atividades de cada Casa, durante o ano. Evidenciando um **COMPLEXO RITUAL E UM CALENDÁRIO LITÚRGICO** dos Povos e Comunidades de Terreiro da Regional V, que evidenciam a reconstituição continuada de memórias e identidades de grupos sociais, expressivos do território e da cidade. E comprovando como o valor patrimonial cultural reside nas experiências, interações, articulações, compartilhamentos e confluências de práticas, ofícios, cosmologias e rituais.

Apresentamos a presença das entidades e divindades nesse ciclo anual, constituindo uma **ARQUITETURA DE FORÇAS E GOVERNANÇA ANCESTRAL, CICLOS DE VISITAÇÃO ANUAL e PROPOSTAS DE ROTAS CULTURAIS E TURÍSTICAS.**

Discutimos a relevância da **ECONOMIA DE TERREIRO** no território, apresentando estimativas dos contingentes de empresas, da composição empresarial, do salário médio por segmento e bairro. E nesse contexto, apresentamos uma estimativa da **cadeia produtiva da economia de terreiro** no território, com **estimativas da circulação financeira, dos postos de trabalho gerados, da tipologia e impactos dos agentes econômicos, e da dinâmica do fluxo econômico a partir da sazonalidade litúrgica.**

Também constituímos uma **MATRIZ DE VULNERABILIDADE URBANA DE TERREIRO**, considerando a situação da sede, as ligações com redes públicas de água e esgoto e a rede de drenagem nos logradouros. E apresentamos **VIOLÊNCIAS E VULNERABILIDADES IDENTIFICADAS, FONTES DE MANUTENÇÃO E PRÁTICAS INOVADORAS.**

Esse Ecosistema é marcado por **DIFERENÇAS E DISTINÇÕES SIGNIFICATIVAS, observando-se MISTURAS, HIBRIDISMOS, MESCLAS E CRUZOS**, e considerando as diferentes genealogias e linhagens religiosas que fundamentam e sustentam a potência espiritual, social, cultural e política de cada Terreiro e Comunidade. Ao mesmo tempo, vivencia-se a conformação de confluências e unidades territoriais, ancestrais e societais, o que revela que há um conjunto de vetores conceituais e práticos que promovem a reconstituição continuada de uma unidade na diversidade, mesmo considerando tensões e conflitos, bem como precariedades e vulnerabilidades, que atravessam e compõem esse Ecosistema de Povos e Comunidades de Terreiro da/na cidade de Fortaleza.

A potência desses agentes atravessa séculos, interliga gerações, constitui e faz a cidade de Fortaleza, articulando segmentos relevantes, mas historicamente segregados, considerando-se clivagens de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, religião e território.

Evidenciamos a relevância dos patrimônios culturais associados a esse conjunto de agentes, que na maior parte das vezes são invisibilizados e afetados por múltiplos estigmas, preconceitos, discriminações, opressões, violências, vulnerabilizações e violações de direitos. Esses agentes e patrimônios são potentes, singulares e relevantes à constituição do urbano e à história da cidade, à conformação das identidades sociais, à preservação do meio ambiente, à vida cotidiana com as questões sociais e às vivências religiosas e espirituais. O Relatório revela a necessidade de salvaguarda desse patrimônio.

Também apresentamos um conjunto de **PROPOSTAS** nas áreas de cultura, patrimônio, turismo, meio ambiente, ciência e tecnologia, enfrentamento à precariedade urbana e museologia social e comunitária, que intencionam proteger o território contra a descaracterização e garantir a sustentabilidade das Casas. Esperamos, portanto, que este Relatório seja referência para apoiar políticas públicas e a aplicação de instrumentos de salvaguarda do Patrimônio Cultural.

*Pai Neto Tranca Rua  
Adriano Paulino de Almeida  
Eduardo Gomes Machado*

## PREFÁCIO

O Mapeamento dos Povos de Terreiro e de Matriz Africana e Afrobrasileira no Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE, mostra o quanto se faz necessário a promoção dos direitos, pela via da preservação da cultura e memória dos saberes e práticas dos terreiros. Parte da concepção de que conhecer a cosmovisão dos povos tradicionais de terreiro, compreender e respeitar seus modos de vida, estruturação e organização em todo território nacional, e em particular na realidade cearense contribui para o reconhecimento da história e memória silenciadas, negadas e por isso precisam ser lidas como um rico patrimônio de uma nação pluriétnica e diversa culturalmente, e assim enfrentar o racismo estrutural e religioso, problema constante, manifestado sob forma de ataques físicos e simbólicos aos terreiros.

Neste sentido, o propósito do Mapeamento se alinha aos princípios da Política Nacional para Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros e de Matriz Africana, instituída pelo Decreto nº 12.278, de 29 de novembro de 2024, cujo objetivo é promover o acesso a direitos, por meio de políticas públicas intersetoriais que assegurem o reconhecimento de suas culturas, dos seus modos de vida, dos seus conhecimentos, das suas práticas e dos seus territórios próprios.

O material apresentado é vasto e denso, com um universo pesquisado de quarenta terreiros localizados em cinco bairros que compõem a Secretaria Executiva Regional V da cidade de Fortaleza, a saber: Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira, o que demonstra o primoroso trabalho de pesquisa social engajada, crítica e propositiva e da adequação de uma metodologia participativa do método etnográfico organizado por Adriano Paulino de Almeida e Eduardo Gomes Machado. Os organizadores por meio da política de edital de fomento a cultura da Secretaria de Cultura do município de Fortaleza, realizaram uma pesquisa e consolidaram um relatório considerando os povos de terreiro não como objeto, mas sujeitos da investigação científica, constituindo uma relação entre espaço acadêmico de grupos de pesquisas das universidades envolvidas (UNILAB e UECE) e os agentes dos territórios a partir da Associação Espírita de Umbanda São Miguel, em parceria com o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim.

O relatório contém a caracterização dos terreiros, principais festividades ou celebrações, calendário litúrgico, rotas e ciclos culturais e turísticos, apresenta a economia dos terreiros, traz um levantamento das condições de infraestrutura dos territórios, com destaque para questões ambientais. Destaca as principais vulnerabilidade e violências que impactam a vida das famílias de santos ao tempo que elucidaram as potencialidades e ativos apropriados pelos povos tradicionais de terreiro de valorização e reconhecimento de sua ancestralidade, posto que os terreiros são espaços de resistências, produção de conhecimento, memória e inventividade para o Bem Viver.

Por meio do mapeamento é possível ter visibilidade positiva dos povos tradicionais de terreiros, saber o que fazem, como fazem, como se organizam em termos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosidade. Oferece uma verdadeira cartografia social das formas plurais de existências, das violências que atravessam os territórios, apontando as vulnerabilidades e as múltiplas formas de resistências, capacidade produtiva e formas inventivas de ocupar a cidade.

O Relatório reúne informações que podem se transformar em valiosos conhecimentos para diferentes propósitos, como dar visibilidade a imagem positiva e representativa do povo de terreiro como reparação histórica, orientar na formulação de políticas públicas não só de igualdade racial, mas de saúde, assistência social, educação, segurança pública, turismo, cultura dentre outras, defesa de direitos e gestão com sustentabilidade ambiental a partir de práticas ecológica de preservação dos territórios, fortalecimento da participação e controle social de políticas sociais e públicas voltadas para os povos e comunidades tradicionais a partir da atuação das lideranças, dos sacerdotes e sacerdotisas, e famílias de santo presentes nessas comunidades. É preciso reafirmar direitos, reconhecer, valorizar, proteger e preservar culturas e tradições.

Fortaleza, 10 de junho de 2026

*Zelma Madeira*

Secretária da Igualdade Racial do Ceará

## TERREIROS PESQUISADOS

### QUADRO 01 – Templos Pesquisados – Bom Jardim

BOM JARDIM
Casa de Caridade Caboclo Pena Branca
Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição
Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira
Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira
Centro de Umbanda Don Rei Sebastião
Total: 05

Fonte: Dados da pesquisa

### QUADRO 02 – Templos Pesquisados – Bonsucesso

BONSUCESSO
Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde
Terreiro Girassol
Total: 02

Fonte: Dados da pesquisa

### QUADRO 03 – Templos Pesquisados – Granja Lisboa

GRANJA LISBOA
Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá
Aldeia Caboclo Rompe Mato
Casa de Cura Ogum Beira-Mar
Centro Espirita de Umbanda Cabocla Jurema
Centro Espirita de Umbanda Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá
Centro Espirita de Umbanda José Pilintra das Almas
Centro Espirita de Umbanda Príncipe Gerson
Centro Espirita de Umbanda Reis Tupinambá
Centro Espirita de Umbanda São Miguel
Centro Espirita de Umbanda Urubu Reis da Sagrada Família
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas

Centro de Umbanda Cabocla Mariana
Centro de Umbanda Cabocla Jacira
Centro de Umbanda Dom Gerônimo
Centro Espírita de Umbanda Zé Pulintra das Almas
<b>Total: 15</b>

Fonte: Dados da pesquisa

#### **QUADRO 04 – Templos Pesquisados – Granja Portugal**

<b>GRANJA PORTUGAL</b>
Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras
Cabana Príncipe Gerson
Casa Amarela do Rei da Turquia
Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo
Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie
Centro Espírita de Umbanda Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo
<b>Total: 06</b>

Fonte: Dados da pesquisa

#### **QUADRO 05 – Templos Pesquisados – Siqueira**

<b>SIQUEIRA</b>
Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné
Centro Espiritual Ogum Iara
Centro Espírita de Umbanda General de Brigada e Príncipe Gerson
Centro Espírita de Umbanda Ogum Rompe Mata
Centro Espírita de Umbanda Pai Joaquim de Angola
Centro Espírita de Umbanda Palácio das Águas / Ilê Ya Omi Boiyim Asè Olodé
Centro Espírita de Umbanda Rei Dragão do Mar
Centro Espírita de Umbanda Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga
Ilê Asé Yá Omi Ogunté

Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)
Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira
Total: 12

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 06 – Entrevistas realizadas**

BAIRRO	TERREIRO	ENTREVISTADO(A)	DATA	PESQUISADOR(A)
Granja Lisboa	CEU Urubuda Reis da Sagrada Família	Carlos Alberto Elisario de Oliveira Lima Filho	04/06/2025	Giuliano de Freitas Ferreira
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Maria do Socorro Valentim da Silva Queiroz	04/07/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	José Iran Firmino da Silva	04/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Ismael dos Santos Monteiro	04/07/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Mãe Baxinha do Girasol	04/07/2025	Paulo Fernando
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Kelton Alves da Silva	16/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Mãe Taquinha de Oyá	16/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Bom Jardim	CEU Nossa Senhora da Conceição	Glaucomar Lopes do Nascimento	17/07/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Teresa Cristina Lima da Silva	23/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Siqueira	CEU Palácio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Maria Janaina Severo da Silva	23/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Francisco de Assis Barroso de Brito	24/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil

Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Francisco Arlen Silva Lima	24/07/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Luís da Silva Bezerra	25/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Francisco Gilvan de Andrade Barros	25/07/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Bonsucesso	Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde	Adriano Rodrigues de Souza	02/08/2025	Paulo Fernando
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Marcio Vitor Jacinto	04/08/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Clayton Franklin de Almeida	04/08/2025	Carla Vanessa de Oliveira Brasil
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Francineu Araujo Damasceno	04/08/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Francisco Dyedson de Sousa	05/08/2025	Giuliano Freitas
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Fracisco Vidal Fernandes Filho	06/08/2025	Giuliano de Freitas
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	José Ricardo Vieira Lira	07/08/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Vilani de Souza Leão	08/08/2025	Giuliano de Freitas Pereira
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	Gilvan Brito Carneiro	15/08/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Marcos Antônio Silva Amorim	19/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Francisca Vanuza dos Santos	19/08/2025	Giuliano de Freitas

Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Raimunda Ferreira do Nascimento	20/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Siqueira	CEU Pai de Joaquim Angola	Denise Imperiano Pacheco	21/08/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	José Vitor Pereira Barbosa	22/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Naylton Carlos Alves do Nascimento	23/08/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Granja Lisboa	CEU José das Pilintra Almas	Maria Antonia Teodoro Fernandes	23/08/2025	Giuliano de Freitas Ferreira
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Miguel Ferreira Neto	27/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé das Pelintra Almas	Giuliano Freitas Ferreira	27/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Francisco Fabio Leite de Oliveira	28/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Daniel Lima de Sousa	28/08/2025	Giuliano de Freitas Ferreira
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Laerto Pereira Pascoal	28/08/2025	Giuliano de Freitas
Granja Lisboa	Centro Espirita de Umbanda Cabocla Jurema	Francisco Cleilton Alves Costa	29/08/2025	Nathyelly Araújo dos Santos
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Marly Silva da Silveira	30/08/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Jonas Santana Soares	02/09/2025	Flávia Karynne Morais Almeida
Granja Lisboa	Lucas da Silva de Souza	Lucas da Silva de Souza	03/09/2025	Giuliano de Freitas
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Janayna Rodrigues de Souza	10/09/2025	Flávia Karynne Morais Almeida

Fonte: Dados da pesquisa



## 1. INTRODUÇÃO

O cenário religioso e socioeconômico do Ceará passou por uma transformação profunda na última década. Segundo dados do Censo 2022 do IBGE, o estado registrou um salto exponencial de 226,16% no número de pessoas que se autodeclararam adeptas da Umbanda e do Candomblé, passando de 7.609 em 2010 para 27.861 em 2022. Este crescimento de mais de três vezes não apenas evidencia uma maior afirmação identitária e resistência ao racismo religioso, mas também sinaliza a expansão de uma cadeia produtiva cultural que sustenta milhares de trabalhadores na periferia. Conforme destaca a análise técnica do instituto:

O crescimento do número de pessoas que se declararam de religiões de matriz africana no Ceará reflete não apenas uma mudança demográfica, mas um processo de maior visibilidade e ocupação de espaços por esses grupos, especialmente em áreas urbanas. (IBGE, 2022).

No Ceará, no dia 09 de junho de 2025, foi sancionada a LEI Nº 19.297, que reconhece a existência, a contribuição e os direitos dos Povos e das Comunidades Tradicionais no estado do Ceará, destacando particularmente a inestimável contribuição dos povos e das comunidades tradicionais para a formação da sociedade cearense, notadamente no que se refere à contribuição para a formação do patrimônio cultural do Estado. Nessa lei são reconhecidos especificamente os Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro, dentre outros que possuam formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condições para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, nos termos do Decreto Federal n.º 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Em Fortaleza, a densidade demográfica e a distribuição geográfica de ocupação e presença dos Povos e Comunidades de Terreiro não se distribui de forma homogênea.

A Regional V, onde se localiza o território do Grande Bom Jardim e Bonsucesso, consolida-se como um dos principais polos dessa manifestação. Recortes qualitativos de mapeamentos locais indicam que o território possui uma das maiores concentrações de terreiros por metro quadrado da capital. Enquanto os dados oficiais do IBGE captam a autodeclaração individual, a realidade em campo

evidencia que a relevância em termos de patrimônios culturais materiais e imateriais e de impactos socioeconômicos são ainda maiores, inclusive porque cada adepto declarado potencialmente atua, em certa medida, como detentor de saberes e como um polo de produção, distribuição e consumo constante no mercado local.

Este crescimento de mais de três vezes não é apenas um dado estatístico, pois o fenômeno da autodeclaração está intrinsecamente ligado à luta contra o racismo religioso e à afirmação da identidade negra e periférica. Sobre este processo no contexto cearense, o pesquisador e antropólogo **Jean dos Anjos**, referência nos estudos sobre os terreiros de Fortaleza, observa:

O terreiro é, historicamente, um espaço de resistência e de reinvenção da vida nas periferias. Esse aumento nos números oficiais revela que o 'povo de santo' está perdendo o medo de dizer quem é, e isso tem um impacto direto na economia local: quanto mais pessoas se assumem, mais o mercado do axé — das ervas, das roupas e das festas — se fortalece como uma rede de sobrevivência e dignidade para a classe trabalhadora negra. (ANJOS, 2024).

O Projeto Mapeamento Participativo dos Terreiros da Regional V foi aprovado no Edital Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais da Cidade de Fortaleza, vinculado à Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor).

O Projeto teve como proponente a Associação Espírita de Umbanda São Miguel (AEUSM). A AEUSM, fundada no dia 27 de setembro de 1997, é uma Pessoa Jurídica de Direito Privado, Religiosa, Cultural e Filosófica sem fins lucrativos e econômicos, de tempo indeterminado, de abrangência nacional, composta por pessoas que livremente dela queiram fazer parte, tendo como instâncias uma Assembleia Geral, uma Diretoria e um Conselho Fiscal, instâncias democraticamente eleitas pelo conjunto dos Associados, com sede e foro no bairro Granja Lisboa, em Fortaleza, Ceará. Tem como Finalidades e Objetivos: congregar todas as tendas e centros de umbanda, bem como zelar pela doutrina e culto umbandista; proporcionar aos associados o desenvolvimento cultural dentro dos princípios religiosos e, sobretudo, invocar os fins espirituais para os quais se destinam; promover e divulgar atividades de caráter técnico, científico, educativo, cultural, filantrópico, técnico agrícola, ecológico e de responsabilidade e assistência social, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, que promovam o desenvolvimento social e econômico e combatam a pobreza, bem como atividades de ações de voluntariado.

A principal liderança dessa comunidade e rede associativa é Pai Neto Tranca Rua, Tesouro Vivo do Ceará e Mestre reconhecido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Como é possível intuir, a Associação tem três vetores essenciais de atuação, quais sejam o religioso, o cultural e artístico e o social, articulando (1) o Terreiro Centro Espírita de Umbanda, fundado em 05 de maio de 1983, na matriz da Umbanda e do Tambor de Mina; (2) o Grupo Cultural Toque de Senzala; (3) e a Associação Espírita de Umbanda São Miguel (AEUSM).

O Grupo Cultural Toque de Senzala atua na preservação e difusão das tradições afro-brasileiras e de terreiro no Ceará, articulando: (1) Batuque e Percussão, valorizando o tambozeiro como guardião de práticas milenares e promovendo a preservação dessa memória sonora; (2) pesquisando e desenvolvendo práticas tradicionais de raízes africanas e afro-brasileiras; (3) articulando Canto, com práticas de cantigas tradicionais e oficinas de canto afro, Dança, com expressões corporais ligadas à ancestralidade de terreiro, Percussão, com foco no domínio técnico e espiritual dos tambores, e Conto, com a narração de histórias da mitologia africana e da trajetória dos povos de terreiro; (4) Resistência e Identidade, com o grupo atuando no enfrentamento ao racismo e à intolerância religiosa por meio da arte, transformando o "tocar, cantar e dançar" em ferramentas de luta política e afirmação de identidade; (5) Formação Comunitária, realizando oficinas de construção e manutenção de tambores, além de cursos de Curimba (toques de terreiro) abertos à comunidade do Grande Bom Jardim; (6) atuando também em Eventos de Grande Porte, como, por exemplo, na Festa de Iemanjá em Fortaleza, além de participar de encontros nacionais como "Povos do Mar" e "Mestres do Mundo".

O Edital tem recursos da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), instituída pela Lei nº 14.399/2022, a qual prevê o repasse anual de recursos do Governo Federal para estados, municípios e Distrito Federal, sendo uma política contínua que busca estruturar o sistema federativo de financiamento à cultura.

Para efetivar as ações, foram firmadas parcerias com o coletivo Ponto de Memória do Grande Bom Jardim (<https://www.instagram.com/pontodememoria.gbj/>) e com o Grupo de Extensão e Pesquisa Diálogos (<https://www.instagram.com/grupo.dialogosurbanos/>) (Machado et al., 2025), vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB) e à Universidade Estadual do Ceará (UECE), para o compartilhamento de experiências, expertises, teorias e metodologias.

O objetivo central do Projeto foi realizar o Diagnóstico Participativo de quarenta (40) assentamentos sagrados de religiões tradicionais afro-brasileiras e afro-ameríndias referenciadas no território da Regional Administrativa V (Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira), Fortaleza, Ceará.<sup>1</sup> E através desse Diagnóstico contribuir para localizar e (re)conhecer um conjunto de agentes ativos no fazer cultural da cidade de Fortaleza, evidenciando os seus lugares de memória, as formas de expressão, as celebrações, os saberes-fazeres, as edificações, as lutas e resistências e os guardiões do patrimônio e da memória, promovendo o fortalecimento da compreensão de seus potenciais como agentes sociais e políticos transformadores da realidade social, e subsidiando a efetivação de direitos e o fomento e implementação de políticas públicas.

Os objetivos específicos indicam que ao final do Projeto tenham sido: (1) identificados e georreferenciados os assentamentos sagrados de religiões tradicionais afro-brasileiras e afro-ameríndias referenciados no território da Regional Administrativa V; (2) identificados e analisados qualitativamente as raízes e ramificações dos assentamentos sagrados de religiões tradicionais afro-brasileiras, afroindígenas e africanas referenciadas no território da Regional Administrativa V, traçando os perfis das comunidades e dos agentes que as compõem, contribuindo para elucidar o processo histórico de ocupação produção do espaço urbano, com a constituição de territórios/territorialidades na área e na cidade, bem como a participação ético-política em instâncias e espaços de formação de decisões políticas; (3) apresentadas sinteticamente referências conceituais, histórico-antropológicas e sociológicas para subsidiar o planejamento - formulação, implantação, execução, gestão e avaliação - de políticas culturais para a cidade de Fortaleza, em especial, para os povos de comunidades espirituais tradicionais referenciadas nas culturas indígenas e africanas.

Considerando essas questões e objetivos, este Relatório se estrutura nos seguintes capítulos: Introdução; Metodologia; Caracterização dos Terreiros; Uma Análise das Principais Festividades ou Celebrações dos Terreiros; Calendário

---

<sup>1</sup> As Regionais Administrativas são divisões administrativas criadas para descentralizar a gestão municipal e aproximar os serviços públicos dos cidadãos, e Fortaleza conta atualmente com 12 regionais administrativas. Vide: < <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/06/12-regionais-de-fortaleza-confira-a-nova-divisao-da-capital-cearense.ghtml>>.

Litúrgico e Rotas e Ciclos Culturais e Turísticos; Economia dos Terreiros, Uma Análise da Precariedade Urbana; Violência, Sustentabilidade e Práticas Inovadoras; Considerações Finais.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como do tipo "diagnóstico participativo", desde a concepção, passando pela coleta dos dados à validação de produtos ela foi realizada por agentes sociais de terreiro, respeitando os tempos, os saberes, o protagonismo, as vozes e a ancestralidade dos agentes pesquisados no processo.

Para a seleção dos terreiros pesquisados, foram usados como critérios: a identificação de terreiros por bairro pelo agente proponente; a busca ativa pelos pesquisadores; a articulação, a sensibilização e a mobilização de lideranças religiosas pelos agentes envolvidos no processo de coleta; o engajamento das lideranças religiosas ao convite para participação na pesquisa. Inicialmente, foi definida uma amostra de 10 terreiros por bairro da regional V, sendo de terreiros abertos. No decorrer do processo, vimos que os terreiros que mais aderiam ao convite eram os dos bairros Granja Lisboa e Siqueira, com maior concentração de áreas verdes, vazios urbanos e de raízes ou de linhagens religiosas relacionadas ao terreiro proponente da pesquisa. No entanto, ao longo do trabalho de campo, viu-se que seria importante considerar também os espaços sagrados em nível de mesa, aqueles com assentamento e com manifestações de atendimento, benzimento e garrafadas, sem calendário litúrgico anual de zelamento das energias encantadas com festejos, celebrações ou giras.

A Associação Espírita de Umbanda São Miguel (AEUSM), em parceria com o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim e o Grupo Diálogos, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), capacitou cinco (05) jovens para realizar a coleta de dados para o mapeamento de 50 templos de religiões tradicionais de matriz afro-brasileira e afro-ameríndia do Território Regional V, da cidade de Fortaleza, Ceará. A Regional V é composta por cinco (05) bairros: Bom Jardim, Granja Lisboa, Granja Portugal, Siqueira e Bonsucesso.

Nos dias 02, 03, 04 e 09 de julho de 2025, 05 jovens, dentre lideranças e adeptas da religião e moradoras do Território Regional V, e estudante da UNILAB, passaram pelo treinamento de pesquisadores sociais do projeto. Foram desenvolvidas 12 horas aulas para habilitá-los para o trabalho de coleta de dados. As aulas teóricas foram realizadas na sede da entidade proponente, na Granja Lisboa. E o pré-teste em bairros do Território. O objetivo central da formação dos

pesquisadores sociais foi despertar sensibilidades, treinar olhares e habilidades técnicas básicas para coleta de dados em uma pesquisa de cunho antropológico de mapeamento de templos de religiões tradicionais afro-indígena, afro-brasileiros referenciadas do Território Regional V, Fortaleza, Ceará.

No dia 02 de julho, a formação teve como objetivos: criar sentimento de equipe; apresentar o plano pedagógico da formação; construir e pactuar regras de convivência e protocolos de trabalho; nivelar o plano de trabalho do projeto; treinar o olhar de pesquisador como ferramenta fundamental de pesquisa. No dia 03 de julho, os objetivos do treinamento dos jovens foram: entender e se apropriar dos conceitos de cultura e patrimônio coletivo ou histórico cultural, patrimônio cultural - imaterial e material; apresentar detalhadamente os campos da principal ficha de coleta de dados, nos seus 05 eixos; apresentar detalhadamente as demais fichas: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Cessão de Uso de Imagem. No dia 04 de julho, cada um dos cinco pesquisadores sociais em treinamento passou pela experiência real de aplicação das fichas, em caráter de pré-teste das ferramentas. Cada pesquisador ficará responsável pela cobertura de 01 bairro da Regional V. No dia 09 de julho, como última fase do treinamento, os jovens fizeram a avaliação de desempenho das fichas de coleta da pesquisa e da experiência de campo. Os trabalhos de coleta de dados nos 50 templos aconteceram nos meses de julho e agosto, de quarta a sexta-feira. Cada pesquisador social ficaria responsável por 01 bairro do Território e mapearia 10 templos.

O perfil dos jovens pesquisadores sociais: ter ensino médio (ou concluindo); gostar de ler; ter bom senso de observação; ter uma boa escrita; ter noções básicas de internet e ferramentas do Google; ter interesse nas temáticas propostas; ter compreensão política do trabalho; ter compromisso com AEUSM e histórico de assiduidade nas atividades institucionais; ter disponibilidade de tempo para atender o cronograma proposto. Dos 05 pesquisadores, 04 são lideranças de comunidades espirituais de terreiro ou agentes culturais adeptas; e 01 graduada em humanidades e graduanda em pedagogia.

As ferramentas de pesquisa são: Ficha de Coleta de Dados; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Cessão de Uso de Imagem; Diário de Campo; Frequência de Atividades.

Destas, a principal ferramenta da pesquisa é a Ficha de Coleta de Dados, com 69 campos, organizada em 05 eixos ou dimensões: Identificação do Templo, com 23 campos; Infraestrutura e Aspectos Sanitários, com 11 campos; Forma de Celebração/Festividade, com 28 campos; Respeito Religioso, com 04 campos; e Sustentabilidade, com 03 campos.

Importante salientar que a coleta de dados apenas foi realizada após cada agente pesquisado interlocutor ter anuência com a participação, assinando de punho os documentos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Cessão de Uso de Imagem. Cada instrumento em duas vias, ficando uma com o agente pesquisado e outra com o agente proponente da pesquisa.

Os produtos previstos são: 01 plataforma digital para salvaguarda dos dados e geração de informações quanti-qualitativas da pesquisa; 01 Relatório técnico de cunho etnográfico; 01 Síntese Diagnóstica para divulgação à imprensa e a gestores públicos; 01 Álbum fotográfico do processo e dos achados; 02 peças em audiovisual, sendo 1 teaser e 1 curta para chamada nas redes sociais.

Após cada visita de sensibilização e ou coleta, o pesquisador qualificava a ficha de coleta e escrevia no diário de campo. Correspondendo aos eixos e campos da Ficha de Coleta, foi criado um formulário Google que serviu para alimentar os dados coletados pelos pesquisadores para facilitar a tabulação.

Paralelo ao processo de coleta de dados foi realizado um ensaio fotográfico e a gravação de depoimento com cada agente pesquisado para a produção de imagens e vídeos. Com base nos dados tabulados no formulário Google, a geógrafa contratada desenvolveu as bases cartográficas da pesquisa.

Com base nos protótipos dos mapas, foi realizado um ciclo de reuniões territoriais com os terreiros pesquisados para validação das bases cartográficas. Estas reuniões aconteceram: Siqueira (19/09/25); Bom Jardim (26/09/25); Bonsucesso e Granja Portugal (24/10/25); e Granja Lisboa (30/10/25). Essas reuniões foram de suma importância para cada liderança religiosa participante perceber a dimensão da pesquisa e se auto perceber como agente partícipe e protagonista da pesquisa, além de entender o seu lugar no conjunto do território e do movimento de terreiro. No conjunto, essas percepções fortaleceram e ratificaram a relevância da pesquisa ao tempo que elevaram a autoestima das lideranças e dos templos pesquisados.

A Regional V é composta por cinco (05) bairros: Bom Jardim, Granja Lisboa,

Granja Portugal, Siqueira e Bonsucesso. É, dentre as doze (12) regionais que atualmente compõem a cidade, a que detém o menor Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis com rendimentos por domicílios particulares permanentes ocupados, com o valor de R\$ 1.459,13 (IPECE Informe - Nº 272 - agosto/2025). Para efeito comparativo, a Regional II, detém o maior valor, R\$ 6.916,79 (IPECE Informe - Nº 272 - agosto/2025). Considerando-se os vinte (20) bairros de Fortaleza com menores valores do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis com rendimentos por domicílios particulares permanentes ocupados, quatro (04) bairros da Regional V situam-se nesse grupo, excetuando-se apenas o bairro Bonsucesso (IPECE Informe - Nº 272 - agosto/2025). Considerando o ranking dos 121 bairros que compõem a capital do estado do Ceará, Fortaleza, os bairros da Regional V situam-se nas seguintes posições, considerando-se os valores do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis com rendimentos por domicílios particulares permanentes ocupados: Bom Jardim, 120º; Granja Lisboa, 115º; Siqueira, 111º; Granja Portugal, 110º; e Bonsucesso, 96º (IPECE Informe - Nº 272 - agosto/2025).

**TABELA 01** – Quantidade de Terreiros pesquisados e população residente por Bairro da Regional V

<b>BAIROS</b>	<b>QUANTIDADES DE TERREIROS</b>	<b>MORADORES</b>
Bom Jardim	05	33.687
Bonsucesso	02	35.750
Granja Lisboa	15	63.403
Granja Portugal	06	36.615
Siqueira	12	45.433
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>212.888</b>

Fonte: Dados da pesquisa e IPECE Informe - Nº 272 - agosto/2025  
 Observação: Moradores em domicílios particulares permanentes ocupados

Bom Jardim, Bonsucesso e Granja Portugal são bairros de considerável densidade demográfica e urbana. A população geral do território é de 212 mil pessoas residentes.

A Tabela 01 indica a quantidade de Templos pesquisados por bairro. Como é possível perceber, Granja Lisboa e Siqueira detém a maior concentração de Terreiros na Regional. Além de esses dois bairros possuírem os maiores contingentes de população residente na Regional, como a Tabela 01 indica, indícios apontam para a irradiação da influência religiosa do Terreiro da entidade proponente responsável pela execução do projeto como vetor de fortalecimento dos Povos e

Comunidades de Terreiro nesses bairros. O Terreiro São Miguel está localizado em região de fronteira e litígio entre os bairros Granja Lisboa e Siqueira, no arco de abrangência do cemitério municipal de Fortaleza, na Estrada do Jatobá, via que liga os dois bairros. Um segundo indício remete ao caráter urbanístico e demográfico de fronteira com outros municípios. Nesse sentido, os bairros Granja Lisboa e Siqueira são as unidades administrativas da cidade mais periféricas, em situação de franja periurbana em divisa, respectivamente, com os municípios de Caucaia e Siqueira, tendo mais áreas verdes e vazios urbanos, conformando terrenos passíveis de edificações, ambiente ideal para que terreiros possam emitir ruídos sonoros sem provocar incômodos.

Serão apresentados neste tópico os caminhos teórico-metodológicos, inclusas referências teórico-metodológicas, estratégias e processos, ferramentas metodológicas, aspectos do percurso metodológico, inclusive desafios, a dinâmica de formação da equipe, e dados que consolidam e apresentam o recorte empírico.

## **2.1. Diagnóstico participativo e pesquisa-ação**

Este Diagnóstico Participativo foi um processo de pesquisa e planejamento onde os próprios Povos e Comunidades de Terreiro, territorializados na Regional V, participaram da construção dos dados, evidenciando patrimônios culturais e memórias individuais e coletivas, e trazendo indícios sobre os problemas vivenciados, bem como potencialidades de enfrentamento que compõem os Terreiros. O caráter participativo promoveu uma confluência entre os conhecimentos científico-técnicos de viés acadêmico e os conhecimentos popular-comunitários dos agentes individuais, coletivos e institucionais dos Povos e Comunidades de Terreiro na construção e análise dos dados e na efetivação de resultados.

O Diagnóstico deteve caráter de pesquisa-ação, considerando que os dados, análises e resultados gerados devem fundamentar a formulação, implantação, execução, gestão, avaliação e qualificação de políticas públicas.

A pesquisa-ação busca “dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob a forma de diretrizes de ação transformadora” (THIOLLENT, 1986, p. 8). Desta forma, trata-se “de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído”, caracterizando “um diagnóstico da situação no qual os

participantes tenham voz e vez” (THIOLLENT, 1986, p. 8). E, particularmente, ao se realizar um diagnóstico participativo, efetivar uma “pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas” (THIOLLENT, 1986, p. 9).

Thiollent (1986) define a pesquisa-ação como tendo uma base empírica, que intenciona uma ação e/ou resolução de problema coletivo, engaja pesquisadores e agentes que vivenciam as situações e problemas pesquisados e detém caráter formativo. Nesse sentido, efetiva-se uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; intenciona-se gerar, difundir, se apropriar e operar novos conhecimentos; evidenciar publicamente, instigar e/ou criar condições para enfrentar problemas e situações vivenciados de modo inovador e afetar positivamente organizações sociais, saberes, práticas e identidades (THIOLLENT, 1986).

O diagnóstico foi realizado de forma participativa, comunitária, territorial, colaborativa e multiprofissional, envolvendo diretamente representantes que compõem o segmento e praticantes das religiões pesquisadas, numa perspectiva de Pesquisa-Ação de cunho etnográfica, inspirada no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), do Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN), lançando mão da Cartografia Social como referência teórico-metodológica.<sup>2</sup> Deste modo, georreferenciando os terreiros como lugares de memória, identificando, registrando e reconhecendo as formas de expressão, as celebrações, as edificações, artes-ofícios saber-fazer, guardiões da memória, lutas e resistências, constituindo informações históricas, antropológicas, sociológicas, sociopolíticas e geográficas relevantes.

Os produtos gerados foram: (1) uma (01) plataforma digital para salvaguarda dos dados e geração de informações quanti-qualitativas da pesquisa; (2) um (01) Relatório técnico de cunho etnográfico, sociológico e geográfico, em diálogo com

---

<sup>2</sup> Há uma tradição de ações de extensão e pesquisa participativas no território, trabalhando com Pesquisa-Ação e Cartografia Social, vide: MACHADO et al., 2024 (org.). Mapa participativo de enfrentamento à fome do Grande Bom Jardim: relatório. Fortaleza: CDVS/UNILAB, 2022d. Disponível em: [https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2023/01/p\\_site-mapa-participativo-de-enfrentamento-a-fome-do-gbj-1.pdf](https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2023/01/p_site-mapa-participativo-de-enfrentamento-a-fome-do-gbj-1.pdf). Acesso em: 16 ago. 2025. E: MACHADO, E. G.; FAUSTINO, A. E. R. Relatório Final da Pesquisa: Perfil da Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ). Redenção: UNILAB; Rede DLIS; CDVHS, 2018. Disponível em: <https://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2018/03/RELATORIO-FINAL-PESQUISA-PERFIL-DA-REDE-DLIS-GBJ.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

outros campos disciplinares; (3) uma (01) Síntese Diagnóstica para divulgação à imprensa e a gestores públicos; (4) um (01) Álbum fotográfico do processo e dos achados; (5) duas (02) peças em audiovisual para divulgação do processo e dos achados para postagem na rede social YouTube, com adaptação para chamadas nas redes sociais WhatsApp e Instagram.

A equipe técnica do projeto: Coordenação - Adriano Paulino de Almeida; 05 Pesquisadores Sociais; Geógrafa - Regina Balbino da Silva; Programador Plataforma - Lucas dos Santos Almeida; Fotógrafo e videomaker - Ycaro Martins; Designer - Eduardo Gabriel de Sousa; Mídias Sociais - Adeilson Miranda; Jornalista - Jocasta Pimentel. A organização do relatório técnico é assinada por Adriano Paulino de Almeida e Eduardo Gomes Machado. Os cinco (05) pesquisadores sociais e a vinculação por bairro são: Giuliano Freitas - Granja Lisboa; Flávia Almeida - Granja Portugal; Carla Vanessa - Siqueira; Nathyelly Araújo - Bom Jardim; Paulo Fernando - Bonsucesso. São quatro (04) jovens adeptos da religião umbanda e uma (01) jovem acadêmica. A normalização foi efetuada por Antonio Wilame Ferreira da Silva Júnior.

As ferramentas da pesquisa foram: (1) Ficha de Coleta de Dados; (2) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; (3) Termo de Cessão de Uso de Imagem; (4) Diário de Campo; (5) Frequência de Atividades.

Os dados coletados foram sistematizados em tabelas do Excel e analisados, considerando dimensões e aspectos quantitativos e qualitativos.

Trabalhamos com filtros e analisamos séries temáticas e temporais, com o suporte da ferramenta de inteligência artificial generativa Gemini (Google), utilizada para o processamento estatístico e sistematização dos dados construídos em campo ou provenientes das fontes citadas.

O projeto foi realizado entre junho e outubro de 2025 e foi organizado em 03 fases: (1) pré-produção; (2) produção; (3) pós-produção. As atividades previstas para cada fase foram as seguintes: (1) pré-produção (junho): composição de equipe técnica; criação das fichas técnicas; seleção dos 05 pesquisadores sociais; criação da identidade visual; criação da plataforma digital; criação do plano de vídeo; (2) produção (julho - setembro 2025): formação dos pesquisadores sociais; pré-teste das fichas de coleta; 40 visitas in loco para coleta de dados; 40 visitas in loco para fotografia e gravação; 05 reuniões focais, sendo 01 por bairro para leitura comunitária da cartografia social; (3) pós-produção (setembro a abril de 2026):

validação das bases cartográficas; validação dos produtos e lançamento.

## **2.2. Formação de Pesquisadores Sociais**

A Associação Espírita de Umbanda São Miguel (AEUSM), em parceria com o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim e o Grupo Diálogos, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e à Universidade Estadual do Ceará (UECE), capacitou cinco (05) jovens para realizar a coleta de dados para o mapeamento de 40 templos de religiões tradicionais de matriz afro-brasileira e afro-ameríndia do Território Regional V, da cidade de Fortaleza, Ceará.

O perfil dos jovens pesquisadores sociais: ter ensino médio (ou concluindo); gostar de ler; ter bom senso de observação; ter uma boa escrita; ter noções básicas de internet e ferramentas do Google; ter interesse nas temáticas propostas; ter compreensão política do trabalho; ter compromisso com AEUSM e histórico de assiduidade nas atividades institucionais; ter disponibilidade de tempo para atender o cronograma proposto. Dos 05 pesquisadores, 04 são lideranças de comunidades espirituais de terreiro ou agentes culturais adeptas; e 01 graduada em humanidades e graduanda em pedagogia.

Nos dias 02, 03, 04 e 09 de julho de 2025, 05 jovens, dentre lideranças e adeptas da religião moradoras do Território da Regional V; e estudante da Unilab, passaram pelo treinamento de pesquisadores sociais do projeto. Foram desenvolvidas 12 horas aulas para habilitá-los para o trabalho de coleta de dados. As aulas teóricas foram realizadas na sede da entidade proponente, na Granja Lisboa. E o pré-teste em bairros do Território. O objetivo central da formação dos pesquisadores sociais foi despertar sensibilidades, treinar olhares e habilidades técnicas básicas para coleta de dados em uma pesquisa de cunho antropológico de mapeamento de templos de religiões tradicionais afroameríndios e afro-brasileiros referenciadas do Território Regional V, Fortaleza, Ceará.

No dia 02 de julho, a formação teve como objetivos: criar sentimento de equipe; apresentar o plano pedagógico da formação; construir e pactuar regras de convivência e protocolos de trabalho; nivelar o plano de trabalho do projeto; treinar o olhar de pesquisador como ferramenta fundamental de pesquisa. No dia 03 de julho, os objetivos do treinamento dos jovens foram: entender e se apropriar dos conceitos de cultura e patrimônio coletivo ou histórico cultural, patrimônio cultural - imaterial e

material; apresentar detalhadamente os campos da principal ficha de coleta de dados, nos seus 05 eixos; apresentar detalhadamente as demais fichas: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Cessão de Uso de Imagem. No dia 04 de julho, cada um dos cinco pesquisadores sociais em treinamento passou pela experiência real de aplicação das fichas, em caráter de pré-teste das ferramentas. Cada pesquisador ficará responsável pela cobertura de 01 bairro da Regional V. No dia 09 de julho, como última fase do treinamento, os jovens fizeram a avaliação de desempenho das fichas de coleta da pesquisa e da experiência de campo. Os trabalhos de coleta de dados nos 50 templos aconteceram nos meses de julho e agosto, de quarta a sexta-feira. Cada pesquisador social ficará responsável por 01 bairro do Território e visitará 10 templos.

A principal ferramenta da pesquisa foi a Ficha de Coleta de Dados, com 69 campos, organizada em 05 eixos ou dimensões: Identificação do Templo, com 23 campos; Infraestrutura e Aspectos Sanitários, com 11 campos; Forma de Celebração/Festividade, com 28 campos; Respeito Religioso, com 04 campos; e Sustentabilidade, com 03 campos.

Após cada visita de coleta, o pesquisador qualificou a ficha de coleta e escreveu o diário de campo. Correspondendo aos eixos e campos da Ficha de Coleta, foi criado um formulário alimentado pelos pesquisadores para facilitar a tabulação dos dados. E posteriormente os dados foram agregados em planilhas Excel.

### **2.3. Identidade Visual**

A identidade visual foi construída a partir da escuta de Pai Neto Tranca Rua, respeitando os símbolos e significados da religião. Ela une tradição, território e coletividade, trazendo a cabaça como representação de encontro, escuta e troca entre os participantes. O cachimbo simboliza a conexão espiritual, a comunicação com o sagrado e a ancestralidade, enquanto as ervas representam cura, proteção e o saber tradicional dos terreiros. Os grafismos evidenciam a diversidade cultural e as raízes ancestrais. A paleta em tons terrosos, verde e azul reforça a conexão com a natureza, o território e a espiritualidade, criando um equilíbrio entre o sagrado, o cultural e o comunitário. A tipografia robusta transmite força e pertencimento, refletindo a organização coletiva, e o conjunto comunica um processo participativo, vivo e profundamente enraizado na cultura local.

## 2.4 Plataforma Digital

O portal institucional do projeto tem como propósito disponibilizar os resultados e produtos da pesquisa à comunidade, de forma simples, objetiva, transparente, acessível e democrática. Tem a pretensão de se constituir um referente para outras experiências de mapeamento de terreiros. O portal está hospedado na rede internacional de computadores e de propriedade da associação proponente, no seguinte endereço eletrônico: [terreiros.org.br](http://terreiros.org.br)

O menu do sítio eletrônico está organizado em INSTITUCIONAL (projeto, agente cultural proponente, parceiros, fomento); FERRAMENTAS DA PESQUISA (ficha de coleta de dados, termo de consentimento livre e esclarecido, termo de cessão de uso de imagem, frequência de atividades); e o FALE CONOSCO.

Já no *layout* da página principal, imerso na identidade visual do projeto, estão disponíveis os seguintes botões de acesso, através de banners: RELATÓRIO DA PESQUISA; SÍNTESE DIAGNÓSTICA DA PESQUISA; ÁLBUM FOTOGRÁFICO; MAPAS; e ÁUDIOVISUAL

## 2.5. Cartografia Social

A proposta de realizar o mapeamento participativo dos assentamentos sagrados de religiões afro-brasileiras, afroindígenas e africanas na Regional V de Fortaleza insere-se em uma perspectiva crítica e decolonial de produção do conhecimento cartográfico. Parte-se do reconhecimento dos terreiros como territórios sagrados e coletivos, dotados de valores simbólicos, políticos e espirituais, invisibilizados historicamente pela cartografia oficial e pela racionalidade técnico-científica dominante (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015).

Essa abordagem dialoga diretamente com a cartografia social, também conhecida na literatura internacional como *contra-mapeamento*, que se estabelece como forma de resistir às assimetrias de poder e aos preconceitos das práticas cartográficas tradicionais (HARRIS; HAZEN, 2006; DALTON; STALLMANN, 2018). A cartografia social “privilegia o conhecimento popular, simbólico e cultural como meio de produzir o mapeamento de territórios tradicionais, étnicos, sagrados e coletivos” (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015, p. 9).

Trata-se de um processo formativo, contínuo e político, no qual o mapa é construído a partir da participação ativa e incondicional dos sujeitos locais, que reconhecem na cartografia não apenas uma técnica, mas uma ferramenta de luta,

mobilização e afirmação identitária (PLESSMANN, 2013). Como apontam Gorayeb e Meireles (2014), os mapas sociais são também instrumentos de reivindicação de direitos, publicização de modos de vida e denúncia de processos de invisibilização e marginalização territorial.

Nesse sentido, compreender as territorialidades sagradas exige incorporar epistemologias afrocentradas e indígenas, valorizando os modos próprios de nomear, viver e cuidar do território. Tais epistemologias propõem uma ruptura com a visão eurocêntrica de espaço e planejamento, priorizando o pertencimento, a ancestralidade e a circularidade (GOMES, 2017; SANTOS, 2010).

Além disso, há uma crítica ao uso excludente dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) na gestão territorial, muitas vezes descolado das realidades locais. Nesse contexto, a contraposição ao viés técnico dos SIGs e a incorporação de opiniões e saberes locais são fundamentais para uma abordagem verdadeiramente inclusiva (FERREIRA; SILVA; MARINHO, 2019). Como reforçam Flannery *et al.* (2018), a construção participativa do planejamento pode reduzir conflitos e promover maior justiça socioespacial.

Portanto, a junção de conhecimento técnico-científico com os saberes comunitários se apresenta como elemento-chave para uma gestão mais transparente, legítima e eficaz dos territórios (JOLIVEAU, 2008; GONYO *et al.*, 2021). A cartografia social, nesse projeto, será assumida como tecnologia social e instrumento de luta simbólica e política.

Em articulação com os princípios da pesquisa-ação participativa (THIOLLENT, 2011), que compreende os sujeitos da pesquisa como coautores do processo, protagonistas no levantamento, análise e uso dos dados territoriais, o mapeamento participativo, neste sentido, ultrapassa a simples transferência de saberes técnicos, pois se propõe a construir um espaço coletivo de aprendizagem, crítica, apropriação dos instrumentos cartográficos e construção de conhecimentos (NETO *et al.*, 2016).

Conforme Chapin *et al.* (2005), as práticas de mapeamento participativo têm origem em meados do século XX, inicialmente com comunidades tradicionais no Alasca e Canadá. Desde então, têm se expandido globalmente, integrando-se às lutas de povos indígenas, populações quilombolas e movimentos de base para reconhecimento de direitos e defesa dos territórios (LINHARES; SANTOS, 2017).

O projeto se estruturou em quatro etapas principais:

#### Etapa 1: Mobilização e Leitura Territorial Participativa

- Realização de cinco reuniões de leitura comunitária, uma em cada bairro da Regional V;
- Utilização de mapas base e materiais facilitadores para a identificação coletiva de:
  - Assentamentos sagrados;
  - Lugares de memória, celebração, circulação e resistência;
  - Conflitos territoriais e processos de invisibilização;
- Atividades mediadas por facilitadores que contextualizem o uso das ferramentas cartográficas de forma acessível (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

#### Etapa 2: Construção de Mapas Coletivos

- Sistematização das informações geradas nas oficinas em mapas;
- Uso de plataformas acessíveis como Google My Maps.

#### Etapa 3: Validação Comunitária

- Realização de cinco oficinas de validação, nos mesmos bairros, com retorno dos mapas preliminares às comunidades;
- Discussão, correção, complementação e acordo sobre os dados que podem ou não ser divulgados publicamente.

#### Etapa 4: Sistematização e Retorno Social

- Organização do mapa temático;
- Garantia da soberania dos dados produzidos: toda informação sensível será protegida, conforme decisão coletiva;
- O resultado será entregue às comunidades para uso em reivindicações, educação patrimonial, visibilidade e diálogo com políticas públicas.

## **2.6. Considerações Ético-Políticas**

A construção de cartografias sociais em territórios de terreiros exige compromisso ético com a autonomia, o consentimento e a proteção dos saberes. Os assentamentos sagrados, por sua natureza espiritual, são territórios que devem ser abordados com respeito, escuta e confidencialidade. Assim, todo o processo de mapeamento foi orientado por:

- Consentimento livre, prévio e informado;
- Definição coletiva sobre o que pode ou não ser compartilhado publicamente;
- Fortalecimento dos sujeitos comunitários como agentes de transformação e defesa de seus territórios.

A participação no mapeamento é também uma forma de empoderamento, à medida que os grupos envolvidos se apropriam de ferramentas técnico-políticas para nomear, representar e defender seus espaços (XAVIER; GORAYEB; BRANNSTROM, 2020). Trata-se, portanto, de um processo político e pedagógico que fortalece redes de pertencimento, articulação e luta.

## **2.7. Audiovisual**

### **2.8 Linha narrativa**

A linha narrativa do material em audiovisual consiste em um eixo-guia que orienta a narrativa a uma proposta principal de abordagem de tema. No caso de um documentário, é interessante que os sujeitos participantes escolham um assunto para abordar e este seja revelado com base nas interações sociais e nos personagens do filme. Neste trabalho, como linha narrativa principal, optamos pelo entendimento do processo histórico de ocupação urbana contada pelo olhar e perspectiva de praticantes de religiões tradicionais afro-indígenas e afro-brasileiras para que a conclusão do trabalho traga uma análise crítica e histórica desse processo.

### **2.9. Tópicos Propostos**

### **2.9.1 Identificação e georreferenciamento dos assentamentos sagrados**

Essa identificação torna-se importante para o entendimento da maneira como os assentamentos se distribuem espacialmente no território da Regional V. Desta forma, podemos deixar registrado em material audiovisual um melhor entendimento geográfico da região.

### **2.9.2 Entendimento das raízes e ramificações dos assentamentos**

A compreensão das raízes históricas permite uma análise mais aprofundada acerca da formação dos assentamentos e dos distintos processos que conduziram à consolidação da religião em cada contexto. Tal compreensão revela-se essencial para avaliar a receptividade desses assentamentos por parte dos membros da comunidade.

### **2.9.3 Entendimento do processo histórico de ocupação urbana**

O processo histórico de ocupação urbana, por sua vez, oferece uma perspectiva macro sobre o estabelecimento dos assentamentos na região e os fatores que influenciaram sua aceitação. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais ampla das dinâmicas geográficas, sociais e econômicas envolvidas.

### **2.9.4 Escolha da pergunta geradora**

Durante o processo de formação dos pesquisadores, levando em conta os tópicos propostos para o documentário, decidiu-se que a pergunta geradora que servirá como linha narrativa para o documentário será **“Qual a importância do terreiro para a comunidade?”**. A partir das respostas dadas pelos líderes religiosos para essa pergunta, teremos uma consistência narrativa na montagem do material.

### **2.9.5 Perspectivas para montagem do material de vídeo**

O propósito do documentário é o de entendimento do estabelecimento dos assentamentos religiosos de matrizes africanas na Regional V. A partir da pergunta geradora, temos uma linha-guia para a condução do filme e com isso podemos fazer a montagem do material dando ênfase na resposta dessa pergunta de forma a intercalar imagens dos líderes religiosos e de seus símbolos. As falas como

voiceover também servem como argumento narrativo para ilustração do que está sendo contado.

### **2.9.6 Álbum fotográfico**

O álbum fotográfico tem como objetivo documentar visualmente o desenvolvimento da pesquisa e seus resultados, contribuindo para a preservação da memória dos assentamentos e servindo como referência para estudos futuros.

### 3. CARACTERIZAÇÃO DOS TERREIROS

Neste capítulo, são caracterizados diferentes aspectos dos Terreiros que compõem o recorte empírico da pesquisa.

#### 3.1. Data de fundação dos Terreiros

Os dados relativos à data de fundação de cada Terreiro evidenciam elementos significativos.

**QUADRO 07** – Terreiros no Bom Jardim e data de fundação

BAIRRO	TERREIRO	DATA DE FUNDAÇÃO
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	23/05/1968
	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	20/01/1987
	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	19/11/2008
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	19/04/2019
	Casa de caridade Caboclo Pena Branca	26/03/2024

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 08** – Terreiros no Bonsucesso e data de fundação

BAIRRO	TERREIRO	DATA DE FUNDAÇÃO
Bonsucesso	Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde	18/09/2025
	Terreiro Girassol	1/1/0001

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 09** – Terreiros na Granja Lisboa e data de fundação

BAIRRO	TERREIRO	DATA DE FUNDAÇÃO
Granja Lisboa	Centro Espirita de Umbanda Príncipe Gerson	22/04/1983
	Centro Espirita de Umbanda São Miguel	05/05/1983
	CEU José Pilintra das Almas	20/02/1989
	Casa de Cura Ogum Beira-mar	27/09/1990
	Centro espirita de Umbanda reis Tupinambá	28/03/1994
	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	06/02/1997
	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	27/11/1998
	Centro Espirita de Umbanda Cabocla Jurema	22/11/2002
	Centro Espirita de Umbanda Zé Pilintra das Almas	14/05/2014
	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	04/10/2018
	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	19/08/2019
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	13/06/2020
	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	12/10/2020
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	08/07/2023
Aldeia Caboclo Rompe Mato	11/07/2024	

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 10** – Terreiros na Granja Portugal e data de fundação

BAIRRO	TERREIRO	DATA DE FUNDAÇÃO
Granja Portugal	Centro Espirita de Umbanda Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	20/01/1965

	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	15/11/2000
	Casa Amarela do Rei da Turquia	17/01/2004
	Cabana Príncipe Gerson	01/08/2009
	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	27/01/2013
	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	23/04/2019

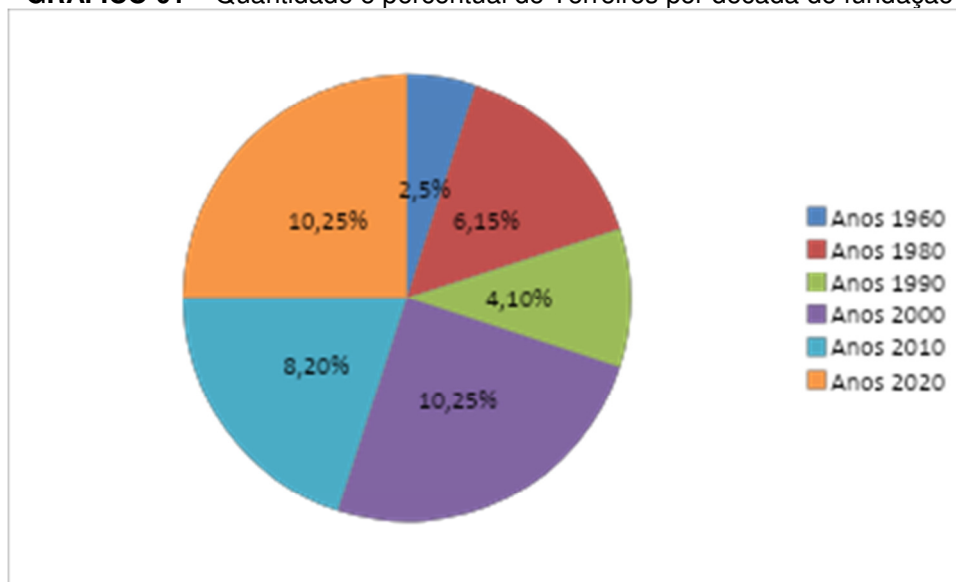
Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 11** – Terreiros no Siqueira e data de fundação

BAIRRO	TERREIRO	DATA DE FUNDAÇÃO
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	05/06/1984
	C.E.U Ogum Rompe Mata	18/11/1984
	Centro Espírita de Umbanda General de Brigada e Príncipe Gerson	27/04/2000
	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	15/07/2000
	CEU Rei Dragão do Mar	24/03/2003
	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	20/01/2006
	CEU Palácio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	08/09/2007
	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	21/05/2016
	C.E.U Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	29/01/2017
	Centro Espiritual Ogum Iara	23/12/2020
	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	23/01/2024
CEU Pai Joaquim de Angola	18/09/2024	

Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 01** – Quantidade e percentual de Terreiros por década de fundação



Fonte: Dados da pesquisa

Os terreiros mais antigos em atividade e pesquisados foram fundados na década de 1960 no território. São dois e revelam resiliência. Ainda mais em um contexto onde as falas, as narrativas, as histórias e as memórias falam de muitas vivências e episódios de perseguição social e política e de racismo institucional,

racismo religioso e racismo ambiental, afetando vários Terreiros e suas lideranças e comunidades. Muitos depoimentos remetem a dezenas de outros Terreiros anteriormente existentes, em diferentes pedaços do Território pesquisado e em diferentes épocas, mas que não conseguiram se manterem ativos, nesse contexto de múltiplas violências e violações de direitos e de ausência de atuação do Estado.

A década de 1970 foi a única que não apresentou a fundação de nenhum terreiro, o que é significativo. É possível levantar a hipótese de relação com o regime ditatorial civil-militar e a sua repressão, afetando os Terreiros, ainda mais ao se compreender o complexo de múltiplas violências a afetar indivíduos, famílias, coletividades e instituições, bem como ao compreender que compõem as estratégias dos Povos e Comunidades de Terreiro se fazerem mais visíveis ou invisíveis em cada contexto e conjuntura históricos, buscando não somente a sobrevivência, mas a vitalidade.

Há muitos depoimentos, em diálogos com lideranças dos Terreiros, que destacam a existência de variados terreiros no território, nas últimas décadas do Século XX e primeiras décadas do século XXI, que não permaneceram ativos, por variados motivos. Mas, em todos esses depoimentos, as violências e as violações de direitos associadas ao racismo e, particularmente, ao racismo religioso, atravessam as gerações, bem como a omissão do Estado brasileiro no enfrentamento à esse problema.

É possível também aventar a hipótese de que uma redemocratização de largo curso, atravessando as décadas e séculos XX e XXI, afetando as condições para a constituição de novos Terreiros. Ao mesmo tempo, cabe considerar a existência de Terreiros que são matrizes e motrizes a gerar filhos e filhas e, em vários casos, novas Casas no território, conformando a reprodução de linhagens relevantes. Nesse sentido, 75% (28 terreiros) dos Terreiros foram instituídos nas três décadas no século XXI, evidenciando os maiores contingentes de terreiros fundados.

O Bom Jardim, com cinco terreiros, apresenta um terreiro fundado em cada década, excetuado os anos 1970 e 1990. O Bonsucesso apresenta um terreiro fundado na década dos anos 2000 e um terreiro fundado na década de 2020. Na Granja Lisboa, a década de 1980 apresenta três terreiros fundados, a década dos anos 1990 apresenta 04 terreiros fundados, a década dos anos 2000 apresenta um terreiro fundado e a década dos anos 2010 apresenta três terreiros fundados. Na Granja Portugal, a década de 1960 apresenta um terreiro fundado, a década dos

anos 2000 apresenta três terreiros fundados e a década dos anos 2010 apresenta dois terreiros fundados. No Siqueira, têm-se dois terreiros fundados na década de 1980, cinco terreiros fundados na década dos anos 2000, dois terreiros fundados nos anos 2010 e três fundados nos anos 2020.

Apesar das múltiplas violências já indicadas, bem como das vulnerabilidades e violações de direitos que também serão tratados neste Relatório, a DATA DE FUNDAÇÃO desses Templos evidencia uma vitalidade contemporânea que se articula à resiliência ancestral.

### 3.2. Filhos e filhas de Santo

Cabe neste momento, trazer dados sobre os filhos e filhas de santo dos Terreiros, evidenciando aspectos relevantes à constituição em rede que se espalha pelo Território.

**QUADRO 12** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total

BAIRRO	TERREIRO	FILHOS E FILHAS DE SANTO DO TEMPLO (TOTAL)
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Sem resposta
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Não sabe
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	73
Granja Lisboa	CEU São Miguel	62
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	60
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	54
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	50
Siqueira	C.E.U Ogum Rompe Mata	45
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	43
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	35
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	35
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga	34
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	34
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	32
Bom Jardim	CEU Nossa Senhora da Conceição	31
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	30
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	30
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	30

Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	29
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	26
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	24
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	24
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	20
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	20
Bonsucesso	CEU caboclo pena verde	20
Siqueira	CEU Palácio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	18
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	15
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	15
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	12
Bonsucesso	Terreiro Girassol	10
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	8
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	7
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das almas.	7
Granja Portugal	CEU Caboclo Vira Mundo	4
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	3
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	1
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	1
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	0
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	0
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	0
<b>TOTAL</b>		<b>942</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 13** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Bonsucesso

BAIRRO	TERREIRO	FILHOS E FILHAS DE SANTO DO TEMPLO (TOTAL)
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	20
	Terreiro Girassol	10
<b>TOTAL</b>		<b>30</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 14** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Bom Jardim

BAIRRO	TERREIRO	FILHOS E FILHAS DE SANTO DO TEMPLO (TOTAL)
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Sem resposta
	CEU Nossa Senhora da Conceição	31

	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	29
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	15
	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	1
<b>TOTAL</b>		<b>76</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 15** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Granja Portugal

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>FILHOS E FILHAS DE SANTO DO TEMPLO (TOTAL)</b>
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	60
	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	50
	Casa Amarela do Rei da Turquia	35
	Cabana Príncipe Gerson	30
	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	12
	CEU Caboclo Vira Mundo	4
	<b>TOTAL</b>	<b>191</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 16** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Granja Lisboa

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>FILHOS E FILHAS DE SANTO DO TEMPLO (TOTAL)</b>
Granja Lisboa	CEU São Miguel	62
	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	43
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	35
	CEU Reis Tupinambá	32
	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	30
	CEU José Pilintra das Almas	30
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	24
	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	20
	Aldeia Caboclo Rompe Mato	15
	CEU Príncipe Gerson	8
	Casa de Cura Ogum Beira-Mar	7
	CEU Zé Pilintra das almas.	7
	CEU Cabocla Jurema	3
	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	0
	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	0
<b>TOTAL</b>	<b>316</b>	

Fonte: Dados da pesquisa

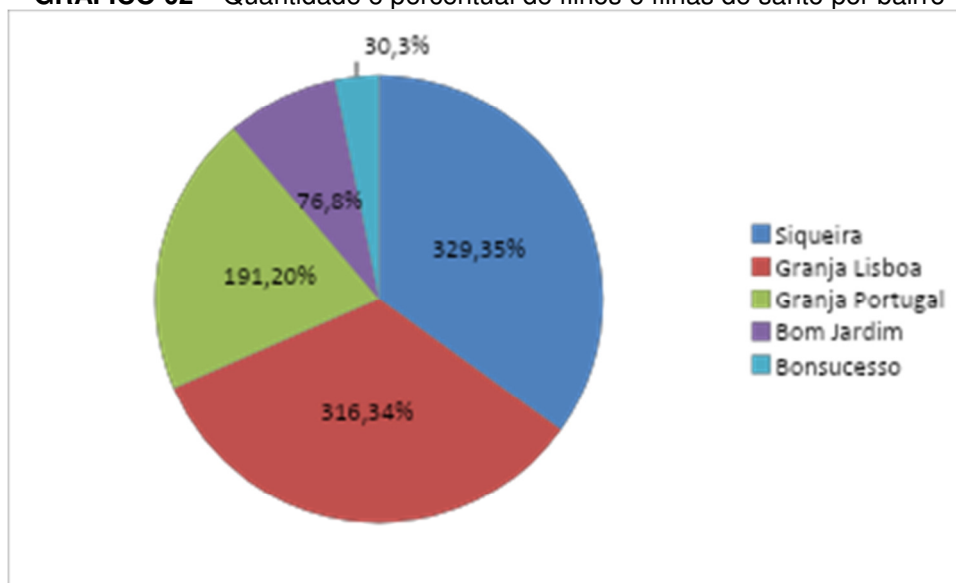
**QUADRO 17** – Quantidade de filhos e filhas de santo por templo e total – Siqueira

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>FILHOS E FILHAS DE SANTO DO TEMPLO (TOTAL)</b>
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Não sabe

Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	73
Ilê Asé Yá Omi Ogunté	54
CEU Ogum Rompe Mata	45
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga	34
CEU Pai Joaquim de Angola	34
CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	26
CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	24
Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	20
CEU Palácio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	18
Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	1
Centro Espiritual Ogum Iara	0
<b>TOTAL</b>	<b>329</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 02** – Quantidade e percentual de filhos e filhas de santo por bairro



Fonte: Dados da pesquisa

A pesquisa revelou quase mil (1000) Filhos e Filhas de Santo formados (as) nos Terreiros Pesquisados, evidenciando a potência qualitativa e quantitativa que interliga e compõe uma Rede de Terreiros da Regional V, com uma centralidade estrutural-funcional e uma dinâmica cotidiana reiterada no território.

Aqui cabe considerar dois aspectos. Primeiro, alguns indícios revelam como e porque essas áreas tornaram-se preferenciais para a ocupação por variados segmentos dos Povos e Comunidades de Terreiro, particularmente Siqueira e Granja Lisboa que são, sem dúvida, os territórios quantitativamente mais potentes no recorte empírico efetuado pela pesquisa, considerando os bairros da Regional V,

com 69% (645) dos Filhos e Filhas formados. Granja Lisboa e Siqueira são bairros de fronteira na Região Metropolitana de Fortaleza, com os municípios de Caucaia e Maracanaú. São áreas que não compõem as centralidades intraurbanas de Fortaleza, e, portanto, não são prioritariamente afetadas por dinâmicas de mercantilização da terra e especulação imobiliária, sendo compostas – até este momento – por relevantes vazios urbanos, áreas não edificadas, áreas degradadas e remanescentes de vegetações nativas. E são bairros que detêm grandes áreas físico-geográficas.

Também cabe destacar que esse território<sup>3</sup> foi/é conformado através de ocupações urbanas efetuadas por segmentos não proprietários de terra e capital, com uma população residente formada por diferentes segmentos da classe trabalhadora, que atua no comércio, serviços e indústria em Fortaleza, Caucaia e Maracanaú. Essa população tem origens a partir de deslocamentos e migrações, com raízes familiares interioranas, do semiárido, serras, estados vizinhos, bem como decorrentes de remoções urbanas que atingiram as principais centralidades intraurbanas de Fortaleza, desde os anos 1960.

Segundo, e, ao mesmo tempo, de modo paradoxal, o recorte empírico associa-se a um viés que agrega o alcance político do proponente Pai Neto, que tem como arco primário de influência a circunvizinhança que envolve justamente os bairros da Granja Lisboa e do Siqueira.

Granja Portugal também detém relevância quantitativa, ao agregar 20% (191) dos Filhos e Filhas formados. Bom Jardim detém 8% (76) e Bonsucesso 3% (30) dos Filhos e Filhas formados.

Os dados também indicaram a existência de 156 assentamentos sagrados instalados, vinculados aos Filhos e Filhas, ou seja, mais de 10% da filiação, com alguns tendo já a Casa aberta.

Também cabe destacar os Terreiros que possuem os maiores contingentes de Filhos e Filhas formados: a Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI) (73); o CEU São Miguel (62); o Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie (60); o Ilê Asé Yá Omi Ogunté (54); e a Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras (50).

---

<sup>3</sup> Território que em alguns casos é reconhecido simbolicamente na cidade como Grande Bom Jardim, uma construção simbólica e política do movimento popular-comunitário local, composto por Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira.

### 3.3. Localização dos Terreiros

Serão indicadas neste tópico as localizações dos Terreiros pesquisados nos bairros que compõem a Regional V.

**QUADRO 18** – Templos Pesquisados – Bom Jardim

<b>BOM JARDIM</b>
Casa de Caridade Caboclo Pena Branca
Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição
Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira
Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira
Centro de Umbanda Don Rei Sebastião
Total: 05

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 19** – Templos Pesquisados – Bonsucesso

<b>BONSUCESSO</b>
Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde
Terreiro Girassol
Total: 02

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 20** – Templos Pesquisados – Granja Lisboa

<b>GRANJA LISBOA</b>
Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá
Aldeia Caboclo Rompe Mato
Casa de Cura Ogum Beira-Mar
Centro Espirita de Umbanda Cabocla Jurema
Centro Espirita de Umbanda Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá
Centro Espirita de Umbanda José Pilintra das Almas
Centro Espirita de Umbanda Príncipe Gerson
Centro Espirita de Umbanda Reis Tupinambá
Centro Espirita de Umbanda São Miguel

Centro Espírita de Umbanda Urubu Reis da Sagrada Família
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas
Centro de Umbanda Cabocla Mariana
Centro de Umbanda Cabocla Jacira
Centro de Umbanda Dom Gerônimo
Centro Espírita de Umbanda Zé Pilintra das Almas
<b>Total: 15</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 21 – Templos Pesquisados – Granja Portugal**

<b>GRANJA PORTUGAL</b>
Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras
Cabana Príncipe Gerson
Casa Amarela do Rei da Turquia
Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo
Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie
Centro Espírita de Umbanda Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo
<b>Total: 06</b>

Fonte: Dados da pesquisa

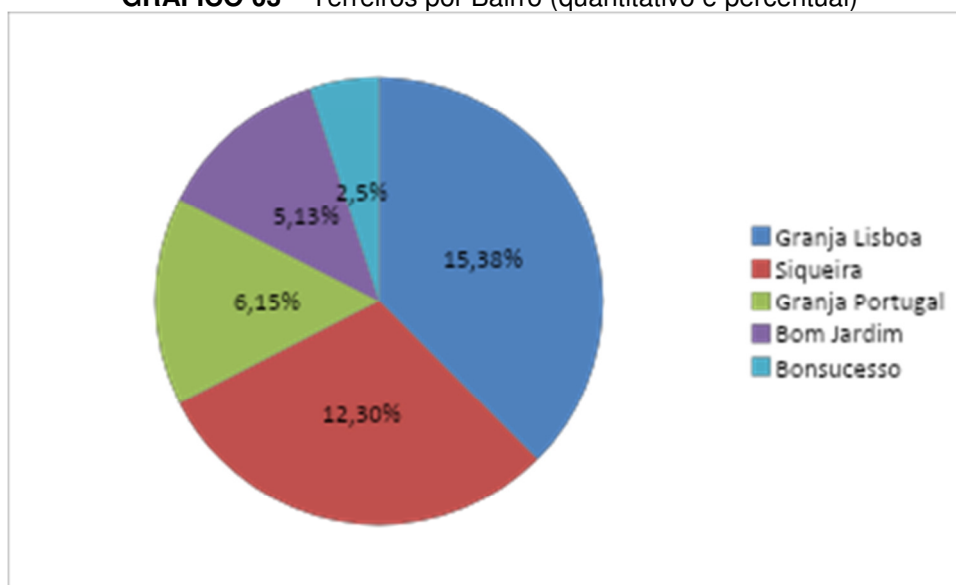
**QUADRO 22 – Templos Pesquisados – Siqueira**

<b>SIQUEIRA</b>
Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné
Centro Espiritual Ogum Iara
Centro Espírita de Umbanda General de Brigada e Príncipe Gerson
Centro Espírita de Umbanda Ogum Rompe Mata
Centro Espírita de Umbanda Pai Joaquim de Angola
Centro Espírita de Umbanda Palácio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Asè Olodé
Centro Espírita de Umbanda Rei Dragão do Mar
Centro Espírita de Umbanda Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga
Ilê Asé Yá Omi Ogunté

Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)
Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira
Total: 12

Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 03** – Terreiros por Bairro (quantitativo e percentual)

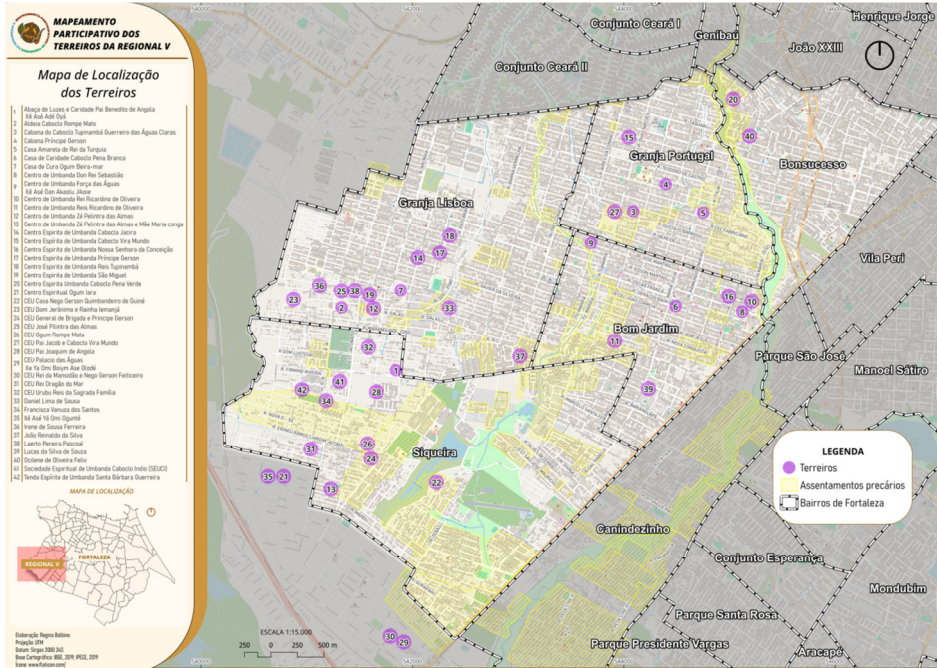


Fonte: Dados da pesquisa

Granja Lisboa detém 37% (15) dos quarenta Terreiros pesquisados, e junto com o Siqueira 30% (12), detém quase 70% dos terreiros que formam o recorte empírico.

O Mapa 01 – Mapa de Localização de Terreiros e o Mapa 02 – Concentração de Terreiros na Regional V efetuam representações visuais da distribuição de Terreiros nesse território.

**MAPA 01** – Mapa de Localização de Terreiros



MAPA 02 – Concentração de Terreiros na Regional V



Os mapas 01 e 02 permitem perceber a distribuição dos Terreiros no território, inclusa a concentração maior nos bairros Granja Lisboa e Siqueira, conformando uma poligonal relevante, no oeste e sudoeste desses bairros. Poligonal relevante inclusive quanto à formulação, implantação, execução, gestão e avaliação de políticas públicas, envolvendo, por exemplo, a delimitação e criação/instituição de

zona de preservação do patrimônio cultural e/ou de zona especial de povos e comunidades de terreiros.

### 3.4. Lideranças espirituais dos Terreiros

Este tópico apresenta as lideranças espirituais fundadoras e atuais de cada Terreiro, destacando o bairro, e também apresenta dados dessas lideranças quanto à raça/etnia, identidade de gênero e orientação sexual.

**QUADRO 23** - Lideranças espirituais fundadoras e atuais, por bairro e terreiro

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>NOME RELIGIOSO LIDERANÇA ESPIRITUAL FUNDADORA</b>	<b>NOME RELIGIOSO LIDERANÇA ESPIRITUAL ATUAL</b>
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Mãe Raimunda do Nego Gerson	Mãe Raimunda do Nego Gerson
	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Francisco Arley Caboclo Pena Branca	Pai Arley Caboclo Pena Branca
	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Maria Lotero	Mãe Lica
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Cacica	S/R
	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Dona Isabel do Rei Salomão	Pai Vitor do Rei Ricardino
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Mãe Baixinha do Girassol	Mãe Baixinha do Girassol
	CEU Caboclo Pena Verde	Pai Adriano Pena Verde	Adriano Pena Verde
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Pai Carlos 7 Flechas	Pai Carlos 5 Flechas
	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Pai Dyedson de Iansã	Pai Dyedson de Iansã
	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Mãe Vilani	Mãe Vilani da Iemanjá
	CEU Reis Tupinambá	Pai Marcos Ty Odé	Pai Marcos Amorim Ty Odé
	CEU São Miguel	Mestre Pai Neto Tranca Rua	Mestre Pai Neto Tranca Rua.
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Pai Giuliano	Pai Giuliano
	CEU Príncipe Gerson	Pai Airton do Nego Gerson	Fabio de Exu
	CEU Cabocla Jurema	Gilvan Da Cabocla Jurema	Simbazim
	CEU José Pilintra das Almas	Maria Zé Pilintra	Maria Zé Pilintra
	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Mãe Marly de Ogum	Mãe Marly de Ogum
	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Pai Daniel	Pai Daniel de Oya
	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Pai Vidal	Pai Vidal
	Centro de Umbanda	Mãe Vanuza da Jacira	Mãe Vanuza da Jacira

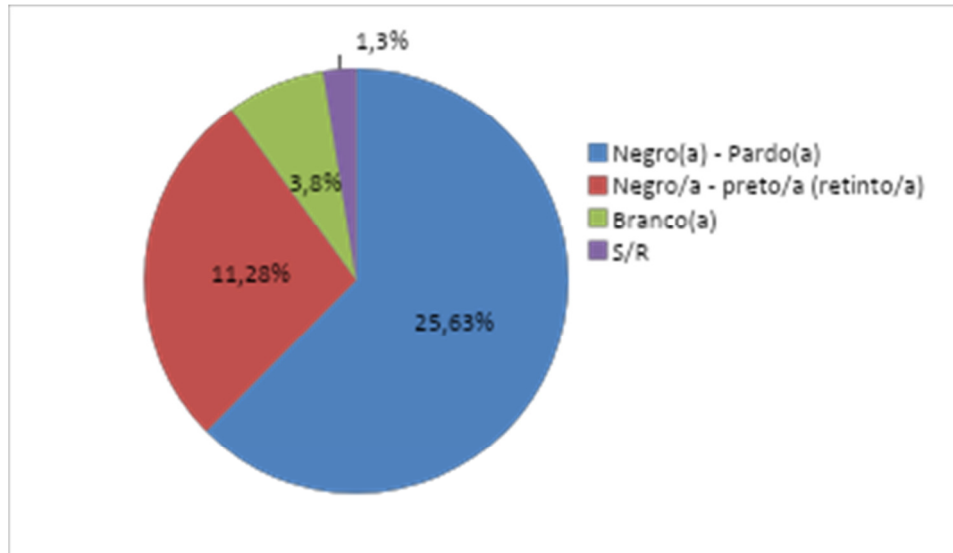
	Cabocla Jacira		
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Pai Laerto da Chiquita Preta	Pai Laerto da Chiquita Preta
	CEU Zé Pulintra das Almas.	Pai Lucas do Zé Pulintra	Pai Lucas Zé Pulintra
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Mãe Socorro	Mãe Socorro
	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Pai Neudo da Padilha	Pai Neudo da Padilha
	Casa Amarela do Rei da Turquia	CASA AMARELA REI DA TURQUIA	Pai Ricardo de Iemanjá
	Cabana Príncipe Gerson	Pai Gil da Princesa ou pai Gil do Nego Gerson	Pai Gil do Nego Gerson
	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Pai Jonas da Padilha	Pai Jonas
	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Mãe Aldeide	Pai Jeje
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Pai Iran do Nego Chico	Pai Iran do Nego Chico
	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Pai Kelton do Ogum	Pai Kelton do Ogum
	CEU Rei Dragão do Mar	Mãe Taquinha de Oyá	Mãe Taquinha de Oyá
	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Mãe Cristina	Mãe Cristina
	CEU Palacio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Ase Olodé	Mãe Janaina	Mãe Janaina
	CEU Ogum Rompe Mata	Pai Dell Pombo Gira	Pai Dell Pombo Gira
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Pai Luis Pretinho	Pai Luiz Pretinho
	Centro Espiritual Ogum Iara	Pai Signo do Ogum	Pai Signo do Ogum
	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Pai Marcio Pena Branca	Pai Márcio Pena Branca
	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Pai Clayton de Yemanjá	Pai Clayton de Yemanjá
	CEU Pai Joaquim de Angola	Mãe Denise da Padilha	Mãe Denise da Padilha
	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Pai Naylton	Pai Naylton

Fonte: Dados da pesquisa

Cabe destacar que dos quarenta (40) templos pesquisados, trinta e dois (32) detêm como lideranças atuais, neste momento, as lideranças fundadoras, revelando uma continuidade. Cada uma das lideranças, com sua singularidade, compõe experiências, trajetórias e expertises relevantes à composição, salvaguarda, preservação e conservação permanente dos patrimônios culturais afrodescendentes e afroameríndios no território e na cidade.

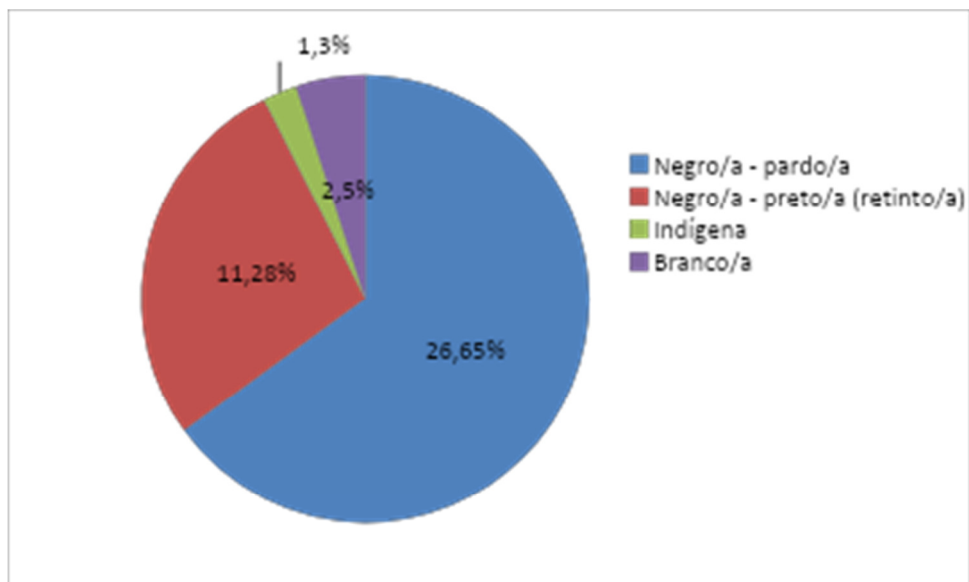
A seguir, são apresentados dados das lideranças fundadoras e atuais, evidenciando um perfil quanto à raça/etnia, identidade de gênero e orientação sexual.

**GRÁFICO 04** – Lideranças fundadoras dos Terreiros por raça/etnia



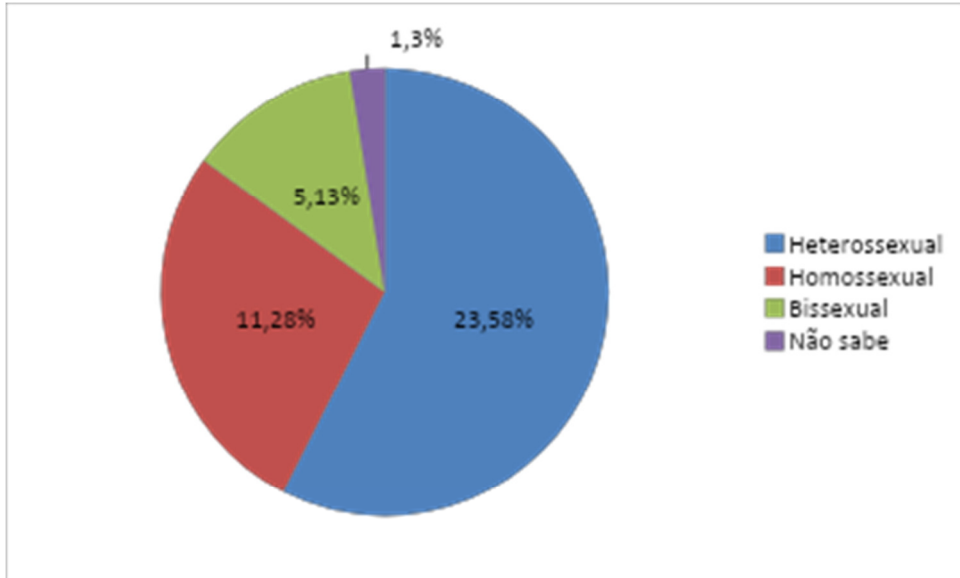
Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 05** – Lideranças atuais dos Terreiros por raça/etnia



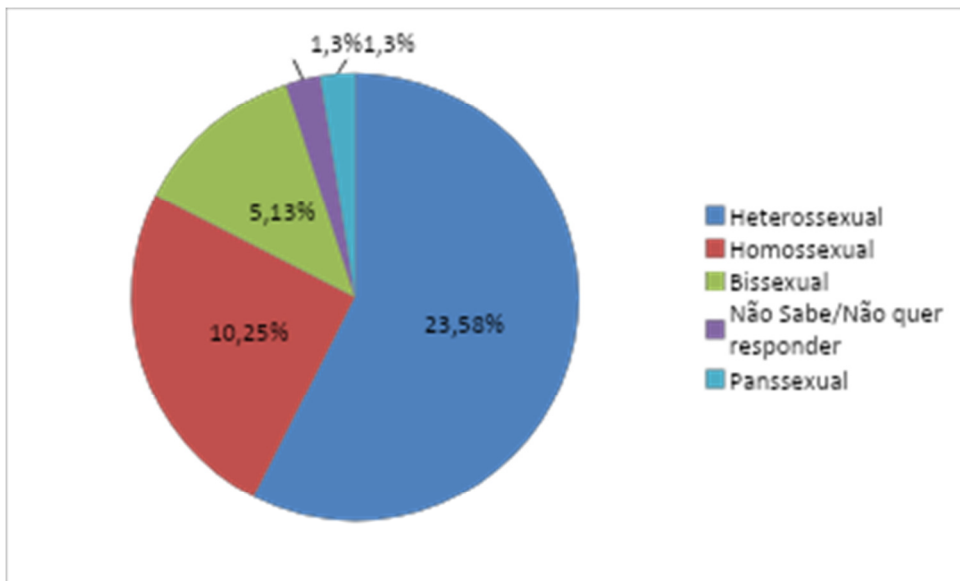
Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 06** – Lideranças fundadoras dos Terreiros por orientação sexual



Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 07** – Lideranças atuais dos Terreiros por orientação sexual



Fonte: Dados da pesquisa

Os negros (pretos e pardos) agregam 89% das lideranças fundadoras e 92% das lideranças atuais. Quanto à orientação sexual, 57% das lideranças fundadoras e das lideranças atuais foram identificadas como heterossexuais. Homossexuais foram identificadas 27% das lideranças fundadoras e 25% das lideranças atuais: 13% das lideranças fundadoras e 12% das lideranças atuais foram identificadas como bissexuais. Uma pessoa das lideranças atuais foi identificada como panssexual. E As demais não souberam ou não quiseram responder. Todas as lideranças fundadoras e atuais foram indicadas como homens e mulheres cis.

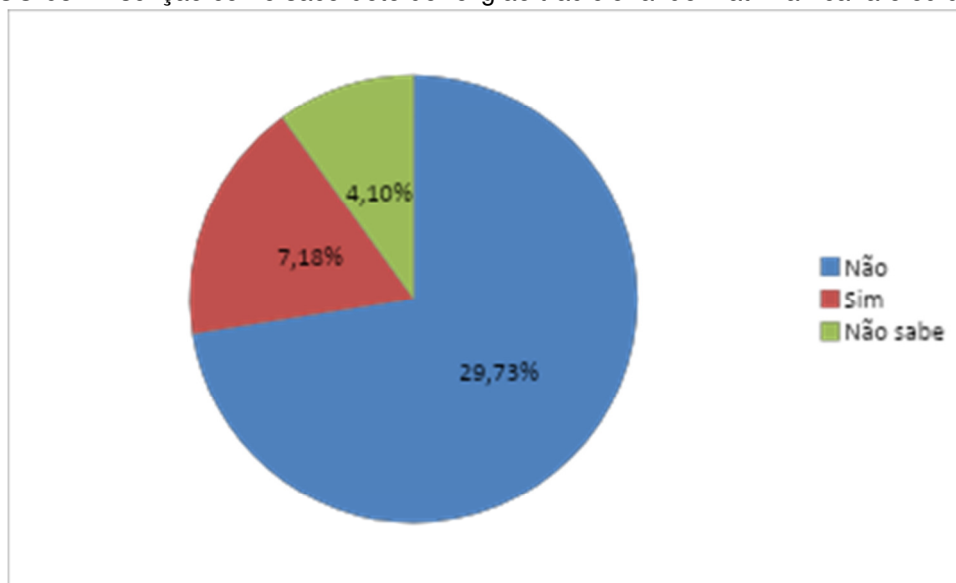
**QUADRO 24** - Inscrição como sacerdote de religião tradicional de matriz africana e ou ameríndia

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>INSCRIÇÃO SACERDOTE/SACERDOTISA DE RELIGIÃO TRADICIONAL DE MATRIZ AFRICANA E OU AMERÍNDIA</b>
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	NÃO
	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	
	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	
	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	
Bonsucesso	Terreiro Girassol	SIM
	CEU Caboclo Pena Verde	
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	SIM
	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	NÃO
	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	NÃO
	CEU Reis Tupinambá	SIM
	CEU São Miguel	NÃO
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	NÃO
	CEU Príncipe Gerson	NÃO
	CEU Cabocla Jurema	NÃO
	CEU José Pilintra das Almas	NÃO
	Casa de Cura Ogum Beira-mar	NÃO
	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	NÃO SABE
	Aldeia Caboclo Rompe Mato	NÃO SABE
	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	NÃO
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	NÃO SABE
CEU Zé Pilintra das Almas.	NÃO	
Granja Portugal	Centro Espirita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	NÃO
	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	NÃO
	Casa Amarela do Rei da Turquia	NÃO
	Cabana Príncipe Gerson	NÃO
	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	SIM
	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	NÃO
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	NÃO
	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	NÃO
	CEU Rei Dragão do Mar	SIM
	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	NÃO
	CEU Palacio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Ase Olodé	NÃO
	CEU Ogum Rompe Mata	NÃO
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	NÃO
	Centro Espiritual Ogum Iara	NÃO

	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	NÃO
	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	SIM
	CEU Pai Joaquim de Angola	NÃO SABE
	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	NÃO

Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 08** - Inscrição como sacerdote de religião tradicional de matriz africana e ou ameríndia



Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 24 e o Gráfico 08 evidenciam que 29 dos sacerdotes (73%) não possuem inscrição como sacerdote de religião tradicional de matriz africana e ou ameríndia, quatro sacerdotes (10%) não sabem e somente sete (18%) tem essa inscrição.

A importância dessa inscrição remete a dimensões jurídicas, sociais e de proteção de direitos.

Envolve, por exemplo, a garantia de Direitos e Imunidade, pois o registro permite que o sacerdote e sua comunidade usufruam de direitos constitucionais, como a imunidade tributária para o templo e o direito à assistência religiosa em hospitais e prisões (garantida pela Lei Federal nº 9.982/2000). Ademais, além da Constituição Federal, o Decreto Federal nº 12.278/2024 instituiu a Política Nacional para Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e de Matriz Africana, que orienta estados e municípios a facilitarem o reconhecimento desses espaços como templos. Em Fortaleza, a discussão sobre a imunidade de IPTU para terreiros avançou com a exigência de que a prefeitura reconheça esses locais como espaços sagrados, e não apenas como residências ou associações civis.

Além disso, fortalece a proteção contra a Intolerância, pois ter a inscrição formalizada junto a federações ou órgãos competentes serve como um instrumento de defesa jurídica e institucional em casos de racismo religioso ou invasões de territórios sagrados, legitimando o espaço como local de culto. O estado do Ceará criou a DECRIN (Delegacia de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou Orientação Sexual) em 2022 para centralizar e qualificar o atendimento a esses casos. E em 2026 foi instituído o Comitê Interinstitucional de Proteção e Segurança dos Povos e Comunidades Tradicionais, que monitora e previne a violência contra terreiros e povos indígenas na Região Metropolitana de Fortaleza.

Também fortalece a potencial participação em Políticas Públicas e Fomento, pois pode facilitar a participação em editais de cultura e patrimônio imaterial, no recebimento de recursos ou na participação de conselhos de direitos.

Quanto à Segurança Previdenciária, permite o recolhimento de contribuições ao INSS como ministro de confissão religiosa, garantindo direitos previdenciários (aposentadoria, auxílio-doença) para quem se dedica exclusivamente ao sacerdócio.

### 3.5. Tipologia religiosa no campo das Matrizes Afrodescendentes e Afroameríndias

Este tópico apresenta a diversidade de tipologias/matrizes religiosas que compõem o campo dos Povos e Comunidades de Terreiro no território da Regional V na cidade de Fortaleza. O campo das religiões afrodescendentes e afroameríndias agrega uma heterogeneidade de manifestações religiosas, inclusas a Umbanda, a Quimbanda, o Candomblé, a Jurema, o Terecô e o Tambor de Mina, identificadas nos terreiros pesquisados.

**QUADRO 25** – Terreiros no Bom Jardim e Tipologia

BAIRRO	TERREIRO	TIPOLOGIA
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Umbanda
	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Umbanda
	CEU Nossa Senhora da Conceição	Umbanda, Quimbanda
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Umbanda
	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Umbanda

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 26** – Terreiros no Bonsucesso e Tipologia

BAIRRO	TERREIRO	TIPOLOGIA
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Umbanda
	Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde	Umbanda

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 27** – Terreiros na Granja Lisboa e Tipologia

BAIRRO	TERREIRO	TIPOLOGIA
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Umbanda
	Centro Espirita de Umbanda Cabocla Jurema	Umbanda
	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Umbanda
	Centro espirita de Umbanda reis Tupinambá	Umbanda
	CEU José Pilintra das Almas	Umbanda
	Casa de cura Ogum Beira-mar	Umbanda
	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Umbanda
	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Umbanda, Candomblé
	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Umbanda, Candomblé, Jurema
	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Umbanda, Quimbanda
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Umbanda, Quimbanda
	Centro Espírita de Umbanda Zé Pilintra das Almas	Umbanda, Quimbanda
	Centro espirita de Umbanda Príncipe Gerson	Umbanda, Quimbanda
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Umbanda, Terecô
	Centro espirita de Umbanda São Miguel	Umbanda, Tambor de Mina

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 28** – Terreiros na Granja Portugal e Tipologia

BAIRRO	TERREIRO	TIPOLOGIA
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Umbanda
	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Umbanda, Candomblé
	Casa Amarela do Rei da Turquia	Umbanda
	Cabana Príncipe Gerson	Umbanda, Quimbanda
	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Umbanda, Candomblé, Quimbanda
	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Umbanda, Quimbanda

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 29** – Terreiros no Siqueira e Tipologia

BAIRRO	TERREIRO	TIPOLOGIA
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Indio (SEUCI)	Umbanda
	CEU General de Brigada e Principe Gerson	Umbanda
	CEU Rei Dragão do Mar	Jurema
	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Umbanda
	CEU Palacio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Ase Olodé	Umbanda
	C.E.U Ogum Rompe Mata	Umbanda
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Umbanda
	Centro Espiritual Ogum Iara	Umbanda
	C.E.U Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Umbanda, Quimbanda
	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Candomblé
	CEU Pai Joaquim de Angola	Umbanda, Candomblé, Quimbanda
	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Umbanda, Quimbanda,

		Terecô
--	--	--------

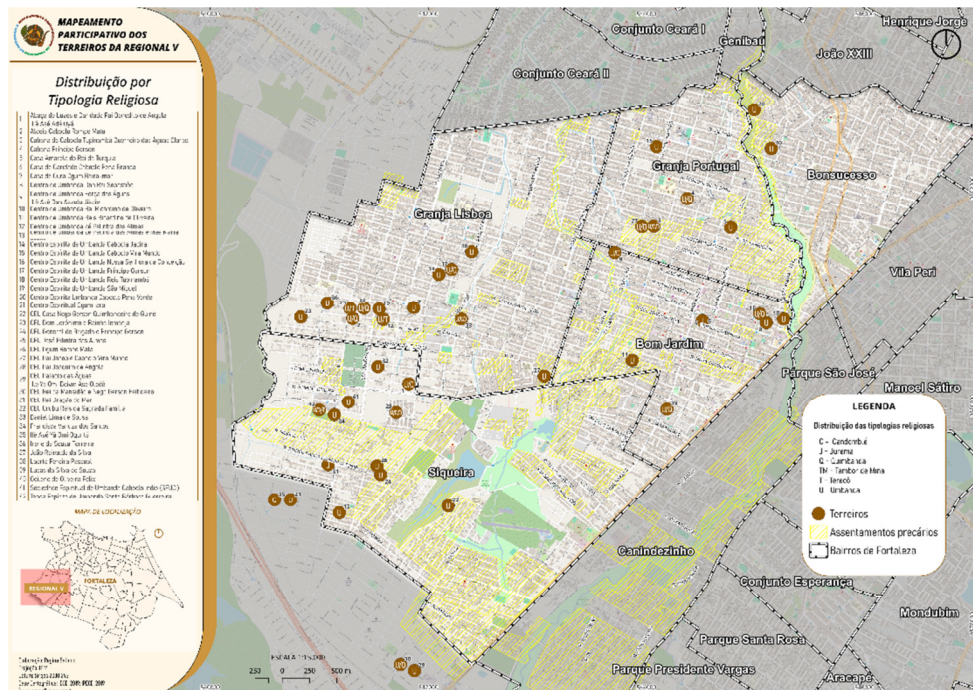
Fonte: Dados da pesquisa

**TABELA 02 – Quantidade de Terreiros por tipologias**

Tipologia	Quantidade
Umbanda	22
Umbanda e Quimbanda	08
Umbanda e Candomblé	02
Umbanda, Candomblé e Quimbanda	02
Candomblé	01
Umbanda, Candomblé e Jurema	01
Umbanda e Tambor de Mina	01
Umbanda, Quimbanda e Terecô	01
Umbanda e Terecô	01
Jurema	01
<b>Total</b>	<b>40</b>

Fonte: Dados da pesquisa

**MAPA 03 - Tipologia Religiosa**



Fonte: pesquisa direta

Os dados revelam três aspectos relevantes.

Primeiro, a base ancestral que fundamenta os Povos e Comunidades de Terreiro no território evidencia a centralidade da Umbanda, presente em trinta e oito (38) Terreiros.

Segundo, a Umbanda se entrelaça, mescla e hibridiza com outras religiões de matrizes afrodescendentes e afroameríndias, mantendo-se os respectivos

fundamentos: a Quimbanda está presente em onze (11) terreiros pesquisados; o Candomblé em seis (06) terreiros; a Jurema em dois (02) terreiros; e o Tambor de Mina em um (01) terreiro.

Terceiro, os dados revelam a existência de múltiplas camadas e dimensões religiosas, espirituais, cosmológicas, sociais, éticas, estéticas e políticas, evidenciando, portanto, a **densidade, complexidade e relevância cultural, urbana, social e política** do que podemos nomear como um **ECOSSISTEMA ANCESTRAL DOS POVOS E COMUNIDADES DE TERREIRO** nos bairros que compõem a Regional V de Fortaleza.

As Tipologias Religiosas remetem à caracterização com base em fundamentos e práticas, remetendo à localização de cada terreiro em um campo mais amplo de religiões de matrizes afrodescendentes e afroameríndias. Nesse sentido, nos 40 terreiros pesquisados identificaram-se as seguintes tipologias religiosas: Umbanda, Quimbanda, Jurema, Terecô, Tambor de Mina e Candomblé. A pesquisa evidenciou como no campo dos Povos e Comunidades de Terreiro da Regional V as Tipologias Religiosas não funcionam como caixas isoladas, mas como fluxos de saberes, práticas, artes, ofícios e cosmologias que se encontram, dialogam, entrelaçam e confluem.

O Candomblé vincula-se a matrizes africanas clássicas (tais como Ketu, Angola, Jeje), tendo foco no culto aos Orixás, Inquices ou Voduns (forças da natureza) e na ancestralidade africana. É uma religião iniciática, ritualística, com forte hierarquia e baseada no sacrifício e na preservação de línguas africanas.

A Umbanda é uma religião brasileira que faz confluir elementos africanos, indígenas e cristãos, cultuando os Caboclos, Preto-Velhos e Crianças. É marcada pela caridade, pelo atendimento público gratuito e pela forte presença do elemento ameríndio.

A Quimbanda foca no culto a Exus e Pombagiras, lidando com energias densas e próximas da experiência humana (rua, desejos, proteção, limites), com foco na manipulação de forças para o equilíbrio e justiça.

A Jurema é uma matriz genuinamente nordestina e ameríndia, centrada no culto aos Mestres e Encantados que habitam o "Reino da Jurema" (árvore sagrada). É uma prática de "ciência" e catimbó, com forte uso de fumaça, maracás e o consumo ritual da bebida da Jurema.

O Terecô é uma religião afro-brasileira tradicional do município de Codó (MA), difundida em todo o estado do Maranhão e nos estados vizinhos, sendo uma linha de Encantaria muito próxima à mata e aos caboclos, com um toque de tambor específico, caracterizando-se pela simplicidade ritual e pela forte ligação com a linhagem familiar e a cura espiritual.

O Tambor de Mina é uma manifestação religiosa afro-brasileira, com matriz maranhense de origem Jeje/Nagô, cultuando os Voduns e os Gentios (famílias de nobres e reis encantados), detendo uma estética refinada, com danças circulares, roupas brancas e uma atmosfera de realeza e mistério.

### **3.6. Raízes e regentes dos Terreiros**

As raízes remetem diretamente aos fundamentos espirituais, às genealogias das famílias espirituais e às suas legitimidades. A Raiz Ancestral de cada terreiro evidencia a linhagem espiritual e a procedência histórica dos fundamentos de uma casa, expressando os pilares de identidade e as fontes de força que sustentam o grupo, conectando o presente à ancestralidade, à legitimidade ritual e à estrutura de linhagem familiar espiritual, vinculando figuras religiosas e categorias que explicam a história, a função social e a conexão territorial daquela comunidade específica. Muitas vezes evidenciando conexão direta com a natureza e com a ancestralidade indígena e africana, mas também de outros povos e comunidades. Assim, expressa o enraizamento necessário para receber o axé (energia vital) e a proteção das entidades e divindades e é o elo vivo com os antepassados (eguns) e com as forças da natureza, servindo como a "seiva" que alimenta a espiritualidade do terreiro.

Nesse sentido, as raízes remetem e/ou expressam a árvore genealógica espiritual do terreiro, trazendo indícios acerca de onde veio o conhecimento e de quem iniciou quem, evidenciando a legitimidade e a garantia de que os fundamentos e rituais praticados são autênticos e foram transmitidos oralmente através de gerações. E nesse sentido, as raízes remetem a dimensões e dinâmicas que envolvem, incorporam e dinamizam conhecimentos, culturas, artes, ofícios e cosmologias associados a um perfil de atuação. Além disso, evidenciam uma dimensão societal, que envolve um conjunto de vínculos e relações sociais, espirituais e ancestrais e uma processualidade associada à atuação e à dinâmica cotidiana, envolvendo a constituição continuada de equilíbrios de forças, articulando, por exemplo, dinâmicas de proteção, cura, cuidado, ordem institucional, fluidez

emocional, dentre outros elementos. Por fim, também remetem à vinculação e sustentabilidade cultural e simbólica, envolvendo um conjunto de sentidos, significados, representações, narrativas, discursos e falas que situam o Terreiro no campo geral dos Povos e Comunidades de Terreiro, sendo central à legitimação perante a sociedade e o Estado.

São, portanto, pilares da identidade e da resistência cultural brasileira, não somente desses Povos e Comunidades, mas da própria nação brasileira.

Quanto aos regentes, além de serem lideranças espirituais, atuaram e/ou atuam como líderes comunitários e agentes de direitos humanos, acolhendo populações vulneráveis, combatendo o racismo religioso, efetivando dinâmicas de territorialização e produção do espaço urbano e lutando por políticas públicas.

**QUADRO 30** – Raízes e regentes dos Terreiros por data de fundação

<b>DATA FUNDAÇÃO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>RAIZ</b>	<b>REGENTE FUNDADOR</b>	<b>REGENTE ATUAL</b>
20/01/1965	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Pai Chico do Rei Auriolino	Mãe Aldeide	Pai Jeje
23/05/1968	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Preto Velho	Maria Lotero	Mãe Lica
22/04/1983	CEU Príncipe Gerson	Exu- preto Velho	Pai Airton do Nego Gerson	Fabio de Exu
05/05/1983	CEU São Miguel	Tambor de Mina	Mestre Pai Neto Tranca Rua	
05/06/1984	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Pai José da Bahia e Mãe Conga da Bahia	Pai Luis Pretinho	
18/11/1984	CEU Ogum Rompe Mata	Pai Zé Professor	Pai Dell Pombo Gira	
20/01/1987	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Seu nego Gerson e Maria Congo	Mãe Raimunda do Nego Gerson	
20/02/1989	CEU José Pilintra das Almas	Seu Assis Pena Branca	Maria Zé Pilintra	
27/09/1990	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Ribamar do Zé Pilintra	Mãe Marly de Ogum	
28/03/1994	CEU Reis Tupinambá	Umbanda	Pai Marcos Amorim Ty Odé	
06/02/1997	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Cabana do Preto Velho da Mata Escura / Pai Waldo	Pai Dyedson de lansã	
27/11/1998	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Familia Ogum Dilê (Pai Francisco)	Pai Daniel de Oya	
27/04/2000	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Pai Antonio Loiro da Cabocla Mariana	Pai Kelton do Ogum	
15/07/2000	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Antonio Loiro da Cabocla Mariana	Pai Iran do Nego Chico	
15/11/2000	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Iniciou na Mãe Nadir dos Canindé e finalizou o desenvolvimento com	Pai Neudo da Padilha	

		Pai Francisco, Família Ogum Dilê Maior		
22/11/2002	CEU Cabocla Jurema	Umbanda Raiz	Gilvan Da Cabocla Jurema	Simbazim
24/03/2003	CEU Rei Dragão do Mar	Pai Geraldo	Mãe Taquinha de Oyá	
17/01/2004	Casa Amarela do Rei da Turquia	CEU Rei Dragão do Mar, mãe Taquinha	CASA AMARELA REI DA TURQUIA	Pai Ricardo de Iemanjá
20/01/2006	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Tenda Espírita Santa Barbara de Flávio de Iansã, de Teresina.	Pai Naylton	
08/09/2007	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Mãe Taquinha	Mãe Janaina	
19/11/2008	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Povos do Mar	Dona Isabel do Rei Salomão	Pai Vitor do Rei Ricardino
01/08/2009	Cabana Principe Gerson	Cabana do Preto Velho da Mata Escura, do pai Valdo	Pai Gil da Princesa ou Pai Gil do Nego Gerson	
27/01/2013	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Cabana do Preto Velho da Mata Escura	Pai Jonas da Padilha	
14/05/2014	CEU Zé Pulintra das Almas.	Pai Nelde de Oxossi	Pai Lucas do Zé Pulintra	
21/05/2016	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Pai Kaká do Oxossi	Pai Clayton de Yemanjá	
29/01/2017	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Socorro Pimentel do Nego Gerson - Umbanda e Pai Gerson de Xangô - Quibanda	Pai Márcio Pena Branca	
04/10/2018	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Umbanda / mina	Pai Carlos 7 Flechas	Pai Carlos 5 Flechas
19/04/2019	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Corrente de Reis e Rainhas da Umbanda	Cacica	S/R
23/04/2019	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Umbanda	Mãe Socorro	
19/08/2019	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Pai Neto Tranca Rua	Mãe Vilani da Iemanjá	
13/06/2020	Centro de Umbanda Zé Pulintra das Almas	Pai Neto Tranca rua	Pai Giuliano	
12/10/2020	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	SEUCI (Pai Iran)	Mãe Vanuza da Jacira	
23/12/2020	Centro Espiritual Ogum Iara	Pai Kelton	Pai Signo do Ogum	
08/07/2023	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Pai Estênio	Pai Laerto da Chiquita Preta	
23/01/2024	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Pai Nucelio	Mãe Cristina	
26/03/2024	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Caboclo	Pai Arley Caboclo Pena Branca	
11/07/2024	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Pai Pedro de Oxossi	Pai Vidal	
18/09/2024	CEU Pai Joaquim de	CEU Cabocla Jacira / Ilê	Mãe Denise da Padilha	

	Angola	Axé Ilê Asé Oya MonaN'anguê do pai Clayton da Jacira	
18/09/2025	CEU Caboclo Pena Verde	Mãe Socorro pimentel parente do sr nego gerson	Pai Adriano Pena Verde
1/1/0001	Terreiro Girassol	Casa do Sr Viramundo Pai Edilson	Mãe Baixinha do Girasol

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 31** – Raízes e regentes dos Terreiros por bairro

BAIRRO	TERREIRO	RAIZ	REGENTE FUNDADOR	REGENTE ATUAL
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Preto Velho	Mãe Aldeide	Pai Jeje
	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Seu Nego Gerso e Maria Congo	Maria Lotero	Mãe Lica
	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Povos do Mar	Pai Airton do Nego Gerson	Fabio de Exu
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Corrente de Reis e Rainhas da Umbanda	Mestre Pai Neto Tranca Rua	
	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Caboclo	Pai Luis Pretinho	
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Mãe Socorro Pimentel parente do sr Nego Gerson	Pai Dell Pombo Gira	
	Terreiro Girassol	Casa do Sr Viramundo Pai Edilson	Mãe Raimunda do Nego Gerson	
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Exu- preto Velho	Maria Zé Pilintra	
	CEU São Miguel	Mina	Mãe Marly de Ogum	
	CEU José Pilintra das Almas	Seu Assis Pena Branca	Pai Marcos Amorim Ty Odé	
	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Ribamar do Zé Pilintra	Pai Dyedson de Iansã	
	CEU Reis Tupinambá	Umbanda	Pai Daniel de Oya	
	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Cabana do Preto Velho da Mata Escura / Pai Waldo	Pai Kelton do Ogum	
	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Familia Ogum Dilê (Pai Francisco)	Pai Iran do Nego Chico	
	CEU Cabocla Jurema	Umbanda Raiz	Pai Neudo da Padilha	
	CEU Zé Pilintra das Almas.	Pai Nelde de Oxossi	Gilvan Da Cabocla Jurema	Simbazim
	CEU Urubu Reis da Sagrada	Umbanda / mina	Mãe Taquinha de Oyá	

	Família			
	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Pai Neto Tranca Rua	CASA AMARELA REI DA TURQUIA	Pai Ricardo de Iemanjá
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Pai Neto Tranca rua	Pai Naylton	
	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	SEUCI (Pai Iran)	Mãe Janaina	
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Pai Estênio	Dona Isabel do Rei Salomão	Pai Vitor do Rei Ricardino
	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Pai Pedro de Oxossi	Pai Gil da Princesa ou Pai Gil do Nego Gerson	
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Pai Chico do Rei Auriolino	Pai Jonas da Padilha	
	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Iniciou na Mãe Nadir dos Canindé e finalizou o desenvolvimento com Pai Francisco, Família Ogum Dilê Maior	Pai Lucas do Zé Pilintra	
	Casa Amarela do Rei da Turquia	CEU Rei Dragão do Mar, mãe Taquinha	Pai Clayton de Yemanjá	
	Cabana Príncipe Gerson	Cabana do Preto Velho da Mata Escura, do pai Valdo	Pai Márcio Pena Branca	
	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Cabana do Preto Velho da Mata Escura	Pai Carlos 7 Flechas	Pai Carlos 5 Flechas
	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Umbanda	Cacica	S/R
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Pai José da Bahia e Mãe Conga da Bahia	Mãe Socorro	
	CEU Ogum Rompe Mata	Pai Zé Professor	Mãe Vilani da Iemanjá	
	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Pai Antonio Loiro da Cabocla Mariana	Pai Giuliano	
	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Antonio Loiro da Cabocla Mariana	Mãe Vanuza da Jacira	
	CEU Rei Dragão do Mar	Pai Geraldo	Pai Signo do Ogum	
	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Tenda Espírita Santa Barbara de Flávio de Iansã, de Teresina.	Pai Laerto da Chiquita Preta	
	CEU Palacio das Águas / Ilê Ya	Mãe Taquinha	Mãe Cristina	

	Omi Boiym Ase Olodé		
	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Pai Kaká do Oxossi	Pai Arley Caboclo Pena Branca
	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Socorro Pimentel do Nego Gerson - Umbanda e Pai Gerson de Xangô - Quibanda	Pai Vidal
	Centro Espiritual Ogum Iara	Pai Kelton	Mãe Denise da Padilha
	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Pai Nucelio	Pai Adriano Pena Verde
	CEU Pai Joaquim de Angola	CEU Cabocla Jacira / Ilê Axé Ilê Asé Oya Mona'anguê do pai Clayton da Jacira	Mãe Baixinha do Girasol

Fonte: Dados da pesquisa

A sistematização das entidades ou divindades regentes dos quarenta (40) Templos pesquisados permite evidenciar a intensidade, densidade, complexidade e relevância dos Povos e Comunidades de Terreiro nos cinco bairros da Regional V de Fortaleza. As entidades ou divindades regentes, assim como as principais celebrações/festividades dos Terreiros, que serão abordadas em outro tópico, trazem indícios significativos à compreensão das expressividades, performances, identidades e funções sociais dos Templos.

Evidenciando, desse modo, a densidade, intensidade, complexidade e relevância dos patrimônios culturais locais, considerando-se sociabilidades, culturas, artes, ofícios, religiões e cosmologias. O Quadro 32 revela uma geografia sagrada viva, onde cada bairro aciona forças invisíveis.

**QUADRO 32** - Entidades/Divindades regentes dos templos por bairro

<b>BAIRRO</b>	<b>ENTIDADES/DIVINDADES REGENTES DOS TEMPLOS</b>
<b>BOM JARDIM</b>	Nego Gerso/Nego Gerson Ogum, Ogum Iara, Ogum Rompe Mata e Ogum General de Brigada Caboclo Pena Branca Preto Velho da Mata Escura Mãe Maria Princesa Janaína Maria Conga Oxossi Pomba Gira
<b>BONSUCESSO</b>	Caboclo Pena Verde Senhor Nego Chico
<b>GRANJA LISBOA</b>	Nego Gerso/Nego Gerson/ Príncipe Gerson/Príncipe Nego Gerson Caboclo Vira Mundo Zé Pilintra / José Pilintra das Almas Ogum, Ogum Iara, Ogum Rompe Mata e Ogum General de Brigada Yemanjá/Rainha Yemanjá Boiadeiro

	Cabocla Jacira Cabocla Jurema Cabocla Mariana Sibamba Tapuia Chiquita Preta Rei Dom Sebastião
<b>GRANJA PORTUGAL</b>	Nego Gerso/Nego Gerson Caboclo Vira Mundo Maria Padilha São José de Ribamar Rei da Turquia
<b>SIQUEIRA</b>	Nego Gerso/Nego Gerson/ Príncipe Gerson/Príncipe Nego Gerson Caboclo Vira Mundo Zé Pílintra Ogum, Ogum lara, Ogum Rompe Mata e Ogum General de Brigada Yemanjá/Rainha Yemanjá Maria Padilha Caboclo Índio Xangô Santa Bárbara Rei Dragão do Mar General de Brigada

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 32, ao revelar a presença central de Nego Gerso / Nego Gerson / Príncipe Gerson no Bom Jardim, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira revela uma manifestação cosmológica profundamente territorializada, evidenciando uma linhagem de encantamento que serve como um elo de identidade coletiva intra-territorial, como será aprofundado em outros trechos deste relatório.

Há também um vetor de gênero e agência feminina, como demonstra a recorrência de deidades femininas fortes — como Yemanjá / Rainha Yemanjá (Granja Lisboa e Siqueira), Maria Padilha (Granja Portugal e Siqueira), além de Mãe Maria, Princesa Janaína, Maria Conga e Pomba Gira (Bom Jardim), evidenciando o papel das linhagens de matriz africana no fortalecimento e na legitimação do protagonismo e da liderança das mulheres (sacerdotisas, mães de santo) na periferia de Fortaleza.

A manifestação constante de Ogum, Ogum lara, Ogum Rompe Mata e Ogum e de entidades de alta patente militar (como o General de Brigada, presente no Bom Jardim, Granja Lisboa e duas vezes no Siqueira) atua como um escudo simbólico, evidenciando um vetor de resistência histórica e defesa ou proteção (Ogum e os Caboclos), apontando para tecnologias ancestrais epistêmicas, cosmológicas e sociais de sobrevivência comunitária.



#### 4. UMA ANÁLISE DAS PRINCIPAIS FESTIVIDADES OU CELEBRAÇÕES DOS TERREIROS

A análise da principal festividade/celebração de cada Terreiro pesquisado, e do conjunto como um todo, permite evidenciar múltiplas camadas e dimensões dos patrimônios culturais materiais e imateriais que compõem o Ecossistema Ancestral dos Povos e Comunidades de Terreiro dos bairros da Regional V, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará.

Os dados a seguir apresentados incluem: (1) a principal festividade/celebração em cada Terreiro; (2) os sentidos atribuídos pela comunidade onde se situa o Terreiro; (3) os impactos percebidos na rotina da comunidade e no comércio local; (4) a transmissão ou compartilhamento de saberes e rituais para gerações futuras; (5) as datas de início, com motivações e sentidos atribuídos à gênese/começo; (6) as preparações rituais; (7) as percepções quanto à relevância; (8) as principais insígnias e instrumentos utilizados; (9) as indumentárias, considerando variados segmentos, grupos e hierarquias; (10) os componentes cênicos; (11) os principais códigos comunitários de participação (quizilas, tabus, preceitos, dentre outros); (12) os marcos edificadas no templo, diretamente relacionados e constituintes; (13) os pontos ou cantigas diretamente relacionadas.

Como é possível perceber, a análise da principal festividade/celebração permite evidenciar a densidade, intensidade, complexidade e relevância ancestral e contemporânea de dimensões e elementos performáticos, expressivos, religiosos, litúrgicos, artísticos, simbólicos, sociais, econômicos, éticos e políticos, revelando patrimônios materiais e imateriais relevantes.

É necessário mesmo afirmar que se trata de um **PATRIMÔNIO CULTURAL POTENTE E INESTIMÁVEL**, que requer de modo imediato e permanente um **CONJUNTO DE AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS, PARA ORGANIZAR, ESTRUTURAR E CONSOLIDAR A SALVAGUARDA**.

##### 4.1. Principal celebração/festividade em cada Terreiro

**QUADRO 33** – Principal festividade ou celebração em cada Terreiro

TERREIRO	CELEBRAÇÃO / FESTIVIDADE
----------	--------------------------

CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Festa do Caboclo Vira Mundo
Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Festa do Rei Ricardino de Oliveira
Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Seu Nego Gerson e São Sebastião
Centro Espírita de Umbanda Rei Dragão do Mar	Festa do Seu Zé Pilintra
Centro Espírita de Umbanda São Miguel	Dom Rei Sebastião (Rei dos Índios)
C.E.U Ogum Rompe Mata	Pomba Gira das Almas
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga	Zé Pelintra
Centro Espírita de Umbanda José Pilintra das Almas	Festa dos Pretos Velhos
Casa de Cura Ogum Beira-Mar	Festa das Crianças
Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Nego Gerson
Centro Espírita de Umbanda Príncipe Gerson	Príncipe Nego Gerson
Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Festa de Maria Mulambo
Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Festa de José de Ribamar
Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Indio (SEUCI)	Festa do Nego Chico Feiticeiro
CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Maximiliano
CEU Palacio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Ase Olodé	Boiadeiro Zé Mineiro
Casa Amarela do Rei da Turquia	Festa Cigana
Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Festa das Águas
Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Festa Pomba Gira das Almas
Cabana Príncipe Gerson	Festa do Príncipe Gerson

CEU Pai Joaquim de Angola	Festa de Maria Padilha
Tenda Espírita Santa Bárbara Guerreira	Caruru para Santa Bárbara e Xangô
CEU Cabocla Jurema	Festa de Preto Velho
Cabana do Caboclo Tupinambá	Festa da Padilha
Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Yabás
CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Zé Pelintra
CEU Caboclo Vira Mundo	Festa do Caboclo Vira Mundo / Oxóssi
CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Festa de Preto Velho
CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Festa de Yemanjá
Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Festejo da Cabocla Jacira
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Festa de Santo Antônio
Centro Espiritual Ogum Iara	Raimundão
CEU Zé Pelintra das Almas	Festa de Seu Zé Pilintra
Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Nego Gerson
Centro de Umbanda Dom Geronimo	Festa de Dona Chiquita Preta
CEU Reis Tupinambá	Boiadeiro Raimundo Firmino
Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Festa do Caboclo Pena Branca
Aldeia Caboclo Rompe Mato	Seu Zé Pilintra e Nego Gerson
Terreiro Girassol	Festa das Crianças (Menina Carrapeta)
CEU Caboclo Pena Verde	Festa da Maria Mulambo

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 33 revela um ecossistema de territorialidade sagrada e diversidade litúrgica na Regional V, evidenciando um território de resistência das religiões de encantaria, onde a estrutura litúrgica é marcada por tensões criativas entre as

tradições e a maleabilidade e hibridização, adaptada à realidade urbana da periferia. Há forte presença de entidades da Jurema e Encantados (Mestres, Caboclos, Boiadeiros), conformando um polo de religiosidade popular e híbrida, onde o contato com os antepassados e guias espirituais é direto e focado na cura. Mas também há casas que destacam festas de Orixás (como as águas de Oxalá ou festas de Xangô/lansã).

É possível falar também em uma "regência das águas", o que, no contexto de Fortaleza, pode expressar zeladores (pais e mães de santo) com um perfil de acolhimento e fertilidade, focados na manutenção da vida e no equilíbrio emocional da comunidade. A presença de Pretos Velhos e Caboclos reforça uma identidade comunitária e papéis sociais voltados para a assistência social, evidenciando festas de grande apelo popular que não são apenas ritos religiosos, mas eventos de assistência social e com caráter de promoção de saúde, terapia ou cura. E, nesse sentido, ao celebrar Caboclos e Pretos Velhos, o terreiro reafirma sua raiz brasileira e periférica, tornando-se um ponto de referência identitária para moradores que, muitas vezes, não frequentam o culto, mas respeitam a "festa da caridade".

Assim, a análise das festividades na Regional V permite afirmar que o ecossistema ancestral local expressa uma religiosidade popular e híbrida, marcado pela lógica da proximidade, articulando a cosmologia africana a matrizes ameríndias, com Caboclos e Pretos Velhos operando a mediação cotidiana com os problemas da comunidade, consolidando o terreiro como uma instituição essencial de apoio mútuo, constituição de vínculos sociais e preservação do patrimônio e da memória nesses bairros periféricos e na cidade.

#### 4.2. Sentidos atribuídos pela comunidade onde se situa o Terreiro

**QUADRO 34** – Sentidos atribuídos à principal festividade/celebração pela comunidade onde se situa o Terreiro

BAIRRO	TERREIRO	SENTIDOS ATRIBUÍDOS
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	A comunidade não participa da celebração, além dos aderentes da casa, pois na rua tem muitas igrejas evangélicas. A casa enfrenta muitos preconceitos da comunidade.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada	O aprendizado e a preservação dos costumes.

	Família	
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	A vizinhança aceita bem, alguns assistem a celebração. Quando tem distribuição de comidas, eles aparecem também.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	A comunidade não reclama. Os vizinhos chegam a participar da festa.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Os vizinhos recebem muito bem as festividades.
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	A comunidade em geral respeita o terreiro e a mãe de santo, alguns vizinhos chegam a ir para a festa
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Os vizinhos e a comunidade tem como festa tradicional do terreiro
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	A comunidade é bem amigável, alguns até participam da festa.
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	A comunidade e vizinhança respeitam o terreiro
Siqueira	Centro Espiritual Ogum lara	Os vizinhos recebem bem o terreiro.
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	A maioria dos filhos são vizinhos, então é de bastante importância e não havendo problema com isso.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Não tem problema com a vizinhança. O barracão é bem visto.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	A comunidade vê a festa como uma oportunidade de se alimentar. As pessoas vão muito para comer e beber, tudo que é ofertado na festa é ofertado para a comunidade.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	A comunidade vê como uma grande festa para dançar, comer e beber. Uma grande celebração para o entorno. Toda a comida é doada. Como é a maior festa, todos gostam, é muito esperada.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	De liberdade e expressão.
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	A comunidade religiosa acredita que é um ato de agradecimento aos mentores da casa, não só seu Nego Gerson, mas também à preta velha Vovó Inês.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	No Terreiro de dona Raimunda do seu nego Gerso ela é uma resistência, por ter em seu arredor muitos vizinhos de religião evangélica ela diz " eu vivo no meio dos crente aqui tudo é crente eu vivo aqui porque sou, forte, eu resisto aqui guerreando. Ela fala, fechem as portas de vocês que hoje eu vou girar com o povo das trevas.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	A comunidade gosta muito e tem pessoas que vão, pois o terreiro tem ações sociais uma vez por mês e na festa tudo que é ofertado, após a matança, os bichos são tratados e distribuídos para a própria

		comunidade, que são muitos. Então a comunidade gosta muito. Tem uma igreja evangélica ao lado, vizinha, que não tem atrito, eles acertam os dias de acordo com as celebrações da igreja e vice-versa. As pessoas levam as crianças para serem rezadas, para trabalhos de cura, etc.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	A comunidade gosta muito, é convidada a participar, os vizinhos e amigos vão muito, são muito bem alimentados e recebidos, gostam da música e dos encantados da casa.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Alegria e agradecimento aos pedidos realizados.
Granja Lisboa	Centro espírita de Umbanda Reis Tupinambá	No dia da festa do Boiadeiro as 5:00 am , fazemos a alvorada com fogos é mais de 500 tiros até as 6:00. Depois tem o café da manhã para começar o toré até o meio dia, na parte da tarde começa um forro pé de serra que vai até as 6:00pm.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Do axé nasce a cumplicidade, o cuidado, a reciprocidade e o amor o axé é união, é paz.
Bom Jardim	Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	A festa de Nego Gerson é pra trazer prosperidade, abertura de caminho, união, paz.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Mais idosos, no sentido de cura, o pessoal vem pra se levantar, vem mais idosos e raro vir alguém novo.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Eles entendem essa celebração como obrigação da casa e seus fundamentos. Como filios e filhas e a regente da casa no sentido de gratidão.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	A satisfação dos filhos e filhas e regente da casa saldarem a dona Maria Mulambo.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Os vizinhos adoram a festa da Pomba gira das almas é uma festa muito esperada por todos.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Movimentação, as pessoas passam e vem ver, ficam pra festa a comunidade espera é participa, tanto a comunidade da Umbanda como a comunidade do territorio.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Respeito a vida, valorizando a ancestralidade, agregando valores como compreensão e paciência.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	O principal fundamento da casa é preservar os valores ancestrais através da oralidade, da preservação dos sentidos, no terreiro tem uma casinha de taipa, com uma miniatura do pai Joaquim e Mãe Janaina, dentro da cainha tem um fogão de lenha, lamparina, pilão, cabaça. todos esses elementos são um pouco da construção da identidade do terreiro.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Aqui o povo vem ver os caboclo trabalhando e debandando.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	gratidão e reconhecimento dos trabalhos
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	De agradecimento.

Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Toda a comunidade participava, eram cerca de 400 crianças ao longo do dia na festa.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	acolhimento, distribuição de alimentos, aconselhamento espiritual e mediunico
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Satisfação, gratidão e devolução.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Trabalhos vencidos
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Agradecimento as curas alcançadas e caminhos abertos.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	Agradecimento aos trabalhos, curas e caminhos abertos
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Dona Aldeide era parteira e rezadeira da comunidade, os vizinhos conhecem e aguardam pela festa o ano todo, mesmo os que não são da religião.

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 34 permite perceber a presença de um vetor empírico de legitimidade e reconhecimento social, inclusive com convivência inter-religiosa. Nesse sentido, os dados revelam que o terreiro opera como um polo de coesão comunitária, muitas vezes superando barreiras religiosas. É notável o relato de terreiros que convivem harmoniosamente com igrejas evangélicas vizinhas (ex: CEU Pai Joaquim de Angola). O respeito mútuo é mediado pela "festa", onde vizinhos não adeptos participam, comem e aceitam os axés/passes. Evidenciando o Terreiro como espacialidade de acolhimento, fortalecimento e proteção. Em bairros como Bom Jardim e Granja Lisboa, os sentidos atribuídos passam pela "gratidão", "proteção" e "acolhimento".

"A comunidade não reclama. Os vizinhos chegam a participar da festa." (CEU General de Brigada e Príncipe Gerson - Siqueira).

"Os vizinhos recebem muito bem as festividades. A comunidade em geral respeita e a mãe de santo, alguns vizinhos chegam a ir para a festa do terreiro." (Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné - Siqueira).

"A comunidade gosta muito e tem pessoas que vão, pois o terreiro tem ações sociais uma vez por mês e na festa tudo que é ofertado [...] é distribuído para a própria comunidade. [...] Tem uma igreja evangélica ao lado, vizinha, que não tem atrito, eles acertam os dias de acordo com as celebrações da igreja e vice versa." (CEU Pai Joaquim de Angola - Siqueira)

O terreiro é visto pela vizinhança não apenas como templo, mas como um espaço de segurança social e partilha de alimentos. Um tema recorrente é a

comensalidade (o ato de comer junto), revelando a centralidade e a relevância das culturas alimentares e das comidas nesses patrimônios culturais reiteradamente vivenciados através de um calendário litúrgico potente. As festas são descritas como "oportunidade de se alimentar" e "distribuição para a comunidade", o que evidencia que o sentido da festividade extravasa o rito espiritual e toca na vulnerabilidade social da região, com a "caridade" da Umbanda e o "ebó" (comida rito) do Candomblé/Mina cumprindo um papel de rede de proteção social.

"A comunidade vê a festa como uma oportunidade de se alimentar. As pessoas vão muito para comer e beber, tudo que é ofertado na festa é ofertado para a comunidade." (Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akadú Jikoio - Granja Portugal).

"A comunidade vê como uma grande festa para dançar, comer e beber. Uma grande celebração para o entorno. Toda a comida é doada. Como é a maior festa, todos gostam, é muito esperada." (Abassa de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola - Granja Lisboa).

"Agradecimento as curas alcançadas e caminhos abertos; acolhimento, distribuição de alimentos, aconselhamento espiritual e mediúnico." (Compilado de relatos: Centro de Umbanda Dom Gerônimo e Centro de Umbanda Cabocla Mariana)

Os Terreiros são espaços de cura e aconselhamento. Muitos sentidos estão ligados a "agradecimento por curas alcançadas" e "caminhos abertos". Desse modo, fica evidente que a comunidade procura o terreiro para resolver problemas objetivos (saúde, emprego, conflitos familiares). O terreiro é reconhecido porque "funciona" na resolução das crises cotidianas da periferia, revelando que o terreiro é uma instituição de mediação social.

"As pessoas levam as crianças para serem rezadas, para trabalhos de cura, etc." (CEU Pai Joaquim de Angola - Siqueira).

"Do axé nasce a cumplicidade, o cuidado, a reciprocidade e o amor e o axé é união, é paz." (Casa de Caridade Caboclo Pena Branca - Bom Jardim).

"A festa de Nego Gerson é pra trazer prosperidade, abertura de caminho, união, paz." (Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição - Bom Jardim)

O Quadro 34 também revela os Terreiros e suas festividades e celebrações como vetores conceituais e práticos de Resistência e Preservação do Patrimônio e da Memória Ancestral e de reconstituição de identidades territoriais e culturais.

Os relatos sobre o CEU Príncipe Gerson e o Centro de Umbanda Don Rei Sebastião são emblemáticos para a análise da ancestralidade. A menção à preservação de elementos como fogão a lenha, lamparina e a própria estrutura física da casa de taipa funciona como um vetor de resistência cultural, embora também possa revelar vulnerabilidade social. O sentido atribuído é o de "guardar o que os antigos faziam", ligando o território da Regional V diretamente às raízes rurais e quilombolas. E, desse modo, a festividade/celebração é o que "constrói a identidade do terreiro", com o sentido não apenas litúrgico, mas de manter vivo um modo de vida que a urbanização hegemônica de Fortaleza tenta apagar.

"O principal fundamento da casa é preservar os valores ancestrais através da oralidade, da preservação dos sentidos; no terreiro tem uma casinha de taipa, com uma miniatura do pai Joaquim e Mãe Jandira, dentro da cozinha tem um fogão de lenha, lamparina, pilão, cabaça; todos esses elementos são um pouco da construção da identidade do terreiro." (CEU Príncipe Gerson - Granja Lisboa)".

No terreiro de dona Raimunda do seu Nego Gerson ela é uma resistência, por ter em seu entorno muitos vizinhos de religião evangélica ela diz: 'eu vivo no meio dos crentes aqui tudo é crente eu vivo aqui porque sou forte, eu resisto aqui guerreando'. Ela fala: fechem as portas de vocês que hoje eu vou girar com o povo das trevas." (Centro de Umbanda Don Rei Sebastião - Bom Jardim).

Mas, também cabe destacar a existência de intolerância religiosa, com preconceitos e discriminações, evidenciando racismo religioso. Mesmo que a fala evidencie isto de modo quase imperceptível, revelando um tipo de discurso e narrativa que fala nas entrelinhas.

"A comunidade não participa da celebração, além dos aderentes da casa, pois na rua tem muitas igrejas evangélicas. A casa enfrenta muitos preconceitos da comunidade." (Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo - Granja Portugal).

"No terreiro de dona Raimunda do seu Nego Gerson ela é uma resistência, por ter em seu entorno muitos vizinhos de religião evangélica ela diz: 'eu vivo no meio dos crentes aqui tudo é crente eu vivo aqui porque sou forte, eu resisto aqui guerreando'. Ela fala: fechem as portas de vocês que hoje eu vou girar com o povo das trevas." (Centro de Umbanda Don Rei Sebastião – Bom Jardim).

"A comunidade não reclama. Os vizinhos chegam a participar da festa." (CEU General de Brigada e Príncipe Gerson – Siqueira)

Assim, os dados evidenciam como o terreiro na Regional V é um centro de cidadania informal, onde a ancestralidade (Mestres, Caboclos e Pretos Velhos) se

manifesta através do prato de comida oferecido ao vizinho, da reza para a criança doente e da manutenção de um quintal sagrado em meio ao concreto urbano.

Paradoxalmente, também cabe considerar como se evidencia o racismo religioso, mesmo que a priori de modo minoritário. Desse modo, os dados evidenciam que a presença dos terreiros na Regional V não é isenta de conflitos. A hegemonia de grupos neopentecostais no território impõe aos povos de matriz africana e ameríndia uma rotina de vigilância e resistência. E como observado no depoimento de Dona Raimunda (Bom Jardim), a prática religiosa assume um caráter de 'guerra' simbólica pela ocupação do espaço público e pelo direito de exercer a própria fé diante do olhar reprovador do entorno.

Considerando a situação por bairros, há distinções. Na Granja Portugal evidencia-se o relato mais crítico de isolamento e rejeição, com o *Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo* afirmando categoricamente que a comunidade não participa devido ao grande número de igrejas evangélicas e que a casa "enfrenta muitos preconceitos". Evidenciando, portanto, um indício de um território onde a convivência inter-religiosa é mais frágil, resultando em um isolamento do terreiro em relação ao seu entorno imediato.

O Bom Jardim traz indícios de uma dinâmica de resistência ativa. O relato de Dona Raimunda (*Centro de Umbanda Don Rei Sebastião*) é emblemático. Ela descreve o entorno como "tudo crente" e afirma que sobrevive porque é "forte" e vive "guerreando". Nesse sentido, o conflito não gera apenas isolamento, mas uma postura de enfrentamento simbólico ("fechem as portas de vocês que hoje eu vou girar"), revelando fronteiras religiosas bem demarcadas e tensas.

No Siqueira e na Granja Lisboa alguns depoimentos revelam uma oscilação entre a tensão e a negociação. No Siqueira há relatos de vizinhos que participam, mas também a menção de que é necessário "acertar os dias" com a igreja evangélica vizinha para evitar atritos (*CEU Pai Joaquim de Angola*). E na Granja Lisboa há indícios de uma valorização da "resistência dos valores ancestrais" e da "identidade", o que sugere um esforço constante para não ser apagado pela urbanização e por outras religiões.

#### **4.3. Impactos na rotina da comunidade e no comércio local**

**QUADRO 35** – Impactos na rotina da comunidade e no comércio local da principal festividade/celebração

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>TEM IMPACTO</b>	<b>IMPACTO</b>
Granja Portugal	CEU Caboclo Vira Mundo	SIM	Compra tudo na comunidade.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	SIM	Movimenta o comércio local, empreendedorismo.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	SIM	Com a visita de várias pessoas de fora, movimenta o comércio e a rua.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	SIM	Movimenta a rua e o comércio com a quantidade de pessoas que vão para a festa
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	SIM	A movimentação intensifica e com isso aumenta as vendas e a movimentação na rua
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	NÃO	-
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	SIM	Trás o movimento no comércio e fazem muita compra para alimentar quem vem para o terreiro.
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	SIM	A rua fica bastante movimentada.
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	SIM	Movimenta a rua e o comércio local.
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	SIM	Os comércios vendem mais e movimenta a rua
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	SIM	Movimentação da rua e do comércio.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	SIM	Movimenta o comércio e a rua.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	SIM	Tanto nas festas como nas baías tudo é comprado dos mercantis e bodegas próximos do terreiro, tendo um grande impacto no comércio local.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	SIM	Compra todos os bichos em comerciantes locais, são 70 galinhas e uma vaca. Alguns comerciantes se preparam para esse mês de junho para vender mais, é considerado o mês da vaca e das galinhas, mesmo sem entender o valor litúrgico, mas tem um valor de comércio muito grande para quem vende. Assim como a compra das outras coisas, como fumo, velas, cigarro, etc...
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	NÃO	-

Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	SIM	As coisas são compradas no comércio local
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	NÃO	-
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	SIM	Sim, são compradas bastante coisas no comércio local, como fumo, cachaça, farinha, etc.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	SIM	Os comes, bebes e demais itens são todos comprados na comunidade.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	SIM	Tudo é comprado nos mercantis da comunidade.
Granja Lisboa	Centro espirita de Umbanda Reis Tupinambá	NÃO	Como na festa do boiadeiro Raimundo Firmino vem pessoas de vários locais tanto do interior do estado como de outros estados, comida, cerveja, tudo é comprado no comercio local a mais de 25 anos.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	NÃO	S/R
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	NÃO	S/R
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	SIM	As 18:00 em ponto a rua é interditada no dia da festa, coloca-se mesas e cadeiras para a festa, todos os anos.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	SIM	Compra de insumos que precise para a festa.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	SIM	Traz a compra de produtos diversos nos comércios locais.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	SIM	Compras nos comércios locais.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	NÃO	S/R
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	SIM	Nas bodega, nos armazém, as costureiras, pedreiro da rua, que sempre são chamados pra fazer a manutenção do terreiro.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	NÃO	S/R
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	NÃO	S/R
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	SIM	o impacto era diretamente aos mercados locais
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	SIM	Tudo é comprado no comercio local, desde insumos até os bichos.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	SIM	Tudo comprado no comércio local e no centro da cidade.

Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	SIM	Impacto Social na distribuição de alimentos para a comunidade.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	SIM	Aumento da comercialização local e acesso as casas de produtos religiosos da região.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	SIM	Comércio ao redor do terreiro.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	SIM	Aumento das vendas nas granjas, bodegas e mercantis da região.
Granja Lisboa	CEU Zé Pulintra das Almas.	SIM	Aumento de compras nos mercantis e feiras da comunidade.
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	SIM	As roupas são feitas com as costureiras da comunidade, os tecidos são comprados na comunidade, os bichos são comprados nas granjas da comunidade. Os itens são comprados nos mercantis da comunidade. Tudo eh feito para 100 pessoas.

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 35 traz dados para a análise da relevância econômica e social, com evidências empíricas muito fortes, que indicam que o terreiro deixa de ser apenas um local de culto para se revelar como um motor de desenvolvimento local e um agente de ordenamento urbano na Regional V.

Os dados revelam a dinamização do comércio de Bairro, promovendo o giro de capital, trabalho, ocupação e renda, evidenciando que o terreiro é um cliente fiel e volumoso dos pequenos negócios locais, evidenciando a constituição de cadeias de suprimentos, com menções recorrentes a compras em "mercantis da comunidade", "bodegas", "armazéns" e "feiras". Agregando uma diversidade de insumos, que vai além da alimentação, pois o comércio é movimentado pela venda de itens específicos como fumo, velas, cigarros e tecidos.

"Tanto nas festas como nas baías tudo é comprado dos mercantis e bodegas próximos do terreiro, tendo um grande impacto no comércio local". (Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie).

"Compra todos os bichos em comerciantes locais, são 70 galinhas e uma vaca. Alguns comerciantes se preparam para esse mês de junho para vender mais, é considerado o mês da vaca e das galinhas, mesmo sem entender o valor litúrgico, mas tem um valor de comércio muito grande para quem vende. Assim como a compra das outras coisas, como fumo, velas, cigarro, etc...". (Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá).

Há um fomento à economia criativa e de serviços, gerando trabalho e renda, agregando ofícios qualificados, com demanda por mão de obra especializada no

território, em vinculação com as matrizes culturais dos Povos e Comunidades de Terreiro. Agregando costureiras da comunidade, bem como profissionais de construção e manutenção.

“Nas bodega, nos armazém, as costureiras, pedreiro da rua, que sempre são chamados pra fazer a manutenção do terreiro”. (Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas).

“As roupas são feitas com as costureiras da comunidade, os tecidos são comprados na comunidade, os bichos são comprados nas granjas da comunidade. Os itens são comprados nos mercantis da comunidade. Tudo eh feito para 100 pessoas”. (CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo).

Há também impactos na rotina das ruas e na ocupação, acesso e uso do espaço urbano, com as festividades e celebrações alterando a dinâmica do espaço público, transformando a rua em uma extensão do sagrado. Há interdição de vias, como indicado no *Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira (Bom Jardim)*, a rua é interditada às 18h com mesas e cadeiras para a festa. E também atração de público externo, como revelam Casas como a *SEUCI (Siqueira)* e o *Centro de Umbanda Reis Tupinambá (Granja Lisboa)*, que atraem pessoas de outros bairros e até do interior do estado, o que gera o que chamamos de "turismo religioso de periferia", trazendo dinheiro de fora para dentro da comunidade.

Também se destaca no Quadro 35 o vetor de Segurança Alimentar, com Impacto Social. A festividade/celebração atua como um sistema informal de redistribuição de recursos, com destaque para a Comensalidade Coletiva, com relatos de festas que produzem comida para mais de 100 pessoas, com foco na "distribuição de alimentos para a comunidade" (*Centro de Umbanda Mariana*).

É possível perceber que economicamente, o terreiro é um vetor de dinamização e uma "âncora comercial" na Regional V e socialmente atua como uma "rede de proteção", ativando a vida comunitária e uma economia de vizinhança. A Economia de Terreiro será aprofundada no Capítulo 7 deste Relatório.

#### 4.4. Compartilhamento e Transmissão de saberes e rituais para gerações futuras na principal festividade/celebração

**QUADRO 36** – Transmissão de saberes e rituais para gerações futuras na principal festividade/celebração

BAIRRO	TERREIRO	TRANSMISSÃO	COMO
Granja	Centro Espírita de	SIM	Ensinos das ofertas, gravações e

Portugal	Umbanda Caboclo Vira Mundo		fotografias.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	SIM	Repasse oral de saberes no momento de recolhimento.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	SIM	Na véspera da festa é passado fundamentos e liturgias do dono da festa
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	SIM	Tem a conversa interna com os filhos para recepcionar as pessoas bem.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	SIM	Com conversas a partir da deitada no final de outubro
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	SIM	Através de conversas
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	SIM	Passam a vivenciar o momento e é ensinado o dever do cumprimento da tradição e o dever de cuidar das entidades na presença ou não da mãe de santo.
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	SIM	Faz uma reunião com todos os filhos e explica tudo para os filhos, como receber os convidados, como será a festa e passa alguns conhecimentos.
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	SIM	Conversa com os filhos
Siqueira	Centro Espiritual Ogum lara	NÃO	-
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	SIM	Através de muita conversa antes e depois da festa. Por vídeos também.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	SIM	Respeito a ancestralidade, aos mais velhos, a natureza, comprometimento com o legado e a cultura. Através de bastante conversa.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	SIM	O conhecimento é guardado em arquivos, fotos e vídeos em nuvem, drive e pendrives. Antigamente tudo era guardado em fotos reveladas e cds, hoje é no celular e na nuvem.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	SIM	Através de fotos, vídeos e oralidade antes de começar a festa.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	SIM	Um dia antes é feito os tiruais com chás e banhos específicos do povo cigano, todo o conhecimento é passado para os participantes do ritual e ensinado.
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	SIM	São registrados fotos e vídeos, um filho de santo fica encarregado disso.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	NÃO	-
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	SIM	São feitos vídeos, fotos e escritos. Fica tudo registrado e guardado com o intuito de passar para seu filho pequeno e os filhos de seus filhos de santo. Para que lá na frente alguém mantenha isso.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	SIM	De estar ali passando aqueles conhecimentos para os filhos, oralmente. Todos os trabalhos que são feitos, todos os filhos de santos têm que estar

			presentes para aprender, para levar adiante o legado. Daqui a 50 anos, a 30, a 40, Deus é quem sabe, Santa Bárbara. Então, todos têm que estar preparados, cada um para levar o legado de Santa Bárbara, levar a devoção a Santa Bárbara em frente. As doutrinas para que não seja perdida. A sobrinha do pai de santo é preparada para assumir a casa e os filhos de santos que são os dedicados, que querem alguma coisa na vida, que é para também levar adiante.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	SIM	pela oralidade e pelas vivências, não é permitido registros.
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	NÃO	-
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	SIM	Através das redes sociais, um dos principais fundamentos da casa é abrir as portas da casa para o mais longe possível, levando os fundamentos da umbanda através principalmente do Instagram com lives e transmissão ao vivo no tiktok. A casa atualmente tem um alcance de 20k, incorporando essas novas ferramentas ao dia a dia do terreiro.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	NÃO	S/R
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	SIM	Procura-se levar os ensinamentos a diante, como foram concebidos. Israel conta que a avó sentava no pilão e transmitia os ensinamentos com naturalidade, que a pessoa da Umbanda tem que ser observadora, procurar saber quem é o dono da casa se vai em uma gira ou baia. Se alguém lhe chamar procurar saber quem vai, chegar cedo pra observar. Mais no intuitivo.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	SIM	A menina carrapeta e Dona tapuia passam ensinamentos e orientações durante a festa.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	SIM	Dona Maria Mulambo passa orientações e saberes durante a sua celebração
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	SIM	Na casa há reuniões só pra falar de fundamentos para os desenvolves
Granja Lisboa	CEU São Miguel	SIM	A semana toda é um ritual de transmissão de saberes e rituais, saberes pela oralidade, movimento preparo de alimentos e bebidas.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	SIM	Oralidade, áudio visual através do canal de youtube e Instagram.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	SIM	De manter a tradição, não perder o fio da meada, todos têm uma raiz à diferença e de segurar a raiz sem soltar, a tua tradição, de onde tu vens, mantendo o foco na entidade é ela que voce quer agradar. Se manter mais próximo a ela e também manter a sua raiz.

Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	SIM	No desenvolvimento dos filhos que frequentam a casa.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	SIM	oralidade e vivência
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	SIM	São feitos registros em fotos e vídeos.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	SIM	Existem fotos e registros até hoje.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	SIM	Por oralidade, rezas, passes e aconselhamentos.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	SIM	Oralidade, aconselhamento e obrigações.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	SIM	Oralidade e Consultas
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	SIM	Oralidade e recolhimento
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	SIM	Oralidade
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	SIM	A própria prática da festa é uma forma de permanência da memória, também há oralidade, tudo é feito como mãe Aldeide e os guias dela ensinaram antes dela falecer.

Fonte: Dados da pesquisa

Analisamos a transmissão de saberes e rituais para gerações nas principais festividades e celebrações dos Terreiros, entendendo-as como momentos e processos mais expressivos – em termos estéticos, cosmológicos, religiosos, litúrgicos, econômicos, políticos e sociais – desses Terreiros e suas Comunidades. A partir dessa perspectiva, os dados evidenciam a relevância em termos de salvaguarda dos patrimônios e memórias ancestrais, mas também revelando, mais do que um processo denso e complexo de conformação das identidades no território e na cidade, um processo de revitalização e continuidade civilizatória. Através da transmissão de Saberes e Rituais, podemos identificar como a ancestralidade é "atualizada" com/nas gerações mais novas, na Regional V e na cidade.

A transmissão não ocorre em salas de aula, mas no "fazer" a festa, revelando uma educação ancestral, afetiva, sensível e popular-comunitária. Os relatos mencionam o "aprendizado e preservação dos costumes" e a importância de manter os "fundamentos". Podemos afirmar que o terreiro funciona como uma **ESCOLA DE SABERES TRADICIONAIS**, considerando, por exemplo, o preparo da comida, a costura das roupas e a organização do espaço e dos rituais, com os jovens aprendendo botânica (ervas), gastronomia ritual, ofícios e artes manuais e gestão comunitária.

Os dados indicam como a transmissão depende da presença física, do saber-fazer em situação e da escuta dos mais velhos, construindo uma **identidade de resistência**. Aprender a história do "Preto Velho" ou do "Mestre" é aprender a história da própria linhagem familiar e territorial no Ceará. Há menções à "união da família" e à participação de "filhos de santo e da comunidade". Em bairros como Bom Jardim e Granja Portugal, a transmissão oferece um **sentido de pertencimento**. O saber tradicional é uma "tecnologia de sobrevivência" que afasta o jovem da violência e o conecta com uma rede de cuidado e proteção.

Considerando essas questões, e que a transmissão de saberes na Regional V ocorre de forma **intergeracional e orgânica**, a principal festividade/celebração não é apenas um marco religioso, mas um dispositivo pedagógico que garante a sobrevivência do patrimônio e da memória de matriz africana e ameríndia em Fortaleza. Garantir o direito a essas festas é, portanto, garantir o **direito à educação patrimonial** das futuras gerações desses bairros. Cabendo aqui falar, portanto, na relevância de um Calendário Litúrgico desses Terreiros.

#### 4.5. Data de início com motivações e sentidos atribuídos para o início

**QUADRO 37** – Data de início com motivações e sentidos atribuídos para o início

BAIRRO	TERREIRO	INÍCIO	MOTIVAÇÕES E SENTIDOS
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	10/09/1965	Para saldar o guia chefe da casa
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	20/01/1973	Tradição herdada da Avó, que se desenvolveu sozinha.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	26/06/1980	Começou com a festa de São Sebastião, Cosme e Damião, e também a festa do seu Gerso. Eram essas três festas que estavam sendo organizadas todos os anos. Quando a batalha e as demanda começou a ser vencida, alguém sugeriu: 'Vamos fazer uma festa em agradecimento as batalha vencida. No entanto, depois o caboclo começou a cobrar, e a festa tinha que ser do jeito deles, não do nosso jeito. É do jeito que eles querem .Ai pronto. Quando dei a primeira festa eu vi que eu seria capaz de levar pra frente, como na primeira festa deu muita criança e eu gosto muito de criança e dar de comer as criança, da bastante bolo, xilito, pipoca, bastante bombom.
Siqueira	CEU Rei	15/11/1983	Porque ela quis fazer uma homenagem ao seu

	Dragão do Mar		Zé
Granja Lisboa	CEU São Miguel	20/01/1984	Era uma festa de preparação para o ano em que o santo alimenta todas as correntes/ entidades recarregam as baterias. E o dia de festejar o caboclo da mata, a primeira festa do ano, da comida a Exu, alimenta o seu caboclo, alimenta todas suas correntes em preparação para o ano.
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	18/11/1984	Ordem do pai de santo
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	20/12/1985	Porque gosta de agradecer as entidades
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	13/05/1989	A festa inicia no ano de abertura do terreiro, a mesma sentia muitas dores de cabeça e depois da realização da festa a dor nunca mais voltou.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	01/09/1990	Para celebrar a Tapuia, que era muito conhecida no terreiro e principalmente enquanto ação social para as crianças da comunidade.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	30/10/1991	Foi um pedido da minha Mãe Tapuia na festa de Iemanjá em 1991.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	22/04/1996	O Terreiro era de meu pai e seu Gerson era Guia de meu pai, o guia da cabeça dele era seu Gerson, quando eu assumi o a casa achei por direito fazer do dono da casa o "Bebo" da Casa.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	13/06/1997	Para agradecer
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	19/03/2001	Para agradecer a entidade da casa
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	19/03/2002	Pedido do próprio guia
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	12/08/2002	Ele mesmo pediu
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	30/10/2007	A própria entidade pediu para realizar sua festa.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	01/01/2008	Começou como um agradecimento da entidade Cigana Sara, que foi a provedora da evolução do terreiro.

Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	29/08/2008	Cabocla Mariana e Cabocla Herondina solicitaram a celebração anualmente.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	19/11/2008	Foi a festa da inauguração da casa, festa da Pomba Gira das Almas e Rei Ricardino de Oliveira.
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	01/09/2009	Começou a ser feita pelo Seu Nego Gerson ser o guia de coroa do pai Gilvan, em forma de agradecimento.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	01/11/2009	A celebração começou a ser realizada antes mesmo da abertura da casa, pois começou a ser realizada na casa do pai de santo da mãe Denise, pai Clayton. Como forma de agradecimento pois Padilha é a entidade que abriu a coroa de Mãe Denise ainda criança, quando tinha 10 anos de idade no interior.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	13/05/2011	Porque é uma obrigação que a casa tem por ser um terreiro raiz, desde que a umbanda é umbanda tem que comemorar a festa de peto velho aqui ninguém e nem nada é mais importante do que o meu caboclo e a obrigação que eu tenho com ele.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	24/06/2011	por que é a santa padroeira do terreiro e a padroeira da cabeça do pai de santo
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	22/11/2014	Por pedido da entidade.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	08/10/2016	Por conta do calendário liturgico da casa
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	02/12/2017	Ordem do caboclo
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	01/02/2019	Para saldar a espiritualidade
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	31/05/2019	Para saldar a ancestralidade, pois o Preto Velho da Mata Escura é o preto velho regente da coroa do Pai Beбето mais velho.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	19/08/2019	Agradecimento e devoção à Yemanjá, mãe de mãe Vilani
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	20/01/2020	Com a abertura da Mesa, mãe Vanuza inicia os festejos anuais em reverencia a sua guia.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	13/06/2020	Eu comecei no momento de Pandemia através de atendimentos por lives, foram dois anos bem difíceis, depois que passa a pandemia, volta tudo, mas eu sempre fazendo as atividades de modo virtual.
Siqueira	Centro	23/12/2020	Pedido do caboclo

	Espiritual Ogum Iara		
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	06/11/2021	Com a abertura da casa, o pai de santo começou a realizar o festejo em homenagem do Sr Zé Pilintra e pela cura dele e de seu filho.
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	11/03/2023	A casa foi dada por ele e foi uma forma de homenagear
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	08/07/2023	Em homenagem a guia da casa e homenagem a abertura da casa.
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	16/09/2023	Em 2003, ele recebeu o boiadeiro Raimundo Firmino, batizado pelo pai Liberdone do caboclo Tamandaré devido ao batismo a festa passou a ser realizada uma vez por ano.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	26/03/2024	A partir da consagração do chefe de coroas no dia 26 de março, a partir dessa data e comemorado o batismo, a consagração .
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	11/07/2024	A mandado do guia espiritual da casa para ser realizado o festejo anualmente.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	12/10/2025	A festividade das crianças para a mãe baixinha vem como uma forma de situar e harmonia a convivência do terreiro e a comunidade que já e bem visto sim pela comunidade no em torno pois ja se ah uma forte ligação da festividade do terreiro e a sua rua e a comunidade no seu entorno.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	18/10/2025	No dia que foi aberto o barracão pai Adriano teve essa ciência de fazer essa festividade anualmente para dona maria mulambo em gratidão e devoção a sua entidade.

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 37 traz indícios para percebermos como cada Terreiro é um organismo vivo, cujos ciclos não são arbitrários, evidenciando, através dos sentidos atribuídos às origens das festividades/celebrações, como a gênese do Terreiro/da Festa, articula-se a pactos com o sagrado, em suas diferentes expressividades e agencialidades, a heranças familiares, considerando as variadas linhagens, raízes e regentes, e ao enfrentamento e respostas a crises, envolvendo diversos momentos críticos e situações problemáticas.

Considerando essas questões, identificamos quatro vetores explicativos, conceituais e empíricos.

O primeiro envolve a Promessa e/ou a Graça Alcançada, revelando um voto de fé, se sendo um dos vetores explicativos mais potentes. A festa nasce como um "pagamento" ou gratidão por uma cura ou solução de um problema grave, expressando um compromisso ético-espiritual entre o fiel e a entidade.

"Iniciou-se através de uma promessa por uma graça alcançada de cura."  
(Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo)

"Foi uma promessa que o zelador fez para o seu regente por uma graça alcançada." (Centro de Umbanda Força das Águas)

O segundo vetor remete à Determinação Espiritual, associando-se a Preceito e Missão. Nesse sentido, a festa não é uma escolha do zelador, mas uma ordem direta das entidades ou do orixá para estabelecer o fundamento da casa, evidenciando um sentido de obediência ritual e consolidação da doutrina do terreiro.

"Por ordem da entidade regente da casa." (Terreiro de Umbanda Santa Bárbara).

"Iniciou-se por ordem do Caboclo Rei da Bandeira Branca, para que fosse servido o banquete para a comunidade." (Abassa de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola).

"Pelo desejo da entidade de ter sua festa para comemorar com os seus."  
(Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas).

O terceiro vetor envolve a Herança e Continuidade Ancestral, considerando a Linha Sucessória. Nesse sentido, a festa preexiste ao atual zelador. Ela é um elo de uma corrente que vem de antepassados ou de terreiros de origem (a "raiz"), evidenciando o sentido de preservação do patrimônio imaterial e da linhagem familiar/espiritual.

"Vem de herança da bisavó, passou para a avó, para a mãe e agora está com ela." (Centro de Umbanda Don Rei Sebastião).

"Pela tradição que o zelador trouxe da casa de onde foi iniciado." (CEU Pai Joaquim de Angola).

"O zelador já fazia essa festa antes de ter o próprio terreiro." (Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira).

O quarto vetor associa-se à data que marca o nascimento do próprio terreiro ou a data consagrada ao padroeiro, vinculando a identidade da casa ao calendário religioso nacional ou local, e assumindo, portanto, o sentido de celebração do aniversário de fundação e afirmação da identidade pública.

"Data de fundação do centro." (CEU General de Brigada e Príncipe Gerson).

"Dia consagrado a São Jorge (Ogum), patrono da casa." (Terreiro de Umbanda Caboclo Ogum Sete Ondas).

A sistematização revela que a data de início da festividade/celebração é carregada de simbolismo, ritualidade, afetividade e sacralidade ancestral.

#### 4.6. Preparações rituais

**QUADRO 38** – Preparações rituais

BAIRRO	TERREIRO	PREPARAÇÕES (SÍNTESE DO RITUAL)
Granja Portugal	CEU Caboclo Vira Mundo	Se tiver filho para se recolher, se recolhe antes. As mulheres se preparam em suas casas, com seus deveres de donas de casa e trabalho, filhos, para estarem presentes para organização da celebração no pré, durante e pós. Quinze dias antes começa essa preparação/organização. A mãe de santo firma as velas no terreiro para a preparação. Na semana da festa tem a matança feita na segunda, segue o preceito e a festa acontece na quinta, no outro dia tem o despacho e a limpeza.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Com a organização material e litúrgica.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Na segunda semana do mês de março começa a organização, limpeza, obrigações dos filhos até o ápice da festa.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Começa na oferenda do exu, em seguida tem as decorações e depois é realizada a festa. O movimento é de 3 dias.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Começa no último sábado de outubro, quando todos deitam para o guia da casa. No outro dia começa o ritual das águas que são 7 águas, força da erva, da jurema e das contas sagradas. Desde então começa o preceito. 3 dias antes da festa tem a matança do exu. Os filhos só saem do preceito após a festa.
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	A matança, preparações e funções da casa
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Começa pela limpeza da casa (pintura, organização), após isso acontece todas as oferendas necessárias e de acordo com o pedido da entidade, articula a festa e só então acontece.
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Sete dias de função no terreiro até passar a festa.
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Pai de santo e alguns filhos vai para Canindé no último domingo de novembro, onde no dia seguinte, na segunda, começa a função, na quinta tem a gira do exu e no sábado a festa sem ter hora para terminar.
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Desde o mês anterior o pai de santo vai se preparando, preparando o terreiro e as coisas da festa.
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Acontece giras e rituais 7 dias seguidos, nas 7 linhas da umbanda, onde a 7ª é a gira do exu, onde acontece a matança para aí sim acontecer a festa no sábado.

Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	10 dias antes inicia a função. Acontece o Osé (limpeza geral) , segue com o Orô (oferendas) e preceitos para assim ter a festa.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	A preparação começa 3 meses antes, com reuniões para decidir a cor do fardamento e o cardápio da festa. Todo ano o calendário oficial da casa é lançado no começo do ano. Nas principais festas a organização é com 3 meses de antecedência.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Um mês antes é feita a reunião de alinhamento. Ao longo do mês vai acontecendo as arrecadações, limpeza do terreiro, decoração, preparação dos Exus da casa, nessa festa só come os exus da casa. No dia da matança tem trabalhos mediunicos de preparação para a festa, são ofertados bixos de pena e uma vaca.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Um mês antes se inicia os preparativos, todas fazem cotas de colaboração, fazem a roupa como quiserem.
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	Com uns dois meses antes já começa a preparação. E a semana que antecede é muito puxada, são sete dias de função. É preciso pintar a casa, ajeitar... tudo é reparado. Toda a casa é pintada, terreiro, casa mesmo, lá em cima, é tudo ajeitado. E isso leva uma semana. O festejo dura dois dias, no primeiro dia é o ritual só para os filhos, a matança e a segunda é a festa aberta para a comunidade.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Na preparação pra festa, como elas ficam uma perto da outra já sai de uma e começa a planejar outra, do preceito e no fundamento da casa limpar a casa, limpar a casa de exu, ajudar a fazer comida, ficar de branco nos dias que ta lutando dentro da casa. Matança de cabra, galinha, pro seu Gerso é porco.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	São feitas cotas para mandar fazer as blusas e outras necessidades. O terreiro é pintado para a festa, é organizado fardamento, feita a matança para alimentar são só os Exus da mãe de santo, como todos os exus da casa (dos filhos e filhas também). Ai é produzido os convites para os convidados especiais.
Siqueira	Tenda Espirita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	no começo do ano já começa a preparar as obrigações como tem que ser, nas correntes do terecô e da umbanda. tem nove noites de novena, asteamento da bandeira de Santa Barbara, alvorada de Santa Barbara e no ultimo dia tem a procissão de santa Barbara pela manhã, meio dia o almoço e a noite começa o Caruru para Santa Bárbara. São dois dias baiando, os guias, mestres, léguas, preto velhos, cada dia com uma corrente diferente. Assim como é na tradição do terecô.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	A mesma se recolhe antes do festejo em sua casa, primeiro realiza as obrigações na praia, as oferendas à rainha das águas. No dia seguinte a mesma inicia o festejo em sua casa.
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Trabalhamos em conjunto, cada filho tem sua obrigação desde a parte financeira, ate a limpeza final. Na festa do boiadeiro Raimundo Firmino, não tem matança de bicho de 4 pata, é mais comida seca, que é oferecida, onde não leva amenga,
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	A organização começa a partir do dia 1 de março as 16:00, com o preceito para preparar a matéria, nos sete dias antes da festa começa as oferendas na linha de Oxóssi e oxalá, frutas, grãos, água de cocô, suco de uva, vinho, axoxó de milho cozido com lascas de cocô. São arriados no dia da festa os sólidos. Os filhos fazem o preceito e os banhos em casa, como e de domingo para segunda dormem no terreiro, os preceitos incluem Amou de cabeça, banho de boldo para regeneração, banho de descarrego masserar as folhas de mangueira com folhas de pião roxo, manjeriçom e alecrim. Na divisão de tarefas, os filhos se dividem um limpa a casa dos EXUs e coloca os ebó, farofa, cachaça, cerveja. Outros fazem as comidas, há uma divisão financeira entre os filhos para custear esses preparativos. No dia da festa

		ofertasse uma lembrança que também é feita pelos filhos da casa além, do habitual da gira, que são as bebidas, cachaça, cerveja, fumo e cigarro.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Os preparativos começam com uma reunião de planejamento com dois meses de antecedência para organizar como será a distribuição de funções desde, a roupa do ano até o financeiro. A matança e de bicho de quatro patas, cabrito, bode na quinta. faz os ebó pra Oxóssi com bastante fruta banana, maçã, goiaba, uva. O preceito é feito no próprio terreiro as cinco pessoas que tem função na casa dorme na esteira no terreiro, faz os banhos de preparação, banho de descarrego e limpeza até o dia de fazer as comidas da festa que começa as 17:00 da tarde e vai até 22:00.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Primeiramente ocorre a matança de bicho de penosa, galo, galinha e principalmente o capote. As frutas para Oxóssi, Xangó é o caboclo 7 légua. Coloca-se as esteiras dentro do terreiro, manto e os pano branco, todos antes do recolhimento tomar um banho de ervas e se trocar e vir pro centro
Bonsuceso	Terreiro Girassol	Acontece uma trabalhão de três dias antes acontece uma matança e para os regentes da casa que São Sr Nego chico e Dona Maria Sete saias para que assim aconteça a festividade.
Bonsuceso	CEU Caboclo Pena Verde	Se fazem as obrigações de Exu seus filhos e filhas ficam nessa obrigação até a festividade.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Em setembro faz matança de 15 em 15 dias, pra alimentar o Exu, quando vai se aproximando faz toda semana, nas segundas feiras faz matança pra Exu, segurar, pra abrir os caminhos, trazer a essência do que é bom pra essa festa. Ai já começa com as obrigações, o recolhimento, se guardando se preparando principalmente aquelas que vão girar na festa, já pede aquele receio de tá na rua brincando, se divertindo bebendo, porque a matéria precisa tá preparada pra receber aquela energia, aquela força daquela energia que vão girar. De setembro até novembro nos tiramos um dia pra se recolher pra se guardar para exu dormir na folha. E vem os banhos que é para a purificação do corpo, para a preparação da matança que é o dia da festa principal, segunda pela manhã cedo, com as ervas de Exú, banho de limpeza descarrego e força.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Na última semana de Janeiro tem a gira dos reis. Que vai receber a preparação de pai já vai ficar recolhido durante as semanas é uma semana toda de atividades. Se o filho vai se preparar para ser pai de santo já se recolhe no início da semana e terá uma semana de atividades. Primeiramente e pensada a cor da roupa. E avaliado os médios que têm de obrigação. Há a preparação das guias (fios de contas). Comunicado a quantia (que não pode ser emprestada) Quando os médios recebem os cruzes e de quem já tá se preparando pra receber as primeiras obrigações é onde há as consagrações onde o médio recebe o seu preparo (ser graduado) é no dia da festa de São Sebastião. Quem tem obrigação dia dos reis se prepara no último domingo para ser recolhido durante a semana, fazer as obrigações dos exus. Terça já faz a obrigação pra Ogum o rei, dependendo da corrente, pra Xangó, Iemanjá e outras entidades que necessitam das correntes. Quinta-feira, caboclo das matas, sete linhas onde o médio vai mostrar as 7 linhas na coroa. No sábado é uma festa mais simbólica, litúrgica pra comunidade e para os convidados.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Todos os anos a gente tem esse processo de captação de recursos, com o financeiro da casa, tem um grupo financeiro pra fazer o direcionamento da festa, uma equipe. O planejamento começa em janeiro com umas reuniões de direcionamento da festa, faz uma obrigação pra Exu, a preparação da fogueira que tem uma fogueira,

		que da muita dificuldade mode a questão do fogo, por ser muito quente tem todo um cuidado pra esse fogo nao se alastrar. Depois da fogueira começa a gira, com os trabalhos, as obrigações, gastronomia peixes e batata que são assadas, como a defumação com café e açúcar que é própria de santo Antônio.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Não tem uma data fixa, às vezes é em setembro, outras vezes em julho, e outras em abril. Nada com gosto de sangue, o caboclo não gosta de nada espremido. No sentido, de fazer as coisas com pressa ou na correria . Dá para fazer uma festa grande, fazemos. Se não der, a gente faz mais simples, contanto que tenha a festa do caboclo, até porque o principal é agradar a entidade. Se fizer a comida do caboclo e a matança, as coisas dele já estarão prontas a festa dele ta feita , no outro dia, a festa no salão é um complemento, onde você chama as pessoas para confraternizar, sendo que a entidade já foi agradada antes.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Faz uma Gira pra saber o que ela quer a preta mandinga como a festa é dela ela que tem que dizer o que ele quer, a afirmação as comidas, as matança, preceito tudo ela diz.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	Obrigação de Exu, obrigação para Ogum e obrigações internas das 7 linhas da umbanda.
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	São feitas 7 giras da Maria Padilha até a data da festa, sempre no penúltimo sábado de novembro. Cada gira é dedicada a um elemento que Padilha peça, são giras voltadas para atendimento e caminhos abertos dos filhos da casa e a confirmação dos trabalhos acontecem na festa.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Acontecem as doações de brinquedos, eram feitas roupas para as crianças do encanto e da comunidade e eram feitas as alimentações.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Primeiramente sacrificios com 8 dias antes da festa com preparo e limpeza do espaço, oferta para Exu, e preparo de comes e bebes.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Reuniões e Prepração para captação de recurso
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Em dezembro em reunião com os clientes, preparação do espaço e organização para o festejo
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Obrigação para Exu, preparação da casa e recolhimento dos filhos.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	Determinação de meses antes, giras, preparação e obrigações.
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Um mês antes começa a reforma da casa, pintura, troca de bandeiras, organização do terreiro, espiritualmente e fisicamente. Na quinta que antecede é feita a matança e no sábado a festa.

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 38, através dos dados sobre preparos rituais, revela que a festa é apenas o ápice de um complexo sistema de **conhecimentos tradicionais e ancestrais**. Os dados revelam saberes e modos de fazer, em suas dimensões

técnicas e rituais, enraizados no cotidiano e na tradição oral, onde a técnica se mistura ao sagrado, tais como os cuidados com ervas, o preparo de alimentos rituais (comensalidade) e a confecção de vestimentas.

"As roupas são feitas com as costureiras da comunidade... o preparo das comidas e bebidas." (Centro Espírita de Umbanda Pai Jacob).

"A preparação começa com a limpeza do terreiro, feitura de comidas rituais (o banquete do caboclo), organização das roupas." (Abassa de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola).

"Inicia-se com o preparo da bebida do mestre (o jurema) e o preparo das comidas rituais." (Centro de Umbanda Don Rei Sebastião)

Há também Ritos de Passagem, que constituem diferentes temporalidades, evidenciando tempos rituais que diferem dos tempos cronológicos. Aqui evidenciam-se dinâmicas e momentos de reiteração ou refazimento de vínculos sociais, laços afetivos e espirituais, pactuações e compromissos mútuos, envolvendo preceitos, obrigações internas, plantio, cultivo e circulação de energias vitais e "fechamento" de corpo.

"A preparação começa 7 dias antes com preceitos de limpeza, banhos de ervas para os médiuns da casa." (CEU Pai Joaquim de Angola).

"Inicia-se com o recolhimento dos filhos de santo para as obrigações rituais interna." (CEU Príncipe Gerson).

"É feito um trabalho de preceito antes da festa onde a casa se fecha para as preparações rituais." (Centro de Umbanda Reis Tupinambá).

Os dados também destacam lugares e espaços relevantes do ponto de vista patrimonial, articulando processos e relações entre o material e o imaterial. O espaço físico do terreiro (o quintal, o peji, a cozinha) é o suporte material para o patrimônio imaterial. Sem o lugar preservado, o saber se perde. Aqui se destacam ações de Limpeza ritual, organização do "barracão" e interdição simbólica do espaço.

"A arrumação do terreiro, a limpeza física e espiritual do ambiente." (Compilado de várias casas).

"A decoração do barracão com os elementos da entidade (folhas, bandeiras, flores)." (Centro de Umbanda Caboclo Vira Mundo).

A análise das preparações rituais na Regional V demonstra que o patrimônio cultural desses povos não se restringe ao dia da festa, mas reside na **cadeia**

**operatória do sagrado.** A 'feitura da comida', a 'costura da roupa' e o 'banho de ervas' são tecnologias ancestrais que o IPHAN classifica como **Saberes**. É fundamental destacar que a salvaguarda desses bens exige a proteção dos **detentores** (além dos zeladores, as costureiras e cozinheiras mencionadas, por exemplo) e dos **lugares** (os terreiros), pois é na preparação silenciosa que a identidade do grupo é transmitida aos mais jovens. Sem o 'preceito' de sete dias, por exemplo, a festa perde seu sentido de continuidade histórica.

É possível afirmar, neste momento, que os dados e análises deste relatório são fundamento e base para potenciais processos de salvaguarda, comprovando que existe uma regularidade ritual e uma especificidade técnica que justificam a proteção do Estado contra o apagamento cultural.

#### 4.7. Percepções quanto à relevância da principal festividade/celebração

**QUADRO 39** – Percepções quanto à relevância da principal festividade/celebração

BAIRRO	TERREIRO	RELEVÂNCIA
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	A principal importância é para os integrantes da festa, para os filhos e pertencentes à casa.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Valorização da memória ancestral e preservação da cultura local.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	É uma festa importante, uma forma de gratidão à entidade todo ano, bem aceita pela vizinhança e um momento de confraternização entre os filhos, membros, visitantes e simpatizantes de muito aprendizado.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	De suma importância. É um caboclo muito importante para o terreiro. Ajudou e ajuda muito a todos.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Grande valia. Pois a primeira manifestação do Seu Zé na coroa de Mãe Taquinha foi quando seu pai morreu, então ele se manifestou nela e disse para sua mãe que a partir daquele dia ele ia criá-la e fazê-la uma grande mulher. Desde então ele ajudou a ela durante toda sua vida e lhe ajudou muito a criar seus 4 filhos sozinha.
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	A festa acontece porque Seu Gerson veio em sonho e deu a casa onde hoje é o terreiro. Antes dela construir a casa, era apenas um pequeno local com o terreiro, e daí em diante ela começou a construir sua casa onde hoje é o terreiro e a casa.
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi	Festa que tem uma relevância grande pelo afeto que a entidade criou com os filhos da casa e com o povo de fora (visitantes e vizinhança).

	Boiym Ase Olodé	
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Renovação de energia, mais um ano de sabedoria e aprendizado. Elevação de conhecimento
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	A maior festa onde se preparam muito bem
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	De suma importância para ele, pois é o trabalhador do pai de santo
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Toda importância. Toda pessoa que passou por ele, tem completa gratidão pela entidade.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Máxima. Pois a casa é de Yemanjá e é onde homenageia a todas as Yabás, onde representa a força materna.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	De agradecimento ao que eles fazem pelos filhos o ano todo, pedindo um ano mais próspero e agradecendo ao que já foi feito.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Além da importância de ser o Exu do pai de Santo da casa. Se não houver essa festa, nenhuma mais serve. Tudo tem que passar por ela, é a festa fundamental. De mais força, toda a comunidade se envolve.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Essa festa é diferente, pois todas as pessoas se sentem livres para ir como quiserem.
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	Enaltecer o nome de Seu Nego Gerson na cidade é o principal objetivo, pois esse caboclo não é muito visto em outros estados como é aqui. Então a festa é importante para levantar o nome desse caboclo, é um grande mestre. Tudo tem que ficar bom para ele.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Vem muita Gente, para celebrar a festa seu Nego Gerson.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	A mãe Denise é piauiense e começou a receber Maria Padilha no interior de Bom Jesus, no Piauí, na casa de uma resadeira, onde ela estava sempre lá. Sua família é cigana e tem parte da família em todo canto, da onde ela nem sabe. Então ela era muito próxima dessa rezadeira até receber dona Maria Padilha, a rezadeira foi doutrinando e passando conhecimentos até Mãe Denise vir pra Fortaleza aos 16 anos, aqui ela conheceu alguns terreiros até chegar no pai Clayton, onde recebeu todo suporte e aprendeu tudo que sabe, na umbanda, na quimbanda e no candomblé. A Maria Padilha é muito importante para identidade do terreiro por ter sido a primeira incorporação da vida da mãe de santo, mas o pai Joaquim também é guia chefe da casa da linha da quimbanda. Fazendo parte da vida da sacerdote e de todos e todas as filhas da

		<p>casa. No terreiro é feito um dia no mês um trabalho de cura de caridade, de exu ligada a Padilha e de umbanda ligada ao pai Joaquim.</p> <p>Dessa forma, a comunidade também reconhece bastante a identidade do terreiro voltada para Maria Padilha e Pai Joaquim. A festa é muito importante, ela é muito respeitada. Pois o caminho foi muito longo e doloroso, até chegar aqui como uma mulher macumbeira, tatuada, lésbica, que quebra todos os padrões da sociedade. Ela sobrevive todos os dias com a Maria Padilha ao seu lado. A sacerdote gosta muito de ajudar as mulheres nesse caminho, assim como foi ajudada por Maria Padilha.</p> <p>Para uma mãe de santo, o caminho é muito mais duro do que um pai de santo, as mulheres são o tempo todos invalidadas e desprezadas, a sacerdote quer mostrar que as mulheres podem ir além nos caminhos das religiões de matriz africana e outras culturas religiosas. Dona Maria Padilha, que a ensinou tudo isso, e ela ensina para as outras mulheres. Maria Padilha não é aquela afetuosa, aquela que está sempre sorrindo, de estar mostrando carinho. Ela cuida do jeito dela. E hoje mãe Denise gosta muito de trabalhar com mulheres com sagrado feminino.</p>
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Essa festa é uma festa muito importante porque ela vem de gerações e gerações da família. De gerações espirituais da Umbanda, que Santa Bárbara sempre foi a patrona da Umbanda do Terecô, a santa padroeira. A tradição já vem de muitos anos. E essa raiz foi passada para o pai Naylton e outros irmãos. E assim, eles em fazendo a festa e não deixando morrer essa tradição.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Valorização da tradição e das obrigações, mostrando todo o amor da mesma a rainha das águas
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Falando da festa do Boiadeiro ele é um elo entre a umbanda e candomblé, como eu sou feito no santo e onde temos a junção das energias entre o caboclo e o orixá. E uma festa que os filhos que definiu, como uma festa maior dentro da casa, mas o boiadeiro passa três vezes só, durante a festa como vem boiadeiros de todas as regiões do Brasil, Pai Marcos começou a fazer uma catalogação dos boiadeiros com o nome da pessoa que recebe, nome espiritual, nome do boiadeiro, assim surgiu o cartório de boiadeiros. Todos os anos ele atualiza esses nomes e coloca em um banner.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Como a casa é muito nova com 1 ano de existência, ainda não há um entendimento além dos filhos que há frequentam, o terreiro é de baixo de uma mangueira no terreiro da casa, há uma construção diferente, do habitual. ( como nos terreiros tem um gongar tradicional, tem paredes e um teto), na casa de caridade caboclo pena branca não há essa construção acredito que esse formato contribui para a construção de identidade do templo.
Bom Jardim	Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Vem muita gente.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Muita Reza, muita cura, muito filho atrás de um alevante. O entrevistado me falou que essa festa do Reis Ricardino de Oliveira é muito antiga e por isso vem muitos antigos e considerada uma festa bastante tradicional. A rua é interditada então a festa se estende para fora da casa e das pessoas que frequentam o terreiro além Israel o Pai de santo da casa ser rezador de crianças.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Para o Terreiro realizar essa festividade, e uma enorme satisfação ver as crianças do terreiro e da comunidade brincando em harmonia para

		que o futuro seja harmonioso da mesma forma.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Devido as suas conquistas e devoção com a dona Maria Mulambo.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Os Exús são tudo I, pra chegar aqui dentro do terreiro tem que passar por ela, ela que autoriza, quem conhece o Pai Vitor do rei Ricardino sabe a importância da Pomba Gira das Almas na minha vida, ela que dá permissão pra conversar com Exú, permissão pra conversar com Mãe Maria, que e a segunda entidade então pomba gira é a mulher da minha casa e a dona da minha casa.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Devido ao alto reconhecimento, como pessoa de terreiro e para os outros terreiros devida a festa que e o memento em que as pessoas são recolhidas no terreiro, vestem algodãozinho que é um tipo de tecido que remete aos antepassados se reconectam e enchem a "bateria" para começar o ano.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	A relevância do terreiro e de quando ele nasce foi um período em que a saúde estava muito debilitada então a festa faz a gente lembrar de tudo o que a gente passou e uma forma de agradecer e louvar a saúde, a vida e também a lembrar aqueles que nao seguiram nesse plano, as vidas perdidas, valorizando a vida e respeitando a quem não pode, respeitando a ancestralidade.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Quando chega janeiro ou fevereiro, alguns pais de santo já começam a me ligar perguntando: 'E aí, a Festa do Nego Gerson vai ser em que dia este ano?' Porque Nego Gerson é tudo: é o pai, o amigo, aquele que dá a consulta, que coloca a mão no ombro, que conversa, que trabalha no espiritual, quando você vê que ta no sufoco quem aparece primeiro na mente é ele.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	O caboclo ele faz as coisas pra gente eles dão é eles tiram, as vezes eles fazem isso pra defender a pessoa mas ela pensa que porque o caboclo e ruim, mas e a ciência dele. Hoje eu vejo.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	Valorização da ancestralidade e agradecimento aos trabalhos alcançados.
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Maria Padilha trabalha o ano todo pela casa, essa é a hora de agradecer
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Muito importante, toda a comunidade participava independente da religião, pois era vista como uma festa das crianças no geral.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Agregar pessoas e crescimento da casa
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Agradecimento e devoção aos Guias da casa pelas vitórias alcançadas.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Agradecimento devoção e fé.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Agradecimento pelas graças anuais pelos filhos. Referencia aos guias, amor e recolhimento.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das	Representação de democracia referente a liberdade religiosa no país de uma sociedade.

	Almas.	
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	É uma festa tradicional para o território, pois já é feita há muitos anos. Existe a importância de se manter a tradição iniciada na geração passada.

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 39 destaca o valor intrínseco que os terreiros atribuem à sua própria existência na Regional V e na cidade.

A análise revela um vetor de Unificação e Renovação do "Corpo Coletivo". Nesse sentido, a festividade/celebração é o momento de reativar e fazer circular a energia interna do grupo e de reafirmar os laços da família de santo, renovando o Axé.

"A unificação da família de santo para a renovação do axé." (CEU Príncipe Gerson).

"Momento de confraternização entre os filhos da casa... renovação das energias." (Terreiro de Umbanda Santa Bárbara).

"Do axé nasce a cumplicidade, o cuidado, a reciprocidade e o amor." (Casa de Caridade Caboclo Pena Branca).

Outro vetor remete à Visibilidade e Reconhecimento Institucional. Nesse sentido, a festividade/celebração é o ato de "se fazer ver" em um território muitas vezes hostil e na cidade. É o momento em que o terreiro se afirma como Comunidade Tradicional, evidenciando que a relevância aqui é política e simbólica. A festa serve para tirar a comunidade da invisibilidade e exigir respeito do Estado e da vizinhança.

"A festa é de suma importância para o reconhecimento do terreiro como uma Comunidade Tradicional de Terreiro." (CEU Pai Joaquim de Angola).

"É importante para dar visibilidade às religiões de matriz africana no território." (CEU Caboclo Vira Mundo).

"A relevância é ser reconhecido pela comunidade local e pelo estado como patrimônio." (Compilado de relatos da Granja Lisboa).

De modo mais direto, é possível evidenciar um vetor de Resistência e Enfrentamento ao Estigma, onde a festa assume o papel de escudo contra a intolerância religiosa. Celebrar publicamente é um ato de coragem em territórios com forte presença de discursos de ódio.

"É de suma importância como ato de resistência contra o preconceito religioso." (Centro de Umbanda Don Rei Sebastião).

"É uma forma de mostrar que estamos aqui resistindo e mantendo nossa fé viva." (Terreiro de Umbanda Caboclo Mariana).

Também emerge um vetor de Função Social e Eficácia Pragmática, associado à relevância social do Terreiro, ao que ele entrega de volta para a comunidade em termos de saúde e assistência. Aqui há sentimentos que revelam o sentido de que o terreiro é reconhecido como legítimo porque ele resolve problemas reais (doença, fome, solidão).

"Agradecimento pelas curas alcançadas e caminhos abertos; acolhimento e aconselhamento." (Centro de Umbanda Dom Gerônimo).

"A importância é o cuidado com o próximo e a distribuição do alimento." (Centro de Umbanda Reis Tupinambá).

A análise da relevância das festividades na Regional V revela que estas celebrações operam em duas frentes: internamente, como dispositivo de renovação do axé e coesão da família de santo; e externamente, como uma poderosa ferramenta de afirmação política e resistência cultural. E cabe destacar, como é notável que a 'relevância' para os zeladores possa estar intrinsecamente ligada à ideia de serem vistos como Comunidades Tradicionais, o que reforça a necessidade de políticas públicas de salvaguarda que protejam não apenas o rito, mas a própria existência física desses territórios de saravá e axé diante do avanço da intolerância religiosa.

#### 4.8. Principais insígnias e instrumentos utilizados

**QUADRO 40** – Principais insígnias e instrumentos utilizados

BAIRRO	TERREIRO	PRINCIPAIS INSÍGNIAS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Tambor, palmas, maracá, penacho, cachimbo, farda branca, oferenda... Mas o principal é a energia do caboclo presente na festa, sem essa energia não tem por que ter festa.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Os cachimbos, os bancos e as bengalas
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Tambores, maracás e a bebida sagrada preparada uma semana antes chamada jurema.
Siqueira	CEU General de Brigada e	Decoração de pescador, conchas, areia do mar, ele tem uma fonte no terreiro. E de instrumentos os tambores e maracas.

	Príncipe Gerson	
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	A entidade, Seu Zé Pilintra. Instrumento utilizado - Atabaque, maraca e triângulo
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Não tem insígnias. Instrumentos tambor e maraca
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Usam o verde, artefatos de couro, cordas, troncos de árvore. Instrumentos - atabaque, agogô, xiquerê
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Champanhe, estátua da entidade, a mesa com rosas, champanhe e taças. Instrumentos - atabaque e maracá
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Toda festa muda a decoração e pintura do terreiro. Instrumentos - Tambor e maraca
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Sua bebida - Jurema Instrumentos - tambor e maraca
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Terno branco dele. Tambor e maraca
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Flores Atabaque, agogô e adjá.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Fardamento branco, mesa de oferenda (povos das águas, com tudo que tem direito), não se pode derramar sangue, nem servir bebida alcoólica, só comes e bebes (refrigerante e jantar).
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Tambor, maracá, triângulo, vestido, perfume.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Panderolas, lenços e leques.
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	Os instrumentos são o tambor, maracá e triangulo. Precisa ter os pontos, que a corrente se encarrega de levar. A junção com a voz e palmas.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Cachimbo, bebida quente e conhaque.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Dois tambores, maraca, padês e toda a comida da Padilha, arreira padê de muitos tipos (pitaya, morango, verduras, coração), toda comida de mesa seca e a matança. Bastante farta.
Siqueira	Tenda Espirita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Maraca, Tarol e microfone
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Tambor, triângulo, maracá e a imagem de Iemanjá

Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	No toré do boiadeiro e os três atabaque, abobó e a maraca. Chapéu de couro, chicote, cachimbo e o berrante.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Cocar branco, maraca, cachimbo e fio de contas verde e branco.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	A Vela, as frutas, cachimbo.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Rei Salomão Festa de reis e rainhas e princesas da Umbanda.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Tambor e Maracas e a Mesa da Tapuia com a carrapeta para as crianças se servirem.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Tambor Maracas e cachaça a gosto par ela.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Cabelo, unha, saia, pulseiras, colar, champanhe, taça, piteira .
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Tambor, Maraca, triangulo, cachimbo para o preto velho, charuto para o exu, cocar para o rei dos índios, Quando o cocar esta bonito no final da gira significa que o ano será bom.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Fogueira, tambores, maraca, triangulo, cores preto e vermelho que segundo a visão europeia são cores da vida e energia.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Chapéu de palha, a Bengala o terço, a casa de taipa o chão, batido, café, cigarro de palha.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	O cachimbo, café a maraca.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	Tambor, maracas, cachimbo.
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Atabaque de couro e maraca
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Brinquedos, roupas infantis, tambor de nylon, triangulo e maraca.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Atabaques, Maracas, Triangulos, Pontos Riscado, Bandeiras, A imagem da entidade Dona Mariana.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Tambor, Maracá e Vestimenta dos guias.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Vultos dos guias da casa
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	tambores, maracás, caxixi, cabaças.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	Tambor, maracas, sinos e triangulos.
Granja	CEU Pai Jacob	Tambor, maraca e triângulo.

Portugal	e Caboclo Vira Mundo	
----------	----------------------	--

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 40 apresenta um catálogo – que consideramos fascinante – da cultura material e sensorial dos terreiros pesquisados na Regional V, detalhando os objetos que "corporificam" o sagrado, integram performances e transformam o espaço físico em território ancestral. Nossa análise destaca quatro vetores que dialogam com a etnografia e a salvaguarda do patrimônio imaterial.

O vetor da Sonoridade e Invocação, agregando instrumentos de Sopro e Percussão, evidenciando como o som é o elemento que rompe o tempo profano e convoca a ancestralidade. A diversidade de instrumentos revela a multiplicidade de raízes, como a Mina, a Umbanda e o Candomblé, que compõem o Ecossistema Ancestral em análise. O uso do atabaque (tambor) é a base, mas a onipresença da maraca e do triângulo reforçam a identidade nordestina e a influência da encantaria.

Há também um vetor das Insígnias de Poder e Identidade, evidenciando o Objeto como Extensão da Entidade. Cada objeto listado (chapéu, bengala, arco e flecha, laço, chicote, cocar) não é um "acessório", mas uma insígnia que comunica quem é a autoridade espiritual presente. Aqui se evidencia como o patrimônio material é uma ferramenta de educação cultural, considerando, por exemplo, que as novas gerações aprendem a hierarquia espiritual através das cores e dos objetos que cada guia porta.

O vetor da Sensorialidade e das Substâncias Sagradas, envolvendo Fumo, Bebida e Comensalidade, revela como a transmissão do axé ocorre também pelo paladar e pelo olfato. O fumo e a bebida são elementos de limpeza e conexão, e os dados indicam o uso ritual do fumo (cachimbo/charuto) e de bebidas específicas (jurema, vinho, cerveja), que são elementos de patrimônio gastronômico e botânico.

Por fim, o vetor que nomeamos como da Estética do Sagrado, associado às Indumentárias e às Cores. O "fardamento" e a decoração do espaço criam a atmosfera necessária para a celebração e a distinção dos ritos, considerando que o uso de cores e tecidos específicos (farda branca, chita, rendas) compõe a identidade visual do terreiro no bairro.

Desse modo, as insígnias e instrumentos mapeados na Regional V compõem um rico inventário de referências culturais. A presença maciça de instrumentos como a maraca e o triângulo, ao lado dos tradicionais atabaques, atesta a força da

Encantaria Nordestina e da Jurema Sagrada no território. Sob a ótica da salvaguarda, esses objetos são suportes de memória: o saber fazer da 'bebida jurema' ou a confecção de um 'chapéu de palha ritual' são tecnologias ancestrais que precisam de proteção. O terreiro é, portanto, um museu vivo, onde o patrimônio não está em vitrines, mas em pleno uso, garantindo a continuidade da identidade dos povos de terreiro em Fortaleza.

#### 4.9. Indumentárias – crianças, mulheres e homens

**QUADRO 41** – Indumentárias – crianças, mulheres e homens

BAIRRO	TERREIRO	CRIANÇAS	MULHERES	HOMENS
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Farda branca (calça, camisa, faixa)	Pano de cabeça, blusa, saia, calção, faixa e anágua (nas cores do caboclo, que variam entre verde, branco e vermelho).	Blusa, calça e faixa (nas cores do caboclo, que variam entre verde, branco e vermelho).
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Farda de algodãozinho.	Vestido de chitas.	Batas tradicionais
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	A cada ano da festa, as roupas mudam de acordo com a ordem do caboclo.		
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	As blusas específicas da festa em cada ano.	As blusas específicas da festa em cada ano e saia sem armação	As blusas específicas da festa em cada ano e calça
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Cor Predominante branco e vermelho. Mulheres - saia e blusa. Homens - calça e blusa	Cor Predominante branco e vermelho. Saia e blusa	Cor Predominante branco e vermelho. Calça e blusa
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Roupas na cor roxa com preto - Mulheres: saia e blusa; Homens: calça e blusa.	Roupas na cor roxa com preto - Mulheres: saia e blusa	Roupas na cor roxa com preto - Homens: calça e blusa
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Mulheres - saia e bata ; Homens - calça e bata	Mulheres - saia e bata ; Baianas - usando o estampado	Homens - calça e bata
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Roupas vermelho e preto. Mulheres - saia, blusa e pano da costa; Homens - calção e bata.	Roupas vermelho e preto. Mulheres - saia, blusa e pano da costa	Roupas vermelho e preto Homens - calção e bata
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Cores - Branco ou branco e vermelho. Mulheres - Baiana; Homens - Calça e blusa		

	e Mãe Maria Conga			
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Farda na cor verde; Mulheres - saia e blusa; Homens - calça e blusa.		
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Todos de branco. Mulheres - Saia e blusa. Homens - Calça e blusa.		
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Mulheres - baianas. Homens - Calção e Bata.		
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Se vestem à critério, de acordo com os adultos.	Calçola, Saiote, Bata e pano de cabeça brancos, pano de proteção conforme linhagem (se for de Oxóssi, pano verde, se for de lemanjá, pano azul, etc...)	Calça, bata e pano de cabeça. Branco.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Farda branca ou cores de acordo com os adultos	Saia estampada e blusa vermelha	Calça vermelha e blusa estampada
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Vestem de acordo com os adultos.	Saias rodadas, blusas de babados e lenços.	Calça social e camisas de botão.
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	De acordo com os adultos	Saia, Blusa, Ojá, Iró. As cores são voltadas para mata.	Calça, blusa e faixa, cores voltadas para mata.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Rosa e Branco	Saia Vermelha e blusa Amarela	Calçola Vermelha, blusa amarela Cetim
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	De acordo com os adultos	Blusa customizada, saia e anágua, pano de cabeça	Blusa customizada, calça e pano de cabeça
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	De acordo com os adultos	Saias com bordado de Restilier e gripi, vermelha, amarela e verde.	Calças de Restiliês, blusa e gorro, vermelha, amarela e verde.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha lemanjá	Roupas brancas	vestido azul com branco	calça branca e blusa azul
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Não tem uma indumentária específica, como é pela manhã é bem livre. Roupas leves.	Todos os anos é uma roupa diferente, esse ano vão vestir dourado.	Cores alegres é dourado.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	A casa não impõe vestes para as crianças.	Calçola branca por baixo da saia, saia branca, blusa branca, Ojá.	Blusa branca, calça de cor clara.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Todos os anos ele que vem e diz quais indumentárias que os filhos dele vão usar.	Todos os anos ele que vem e diz quais indumentárias que os filho dele vão usar.	Todos os anos ele que vem e diz quais indumentárias que os filho dele vão usar.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Meninos Verde, vermelho calça de cetim e blusa. Meninas	Saia Vermelha de cetim, blusa verde, pano de cabeça branco ou boina	Boina Branca, calça verde, blusa vermelha.

		saia, bota, calça de cetim vermelho, saia rodada ou reta.	branca e facha branca	
Bonsuceso	Terreiro Girassol	As crianças vem bem a vontade pois a festa e para elas então são os convidados principais da ocasião.	as filhas da casa junto da Mãe Baxinha usam vestes apropriadas para a festa das crianças	Esses por sua vez ficam mais na organização e também participam como filhos da casa na festividade,
Bonsuceso	CEU Caboclo Pena Verde	Ficam a vontade para vir como quiser e puder.	Vestes brancas saias e blusas a depender da ocasião e orientada a vir de acordo da festividade.	Vestes brancas como calça e blusa e a depender da festividade e orientado a viz com determinada veste.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Livre	Preto com vermelho, saias, renda, pano de cabeça, maquiadas, pulseira, brinco, renda.	Boina preta ou vermelha calça e blusa.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Livre	Roupa de Algodãozinho	Roupa de Algodãozinho
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Na casa Utiliza-se branco em todos os rituais litúrgicos.		
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Verde com preto, a farda estampada, verde com amarelo, mantendo sempre os padrões. Os médiuns iniciantes não convém serem paramentados como um pai de santo, com um monte de guias e um pano de cabeça enorme. Tudo deve ser feito por etapas. Quando chegar a hora de se consagrar pai de santo ou mãe de santo, não haverá mais o que colocar. Se o desenvolvedor coloca todos os paramentos desde o início, perde-se a tradição.	Iniciante uma guia Branca de oxalá, a guia da casa preta com verde, que todos tem, guia de preto velho que é cheia de continha que parecem uns caroço de feijão.	Iniciante uma guia Branca de oxalá, a guia da casa preta com verde, que todos tem, guia de preto velho que é cheia de continha que parecem uns caroço de feijão.

Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Livre	Todo ano Muda	
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	Como desejar	Farda completa branca	
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	De acordo com os adultos	Saia estampada, blusa de cor (vermelha, lilás ou preta).	Blusa estampada, calça de cor (vermelha, lilás ou preta).
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Livre	Farda estampada, verde e rosa.	Farda branca, faixa verde ou rosa.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Roupas Brancas	Saias, Batas, Faixa, Cabocla Brancos.	Blusas, Calças e Faixas brancas.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Não especificado.	Calçolas, Saias, Blusas e pano de cabeça.	Calça, bata e faixa.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Não informado		
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Camisas infantis personalizadas	Camisas personalizadas e saias rodadas	Camisas personalizadas e calças.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	Não informado	Baiana completa	Bata, calças e Faixas
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Farda de acordo com os adultos	Calçolão, saiote de grude, saia, bata e pano de cabeça nas cores da bandeira do seu Vira mundo ou estampadas com folhagens.	Calça, bata e espada nas cores da bandeira do seu Vira Mundo ou folhagens.

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.10. Indumentárias sacerdotes (as), outras autoridades e filhos (as) de santo ligados (as) à energia cultuada

**QUADRO 42** – Indumentárias sacerdotes (as), outras autoridades e filhos (as) de santo ligados (a) à energia cultuada

BAIRRO	TERREIRO	SACERDOTES(AS)/OUTRAS AUTORIDADES	FILHOS E FILHAS DE SANTO
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	A farda é a mesma das mulheres, se diferenciando apenas pela forma como as cores se distribuem na farda.	Não tem
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	A diferença de indumentárias dos sacerdotes são as guias específicas, as fardas são as mesmas.	Fardas em preto e branco
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	A cada ano da festa, as roupas mudam de acordo com a ordem do caboclo.	
Siqueira	CEU General de Brigada e	As blusas específicas da festa em cada ano e caso for homem, calça, caso for mulher, saia sem armação.	

	Príncipe Gerson		
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Cor Predominante branco e vermelho. Mulheres - saia e blusa. Homens - calça e blusa	
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Roupas na cor roxa com preto - Mulheres: saia e blusa; Homens: calça e blusa.	
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Mulheres - saia e bata ; Homens - calça e bata; Baianas - usando o estampado	
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Roupas vermelho e preto. Mulheres - saia, blusa e pano da costa; Homens - calçolão e bata.	
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Cores - Branco ou branco e vermelho. Mulheres - Baiana; Homens - Calça e blusa	
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Farda na cor verde; Mulheres - saia e blusa; Homens - calça e blusa.	
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Todos de branco. Mulheres - Saia e blusa. Homens - Calça e blusa.	
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Mulheres - baianas . Homens - Calçolão e Bata.	
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Calça social, Camisa de botão, pano de ombro e gorra. Branco com prata. Mulheres mesma coisa, só muda o pano de ombro.	Atualmente não, antigamente tinha a prática de vestir as crianças meninas de sereias e meninos de príncipe. Hoje não tem mais, mas é uma característica da umbanda tradicional.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Vestido da Maria Mulambo	Alguns mediuns homens preparados se vestem de vestido também para receber suas lebaras, quem não gosta faz o pano da costa.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Roupas de estilo indiano.	Caracterização cigana, medalhas e lenços. No geral, todos os filhos podem ir como quiserem nessa festa, é a única festa da casa onde pode-se usar cor, então todas se sentem livres para se vestir e se expressar como quiserem.
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	Se veste de acordo com os filhos	Todos usam as mesmas roupas, sem distinção para ninguém.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	A diferença e o pano de cabeça que pode ser vermelho ou amarelo. A entrevistada diz que não exige pano de cabeça, porque ela sente incomodo então não vai exigir dos filhos. A roupa também nas cores	Só a Combone.

		vermelho e amarelo.	
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	No início da gira usa padrão tal qual os filhos, mas quando ela chega muda para o vestido dela, todo ano é feito um novo. Corselê, saia, blusa e joias.	Os filhos que trabalham com exu também fazem as roupas específicas de seus exus que são trocadas na gira
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Três roupas são preparadas para homenagear os santos da casa, roupa branca para homenagear Oxalá, uma vermelha e uma amarela com verde. Sempre de restilier ou gripi, bordadas.	todos de acordo com os outros filhos, normal.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Batas azuis, guias 7 linhas, vestido azul	vestido azul com fitas brancas na borda
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Quando decidimos por ter farda era pra trazer igualdade é irmandade. Então procuramos não nos diferenciar em relação a indumentária.	
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Cocar de penas brancas blusa branca ou verde, calça cor clara, Ojá e Brajá.	Como a casa é nova não há filhos da casa a indumentária permanece a mesma blusa branca, calca de cor clara.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Todos os anos ele que vem e diz quais indumentárias que os filho dele vão usar.	
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Calça verde, Blusa branca de cetim.	Cambone e Mãe pequena Iró e branco.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Mãe Baixinha usa suas roupas da menina carrapeta.	Seu filho Anderson não por ser só ligado diretamente a entidades cultuadas na festividade mais também por ser o filho mais velho da casa.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	tem que esta com sua guia do caboco pena verde e sua veste para a dona maria mulambo	Roupas tradicionais para se está dentro de um templo sagrado no caso da umbanda são vestes brancas para filhos de santo.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Indumentárias que tragam elementos de feminilidade.	Indumentária que traga elementos de feminilidade. Preta ou vermelha
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Verde, branco, amarelo e vermelho. Cocar, pano de cabeça da cor que o santo determinar.	Roupas sintéticas que são compradas nas casas de umbanda.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	As roupas e capas preto e vermelho.	Na casa Utiliza-se branco em todos os rituais litúrgicos.
Granja Lisboa	CEU Príncipe	Todos usam pano de	Todos usam pano de cabeça, faixa.

	Gerson	cabeça, faixa.	
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Todo ano muda	
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	farda completa branca	
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	O pai de santo se veste de acordo com os filhos, até a chegada da Maria Padilha, que tem seus vestidos específicos.	as mesmas vestes dos outros filhos.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Farda normal estampada com os itendas da Tapuia: Bota vermelha da Tapuia, paiote, fitinhas, bolsa e óculos.	só se tivesse cruzo, de acordo com o pedido das crianças.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Batas sem babado, batas com pregas, faixas com pontos bordados dos caoclos do médium.	Todos os filhos.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Roupas coloridas e autênticas, sandálias.	Guias e Indumentárias, além de fardamento da festa.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Roupas características do guia	Não informado
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Mãe Eliane veste as indumentárias de seu Mestre Nego Chico.	Roupas personalizadas.
Granja Lisboa	CEU Zé Pulintra das Almas.	Não informado	
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Todos vestem as mesmas fardas.	

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do Quadro 41 evidenciam uma codificação visual do sagrado. A indumentária no terreiro não é "fantasia" ou apenas estética; é um sistema de linguagem que comunica hierarquia, gênero e estado ritual. Articulamos quatro vetores para a análise.

O vetor da Codificação de Gênero e do Papel Ritual nos permite perceber e destaca como o corpo é preparado para receber o sagrado, diferenciando a "farda" de homens e mulheres. Os dados revelam a predominância do branco como base de pureza, mas com variações que demarcam a identidade da casa. Para as mulheres, destacam-se as saias rodadas, rendas e turbantes (ojás), que remetem à fertilidade e ao acolhimento. Para os homens, calças e camisas brancas (estilo calça de "pau" ou algodão), focadas na mobilidade e proteção.

Há também um vetor da Infância e Sucessão, evidenciando as Indumentárias das Crianças, um dado raramente detalhado em pesquisas institucionais. Os dados indicam que a indumentária das crianças, muitas vezes réplicas em miniatura dos adultos ou roupas específicas como as de "Erê", sinalizam a preparação da sucessão. Vestir a criança com os elementos do Ecossistema Ancestral é um rito de pertencimento que fortalece a identidade cultural desde cedo.

Há também um vetor da Estética de Resistência e de Identidade Específica. Nesse sentido, algumas casas fogem do "branco total" para marcar sua raiz (Jurema, Caboclo ou Preto Velho). Assim, o uso de elementos como o xadrez, o estampado, o couro ou a palha identifica imediatamente a linhagem.

Por fim, um vetor da Economia de Cuidado, com destaque para a Confecção, dialogando diretamente com a Economia de Terreiro. Nesse sentido, o detalhamento das roupas (rendas, bordados, caimento) pressupõe o trabalho especializado das costureiras de terreiro. A indumentária é o suporte físico da rede de economia da proximidade, criativa e de Terreiro do bairro.

A análise das indumentárias revela que o corpo é o primeiro território do sagrado. A distinção entre as indumentárias de crianças, homens e mulheres compõe um código visual intergeracional. Destaca-se a função pedagógica das roupas infantis, que inserem as crianças na estética da resistência. Além disso, a complexidade das vestes de mulheres e homens evidencia a demanda por saberes artesanais locais, consolidando a indumentária como um bem que une o patrimônio imaterial (o saber fazer) ao patrimônio material (o objeto têxtil). Ademais, a preservação desses padrões é essencial para evitar o "embranquecimento" ou a padronização artificial das religiões de matriz africana.

Os dados do Quadro 42 nos permitem destacar como a **ESTÉTICA DOS TERREIROS** também revela **sociologias e geografias do poder e da hierarquia espiritual** no Ecossistema Ancestral dos Povos e Comunidades de Terreiro na Regional V. Ao diferenciar as vestes de sacerdotes, autoridades e filhos de santo, o quadro demonstra como a indumentária opera como um **crachá sagrado** que estrutura e organiza o rito.

Destaca-se, portanto, logo de início um vetor da Hierarquia e Autoridade Sacerdotal, com os dados indicando como a roupa do sacerdote (Pai ou Mãe de Santo) é o ponto de maior complexidade e carga litúrgica e simbólica, servindo para distinguir quem detém o comando do axé. Nesse sentido, as vestes das lideranças

costumam incluir elementos de maior distinção, como rendas mais finas, tecidos diferenciados e, principalmente, **insígnias de cargo** (como o uso de colares específicos, coroas ou o *ojá* amarrado de forma distinta).

Há também um vetor da Identidade com a Energia Cultuada, evidenciando o que podemos nomear como o Corpo-Espelho. Este vetor mostra como a indumentária do sacerdote e dos filhos de santo se transforma para "espelhar" a divindade celebrada no dia. Assim, a roupa não é estática; ela muda conforme a "energia" (Orixá, Mestre ou Caboclo). Isso cria uma **unidade estética** entre o humano e o divino. Se a festa é de Iemanjá, o azul e o branco predominam em todos; se é de Caboclo, surgem o couro e as cores da terra.

O vetor das Autoridades Auxiliares (como Ogãs, Cambones e Ekedis) destaca indumentárias específicas para quem exerce funções de apoio (musical, recepção, auxílio aos médiuns). Estas autoridades (como os Ogãs que tocam os tambores) costumam usar roupas que privilegiam a mobilidade, mas que mantêm o rigor ritual (farda branca impecável), reforçando a existência de uma Divisão do Trabalho Sagrado.

Por fim, há um vetor da Coesão do Corpo Mediúnico (Filhos de Santo), onde a "unidade" das roupas dos filhos de santo demonstra a disciplina e o pertencimento ao grupo. Desse modo, o uso do fardamento comum para os filhos de santo (o "branco de chão") nivela os iniciados e foca na energia coletiva, evidenciando uma fraternidade ritual e vinculando atos de preservação de patrimônios têxteis, considerando diferentes linhagens religiosas.

Entendemos que as indumentárias revelam, portanto, uma Estética Ancestral e o que podemos nomear como uma Semiótica do Vestir Sagrado. A análise das indumentárias sacerdotais e das autoridades revela uma sofisticada linguagem de autoridade. A roupa atua como um dispositivo de comunicação: enquanto o sacerdote encarna a plenitude da energia cultuada através de paramentos complexos, os filhos de santo e autoridades auxiliares compõem a base visual e operacional do rito. Esta distinção é essencial para a salvaguarda da tradição, pois a forma de vestir comunica a hierarquia, a linhagem sucessória e a disciplina ritual que sustenta o terreiro como instituição cultural.

#### 4.11. Componentes cênicos

**QUADRO 43** - Componentes cênicos

<b>BAIRROS</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>PRINCIPAIS COMPONENTES CÊNICOS</b>
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	O local da oferenda, com folhas de mangueira para fazer a mesa, três balaio para as entidades: Vira Mundo, Rompe Mata e Cabocla Braba. Bolo de feijão de corda. Bolo confeitado, lembrancinhas e tambor.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Flores, tecidos e rosários.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	O terreiro é enfeitado com folhas naturais, rosas e banderolas
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	A bebida específica do Maximiliano que é feita com 7 bebidas com frutas dentro, o seu cachimbo e o Chapéu dele.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Pipocas, oferendas dele, cruzeiro e a cidade de jurema do Seu Zé
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	A bebida dele - cerveja
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Os caboclos boiadeiros, chapéu de couro, jaquetas de couro, laços coloridos. A bebida - jurema e aluá
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Cerveja e champanhe
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	As entidades
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Tudo verde, parades, folhas, roupas, decoração...
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Bandeiras brancas e vermelhas no teto do terreiro e as cartas de baralho na parede.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Não há. Sempre muda de acordo com o ano.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Rosas brancas para enfeitar e fitas brancas, a decoração é sempre branca ou prateada. Azul é mais raro.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Rosas, bolo da festa, cortinas e bandeirolas
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Tendas com tecidos, tapete, oferendas, flores e frutas.
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	Folhas no chão
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Cachimbo, conhaque.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Luz vermelha, parede pintada de vinho só para a festa, as ofertas, papeis vermelhos de enfeite, panos vermelhos, tira os anjos de guarda de dentro do terreiro, assim como as imagens de santo, caboclos e fica só os exus, cortinas muda, tudo no terreiro muda para focar na Maria Padilha e na parte da quimbanda. Após a festa volta tudo.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	o terreiro é lavado com amaci, ervas. prepara a Santa Bárbara (tem uma santa de dois metros na casa), prepara as folhas e velas para novena e na festa tem que ter a fogueira em homenagem à santa Bárbara e São João, e o tambor.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	A incorporação dos mediuns com suas entidades
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Bebida Jurema feita em casa.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Tambor, cocar branco, maraca,

Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	O cachimbo, as velas e frutas.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Estrela, o lombo da casa, cavalos marinhos.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	As imagens da índia tapuia e da Menina Carrapeta e sua oferendas que os filios e filhas e simpatizantes trazem para festividade.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Eles entram num recolhimento espiritual pra que aconteça o festejo.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Champanhe, taças, piteira, maquiagem, salto alto, cabelo, brincos, pulseiras.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Guia de dente de animal, espinhaço de peixe, dente de animal.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Fogueira que representa o renascimento.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	O cachimbo, chapéu, os pés no chão a simplicidade é um componente que aproxima a entidade.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	O toco de madeira, cachimbo, café, vinho e cachaça.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	manifestação da mãe de santo com os guias
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Tecidos, rosas e bolos na mesa.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	fitinhas, brinquedos, bolos.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Roupas, Indumentarias, Coroa, Mantos, Rosas e Amacis.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Vultos dos guias Sr Zépintra e Sr Nego Gerson
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Penacho, arcos e flechas.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Vultos dos guias da casa.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	Fardas bordadas
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Bandeiras, folhagens, palha, flores, luz verde

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do Quadro 43 permitem perceber como os componentes cênicos são elementos que transformam o terreiro em um "espaço-tempo" sagrado. Eles compõem a cenografia do Axé, que não é meramente decorativa, mas operativa: ela comunica aos sentidos (visão, olfato e tato) que a ancestralidade está presente.

Inicialmente, cabe destacar um vetor da Territorialização/Ocupação do Espaço, destacando como o terreiro organiza o ambiente para a recepção da divindade ou do encantado, utilizando a rua e o barracão como palcos da memória. Aqui o uso de bandeiras, bandeirolas e lençóis, por exemplo, criam uma delimitação visual que "separa" o sagrado do profano. Enquanto isso, a interdição de vias e a colocação de mesas na rua expandem o terreiro para a cidade.

O vetor da Natureza e Sustentação Vital, agregando elementos Botânicos e Minerais, conforma a presença de elementos naturais (folhas, flores, água), garantindo a "frescura" (ero) necessária para a circulação da energia vital. A Jurema Sagrada e a Umbanda na Regional V fazem uso intenso de folhas e ervas, que servem tanto para a ornamentação quanto para a limpeza espiritual dos presentes.

O vetor da Simbologia de Poder e Realeza, onde se destacam troncos, cadeiras especiais e altares, evidencia a articulação entre a estruturação e organização cênica e a hierarquia espiritual, posicionando as entidades em locais de prestígio e autoridade, comunicando o respeito à autoridade dos Mestres e Orixás. O componente cênico aqui atua como uma ferramenta pedagógica de respeito à hierarquia.

O vetor da Memória e Resistência Cultural se articula às composições associadas a uma cenografia vernacular, que ao invés de utilizar elementos industrializados ou técnicas de design eruditas, se baseia nos materiais, saberes e modos de fazer próprios de uma comunidade ou região. Desse modo, muitos componentes cênicos são construídos com materiais simples ou que remetem à história de vida dos antepassados (palha, taipa, barro). E, nesse sentido, a manutenção de elementos como o fogão a lenha ou a lamparina dentro do cenário festivo é um ato de afirmação do patrimônio cultural material e imaterial. Eles não são apenas objetos, são "testemunhas" de um modo de vida quilombola, indígena e rural que resiste em Fortaleza.

Os componentes cênicos mapeados revelam uma estética de resistência. A montagem dos cenários festivos — que envolve desde a decoração com bandeiras até a construção simbólica de ambientes rurais (taipa e fogão a lenha) — constitui uma linguagem visual que reafirma a identidade territorial e cultural desses povos. Sob a ótica da salvaguarda, esta 'cenografia do sagrado' deve ser compreendida como parte integrante do patrimônio cultural material/imaterial, pois é através desses elementos sensoriais que o Axé é visualizado e experienciado pela comunidade, pelo território, pela cidade e pelas futuras gerações.

#### **4.12. Principais códigos comunitários de participação**

**QUADRO 44** - Principais códigos comunitários de participação (quizilas, tabus, preceitos, dentre outros)

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>PRINCIPAIS CÓDIGOS COMUNITÁRIOS</b>
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Na matança, o que for ofertado (frango ou bode), os filhos não podem comer. As frutas são doadas para quem vier.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	01 oferenda ao Exu, 02 Ensino dos Preto velhos, 03 Recolhimento dos filhos e filhas.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Proibido chegar em efeitos de entorpecentes
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Os 3 dias antes de acontecer a festa com o preceito.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Todos se resguardam após a deitada no final de outubro, cumprindo o preceito
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Preceito comum, do corpo
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Tem os preceitos da festa normal - proibição mundana
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	O que a entidade se alimenta, o filho não pode comer.
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Preceito normal
Siqueira	Centro Espiritual Ogum lara	O pai de santo passa um mês de obrigação sem beber
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Antes da festa, 7 dias de preceito habitual das giras e sem passar muito nas encruzilhadas.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Proibido bebidas. Os outros tabus é da religião em si.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	No dia não pode beber, não aceita homens de bermudas ou mulheres com roupas "indecorosas" (decoladas). No dia da festa do dono da casa o fardamento das mulheres é muito bem vestido, diferente de festa de Exu, por exemplo, que as mulheres vão com tomara que caia.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	São 14 dias de preceito, 8 dias antes da festa, pra quem faz a matança fica de preceito depois também. Na festa, os mediuns de preceito não podem beber ou comer o que foi ofertado. Preceito também de atividades carnavais (sexo). Quando a entidade está mais "agitada", é pedido pela entidade que o pai de santo cumpra um recolhimento deitando de esteira no terreiro durante todo esse período, sem poder sair.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Sete dias de preceito sem bebida, carne vermelha e sexo.
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	O pai de santo e todos os filhos ficam de preceito 7 dias antes, sem álcool, carne vermelha e sexo.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	A entrevistada não trabalha com Maria Mulambo, Maria Navalha, Paulina, malandro. A mãe da casa as considera quiumbas. Eles não são muito chegados na corrente.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Sete dias antes e três dias depois de preceito de carne vermelha, atividades carnavais e álcool
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Os preceitos são de nove dias antes, se resguardando da coisa da terra, resguarda o corpo, a mente... Toma os banhos de amaci, tem a gira de exu antes para limpar e trazer proteção na festa.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Mãe Vilani entra de obrigação dias antes, se recolhendo em seu terreiro, dorme na esteira. Na véspera da festa faz a obrigação de Exu.

Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Quando da 5 horas da manhã fazemos o arreamento no tombo do boiadeiro.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	A preparação da porteira, fazemos um pedido a seu tranca rua, como uma moeda de troca, fazemos as oferendas e os despachos no cafóa, o exu e o que primeiro come.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	As quiumba que come os resto dos exu então faço uns bolinho de agua e goma com os olhinhos dele e coloco com cachaça e farinha e deixo na rua.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Nos temos nossos segredos nas portas, não posso falar.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Ates que a festa aconteça a casa fica de obrigação pós a matança e é posto um processo de preceito para casa ate o dia da festividade que dura no entorno de uma semana.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Recolhimento pois a obrigação de Exu.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Na casa há muita matança de cabra, bodes mas aqui na minha casa a gente não dá matança pra ninguém matar. Porque matança é uma coisa muito séria, então só quem faz minhas matanças e o seu tranca rua e a minha pomba gira. Quando a minha pomba gira está alimentando os ferro dela já tem 7 padê juntos de água, cachaça, de mel, dendê e por aí vai então pega um pouquinho daquela menga ali ela já faz uma trouxinha com folha de bananeira ou folha de carrapateira e essa trouxinha é despachada nas encruzilhada l.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Quando Dom Sebastião vem em mulher, quando sobe , Tapimbaré começa a celebração.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	o principal código da casa é começar cedo para terminar cedo, por conta da logística dos filhos de santo da casa, a logística tem que ser favorável para todos.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Não pode ir pessoas alcoolizadas, de roupa curta, bermuda, roupas decotadas, não pode portar armas de fogo.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	O Ocultismo a ciência e a mironga.
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	Recolhimento e obrigações de 7 linhas
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Os preceitos são feitos de acordo com a matança, o que for oferecido não pode ser comido pelos filhos e participantes.
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Preceito mediúnico de "coisas que sujam a matéria".
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	8 dias antes obrigação de Exu e os filhos entram em obrigação.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Preceito e Recolhimentos
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Obrigação para Exu e Recolhimento para a festa.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	15 dias de preceitos, obrigações e recolhimento dos filhos.
Granja Lisboa	CEU Zé Pulintra das Almas.	Obrigações e preceitos 7 dias antes do festejo.
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	É feito preceito de 7 dias anterior a festa e na festa não há bebida alcoólica, os caboclos bebem aluá

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do Quadro 44 permitem perceber como os **códigos comunitários** (quizilas, tabus e preceitos) funcionam como uma regulação Ética e Espiritual do terreiro. Desse modo, eles não são meras proibições, mas tecnologias sociais e políticas de **gestão das relações e dos comportamentos** que garantem a segurança do axé e a harmonia do grupo.

Aqui se destaca, inicialmente, o vetor da Disciplina Bioética e Corpórea, associado ao Corpo como Templo. Este vetor permite destacar as restrições aplicadas ao corpo físico para que ele se torne um receptáculo adequado para o sagrado. O preceito (abstinência sexual ou restrição alimentar como "não comer carne vermelha") e o uso do branco são ferramentas de purificação. O corpo do iniciado deixa de ser individual e passa a ser coletivo, submetido a uma disciplina que o diferencia do cotidiano profano.

O vetor da Ética Comunitária e do Respeito à Hierarquia, evidenciando como os códigos garantem que a convivência interna seja mediada pelo respeito aos mais velhos e aos fundamentos da casa. Assim, o terreiro se constitui como uma escola de cidadania, onde o "respeito mútuo" e o "respeito à autoridade", mencionados no quadro, são fundamentais para evitar conflitos internos e garantir que o saber ancestral seja transmitido com disciplina/ordem.

O vetor da Salvaguarda da Sacralidade Espacial, com Zonas de Interdição, evidencia a delimitação do que pode ou não ser feito dentro do perímetro sagrado do terreiro. Envolvendo proibições como "não entrar calçado" ou "não fumar no barracão", que servem para proteger a memória do lugar. Evidenciando como o chão do terreiro é considerado solo sagrado (muitas vezes com "fundamentos" enterrados), e o cumprimento dessas regras é o que mantém a eficácia simbólica do espaço.

O vetor da Quizila (aversão sagrada) como Identidade e Proteção diferencia uma linhagem de outra. Desse modo, saber o que "fere" a energia da casa é um conhecimento técnico profundo. O cumprimento da quizila é um ato de resistência cultural, pois preserva a especificidade de cada nação (Mina, Jurema, Candomblé) diante da padronização religiosa externa.

Desse modo, os códigos comunitários constituem uma Gramática Social do Afeto e da Disciplina. Diferente de leis punitivas, as quizilas e preceitos são pactos de cuidado: o iniciado cuida de si e do espaço para cuidar do coletivo. Assim, esses códigos representam/expressam e reproduzem sistemas de valores que sustentam a

continuidade dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro. Compreender que 'não usar sapatos' ou 'vestir branco' são atos de profunda reverência histórica é essencial para que o poder público reconheça esses espaços como territórios de alta densidade ética e pedagógica, e não apenas como locais de culto. Cabendo entender, também que o cumprimento desses códigos é o que permite ao terreiro ser um ambiente seguro para o compartilhamento ou a transmissão de saberes intergeracionais.

#### 4.13. Marcos edificadas no templo

**QUADRO 45** - Marcos edificadas no templo diretamente relacionados e constituintes da principal festividade/celebração

BAIRRO	TERREIRO	POSSUI	MARCOS EDIFICADOS
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	SIM	O terreiro em si, que é a casa do Seu Vira Mundo. O quarto do Caboclo Vira Mundo, onde tem o assentamento.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	SIM	Cruzeiro das Almas
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	SIM	Estrela central do tombo do terreiro
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	SIM	A fonte
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	SIM	Cruzeiro e a cidade da jurema
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	SIM	O tombo do terreiro
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Ase Olodé	NÃO	
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	SIM	Assentamento
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	SIM	Cruzeiro do Seu Zé
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	SIM	Cumieira
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	SIM	Cruzeiro
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	SIM	Quarto de Yemanjá e o quarto da Oxum e Yansã
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	SIM	Pedreira, assentamento, cruzeiro, cumieira.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	SIM	quarto da Maria Mulambo, quarto do Exu e assentamento.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	NÃO	
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	SIM	Tombo do terreiro e assentamento no quatinho dele.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	NÃO	Os Quatro cantos de exu, os assentamentos são todos aterrados.

Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	SIM	tem assentamento, tombo, casa de exu só dela.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	SIM	Mourão com o tombo no meio do terreiro, onde tem a firmeza e a morada dela, debaixo do chão, vindo terras de muitos locais, com pedras e búzios.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	SIM	Assentamentos e grafite de Yemanjá e Dom Jeronimo
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	SIM	O assentamento do boiadeiro é natural ele é assentado em um tronco de árvore de angolae com argila e as coisas de assentamento dele.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	SIM	Cafóa dos exus, Ibaori dos desevolventes.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	SIM	Casa dos exu e a casa dos astros.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	SIM	Assentamento, templo de Exú, assentamento para a linha dos malandros.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	SIM	A menina Carrapeta e a Índia Tapuia.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	SIM	A casa do Exu
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	SIM	A escultura das sereias Guardians, fonte de búzios.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	NÃO	S/R
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	SIM	O cruzeiro e o Gongá.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	SIM	assentamento do Pai da Casa.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	SIM	Assentamento da preta Mandinga.
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	SIM	no gongá tem o lugar resguardado aos pretos velhos
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	SIM	Quarto de Exu
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	SIM	Casinha da Tapuia (quarto), assentamento.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	SIM	Cruzeiro das Almas, gongá, Vultos de Sr Nego Gerson, Zé Pelintra, Cabocla Herondina, Cabocla Mariana e Cabocla Jurema
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	NÃO	
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	SIM	Gongá e Assentamento da entidade.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	SIM	Casa do Exu e o Cruzeiro das Almas
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	SIM	Cruzeiro das Almas
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	SIM	Gongá

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 45 traz dados que também tratam da **materialidade do sagrado**, considerando que os **marcos edificados** são os suportes físicos onde o axé é "plantado" e conservado. Eles transformam a arquitetura do terreiro em um mapa de memórias e poderes. Analisamos esses dados através de quatro vetores

O vetor dos Assentamentos e Fundamentos remete ao Sagrado Invisível, trazendo indícios relacionados a dimensões profundas e complexas, onde a edificação não é apenas construção civil, mas um recipiente de axé, cabendo entender que há pontos onde a energia da casa foi "fixada" (geralmente no chão ou em troncos), revelando os alicerces espirituais que sustentam a autoridade do Terreiro.

O vetor dos Altares compõe uma Geografia da Devoção, com o altar sendo um marco edificado que serve como ponto de comunicação direta com o divino, organizando o fluxo de pessoas durante a festa. São marcos visuais que orientam o rito, sendo muitas vezes decorados com elementos que remetem à natureza ou cores da entidade celebrada.

O vetor dos Marcos Vegetais e Externos, é expressivo do Terreiro como Ecossistema, considerando que muitas vezes o "marco edificado" não é de tijolo, mas uma árvore ou um local específico no quintal que foi sacralizado. Assim, a presença de troncos sagrados, fogueiras e árvores de fundamento (como o pé de jurema ou de aroeira) integra a arquitetura ao meio ambiente. Isso reforça a ideia do terreiro como um "pulmão verde" e guardião da biodiversidade nos bairros periféricos.

Por fim, o vetor da Arquitetura Vernacular e de Memória, que envolve as estruturas que preservam modos de vida antigos e dão suporte à cenografia que analisamos anteriormente. A casa de taipa e o fogão de lenha aparecem aqui não apenas como objetos cênicos, mas como edificações de resistência. Eles ancoram o terreiro em uma temporalidade que resiste à modernização urbana hegemônica de Fortaleza.

Sob a ótica da salvaguarda, proteger o terreiro significa proteger esses marcos, pois a remoção de um assentamento ou a destruição de uma casa de taipa equivale ao apagamento de um capítulo da história ancestral de Fortaleza. O terreiro é, em sua essência, um monumento vivo que preserva tecnologias construtivas e rituais que o Estado deve reconhecer e salvaguardar.

#### 4.14. Pontos ou cantigas

**QUADRO 46** - Pontos ou cantigas diretamente relacionadas à principal festividade/celebração

BAIRRO	TERREIRO	PRINCIPAIS PONTOS OU CANTIGAS DE ORIXÁS
--------	----------	---

Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Santo Antônio rezou missa, São Pedro benzei altar, dá licença Santo Antônio, Vira Mundo trabalhar. Ele vai girar, ele vai girar, ele gira na terra, gira no astro, em qualquer lugar. Ele gira, gira, gira, a noite inteira no rojão. É o Caboclo Vira Mundo, não deixa cair no chão.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	O preto velho vem da mata escura, é preto velho mas é de Codó, é preto velho mas é mandingueiro, ajuda cavalheiro que não pode baiar só. É o preto de Codó, pra que mandaram lhe chamar, é preto velho ê ê, é preto velho êa, arrea a força para o médium trabalhar.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Na eira rufou o tambor para saudar todo povo de aruanda, salve, salve o rei de nagô, o nego chico trabalhando na umbanda.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Bate que a porte se abre, chama que ele vai te atender, maximiliano na jurema e lá no mar vai ajudar filho a vencer.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Zé que grande jornada Zé, foi longa a caminhada achei que não ia chegar. Graças a Deus estou aqui, hoje estou sorrindo pra quem duvidou de mim.
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Desilinha, desilinha, Gerson vai desilinhar. Ô desilinha aqui na terra, desilinha lá no mar. Bate bate na macumba, bate bate macumbeiro. É agora que eu quero ver se Nego Gerson tem poder.
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Deus o salve casa santa, Deus o salve a aldeia real. Deus o salve o caboclo boiadeiro, caboclo Zé Mineiro é boiadeiro do sertão
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Joga pombo gira joga, rosas vermelhas na encruzilhada. Sendo ela a rainha da casa, a dona da casa chegou.
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Ele não gosta de cantar pontos, então se recusou.
Siqueira	Centro Espiritual Ogum lara	Chegou, chegou para trabalhar. Sato antonio me dê uma corda para esse boi eu dominar.
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Zé que grande jornada zé, foi longa a caminhada, achei que não ia chegar. Graças a Deus hoje estou aqui, hoje estou sorrindo pra quem duvidou de mim.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Em Yorubá; Kinigê, Kinigê, Lodô, Yemanjá ô
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	"Sendo ele um grande rei, sendo ele um grande Orixá, no palácio aonde mora, ele apanha areia do mar... Sendo ele um grande rei, sendo ele um grande Orixá, chegou em seu reinado, sendo ele José de Ribamar." (esse é um ponto de muita força e energia da casa, se for cantado pelo guia, com ele em terra, é a hora em que todos os filhos viram de caboclo na hora).
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Mulher dos cabelos cor de ouro, da sandália preta....
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Cigana, teu perfume me encantou Cigana, vai me dar muito amor Ela é bonita Ela é formosa Cigana Sara Tem o perfume de uma rosa
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	A espada de Ogum brilhou. Na lua, o céu clareou. A espada de Ogum brilhou. Na lua, o céu clareou. Saravá nego Gerson feiticeiro meu pai, que na linha do mar chegou. Saravá nego Gerson feiticeiro meu pai, que na linha do mar chegou. Ele vem do mar, ele viu a sereia

		cantar. Ele vem do mar, ele viu a sereia cantar. Ô mãe Maria, vem ver seu nego Gerson baiar. Ô mãe Maria, vem ver seu nego Gerson baiar. Vamos, Saravá, Saravá, vamos, Saravá. A coroa de Ogum Gerson veio foi levantar.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	A espada de ogum brilhou, E a lua Lá no Céu clareou,(2x) Saravá príncipe Gerson feiticeiro, Meu pai que na linha do mar chegou.(2x)
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Tu clamas, fica até de joelho na encruzilhada, dás a rosa vermelha pra essa malvada. Se tu confia, ela vai te ajudar. Aiô, malvada! Aiô, malvada! Estou clamando Maria Padilha, bruxa da estrada.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Santa Bárbara virgem, que belas coroas! Santa Bárbara, Virgem, que belas coroas! Pelo amor de Deus, Santa Bárbara, não me deixa à toa. Pelo amor de Deus, Santa Bárbara, não me deixa à toa. Santa Bárbara, Virgem, que belas coroas! Santa Bárbara, Virgem, que belas coroas! Pelo amor de Deus, Santa Bárbara, não me deixa à toa. Pelo amor de Deus, Santa Bárbara, não me deixa à toa. Eu vi Santa Bárbara no céu. Eu vi São Jerônimo no mar. Eu vi Santa Bárbara no céu e eu vi São Jerônimo no mar. É de Bárbara, é. É de Bárbara, É de Bárbara, é. É de Bárbara.
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Oh, que barco tão lindo, que venho saldar as ondas do mar. Ele traz as vibrações da nossa mãe Iemanjá.
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Sou Boiadeiro do pé da serra, minha boiada vem lá de mina (2x) Sou boiadeiro Raimundo Firmino levanto os filhos com rede mino.(2x) Vejo o meu ado todo espalhado sem ter a onde ele pastar(2x) Abre a porteira traz meu cavalo vou galopando trazer meu gado (2x)
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Um grito na mata ecoou foi seu pena branca que chegou (2x) Com sua Flecha com seu cocar Seu pena branca veio nos ajudar(2x)
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	A espada de Ogum brilhou A lua no céu clareou (2x) Saravá o Nego Gerson feiticeiro meu pai que na linha do mar chegou.(2x)
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Ogum meu Pai, Pra que mandaram me chamar(2x) Ai eu me chamo Ricardino de Oliveira, é ele vem é no balanço do mar (2x) Levanta os Filhos e no Balanço do mar. Desata os filhos e no balanço do mar.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Tava sentada na pedra roxa quando seu pai lhe chamou se alevanta carrapeta que essa pedra e de xangô
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Boa noite Moço Boa noite mina senhora boa noite povo e maria mulambo chegou gora .
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Mulher de seus 7 Exu, rainha das encruzilhada Pomba gira girou E os contrário.levou.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Rei Sebastião (2x) No balanço do Mar ê a (2x) Ele é Pai do Terreiro Nesta guma real ê a (2X)

		<p>Se a maré não fosse tão grande  E o remanso não fosse maior  Salve rei Sebastião meus irmão  Lá na praia do Lençol (2x)  Rei dos Índios( Hino do seu Tapidaré)  Arreia força pai  Areia as correntes (2x)  Arreia as corrente Salve o rei dos índios lá oriente (2X)</p>
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	<p>Pisei na pedra pedra balanceou  Mundo todo estava torto pai Antônio endireitou  Pai Antônio e rei de mina, pai Antônio e rei no mar  Pisa teu pé com firmeza que pai Antônio vai nos ajudar.</p>
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	<p>Ele já selou seu cavalo para não andar a pé (2x)  A sua Morada é num morro de areia Gerso alevanta e no  remanso da maré (2X)</p>
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	<p>E Lua de palmeira tem maraca (2x)  tem marafa pra beber tem cachimba pra fumar  tem macumba preparada e a mandinga vai levar.(2x)  Na mata do seu maranhão olha a preta mandinga chegou  no salão(2x)  auê maranhão, os inimigo e debaixo do chão (2X)</p>
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	<p>Meu abatá, meu abatazeiro, rufa tambor tambozeiro, que  eu te dou dinheiro</p>
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	<p>Rosa Vermelha, Rosa Amarela, Maria Padilha vai abrir  nossos caminhos. Mas ela é mulher de gira, mulher da rua,  se chama Maria Padilha.</p>
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	<p>Tapuia, linda Tapuia, Tapuia de Caidé, Tapuia, linda  Tapuia, vai vencer porque Deus quer.</p>
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	<p>Ponto de Saudação a Ogum Dilê. "Bandeira Branca é sinal  de uma vitória, no céu na terra e no mar. Vem de Aruanda  pra vencer, oh Deus nos salve seu Ogum Dilê!"</p>
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	<p>"Zé eu vim aqui, para pedir pro senhor me ajudar. O que é  que devo fazer, oh Seu Zé? Deixa a Macumba rolar!"</p>
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	<p>"É a Cabocla Jacira, Aêê a. Que mora lá na Marambaia,  Aêêa. Todo trabalho que ela faz, Só Deus no céu  desmanchará, Aêêa. É a Cabocla Jacira, Eê, é a Cabocla  Jacira Eá!"</p>
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	<p>"Ela é mulher que não nega seu natural, Na umubanda faz  o bem, na Quimbanda leva o mal!"</p>
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	<p>"É Zé Pilintra das Almas, E seu ponto afirmou, ele é Pai de  Terreiro, é Pai de Terreiro foi seu pai que mandou!"</p>
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	<p>Caboclo Vira Mundo, ele gira, ele gira. Ele acerta seu  ponteiro, ele faz a sua gira. O caboclo Vira Mundo, ele vai  gira e no terreiro de umbanda ele baixou pra trabalhar. Ele  gira, gira, gira a noite inteira no rojão, é o caboclo Vira  Mundo, não deixa cair no chão.</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do Quadro 46 permitem perceber como os pontos e cantigas são o patrimônio imaterial sonoro que conduz o rito, atuando como evocação espiritual e preservando a história oral dos terreiros. Na Regional V, essa musicalidade revela a profunda hibridização entre a matriz africana e a cultura cabocla, indígena, nordestina.

O primeiro vetor analítico remete à Invocação e Ativação Ritual, evidenciando a dinâmica do Som que Abre Caminhos. Nesse sentido, as cantigas não são apenas música; são "chaves" que ativam as forças espirituais e marcam o início e o fim de cada etapa da celebração. Não é à toa que o Quadro indica pontos de abertura (defumação, hinos) e pontos específicos para saudar as entidades regentes. Sem o canto, o rito não se estabelece como sagrado.

O vetor da Memória Oral e da Narrativa Ancestral se evidencia em muitos pontos que contam a história das entidades (suas origens, feitos e linhagens), funcionando como uma enciclopédia cantada da Regional V e na cidade de Fortaleza. Através das letras, a comunidade aprende sobre a "ciência" da Jurema, as batalhas dos Caboclos e a sabedoria dos Pretos Velhos. É uma forma muito eficaz de compartilhamento/transmissão de saberes para as gerações futuras.

O vetor da Hibridização e Identidade Regional evidencia o que podemos nomear como os Sotaques do Axé. A musicalidade reflete a mistura de Tambor de Mina, Terecô e Umbanda, por exemplo, adaptando ritos ancestrais ao vocabulário e ritmo nordestino. Nesse sentido, a presença de instrumentos como maraca e triângulo em conjunto com as letras que mencionam elementos da fauna e flora locais (o sertão, o mar, a mata) marca a identidade cearense/nordestina desses povos.

Por fim, o vetor da Eficácia Terapêutica e Emocional, expressa e evidencia como o canto produz um efeito coletivo de cura, acolhimento e êxtase, essencial para o bem-estar da comunidade. Não é à toa que muitos zeladores mencionam que o ponto "traz a paz" ou "ajuda na cura". A harmonia das vozes e o ritmo dos tambores criam um ambiente de segurança emocional para os frequentadores das Casas na Regional V.

As cantigas e pontos mapeados na Regional V constituem o corpo sonoro da tradição. Este patrimônio imaterial opera como uma tecnologia de memória: através da oralidade cantada, os terreiros preservam genealogias espirituais e valores éticos que resistem ao tempo. A diversidade rítmica e poética encontrada — que une a realeza dos Orixás à rusticidade encantada dos Mestres de Jurema — é a prova cabal da riqueza cultural e hibridismo presentes em Fortaleza. Salvar esses cantos é garantir que a voz dos ancestrais continue ecoando como ferramenta de educação, identidade e resistência nos bairros periféricos.

#### 4.15. Uma Estética e uma Semiótica do Terreiro

Este capítulo evidencia o que podemos nomear como uma **Estética do Terreiro** (ou Estética do Axé), que não deve ser confundida superficialmente com mera "decoração" ou "teatralidade". Ela é, em sua essência, uma **tecnologia de resistência** e uma **linguagem** civilizatória. Por meio das roupas, dos sons, dos cheiros e da organização do espaço, envolvendo, por exemplo, marcos edificadas e cenografia vernacular, o terreiro comunica sua visão de mundo e sua autoridade.

Assim, o Terreiro se constitui como um Polo Civilizatório e uma Estética de Resistência, mantendo viva a identidade negra e indígena, contrapondo-se e gerando alternativas às tentativas de apagamento colonial, neocolonial, capitalista e urbana. O terreiro reorganiza o espaço ao seu redor através de sua beleza e de seus ritos. Aqui Muniz Sodré é uma referência importante, argumentando que o terreiro é um "território de sentido" que resiste à lógica do concreto e da exclusão social:

O terreiro é, pois, uma forma social de resistência contra o aniquilamento de uma identidade histórica e cultural. [...] A sua estética, no entanto, não é gratuita nem 'decorativa'; ela é funcional, ou melhor, litúrgica, uma vez que está a serviço de um complexo sistema de transmissão de saberes." (SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 110).

As indumentárias e as cenografias compõem uma Semiótica do Sagrado, com a estética das vestes (sacerdotes, autoridades e filhos) e os componentes cênicos (tronos, taipa, ervas) funcionando como uma escrita visual. O corpo vestido para o axé é um corpo político que reivindica realeza e dignidade. Stefania Capone (2004) analisa como a estética e os ritos de possessão e vestimenta constroem a legitimidade e a tradição dentro das casas.

A visibilidade do sagrado passa obrigatoriamente pela manipulação de objetos e por uma encenação cujos códigos são conhecidos pelos iniciados. A indumentária ritual, longe de ser um mero adorno, é um marcador de identidade e de estatuto, que situa cada indivíduo numa rede complexa de relações hierárquicas e de parentesco espiritual. (CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 215).

A Sonoridade e a Performance evidenciam um Patrimônio Sensorial. Os pontos, as cantigas e os instrumentos (maracas, tambores) formam uma "estética

sonora", que não apenas alegra, mas conduz a "ciência" do terreiro, sendo um patrimônio imaterial que educa e cura. No contexto nordestino (Jurema e Mina), Luiz Assunção destaca como a estética da "brincadeira" e do "trabalho" musical fundamenta a experiência do sagrado.

As cantigas, os toques e as danças não são apenas complementos do ritual; eles constituem a própria eficácia do sagrado. É por meio desta estética performática que o Mestre ou o Caboclo se faz presente no mundo, estabelecendo uma ponte sensorial entre a memória dos antigos e a realidade presente dos devotos. (ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. p. 89).

Ao protegermos as roupas de renda, o som dos atabaques, o cheiro do fumo e as paredes de taipa, estamos protegendo a **infraestrutura cultural** que permite que esses povos existam e resistam em Fortaleza.

## 5. CALENDÁRIO LITÚRGICO E ROTAS E CICLOS CULTURAIS E TURÍSTICOS

Apresentam-se neste Capítulo calendários litúrgicos e proposições de rotas e ciclos culturais e turísticos, integrando todos os terreiros pesquisados.

No Capítulo 04, apresentamos e discutimos as principais festividades ou celebrações de cada Terreiro. Neste Capítulo 05 nosso foco é o calendário litúrgico de cada Terreiro e do conjunto, considerando o complexo de festas, celebrações e atividades indicadas por cada Casa durante todo o ano.

Os quadros apresentados neste Capítulo, que sistematizam dados da pesquisa, evidenciam a densidade, intensidade, complexidade e valor inestimável que compõe o patrimônio cultural salvaguardado por esses Terreiros, seus Zeladores e Comunidades.

Ao mesmo tempo, esses quadros permitem constituir/consolidar e implantar rotas e ciclos baseados nos meses do ano, nas regências, nas matrizes, falanges, encantados, divindades ou entidades, nos papéis sociais no território, a frequência das entidades e divindades nos nomes e principais festividades.

### 5.1. Três eixos principais das festividades ou celebrações

A organização do Ecosistema Ancestral de Terreiros do Grande Bom Jardim não se dá de forma linear, mas através de múltiplas camadas litúrgicas que se sobrepõem e se complementam. Uma mesma Casa opera em múltiplas frequências, sendo parte do calendário oficial e mantendo, ao mesmo tempo, o segredo e a força de sua linhagem específica.

Além disso, vivenciam-se relações e diálogos em um contexto conformado por múltiplas matrizes que se tornam forças motrizes na salvaguarda e no compartilhamento, evidenciando, inclusive, dinâmicas de hibridização, confluências, transfluências e maleabilidades.

Para compreender a densidade deste território, é necessário observar como o tempo é gerido por essas comunidades, manifestando-se no que analisamos como sendo **TRÊS EIXOS PRINCIPAIS DE CELEBRAÇÃO**.

- O Tempo Público e em Cruzo, com Calendário Fixo, apresentado no QUADRO 47, revela a interface dos terreiros com a cidade e o calendário oficial. Aqui, as festividades alinham-se a datas consagradas pelos cruzos

efetuados, funcionando como marcos de visibilidade e resistência política que garantem a continuidade dos ritos sob a égide da tradição cultural fortalezense.

- O Tempo da Raiz e do Chão, apresentado no QUADRO 48, expressivo de uma Encantaria Territorial, detalha as festas voltadas aos Encantados e Caboclos que dão identidade singular a cada Casa. São celebrações que muitas vezes seguem um tempo "móvel", ditado pela história de fundação do terreiro ou por determinações rituais das próprias entidades. Este eixo evidencia a soberania espiritual e a diversidade de linhagens (Mina, Jurema, Terecô) que compõem o bairro, focando nas entidades "donas de chão" que dão a identidade particular ao território.
- O Tempo da Proteção e da Nobreza Urbana (Quimbanda e Família Gerson), apresentado no QUADRO 49, evidencia uma característica vibrante e complexa do Grande Bom Jardim, ou seja, a hegemonia da linhagem do Príncipe Nego Gerson e das falanges de Exus e Pombagiras. Estas festividades representam a "força motriz" da Quimbanda local, lidando com o equilíbrio das ruas e a proteção das comunidades, consolidando o território como um importante polo de preservação desta nobreza espiritual afro-maranhense. Trata-se de um Eixo que evidencia a singularidade do Bom Jardim na preservação da linhagem do Príncipe Gerson e Exus.

Cabe indicar que esses três eixos são relevantes para pontuar a distinção entre sincretismo e cruzo. O cruzo, termo e categoria analítica, é preferido pelo historiador carioca Luiz Antonio Simas, ao invés de sincretismo. O conceito de cruzo, articulado à Pedagogia da Encruzilhada, desenvolvida com Luiz Rufino, contesta a ideia de absorção passiva, considerando que o cruzo é um fenômeno de "via de mão dupla". Desse modo, a encruzilhada não é vista como um lugar de dúvida ou perda de identidade, mas como um ponto de fluxo, confluência e encontro de alteridades, onde diferentes saberes se cruzam para gerar algo novo e extraordinário. Desse modo, em vez de diluição de uma fé em outra, o cruzo é entendido como um acúmulo e uma circulação de força vital. E a incorporação de elementos externos é vivenciada como uma estratégia de resistência e potência, permitindo que as culturas historicamente subalternizadas sobrevivam e se reinventem, mantendo vitalidade e potência.

Assim, o cruzo atua como um campo de subversão contrapondo-se ao projeto histórico de exclusão, da colonialidade e do colonialismo, reencantando o mundo e as práticas cotidianas que resistem à lógica da "pureza" eurocêntrica. Desse modo, enquanto o sincretismo pode sugerir uma mistura que pacifica ou apaga origens, o cruzo afirma a tensão, a troca e o movimento constante de saberes que se encontram no "terreiro" da vida brasileira.

Assim, para além do conceito clássico de sincretismo, o território funciona como uma encruzilhada de fluxos, onde o saber litúrgico, a economia de bairro e a cultura popular-comunitária, considerando diferentes linhagens, matrizes e genealogias que conformam o Ecosistema Ancestral dos Povos e Comunidades de Terreiro no território da Regional V, se atravessam, gerando uma rede que institui e mantém vitalidade e resistência, reencantando a periferia e a cidade através do trabalho e da fé.

É importante considerar que os três ciclos festivos a seguir apresentados, podem compor ações e políticas públicas de patrimônio, cultura, arte e turismo. A apresentação detalhada desses fluxos, considerando os três eixos anteriormente indicados, consolida a visão de um ecossistema que é, simultaneamente, integrado à cidade e profundamente autônomo e singular em seus fundamentos e rituais.

**QUADRO 47 – Ciclo de Tempo Público e Cruzos com Datas Oficiais Hegemônicas**

<b>MÊS</b>	<b>CRUZO / REGÊNCIA (INTERFACE OFICIAL)</b>	<b>TERREIROS VINCULADOS</b>
<b>Janeiro</b>	<b>Rei Sebastião / Oxóssi</b> (Cruzo com São Sebastião - 20/01)	<b>Todos os 40 terreiros.</b> Destaque: Don Rei Sebastião; São Miguel; Dom Rei Sebastião (B.J.); Caboclo Tapinaré; S.E.U. Caboclo Índio.
<b>Abril</b>	<b>Ogum / São Jorge</b> (Cruzo com o Dia de São Jorge - 23/04)	<b>Todos os 40 terreiros.</b> Destaque: Ogum Rompe Mata; Ogum Beira-Mar; Ogum Iara; Ogum Iara (Siqueira); General de Brigada; Santa Bárbara Guerreira (Feijoada).
<b>Mai</b>	<b>Pretos Velhos</b> (Cruzo com a Abolição / Dia de Preto Velho - 13/05)	<b>Todos os 40 terreiros.</b> Destaque: José Pilintra das Almas; Cabocla Jurema; Urubu Reis; Pai Joaquim de Angola; Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga; Pai Jacob; Maria Conga.
<b>Junho</b>	<b>Xangô / Santo Antônio</b> (Cruzo com o Ciclo Junino - 13 a 29/06)	Santa Bárbara Guerreira; Zé Pelintra das Almas; Ilê Asé Yá Omi Ogunté; Pai Jacob (Samba de Angola); Casa Amarela; S.E.U. Caboclo Índio.

<b>Agosto</b>	<b>Iemanjá e Reis da Mina</b> (Cruzo com N. Sra. da Assunção - 15/08)	<b>Todos os 40 terreiros.</b> Destaque: Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá; Ilê Asé Yá Omi Ogunté; Cabocla Mariana; Rei Ricardino; Pai Jacob; Força das Águas; Palácio das Águas.
<b>Setembro</b>	<b>Crianças / Erês</b> (Cruzo com Cosme e Damião - 27/09)	<b>Todos os 40 terreiros.</b> Destaque: Ogum Beira-Mar; Terreiro Girassol; Caboclo Pena Verde; Ricardino de Oliveira; Cabana Tupinambá; Urubu Reis.
<b>Outubro</b>	<b>Zé Pelintra e Boiadeiros</b> (Cruzo com N. Sra. Aparecida e Mês das Crianças)	Rei Dragão do Mar; Zé Pelintra e Mãe Maria Conga; Rei da Mansidão; Zé Pelintra das Almas; Aldeia Rompe Mato; Palácio das Águas; Reis Tupinambá; Caboclo Índio.
<b>Dezembro</b>	<b>Yabás e Santa Bárbara</b> (Cruzo com Iansã e N. Sra. da Conceição - 04 e 08/12)	Ilê Asé Yá Omi Ogunté; Santa Bárbara Guerreira; N. Sra. da Conceição; Nego Gerson Quimbandeiro; Rei Dragão do Mar; Cabana Tupinambá.

Fonte: Dados da pesquisa

O Ciclo do Tempo Público e em Cruzo, apresentado no QUADRO 47, indica marcos significativos de visibilidade e resistência, sendo uma evidência e comprovação de como o patrimônio e seus detentores efetiva funções sociais e políticas relevantes. Efetivando uma resistência por Sincronia e por Cruzo, pois ao alinhar o rito/liturgia ao calendário hegemônico, o terreiro garante a segurança jurídica e social para ocupar as ruas, praças e praias. Não é um apagamento da fé, mas um uso estratégico do "Tempo do Outro" (o calendário oficial) para fazer existir o "Tempo do Terreiro".

Além disso, dotam de visibilidade os Territórios, Terreiros, Zeladores, Povos e Comunidades, como nas datas de 15 de Agosto (Iemanjá) e 27 de Setembro (Erês), que transformam os bairros em zonas de interesse cultural e turístico. Assim, é importante reconhecer que, nestas datas, o espaço público também é gerido pela governança ancestral.

Por fim, entende-se que esse calendário fixo justifica a criação das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural e da Zona Especial de Povos Tradicionais, pois demonstra que a ocupação do território não é aleatória, mas sim uma tradição cultural fortalezense consolidada ao longo de décadas de cruzos e negociações simbólicas.

**QUADRO 48** – Ciclo de Fundamento e Encantaria Territorial (Móvel/Específico)

ENTIDADE / ENCANTADO	CARACTERÍSTICA DA MATRIZ (LINHAGEM)	FUNÇÃO NA IDENTIDADE TERRITORIAL	TERREIROS VINCULADOS (EXEMPLOS DE RAIZ)
<b>Caboclo Vira Mundo</b>	Caboclo de Pena / Umbanda	<b>Abertura de Caminhos:</b> Força que "gira" o mundo para estabelecer o terreiro no bairro.	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo; CEU Caboclo Vira Mundo.
<b>Rei Ricardino de Oliveira</b>	Realeza Maranhense / Terecô e Mina	<b>Soberania de Linhagem:</b> Legitimidade da nobreza negra e conexão histórica Ceará-Maranhão.	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira (I e II).
<b>Cabocla Jacira / Mariana</b>	Encantaria das Águas	<b>Regeneração e Acolhimento:</b> Matriz feminina que governa o fluxo emocional e a cura nas águas.	CU Cabocla Jacira; CU Cabocla Mariana.
<b>Caboclo Pena Branca / Verde</b>	Caboclos de Cura / Jurema	<b>Ciência da Mata:</b> Guardiões do saber botânico e da cura através da "ciência da jurema".	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca; CEU Caboclo Pena Verde.
<b>Nego Chico Feiteiro</b>	Encantaria de Cura / Quimbanda	<b>Proteção e Transmutação:</b> Agente de defesa espiritual que lida com as energias densas do território.	Sociedade Espiritual Caboclo Índio (SEUCI).
<b>Raimundão / R. Firmino</b>	Linha de Boiadeiros	<b>Vigilância e Disciplina:</b> O vaqueiro encantado que "toca a boiada" e organiza a ordem rituística.	Centro Espiritual Ogum Iara; CEU Reis Tupinambá.
<b>Dona Chiquita Preta</b>	Mestra / Preta Velha	<b>Matriarcado e Conselho:</b> A sabedoria do terreiro que zela pela tradição oral e coesão das famílias.	Centro de Umbanda Dom Geronimo.
<b>Caboclo Rompe Mato / Tupinambá</b>	Caboclos Guerreiros	<b>Defesa Territorial:</b> Os guardiões que rompem as matas e protegem a fronteira física do terreiro.	Aldeia Caboclo Rompe Mato; Cabana do Caboclo Tupinambá.

Fonte: Dados da pesquisa

Diferente do calendário fixo/público, este Ciclo do Tempo da Raiz e do Chão, no QUADRO 48, revela a soberania espiritual de cada casa, onde a data da festa é

um ato de autonomia litúrgica, ligado à fundação do terreiro e às raízes e linhagens específicas. Aqui, as entidades são as "donas do chão", aquelas que estabelecem o vínculo primordial entre a comunidade e o território vivido. Desse modo, há uma Soberania Espiritual, com o tempo "móvel" dessas festas indicando que o terreiro possui um relógio próprio, governado por sua ancestralidade, sendo uma prova de autonomia cultural.

Ademais, é revelador de uma Identidade Singular, onde cada Casa é uma "embaixada" de uma linhagem específica. A Regional V não é homogênea, ela é um mosaico de Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Jurema, Quimbanda e Terecô, o que enriquece o valor patrimonial do território. Além disso, cabe destacar o vetor da Encantaria Territorial, pois as entidades citadas são "donas de chão", ou seja, elas "compraram" a briga pelo território, transformando lotes de terra em espaços sagrados de resistência, o que se vincula ao histórico de ocupações urbanas popular-comunitárias que compôs o território, articulando múltiplas gerações, sociabilidades, espacialidades e temporalidades.

**QUADRO 49** – Ciclo da Quimbanda e Nobreza de Chão (Soberania Urbana)

<b>ENTIDADE / FALANGE</b>	<b>PAPEL NO ECOSISTEMA (FUNÇÃO SOCIAL E LITÚRGICA)</b>	<b>TERREIROS VINCULADOS (EIXO BOM JARDIM/SIQUEIRA)</b>
<b>Príncipe Negro Gerson</b>	<b>Patriarca de Linhagem</b> <b>Local:</b> Amálgama identitário e força motriz da Quimbanda territorial. Atua como o "Dono da Noite" e garantidor da força das casas.	CEU Príncipe Gerson; Cabana Príncipe Gerson; CEU N. Sra. da Conceição; CEU Rei da Mansidão; CEU Nego Gerson Feiticeiro; Casa Nego Gerson Quimbandeiro; Aldeia Caboclo Rompe Mato.
<b>Maximiliano</b>	<b>Realeza e Proteção (Mina/Quimbanda):</b> Elo entre a nobreza europeia encantada e o fundamento africano, garantindo a guarda e o prestígio rituístico.	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson.
<b>Maria Mulambo / Maria Padilha</b>	<b>Guardiãs das Passagens e Desejos:</b> Agentes de autonomia feminina e regentes dos fluxos de troca, afetos e caminhos abertos.	Abaça de Luzes e Caridade; CEU Caboclo Pena Verde; CEU Pai Joaquim de Angola; Cabana do Caboclo Tupinambá.
<b>Pomba Gira das Almas</b>	<b>Linha de Almas e Proteção Urbana:</b> Atuação direta na segurança espiritual das fronteiras do bairro e no encaminhamento de energias densas.	CEU Ogum Rompe Mato; Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira.
<b>Zé Pelintra</b>	<b>Mediador entre Mundos /</b>	CEU Rei Dragão do Mar; CU Zé Pelintra

<b>(das Almas)</b>	<b>Malandragem:</b> Agente de justiça restaurativa e caridade, operando o equilíbrio ético entre a rua e o sagrado.	e Mãe Maria Conga; CEU José Pílintra das Almas; CEU Rei da Mansidão; CEU Zé Pílintra das Almas; Aldeia Caboclo Rompe Mato.
--------------------	---	--

Fonte: Dados da pesquisa

No QUADRO 49, o Ciclo da Quimbanda e Nobreza de Chão permite afirmar que a Regional V é o principal polo de preservação da linhagem do Príncipe Gerson no Ceará. Isso constitui um patrimônio imaterial de valor inestimável, dada a raridade e a organização desta linhagem. Ademais, revela a Nobreza Urbana como Tecnologia de Paz. As festividades de Quimbanda neste território não lidam com o "caos", mas com o equilíbrio e as falanges de Exus e Pombagiras atuam como a "força motriz" que garante a proteção das comunidades em áreas de alta vulnerabilidade social.

E também evidencia, na composição dos Povos e Comunidades de Terreiro locais, as relações com o Patrimônio Afro-Maranhense, com a presença da "Nobreza de Chão" evidenciando/reforçando a conexão histórica com o Tambor de Mina e o Terecô, legitimando o território como uma Zona Especial de Comunidades Tradicionais (ZECT) sob a égide da preservação dessa realeza negra.

Os dados apresentados nos Calendários revelam uma dinâmica identitária e territorial com tramas afroameríndias significativas, evidenciando múltiplas camadas, não estáticas, mantendo e reproduzindo ancoragens identitárias ancestrais, em articulação com a cidade e com a constituição de identidades em fluxo e em rede.

Esses três eixos principais revelam ciclos significativos, evidenciando a densidade, intensidade, complexidade e o caráter inestimável do patrimônio cultural local, através do **Tempo Público** (Interface Cidade), do **Tempo da Raiz** (Fundamento) e do **Tempo da Proteção** (Soberania Urbana). A análise integrada revela que a Regional V não possui apenas um calendário religioso, mas um complexo de tecnologias de gestão das sociabilidades, das temporalidades e das espacialidades, operando em três dimensões indissociáveis.

O Tempo Público e do Cruzo (Interface com a Cidade) é a dimensão da visibilidade e resistência política. Ao alinhar seus ritos às datas oficiais (como o 15 de agosto para Iemanjá ou o 27 de setembro para os Erês), os terreiros ocupam a cidade e afirmam seu direito à esfera pública. Este "Cruzo" garante a continuidade

das tradições sob a égide da cultura fortalezense, transformando o rito em um ativo de turismo de base comunitária e economia criativa.

O Tempo da Raiz e do Chão (Encantaria Territorial) é a dimensão da soberania e do fundamento. Este tempo "móvel" e interno detalha a identidade singular de cada Casa através de suas divindades "donas de chão" (Caboclos, Mestres da Jurema e Reis da Mina). É aqui que se preserva a ciência botânica, a cura tradicional e as linhagens ancestrais que conectam o território à diáspora maranhense e sertaneja, fundamentando a necessidade de criação de Zonas Especiais de Povos Tradicionais (ZECT).

O Tempo da Proteção e da Nobreza Urbana (Quimbanda e Linhagem Gerson) é a dimensão da agência e do equilíbrio. A hegemonia da linhagem do Príncipe Nego Gerson e das falanges de Exus e Pombagiras revela uma singularidade absoluta do Bom Jardim e Siqueira. Esta "Nobreza de Chão" atua na mediação de conflitos e na segurança comunitária, funcionando como a força motriz que mantém o equilíbrio das ruas e a proteção das populações vulneráveis.

Ao reconhecer o Calendário Litúrgico dos Povos e Comunidades de Terreiro do território, e proteger esses três eixos/ciclos, a cidade de Fortaleza garante a sobrevivência de um ecossistema onde a economia circular, a justiça restaurativa e o reencantamento do território e da cidade caminham juntos, provando que, na Regional V, o sagrado é a base da cidadania.

## 5.2. Inventário completo das festividades ou celebrações

Apresentaremos a seguir, a partir de um inventário exaustivo das festividades e celebrações, o Calendário Litúrgico como resultado de pesquisa.

Para avançar nessa compreensão serão apresentados os QUADROS 50 e 51, sistematizando as festividades/celebrações no território, por bairro e indicação de Terreiros Vinculados, e por mês.

**QUADRO 50** – Inventário Completo de Festividades ou Celebrações por bairro e indicação de terreiros

Bairro	TERREIRO	Festividades
Siqueira	SEUCI; Príncipe Gerson; Rei Dragão do Mar; Nego Gerson	Oxóssi, Vira Mundo, Boiadeiro, Zé da Esquina, Paulina, Nego Chico, Ogum Rompe Mato,

	<p>Quimbandeiro; Palácio das Águas; Ogum Rompe Mata; Zé Pelintra e Maria Conga; Ogum Iara; Rei da Mansidão; Yá Omi Ogunté; Pai Joaquim de Angola; Santa Bárbara Guerreira; e demais unidades.</p>	<p>Pretos Velhos, Seu 7 Encruzilhada, Zé Dias, Caboclo Índio, Sibamba, Herondina, Cosme e Damião, João da Mata, Zé Pelintra, Pomba Gira das Almas, Marabô, Maria Padilha, Gira de Malandro, General de Brigada, Maximiliano, Nego Gerson, Gira das Águas, Ritual de Proteção/Carnaval, Toque para Exu, Toque para Xangô, Oferenda no Mar, Rei Sebastião, Maria Cadeado, Ogum Iara, Raimundão, Nego Chico, Gira das Almas, Esú, Odum do Babalorixá, Longu Edé, Kitanda dos Erês, Yabás, Oxalá, Recolhimento dos Filhos, Rum de Oxum, Caboclo Tapinaré, Cabocla Jurema, São Sebastião, Tereza Légua, Mané Légua, Feijoada de São Jorge, Caruru de Santa Bárbara, Checa Baiana, Tranca Rua.</p>
<p><b>Granja Lisboa</b></p>	<p>Urubu Reis; Abaça de Luzes; Dom Jerônimo; Reis Tupinambá; Zé Pelintra das Almas (I e II); Príncipe Gerson; Cabocla Jurema; Ogum Beira-Mar; Cabocla Mariana; Aldeia Rompe Mato; Cabocla Jacira; Dom Geronimo; São Miguel; e demais unidades.</p>	<p>Caboclo da Mata, Obrigação ao Exu, São José, Ogum, Pretos Velhos, São João, Lavagem de Pratos, Iemanjá, Sibamba, 7 Encruzilhadas, Dona Maria, Festa das Crianças, Exu João Caveira, Seu Gerson, Paulina, Cacurukaya, Baia, Odélia Maria, Boiadeiro, Olubajé, 7 Flechas, Águas de Oxalá, Aquitanda dos Erês, Pai Benedito, Maria Padilha, Iansã, Nego Chico, Yabás, Vudum Toyacossi, São Lázaro, Cabocla Jacira, Chegada dos Caboclos, Dona Chiquita, Procissão das Almas, Baianinha, Mariana, Zé Basílio, Bebo da Praia, Liana, Nego Gerson, Rei dos Índios.</p>
<p><b>Granja Portugal</b></p>	<p>Pai Jacob; Força das Águas; Casa Amarela; Cabana Príncipe Gerson; Cabana do Caboclo Tupinambá; e demais unidades.</p>	<p>Dom Rei Sebastião, Exu, Seu Sete Encruzilhadas, São José de Ribamar, Ogum, São Jorge, Clarins de Aruanda, Pretos Velhos, Samba de Angola, Caboclo Jaquaraí da Mata Serrada, Nego Gerson, Vira Mundo, Iemanjá, Pai Jacob, Sete Flechas, Cosme e Damião, Baia, Maria Padilha, Santa Bárbara, José de Ribamar, Tranca Rua, Nego Chico, Águas de Iemanjá, Oxalá, Mestres, Rosa Baiana, Festa Cigana, Xangô, Boiadeiro, São Sebastião, Mariana, Légua, Toré do Caboclo, Juriti Pembá.</p>
<p><b>Bom Jardim</b></p>	<p>Centro Dom Rei Sebastião; Casa de Caridade Pena Branca; CEU Nossa Senhora da Conceição; Reis Ricardino de Oliveira (I e II); Cabocla Jacira; e demais unidades.</p>	<p>Oxóssi, Dom Rei Sebastião, Maria Conga, Nego Gerson, Iemanjá, Cosme e Damião, Boiadeiro, 7 Léguas, Festa dos Exu, Gira de Tambores, Batismos, Caboclo Pena Branca, Ogum, Tranca Rua, Oxum, Erês, Maria 7 Saias, São Lázaro, Omulu, São Benedito, Santo Antônio, São João Batista, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Rei Salomão, Santa Bárbara (Iansã), Pretos Velhos, Pai Benedito, Maria Padilha, Zé Pelintra.</p>

<b>Bonsucesso</b>	Terreiro Girassol; Caboclo Pena Verde.	Caboclo Girassol, Pretos Velhos, Xangô, Santo Antônio, Festa das Crianças, Oxóssi, Ogum General de Brigada, Dona Maria Mulambo, Oferendas a Caboclos e Orixás.
-------------------	--	--

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 51** – Inventário Completo de Festividades ou Celebrações por mês, com festividades agregadas

<b>MÊS</b>	<b>CICLO LITÚRGICO</b>	<b>FESTIVIDADES AGREGADAS</b>
<b>Janeiro</b>	Abertura / Matas	Oxóssi, Dom Rei Sebastião, Caboclo Vira Mundo, Caboclo Tapinaré, Cabocla Jurema, São Sebastião, Tereza Légua, Mané Légua, Caboclo da Mata, Caboclo Girassol, Rei dos Índios, Boiadeiro, Esú, Odum do Babalorixá, Seu Gerson.
<b>Fevereiro</b>	Esquerda / Vitalidade	Gira de Exu, Obrigação ao Exu, Zé da Esquina, Paulina, Gira de Malandro, Maria Cadeado, Vudum Toyacossi, Gira de Tambores, Batismos, São Lázaro, Omulu, Iemanjá (oferenda fechada), Mariana.
<b>Março</b>	Equilíbrio / Clamor	São José de Ribamar, Seu Sete Encruzilhadas, Nego Chico, Cacurukaya, Nego Gerson, Sibamba, Maria Padilha, Chegada dos Caboclos, Rosa Baiana, Mestres, Caboclo Pena Branca.
<b>Abril</b>	Metais / Força	Ogum (São Jorge), General de Brigada, Ogum Rompe Mato, Ogum Iara, Clarins de Aruanda, Príncipe Sibamba, Baianinha, Nego Chico, Recolhimento dos Filhos, Feijoada de São Jorge.
<b>Mai</b>	Ancestralidade	Pretos Velhos (Festa e Obrigação), Maria Conga, Pai Joaquim de Angola, Pai Benedito, Mãe Maria, São Benedito, Festa Cigana, Pai Joaquim/Maria Padilha.
<b>Junho</b>	Justiça / Fogo	Xangô, Caruru de Santa Bárbara, Santo Antônio, São João, Samba de Angola (Caboclo Jaquaraí), Seu Sete Encruzilhada, Zé Dias, Tranca Rua, Boiadeiro, Légua, Gira de Exu.
<b>Julho</b>	Limpeza / Caminhos	Lavagem de Pratos/Contas, Caboclo Índio, Nego Gerson, Nego Chico, Tranca Rua, Toré do Caboclo, Baía para Xangô, São João Batista.
<b>Agosto</b>	Águas / Olubajé	Iemanjá (Festa das Águas), Olubajé, Sibamba, Herondina, Maximiliano, Marabô, Pai Jacob, Rum de Oxum, Festa Sibamba, Nossa Senhora da Conceição, Tranca Rua.
<b>Setembro</b>	Doçura / Encanto	Cosme e Damião (Ibeji/Erês), Juriti Pembá, Sete Flechas, Saudação a Oxum, Nego Gerson, Dona Maria, Kitanda dos Erês, Águas de Oxalá, Boiadeiro.
<b>Outubro</b>	Infância / Mata	Festa das Crianças (na rua e no terreiro), João da Mata, Rei Salomão, Chiquinho do Maranhão, Baía, Yabás, Nossa Senhora do Rosário,

		Novena de São Francisco, Dona Maria Mulambo, Zé Basílio, Bebo da Praia.
<b>Novembro</b>	Almas / Malandragem	Zé Pelintra, Maria Padilha, Gira das Almas, Obrigação das Almas, Exu João Caveira, Maria 7 Saias, Pomba Gira das Almas, Seu Chico, Tributo às Almas, Liana, Paulina.
<b>Dezembro</b>	Encerramento	Santa Bárbara (Iansã), Zé Pelintra, Marabô, Maria Padilha, Checa Baiana, Nego Gesto, Encerramento da Gira, Festa dos Mestres, Maria Mulambo, Raimundão, Festa Cigana, Oxalá.

Fonte: Dados da pesquisa

O Siqueira é o bairro com a maior diversidade de ritos específicos, agregando Quimbanda, Candomblé e Umbanda de diversas linhas. Mas, de modo geral, em praticamente todos os bairros há uma estrutura e uma dinâmica que pode ser evidenciada como intercultural ou transcultural relevante, considerando as interlocuções e vínculos ancestrais entre o Ceará e o Maranhão e, ao mesmo tempo, entre as diferentes religiões que compõem o campo afrodescendente e afroameríndio. Evidenciando, assim, a centralidade do Cruzó na perspectiva indicada por Luiz Antonio Simas.

Apesar da diversidade ou heterogeneidade, com múltiplas variações, os meses de Maio (Pretos Velhos) e Setembro (Erês) parecem evidenciar interfaces e pontos de união litúrgica entre quase todos os bairros e casas.

Também é possível perceber como os Terreiros produzem os espaços urbanos, constituindo territórios/territorialidades em suas dimensões materiais e imateriais, conformando uma geografia urbana da espiritualidade e da ancestralidade. Evidenciando uma geografia urbana densa, complexa, intensa e valiosa que mantêm, reproduz e compartilha referências ancestrais e, ao mesmo tempo, mantêm-se ativa e protagonista na contemporaneidade a partir de certa maleabilidade essencial. Nesse sentido, embora espalhados geograficamente, os terreiros mantêm uma unidade territorial através de calendários que se articulam, complementam e/ou intercalam. Assim, por vezes, quando uma Casa encerra seu ciclo, outra pode iniciar o seu, garantindo que o território esteja permanentemente sob "cobertura" ritual.

A dinâmica litúrgica no território revela uma ciência do encontro, da confluência e da hibridização, evidenciada, por exemplo, na percepção de que as fronteiras entre Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Tambor de Mina e Jurema são

porosas, revelando a articulação entre matrizes ancestrais e a constituição de matrizes que fundamentam a maleabilidade, para garantir não somente a sobrevivência do fundamento, mas a vitalidade da Casa e da comunidade. Abrindo espaço para as políticas públicas referendarem e apoiarem calendários interligados, mas autônomos, entendendo que a liturgia local não é apenas repetitiva, mas criativa, articulando geral e local, assim como dimensões singulares e aspectos comuns.

Essa densidade litúrgica é expressiva da constituição de um Ecossistema Ancestral dos Povos e Comunidades de Terreiro na Regional V de Fortaleza, o qual se institui e reproduz enquanto Tecido Associativo e Civilizatório.

Os terreiros não são apenas locais de culto, mas centros de salvaguarda, preservação e conservação de patrimônios materiais e imateriais, histórias e memórias afro-ameríndias que resistem à homogeneização social e urbana, transformando o "estigma" da periferia em "emblema" de realeza e axé. E, mais do que isso, conformando alternativas éticas, políticas, sociais, estéticas, culturais e urbanas relevantes, onde os vínculos sociais, as pactuações territoriais e os compromissos éticos e políticos, fundando horizontes de sentido compartilhados e ancorando sociabilidades cotidianas.

A seguir apresenta-se um Calendário Litúrgico consolidado, no QUADRO 52, considerando o calendário anual de todos os Terreiros pesquisados, por mês e por Ciclos Litúrgicos.

**QUADRO 52** – Calendário Litúrgico Consolidado (Fluxo Temporal)

MÊS	CICLO LITÚRGICO / DIVINDADE	TERREIROS PARTICIPANTES
Janeiro	<b>Ciclo das Matas:</b> Oxóssi, Rei Sebastião, Caboclo Vira Mundo, Tapinaré, Boiadeiro e Jurema.	<b>Totalidade (40 terreiros):</b> CEU Pai Jacob; Urubu Reis; SEUCI; Príncipe Gerson; Rei Dragão do Mar; Nego Gerson Quimbandeiro; Palácio das Águas; Ogum Rompe Mata; Zé Pelintra e Maria Conga; Ogum Iara; Rei da Mansidão; Ilê Asé Yá Omi Ogunté; Força das Águas; Abaça de Luzes; Casa Amarela; Cabana Tupinambá; Dom Rei Sebastião (B.J.); Pai Joaquim de Angola; Santa Bárbara Guerreira; Dom Jerônimo e Iemanjá; Reis Tupinambá; Pena Branca; N. Sra. da Conceição; Reis Ricardino de Oliveira (I e II); Girassol; Pena Verde; São Miguel; Zé Pelintra das Almas; Cabocla Jurema; Ogum Beira-Mar; Cabocla Mariana; Aldeia Rompe Mato; Cabocla Jacira; Dom

		Geronimo; e demais unidades do inventário.
<b>Fevereiro</b>	<b>Ciclo da Vitalidade:</b> Exu, Guardiões, Paulina, Maria Cadeado e Vudum Toyacossi.	Urubu Reis; Pai Jacob; Palácio das Águas; Nego Gerson Quimbandeiro; Aldeia Rompe Mato; Rei Dragão do Mar; SEUCI; Zé Pelintra das Almas; Centro Ogum Iara; Príncipe Gerson; Casa de Caridade Pena Branca; Reis Ricardino de Oliveira; Terreiro Girassol; Cabana Príncipe Gerson; Força das Águas.
<b>Março</b>	<b>Ciclo do Clamor:</b> São José de Ribamar, Nego Chico, Sibamba, Pena Branca e Rosa Baiana.	SEUCI; Abaça de Luzes; Pai Jacob; Reis Tupinambá; Cabana do Caboclo Tupinambá; Dom Geronimo; Casa de Caridade Pena Branca; CEU São Miguel; Urubu Reis; Nego Gerson Quimbandeiro; Casa Amarela; Tenda Santa Bárbara; N. Sra. da Conceição; Reis Ricardino de Oliveira; Terreiro Girassol.
<b>Abril</b>	<b>Ciclo dos Metais:</b> Ogum (São Jorge), General de Brigada, Príncipe Sibamba e Clarins de Aruanda.	CEU Pai Jacob; SEUCI; Ogum Rompe Mata; Ogum Iara; Gen. de Brigada; Ricardino de Oliveira; Tenda Santa Bárbara; Urubu Reis; Rei Dragão do Mar; Nego Gerson Quimbandeiro; Palácio das Águas; Abaça de Luzes; Casa Amarela; Cabana Príncipe Gerson; Cabana Tupinambá; Dom Rei Sebastião; Pena Branca; N. Sra. da Conceição; Pena Verde; São Miguel; Zé Pelintra das Almas; Ogum Beira-Mar; Aldeia Rompe Mato.
<b>Mai</b>	<b>Ciclo da Sabedoria:</b> Pretos Velhos, Maria Conga, Pai Joaquim, Pai Benedito, Mãe Maria e Festa Cigana.	<b>Totalidade (40 terreiros):</b> CEU Pai Jacob; Urubu Reis; SEUCI; Príncipe Gerson; Rei Dragão do Mar; Nego Gerson Quimbandeiro; Palácio das Águas; Ogum Rompe Mata; Zé Pelintra e Maria Conga; Ogum Iara; Rei da Mansidão; Yá Omi Ogunté; Força das Águas; Abaça de Luzes; Casa Amarela; Cabana Tupinambá; Dom Rei Sebastião; Pai Joaquim de Angola; Santa Bárbara Guerreira; Dom Jerônimo; Reis Tupinambá; Pena Branca; N. Sra. da Conceição; Ricardino de Oliveira (I e II); Girassol; Pena Verde; São Miguel; Zé Pelintra das Almas; Cabocla Jurema; Ogum Beira-Mar; Cabocla Mariana; Aldeia Rompe Mato; Cabocla Jacira; Dom Gerônimo.
<b>Junho</b>	<b>Ciclo do Fogo e Justiça:</b> Xangô, Tranca Rua, Santo Antônio, São João, Jaquaraí e Família Légua.	Ilê Asé Yá Omi Ogunté; Santa Bárbara Guerreira; Casa Amarela; SEUCI; Pai Jacob; Força das Águas; Cabana Tupinambá; Aldeia Rompe Mato; Urubu Reis; Ricardino de Oliveira; Terreiro Girassol; Pena Branca; Zé Pelintra das Almas; Cabana Príncipe Gerson; Rei Dragão do Mar; Palácio das Águas.
<b>Julho</b>	<b>Ciclo da Limpeza:</b> Lavagem de Pratos/Contas, Nego	Urubu Reis; São Miguel; Nego Gerson Feiticeiro; Cabana Tupinambá; Rei Dragão do Mar; SEUCI; Rei

	Gerson, Nego Chico, Caboclo Índio e Boiadeiro.	da Mansidão; Pai Joaquim de Angola; Palácio das Águas; Força das Águas; Abaça de Luzes; Ogum Beira-Mar; Dom Geronimo; Casa de Caridade Pena Branca.
<b>Agosto</b>	<b>Ciclo das Águas / Olubajé:</b> Iemanjá, Olubajé (Obaluaê), Herondina, Maximiliano e Senhora da Conceição.	Ilê Asé Yá Omi Ogunté; Abaça de Luzes; Pai Jacob; Santa Bárbara Guerreira; Dom Jerônimo; Palácio das Águas; SEUCI; Casa Amarela; Rei Dragão do Mar; Urubu Reis; N. Sra. da Conceição; Pai Joaquim de Angola; Zé Pelintra das Almas; Cabana Príncipe Gerson; Ogum Beira-Mar; Aldeia Rompe Mato.
<b>Setembro</b>	<b>Ciclo da Doçura:</b> Cosme e Damião (Ibeji), Erês, Juriti Pembá e Seu Sete Flechas.	<b>Majoritário:</b> Terreiro Girassol; Pena Verde; Urubu Reis; Ricardino de Oliveira; Cabana Tupinambá; Ogum Beira-Mar; Pai Jacob; SEUCI; Rei Dragão do Mar; Palácio das Águas; Ogum Rompe Mata; Rei da Mansidão; Abaça de Luzes; Dom Rei Sebastião; Pena Branca; N. Sra. da Conceição; São Miguel; Zé Pelintra das Almas; Cabocla Jurema; Cabocla Mariana; Aldeia Rompe Mato; Dom Geronimo.
<b>Outubro</b>	<b>Ciclo da Infância / Encanto:</b> Crianças, Rei Salomão, João da Mata, Chiquinho do Maranhão e Zé Basílio.	Cabocla Jacira; Dom Geronimo; SEUCI; Ogum Rompe Mata; Reis Tupinambá; Aldeia Rompe Mato; São Miguel; Girassol; Urubu Reis; N. Sra. da Conceição; Pena Branca; Casa Nego Gerson Quimbandeiro; Palácio das Águas; Ricardino de Oliveira.
<b>Novembro</b>	<b>Ciclo das Almas:</b> Zé Pelintra, Maria Padilha, Gira das Almas, Exu João Caveira e Maria 7 Saias.	Zé Pelintra das Almas; Aldeia Rompe Mato; Pai Joaquim de Angola; Pena Branca; SEUCI; Abaça de Luzes; Zé Pelintra e Mãe Maria Conga; Urubu Reis; Príncipe Gerson; Ogum Rompe Mata; Rei da Mansidão; Força das Águas; Cabana Príncipe Gerson; Cabana Tupinambá; Reis Tupinambá.
<b>Dezembro</b>	<b>Ciclo do Encerramento:</b> Santa Bárbara (Iansã), Zé Pelintra, Marabô, Nego Gesto e Checa Baiana.	Rei Dragão do Mar; Santa Bárbara Guerreira; Nego Gerson Quimbandeiro; Zé Pelintra e Maria Conga; Cabana Tupinambá; Caboclo Pena Verde; SEUCI; Pai Jacob; Palácio das Águas; Ogum Rompe Mata; Pai Joaquim de Angola; Zé Pelintra das Almas; Aldeia Rompe Mato; Dom Geronimo.

Fonte: Dados da pesquisa

A estruturação/nomenclatura dos Ciclos Litúrgicos apresentada no QUADRO 52 resulta de um processo de triangulação metodológica entre a coleta de dados empíricos nos 40 terreiros da Regional V e o referencial teórico da Antropologia, História e Sociologia das Religiões. A nomenclatura adotada – como "Ciclo das

Matas", "Ciclo dos Metais" ou "Ciclo da Vitalidade", dentre outros –, não possui caráter meramente classificatório, e sim funcional e analítico, fundamentada nos critérios a seguir indicados.

Primeiro, o critério de Recorrência e Funcionalidade (Indução Empírica) A síntese de cada ciclo foi definida pela predominância de divindades e ritos nos calendários das casas pesquisadas. O agrupamento considerou a convergência de insumos e mão de obra. Por exemplo, o "Ciclo da Doçura" (Setembro) foi assim nomeado por unificar a demanda comercial por confeitaria, brinquedos e artesanato têxtil em todas as vertentes (Candomblé, Umbanda e Jurema).

Segundo, a fundamentação na "Ciência dos Terreiros" e no "Cruzo" Assim, a adoção de categorias como "Vitalidade" e "Encantaria" fundamenta-se na perspectiva de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, que compreendem o terreiro como um espaço de reposição de energia vital (Axé) e de produção de saber (Cruzo). No contexto cearense, essa análise é enriquecida pela tradição da Jurema e do Tambor de Mina, onde as categorias de "Mestre" e "Encantado" operam uma lógica de mercado própria, baseada no fumo, na bebida destilada e na indumentária de época.

Terceiro, a articulação com o contexto teórico-empírico local. Assim, a nomenclatura respeita as especificidades da religiosidade de Fortaleza, onde santos católicos (como São José de Ribamar e São Sebastião) e entidades regionais (como Nego Gerson e Príncipe Sibamba) atuam como marcos de tempo e consumo. A inclusão de obras de autores cearenses (como as de Jean-Baptiste Hafstein, Patrício Carneiro Barbosa e Olga Paiva) nas referências, abre espaço para o alinhamento com a história das religiões afro-brasileiras no Ceará, reconhecendo a Regional V como um território de resistência e patrimônio vivo.

A estruturação do calendário em "Ciclos" permite compreender como o Ecossistema dos Povos e Comunidades de Terreiro da Regional V se comporta de forma sazonal, com os agentes individuais, coletivos e institucionais fundamentados e mobilizados pela ciência encantada ancestral.

O QUADRO 53, a seguir, consolida o inventário do ciclo litúrgico anual por Terreiros.

**QUADRO 53** – Calendário Litúrgico completo VERSÃO 01

Terreiro	Bairro	Ciclo Litúrgico Anual
----------	--------	-----------------------

CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	G. Portugal	<b>JAN:</b> Dom Rei Sebastião; <b>FEV:</b> Festa de Exu; <b>MAR:</b> Seu Sete Encruzilhadas e São José de Ribamar; <b>ABR:</b> Ogum, São Jorge e Clarins de Aruanda; <b>MAI:</b> Pretos Velhos; <b>JUN:</b> Samba de Angola do Caboclo Jaquaraí da Mata Serrada; <b>JUL:</b> Nego Gerson, Exu e Vira Mundo; <b>AGO:</b> Yemanjá e Pai Jacob; <b>Set:</b> Sete Flechas e São Cosme e Damião; <b>OUT:</b> Baia; <b>NOV:</b> Maria Padilha; <b>DEZ:</b> Santa Bárbara.
CEU Urubu Reis da Sagrada Família	G. Lisboa	<b>JAN</b> - festa de caboclo da mata; <b>FEV</b> - obrigação ao exu; <b>MAR</b> - obrigação de São José; <b>ABRIL</b> - obrigação de Ogum; <b>MAI</b> - festa dos pretos velhos; <b>JUN</b> - obrigação ao São João; <b>JUL</b> - Lavagem dos pratos; <b>AGO</b> - festa de Iemanjá e festa Sibamba; <b>SET</b> - festa 7 encruzilhadas e dona Maria; <b>OUT</b> - festa das crianças; <b>NOV</b> - obrigação das almas / exu João Caveira; <b>DEZ</b> - festa Seu Gerson.
S.E.U. Caboclo Índio (SEUCI)	Siqueira	<b>JAN</b> - Vira mundo e Boiadeiro; <b>FEV</b> - Zé da esquina e Paulina; <b>MAR</b> - Nego Chico; <b>ABR</b> - Ogum Rompe Mato; <b>MAI</b> - Preto velho; <b>JUN</b> - Seu 7 encruzilhada e Zé dias; <b>JUL</b> - Caboclo Índio; <b>AGO</b> - Sibamba e Herondina; <b>Set</b> - Cosme e damião; <b>OUT</b> - João da Mata; <b>NOV</b> - Zé Pelintra e Pomba Gira das Almas; <b>DEZ</b> - Marabô e Maria Padilha.
CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Siqueira	<b>JAN</b> - Oxossi (Caboclo 7 flechas); <b>FEV</b> - Gira de Malandro e Paulina; <b>MAR</b> - <b>ABR</b> - General de Brigada; <b>MAI</b> - Preto velho; <b>JUN</b> - Tranca Rua; <b>JUL</b> - <b>AGO</b> - Maximiliano; <b>SET</b> - Gira das crianças; <b>OUT</b> - <b>NOV</b> - Gira do Seu Chico, Gira do Seu Zé Pilintra; <b>DEZ</b> - Festa dos Mestres (Seu Gerson e Seu Sibamba)"
CEU Rei Dragão do Mar	Siqueira	"Janeiro - Oxossi Fevereiro - Exu Março- Abril- Ogum; Festa do Seu Nego Gerson Maio - Preto velho Junho - Boiadeiro Julho - Seu 7 encruzilhada Agosto - Yemanjá na praia Setembro - Erês Outubro - Festa das crianças na rua Novembro- Seu Zé Dezembro - Encerramento da gira do ano"
Casa Nego Gerson Quimbandeiro	Siqueira	"Janeiro - Oxossi Fevereiro - Março - Nego Gerson Abril - Gira de Ogum Maio - Gira de Preto Velho Junho - Julho - Agosto - Gira das Águas

		<p>Setembro -  Outubro - Gira das crianças  Novembro -  Dezembro - Gira de exu"</p>
CEU Palácio das Águas / Ilê Ya Omi	Siqueira	<p>"Janeiro - Oxossi  Fevereiro - Ritual de Proteção para o Carnaval  Março -  Abril - Ogum  Maio - Preto Velho  Junho - Toque para exu  Julho - Toque para xangô / Boiadeiro  Agosto - Vespera da Festa de Yemanjá vai ofertar no mar as oferendas.  Setembro -  Outubro - Boiadeiro  Novembro - Mestre  Dezembro - Exu"</p>
CEU Ogum Rompe Mata	Siqueira	<p>"Janeiro - Rei Sebastião  Fevereiro -  Março - Sibamba  Abril - Ogum Rompe Mata  Maio - Preto Velho  Junho - Tranca Rua  Julho -  Agosto - Yemanjá  Setembro - Seu 7 ; Nego Gerson  Outubro - Rei Salomão  Novembro - Zé Pelintra  Dezembro - Pombo Gira"</p>
Centro de Umbanda Zé Pelintra e Mãe Maria Conga	Siqueira	<p>Janeiro - Seu Gerson e Oxossi ( vira mundo ) onde acontece ou em janeiro ou em fevereiro.  Maio - Mãe Maria  Dezembro - Zé Pelintra</p>
Centro Espiritual Ogum Iara	Siqueira	<p>"Janeiro - Gira de Oxossi  Fevereiro - Gira da Maria Cadeado  Março -  Abril - Festa do Ogum Iara  Maio - Preto velho  Junho - Boiadeiro  Julho -  Agosto - Marabô  Setembro -  Outubro - Gira dos erês  Novembro -  Dezembro - Raimundão"</p>

CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Siqueira	Janeiro - Oxossi Março - Maria Padilha Abril - Nego Chico Maio - Preto Velho Julho - Tranca Rua e Nego Gerson Agosto - Festa da Águas Outubro - Festa dos erês Novembro - Gira das Almas Dezembro - Zé Pelintra
Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Siqueira	Janeiro - Esú e Odum do Babalorixá; Março – Ogum; Maio - Oxossi e Longu Edé; Junho – Xangô; Agosto – Olubajé; Setembro - Kitanda dos erês; Outubro – Yabás; Novembro – Oxalá.
Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Jikoie	G. Portugal	Jan - Festa de Oxossi; Fev - Festa de todos os Exus; Mar - Festa de José de Ribamar; abr - Festa de Senhores Ogum; mai - Festa de Preto Velho; jun - Festa de seu Tranca Rua; jul - Festa de Nego Gerson e Nego Chico; ago - Festa das águas, lemanjá; set - Festa de dona Maria Padilha; out - Pequenas homenagens à Léguas, Ciganos e crianças do encanto; nov - Comemoração de Seu Zé Pilintra, homenagem às almas e aniversário do terreiro; dez - Encerramento para Oxalá.
Abaça de Luzes e Caridade	G. Lisboa	jan – Oxóssi; fev – Paulina; mar – Cacurukaya; abr – Ogum; mai - baia normal; jun - Odélia Maria; jul – boiadeiro; ago – Olubajé; set - 7 flechas, águas de Oxalá, Aquitanda dos Erês; out - Pai Benedito; nov – Padilha; dez - Iansã, Nego Chico, Yabás
Casa Amarela do Rei da Turquia	G. Portugal	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>fev</b> - baia normal; mar- mestres / Rosa Baiana; abr - Ogum / pomba gira da casa; mai - Preto velho e Festa Cigana; jun - Xangô e boiadeiro; jul – Exus; ago – lemanjá; set – Crianças; out - baia normal; nov- tributo às almas; dez - festa cigana
Cabana Príncipe Gerson	G. Portugal	<b>Jan:</b> Oxóssi; fev - lemanjá, Mariana; mar - baia normal; abr – Ogum; mai - Preto Velho; jun – Xangô; jul – baia; ago – lemanjá; set - Festejo Nego Gerson; out – Crianças; nov – baia; dez – Exu.
Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	B. Jardim	<b>Jan:</b> Oxóssi/D. Rei Sebastião; <b>Mai:</b> Maria Conga; <b>Jun:</b> Nego Gerson; Ago- lemanjá; Set - Cosme e Damião; Out- Boiadeiro e 7 léguas ; nov- Festa dos Exu.
CEU Pai Joaquim de Angola	Siqueira	<b>Jan:</b> Oxóssi; fev - gira normal; mar – gira normal; abr – recolhimento dos filhos; <b>Mai</b> - Pai Joaquim/Maria Padilha; jun – gira normal; jul – festa do nego chico; ago – Yemanjá / candomblé (ano de sano, rum de Oxum); <b>Set:</b> Crianças; out – gira normal; nov – Padilha; dez – encerramento.

Tenda Santa Bárbara Guerreira	Siqueira	<b>Jan:</b> Caboclo Tapinaré, Cabocla Jurema e São Sebastião pela ordenança de Tereza Légua e Mané Légua; fev – baia normal; mar – baia; abr – Feijoada para São Jorge; <b>Mai:</b> Obrigação dos Pretos Velhos; jun - Caruru da Santa Bárbara do Xangô; jul – baia; ago - festa de lemanjá no dia 15 de agosto na praia; set - toque das crianças; out - novena de São Francisco; nov - gira das almas e a obrigação de Seu Zé Pulintra; <b>Dez</b> - festa da Checa Baiana e Nego Gesto. Tranca Rua e a Pombagira, Maria Padilha.
CEU Dom Jerônimo e Rainha lemanjá	G. Lisboa	<b>Ago:</b> Festa de lemanjá; <b>Out/Nov:</b> Festa de Exu e Pombagira.
CEU Reis Tupinambá	G. Lisboa	<b>Mar:</b> Oxóssi; <b>Mai:</b> Preto Velho; Jul -Tranca rua e Zé Almir; Set-Festa de Boiadeiro; Out- Chiquinho do Maranhão; Dez- Zé Pulintra e Maria Mulambo.
Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	B. Jardim	Jan- gira de tambores para Exú e batismos; Fev- Oferenda a lemanjá (evento fechado); Mar- Festa do Caboclo pena Branca; Abr- Ogum; Jun- Festa de Exú; Jul – Xango; Ago- lemanjá e Tranca rua; Set- Saudação a força de Oxum; Out - festa dos eres ; Nov- Maria 7 saias.
CEU Nossa Senhora da Conceição	B. Jardim	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>Fev:</b> São Lázaro; <b>Mar:</b> Nego Gerson; <b>Out:</b> Padroeira. Jan – Oxóssi; Fev - São Lázaro e Omulú; Abr - São Jorge e Ogum; Mai - Preto velho, São benedito; Jun- Santo Antônio ( Ogum); Jul- São João Batista ( Xangô); Ago - Nossa senhora da Conceição (lemanjá); Set - Cosme e Damião; Out - Nossa senhora do rosário, Rei Salomão; Dez - Santa Barbara ( Iansã ).
Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	B. Jardim	<b>Jan:</b> Oxóssi; Fev – Exú; Mar - São José de Ribamar; Abr – Ogum; Mai- Preta Velha e Pai Benedito; Jun - Seu Tranca Rua e Maria Padilha; Ago – lemanjá; Set - São Cosme e Damião; Out- Preto Velho; Nov - Zé Pulintra.
Terreiro Girassol	Bonsucesso	<b>Jan:</b> Caboclo Girassol; Fev – Obrigação e Pretos Velhos; Mar – Obrigação de Xangô; Jun – Obrigação de Santo Antonio; Out – Obrigação Festa das Crianças.
CEU Caboclo Pena Verde	Bonsucesso	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>Abr:</b> Ogum General de Brigada; <b>Mai:</b> Pretos Velhos; <b>Set – Festa das Crianças;</b> <b>Out – Dona Maria Mulambo;</b> Dez - oferendas a caboclos e orixás.
Centro de Umbanda rei	Bom Jardim	<b>Jan - festa de Oxossi;</b> <b>Abr - toque para Ogum;</b> <b>Mai - Mãe Maria;</b> <b>Ago – lemanjá;</b> <b>Out - Cosme e Damião;</b> <b>Nov - Pomba Gira.</b>

Ricardino de Oliveira		
CEU São Miguel	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Último Sábado (Rei dos Índios); <b>Mar</b> - São José de Ribamar; <b>Abr</b> - Ogum (São Jorge); <b>Mai:</b> Pretos Velhos; <b>Jun</b> - Rei Tranca rua; <b>Jul</b> - Lavagem de prato dos preto velho; <b>Ago</b> – Iemanjá; <b>Set</b> - Seu sete encruzilhada, Cosme e Damião; <b>Dez</b> - Nego chico feiticeiro.
Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	G. Lisboa	Jan- Oxóssi; <b>Fev</b> - Vudum TOYACOSSÍ; <b>Mar</b> - São José; <b>Abr</b> - Ogum; <b>Mai</b> - Preto velho; <b>Jun</b> - Santo Antônio; <b>Ago</b> - Festa de Iemanjá; <b>Set</b> - Seu Sete Flecha; <b>Out</b> - Festa das Crianças; <b>Nov</b> - Obrigação das Almas; <b>Dez</b> - Santa Barbara.
CEU Príncipe Gerson	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>Mai:</b> Pretos Velhos; <b>Out:</b> Príncipe Nego Gerson.
CEU Cabocla Jurema	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>Abr:</b> Baianinha; <b>Mai:</b> Cabocla Jurema/Pretos Velhos; <b>Set</b> - Cosme e Damião; <b>Dez</b> - Nossa senhora da Conceição.
CEU José Pilintra das Almas	G. Lisboa	jan - caboclo da mata; fev - festa da dona pomba gira; mar – baia; abr – ogum; mai - festa dos pretos velhos; jun - festa do príncipe Sibamba; jul - baia; ago - festa de yemanjá; set – baia; out - festa das crianças; nov - festa do seu Zé Pilintra; dez - Festa do nego chico
Cabana do Caboclo Tupinambá	G. Portugal	<b>Jan:</b> São Sebastião; <b>Fev:</b> Paulina; <b>mar</b> - José de Ribamar; <b>abr</b> – Ogum; <b>mai</b> - Preto Velho; <b>jun</b> – Léguas; <b>jul</b> - Toré do caboclo e baia para Xangô; <b>ago</b> - Iemanjá e festa do Nego Chico; <b>set</b> - Juriti Pembá (festa de Cosme e Damião); <b>out</b> - começa as 7 giras da Padilha; <b>nov</b> - Festa Seu Zé e Padilha; <b>dez</b> - Santa Bárbara e esse ano abre o candomblé.
Casa de Cura Ogum Beira-Mar	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Nego Gerson; <b>fev</b> – baia; <b>mar</b> – baia; <b>Abr:</b> Ogum; <b>mai</b> – baia; <b>jun</b> – baia; <b>julho</b> – exu; <b>ago</b> – Iemanjá; <b>Set:</b> Festa das Crianças; <b>out</b> – baia; <b>nov</b> – Zé Pilintra (interna); <b>dez</b> – baia.
CENTRO DE UMBANDA Cabocla Mariana	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>Fev:</b> Quimbanda; <b>Mar:</b> giras; <b>Abril:</b> giras; <b>Maio:</b> Preto Velho; <b>Junho:</b> Mestre;- <b>Julho:</b> giras; <b>Agosto:</b> Mariana; <b>Setembro:</b> Crianças; <b>Outubro:</b> giras; <b>Novembro:</b> giras - <b>Dezembro:</b> Zé Pilintra.
Aldeia Caboclo Rompe Mato	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Oxóssi; <b>Fev:</b> Exu; <b>Março:</b> giras; <b>Abril:</b> Ogum; <b>Maio:</b> Preto Velho; <b>Junho:</b> Casal de Exu da Casa; <b>Julho:</b> Somente giras; <b>Agosto:</b> Iemanjá; <b>Setembro:</b> Somente giras; <b>Outubro:</b> Festa das Crianças, Sr Zé Basílio e Bebo da Praia; <b>Novembro:</b> Festa da Liana e da Paulina; <b>Dezembro:</b> Festa de Sr Zé Pilintra e Nego Gerson.

Centro de Umbanda Cabocla Jacira	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Festa da Cabocla Jacira; <b>Mai:</b> Pretos Velhos; <b>Nov:</b> Caboclo.
CENTRO DE UMBANDA Dom Geronimo	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Oxóssi; Fevereiro: Somente giras; Março: Chegada dos Caboclos; Abril: Ogum; Maio: Preto Velho; Junho: Somente giras; Julho: Festejo da Dona Chiquita; Agosto: Iemanjá; Setembro: Festejo do Caboclo Boiadeiro; Outubro: Festa das Crianças; Novembro: Procissão das Almas; Dezembro: Festa de Sr Zé Pilintra e Nego Chico.
CEU Zé Pelintra das Almas	G. Lisboa	<b>Jan:</b> Oxóssi; Fevereiro: Somente giras; Março: Somente giras; Abril: Festa de Seu Ogum General de Brigada e Príncipe Sibamba; Maio: Preto Velho e Aniversário do Terreiro; Junho: Tranca Rua e Dona Pomba Gira; Julho: Somente giras; Agosto: Iemanjá; Setembro: Cosme e Damião; Outubro: Somente giras; Novembro: Festa de Seu Zé Pilintra; Dezembro: Encerramento e Santa Barbara.

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 53 apresenta a consolidação completa e minuciosa de todos os terreiros citados, organizada mês a mês.

O QUADRO 54 consolida o calendário litúrgico, por mês/ciclo litúrgico, evidenciando os terreiros e bairros participantes em cada período do ano.

**QUADRO 54** – Calendário Litúrgico completo VERSÃO 02

Mês	Atividades e Rituais	Terreiros Participantes	Bairros
<b>Janeiro</b>	<b>Abertura e Louvação às Matas:</b> Predomínio de festas para <b>Oxóssi</b> e Caboclos (Vira Mundo, Girassol, Pena Branca, Tapinaré). Rituais para <b>Dom Rei Sebastião</b> , Reisado e abertura de trabalhos com batismos e tambores para Exu.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Nego Gerson, Palácio das Águas, Rompe Mata, Zé Pelintra/Maria Conga, Ogum Iara, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Cabana Gerson, D. Rei Sebastião, Pai Joaquim, Santa Bárbara, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Girassol, Pena Verde, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Fevereiro</b>	<b>Proteção e Esquerda:</b> Período de obrigações para <b>Exu e Pomba Gira</b> (Maria Cadeado, Maria Padilha, Paulina, Zé da Esquina). Rituais de proteção para o Carnaval, festas para <b>Iemanjá</b> e <b>São</b>	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Palácio das Águas, Ogum Iara, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Cabana Gerson, Pai Joaquim, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Girassol.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.

	<b>Lázaro/Omulu.</b>		
<b>Março</b>	<b>Firmeza e Mestres:</b> Obrigações de <b>São José de Ribamar</b> , ritos para <b>Nego Gerson</b> , Nego Chico, Sibamba e Cacurukaya. Destaque para as festas dos Caboclos Pena Branca e Oxóssi (Reis Tupinambá).	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Nego Gerson, Rompe Mata, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Girassol, Reis Tupinambá, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Abril</b>	<b>Mês de Ogum e Guerreiros:</b> Grandes festas de <b>Ogum</b> (São Jorge, Rompe Mata, Iara, Gen. de Brigada). Inclui a <b>Feijoada de São Jorge</b> , ritos de Clarins de Aruanda e celebrações para Nego Gerson e Nego Chico.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Nego Gerson, Palácio das Águas, Rompe Mata, Ogum Iara, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Cabana Gerson, Santa Bárbara, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Pena Verde, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Maio</b>	<b>Mês da Ancestralidade (Pretos Velhos):</b> Foco total nos <b>Pretos Velhos</b> e Pretas Velhas (Pai Joaquim, Maria Conga, Pai Benedito). Ritos de amaci, Festa Cigana e obrigações de Oxóssi e Logun Edé.	Quase todos os terreiros (Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Nego Gerson, Palácio das Águas, Rompe Mata, Zé Pelintra/Maria Conga, Ogum Iara, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Casa Amarela, Cabana Gerson, D. Rei Sebastião, Pai Joaquim, Santa Bárbara, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Girassol, Pena Verde, Reis Tupinambá, São Miguel).	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Junho</b>	<b>Justiça e Fogo:</b> Celebrações de <b>Xangô</b> e <b>Boiadeiro</b> . Obrigações de Santo Antônio e São João. Rituais para <b>Tranca Rua</b> , Zé Dias, Odélia Maria e o Caruru de Santa Bárbara.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Palácio das Águas, Rompe Mata, Ogum Iara, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Cabana Gerson, D. Rei Sebastião, Santa Bárbara, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Girassol, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Julho</b>	<b>Manutenção e Jurema: Lavagem de Pratos</b> , ritos de <b>Xangô</b> e Caboclos (Índio, Pena Branca). Festas para <b>Nego Gerson</b> , Nego Chico e Sete Encruzilhadas.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Rei Dragão, Palácio das Águas, Rei Mansidão, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Pai Joaquim, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Tupinambá, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim.

<b>Agosto</b>	<b>Reinado das Águas:</b> Grande festa de <b>Iemanjá</b> na praia. Rituais de <b>Olubajé</b> , celebrações para <b>Pai Jacob</b> , Maximiliano, Marabô, Sibamba e Herondina.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Nego Gerson, Palácio das Águas, Rompe Mata, Ogum Iara, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Cabana Gerson, D. Rei Sebastião, Pai Joaquim, Santa Bárbara, D. Jerônimo, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim.
<b>Setembro</b>	<b>Festa das Crianças e Erês:</b> Mes de <b>Cosme e Damião</b> . Toque de crianças, Kitanda de Erês e celebrações para <b>Sete Flechas</b> , Dona Maria e Sete Encruzilhadas. Saudação à força de Oxum.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Rompe Mata, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Cabana Gerson, D. Rei Sebastião, Pai Joaquim, Santa Bárbara, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Pena Verde, Reis Tupinambá, São Miguel.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Outubro</b>	<b>Yabás e Encantaria:</b> Homenagens a <b>Nossa Senhora Aparecida</b> e Yabás. Festas de Boiadeiro, Rei Salomão, João da Mata e Chiquinho do Maranhão. Alguns terreiros em <b>Baia</b> (recolhimento).	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Rei Dragão, Nego Gerson, Palácio das Águas, Rompe Mata, Ogum Iara, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Cabana Gerson, D. Rei Sebastião, Santa Bárbara, D. Jerônimo, Pena Branca, N. Sra. Conceição, Reis Ricardino, Girassol, Pena Verde, Reis Tupinambá.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.
<b>Novembro</b>	<b>Mestre e Almas:</b> Tributo às <b>Almas</b> e ao Mestre <b>Zé Pelintra</b> . Festas de Maria Padilha, Maria Sete Saias e Gira do Seu Chico. Algumas casas celebram <b>Oxalá</b> .	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Palácio das Águas, Rompe Mata, Rei Mansidão, Yá Omi Ogunté, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, D. Rei Sebastião, Pai Joaquim, Santa Bárbara, D. Jerônimo, Pena Branca, Reis Ricardino.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim.
<b>Dezembro</b>	<b>Encerramento do Ciclo:</b> Celebrações de <b>Santa Bárbara (Iansã)</b> , Festa dos Mestres (Gerson e Sibamba), ritos para <b>Zé Pelintra</b> , Marabô, Raimundão e Maria Mulambo. Gira de Exu para fechamento.	Vira Mundo, Urubu Reis, SEUCI, Gen. Brigada, Rei Dragão, Nego Gerson, Palácio das Águas, Rompe Mata, Zé Pelintra/Maria Conga, Ogum Iara, Rei Mansidão, Força das Águas, Abaça de Luzes, Casa Amarela, Cabana Gerson, Pai Joaquim, Santa Bárbara, N. Sra. Conceição, Pena Verde, Reis Tupinambá.	G. Portugal, G. Lisboa, Siqueira, B. Jardim, Bonsucesso.

Fonte: Dados da pesquisa

### 5.3. Frequência das entidades e divindades

O QUADRO 55 descreve de modo denso a diversidade de entidades/divindades/encantados que compõem os nomes dos Terreiros ou a principal festividade/celebração de cada um dos Terreiros.

**QUADRO 55** – Frequência de Entidades e Divindades no nome do Terreiro e na principal festividade/celebração

ENTIDADE / DIVINDADE / ENCANTADO	NOME DO TERREIRO	PRINCIPAL FESTIVIDADE	TOTAL
Caboclos e Caboclas (Diversas Falanges)	9	7	16
Família de Nego Gerson / Príncipe	5	6	11
Zé Pelintra / Zé Pulintra	3	5	8
Dom Rei Sebastião	3	2	5
Ogum	3	0	3
Pretos Velhos	0	3	3
Yemanjá / Iemanjá	1	1	2
Maria Mulambo	0	2	2
Maria Padilha	0	2	2
Crianças / Erês	0	2	2
Pomba Gira das Almas	0	2	2
Boiadeiros (Zé Mineiro/Raimundo)	0	2	2

Fonte: Dados da pesquisa

A Hegemonia Ameríndia evidencia-se nas 16 menções ao grupo de Caboclos e Caboclas, incluindo Vira Mundo, Jurema, Mariana, Jacira, Pena Branca/Verde, Tupinambá, Rompe Mato e Índio, comprovando que o território é um espaço de Encantaria.

Os dados revelam também um Protagonismo essencial da Família Gerson (Nobreza de Chão), com 11 menções. Assim, a linhagem de Nego Gerson e do Príncipe Gerson é uma das forças identitárias mais expressivas no território, confirmando que essa área é fundamental para a preservação desta "realeza da quimbanda" e da encantaria de origem maranhense. Sua presença atravessa o ano inteiro. Ele é celebrado em momentos distintos (Abril, Junho, Julho, Setembro, Novembro e Dezembro), dependendo da casa. Além de existirem terreiros batizados em seu nome (Cabana Príncipe Gerson, Casa Nego Gerson Quimbandeiro), o que demonstra que ele é a base da fundação espiritual de muitas famílias de santo na região. As figuras do Nego Gerson/Príncipe Gerson aparecem como pilares centrais na espiritualidade e na dinâmica litúrgica do Grande Bom Jardim, com festas em múltiplos terreiros ao longo do ano, revelando uma identidade territorial singular. Sua presença constante, em terreiros de diferentes linhagens (Umbanda, Quimbanda e Jurema), confirma que eles não são apenas "guias", mas patronos territoriais do Grande Bom Jardim.

Também cabe destacar o Rei Sebastião, que compõe a Realeza da Mata/Encantaria, citado de forma direta em três terreiros, mas componente de dois outros terreiros, que fazem referência aos Reis da Sagrada Família e aos Reis Tupinambá. Portanto, trata-se da figura central que fundamenta a Linhagem dos Reis no território. E representa um elo com a Encantaria do Maranhão, muito forte no Ceará. Sua função é de "ordenança" e "abertura", sendo o pilar que sustenta a hierarquia espiritual das casas que seguem a linha da Jurema e do Tambor de Mina no território. Ele reflete, assim, a linhagem espiritual, a genealogia ancestral e a intensidade simbólica da realeza sebastianista no território, que é uma característica marcante da influência do Maranhão (Mina e Terecô) no ecossistema do Bom Jardim. A frequência de cinco (05) menções para Sebastião evidencia que o território é um repositório vivo do Sebastianismo, uma tradição que une a história europeia, a mística maranhense e a ancestralidade indígena ("Rei dos Índios"). Ao lado da Família Gerson, Sebastião forma o eixo de "Realeza e Nobreza" que diferencia este território de outros bairros ou áreas de Fortaleza. Inclusive ao se considerar que a figura de Sebastião é complexa e se manifesta de três formas: O Santo Católico (São Sebastião): O mártir das flechas (sincretizado com Oxóssi na Umbanda); O Rei de Portugal (Dom Sebastião): O rei "encantado" nas dunas do Maranhão (Lençóis

Maranhenses); O Rei dos Índios: Conforme aparece no CEU São Miguel, reforçando a matriz afroameríndia.

Destacamos também a Centralidade de Zé Pelintra, que com oito (08) menções, atua como o grande mediador do território. Sua alta frequência tanto em nomes de terreiros quanto em festas indica que ele é a entidade de "ponte" entre o sagrado e a realidade urbana, mundana e cotidiana nos bairros e comunidades, e na cidade de forma geral.

Os dados revelam que entidades como Ogum aparecem mais nos nomes dos terreiros (fundamento de abertura), enquanto os Pretos Velhos e Crianças aparecem mais nas festas, sugerindo que Ogum é a "vigilância" da casa, enquanto as outras entidades são as "promotoras" da dinâmica e confraternização comunitária cotidiana.

É possível afirmar que há um equilíbrio entre a Realeza e a Rua no território, conformando uma Arquitetura Invisível do Território, ou o que se pode nomear como Tecido Associativo, Civilizatório e Cosmológico.

O QUADRO 56 amplia a amostra, agregando a frequência de entidades e divindades no ciclo anual, considerando todas as festividades e celebrações – e não somente a principal festividade ou celebração – e os nomes dos Terreiros. Assim, o QUADRO 56 agrega às frequências das entidades/divindades, a indicação dos meses de maior incidência e dos papéis e funções sociais e litúrgicas efetivadas.

**QUADRO 56** – Frequência de Entidades e Divindades no Ciclo Anual e nos nomes dos Terreiros

Divindade / Entidade	Frequência (Menções Acumuladas*)	Meses de Maior Incidência	Papeis e Funções sociais e litúrgicas no Território
<b>Oxóssi / Caboclos</b>	46	Janeiro, Março, Julho	<b>Abertura e Sustentação:</b> Provedores da fartura e regentes da botânica medicinal (cura pelas ervas).
<b>Ogum / São Jorge</b>	42	Abril, Junho	<b>Caminhos e Trabalho:</b> Proteção contra violência urbana e mediação da agência econômica (emprego).
<b>Pretos Velhos</b>	40	Maior, Outubro, Novembro	<b>Sabedoria e Ancestralidade:</b> Suporte psicossocial e mediação de conflitos através do conselho.
<b>Zé Pelintra</b>	35	Novembro, Dezembro	<b>Malandragem e Integração:</b> Caridade direta, cura de vícios e acolhimento de

			populações marginalizadas.
<b>Erês / Crianças</b>	32	Setembro, Outubro	<b>Renovação e Coesão:</b> Proteção à infância e fortalecimento dos vínculos comunitários e familiares.
<b>Exu / Pomba Gira</b>	30	Fevereiro, Junho, Dezembro	<b>Equilíbrio e Limite:</b> Gestão das relações de rua e proteção das fronteiras sociais do terreiro.
<b>Mestre Nego Gerson</b>	28	Julho, Setembro, Dezembro	<b>Pilar Regional (Ciência):</b> Referência de identidade cearense e mestre de feitiçaria e cura na Jurema.
<b>Iemanjá / Águas</b>	26	Agosto, Fevereiro, Dezembro	<b>Maternidade e Fluxo:</b> Regeneração emocional, purificação e proteção do sagrado feminino.
<b>Maria Padilha</b>	22	Março, Setembro, Novembro	<b>Autonomia Feminina:</b> Justiça de gênero, empoderamento e regência da subjetividade feminina.
<b>Rei Sebastião</b>	12	Janeiro, Setembro	<b>Soberania e Encanto:</b> Preservação da memória diaspórica e da linhagem real da Mina/Encantaria.
<b>Xangô / São João</b>	12	Junho, Julho	<b>Justiça e Lei:</b> Equilíbrio ético e retidão nas decisões que impactam a coletividade.
<b>Mestre Sibamba</b>	10	Março, Agosto, Dezembro	<b>Fundamento e Guarda:</b> Proteção de segredos rituais e mestre de ritos de cura pesada.

Fonte: Dados da pesquisa

Observação: a contagem acumulada soma a presença no nome do terreiro + menções no calendário litúrgico.

A caracterização dos papéis ou **funções sociais e litúrgicas evidenciadas** no QUADRO 56 não é meramente descritiva, ela é **analítica**. E cada definição baseia-se na função pragmática que a divindade exerce na vida do devoto e da comunidade, na Regional V. A seguir, a indicação e justificativa sintética dos papéis/funções por eixo.

- Oxóssi / Caboclos (Abertura e Sustentação). Regentes da "fartura", sua função social é a gestão da provisão. Em territórios de vulnerabilidade, a

busca por Oxóssi está ligada à segurança alimentar e ao sucesso na busca por recursos básicos.

- Pretos Velhos (Sabedoria e Ancestralidade). Atuam como mediadores psicossociais. O papel no território é a oferta de conselho e orientação, são fonte de sabedoria, funcionando como uma rede de apoio emocional e mental em comunidades com pouco acesso a serviços de saúde mental.
- Ogum / São Jorge (Caminhos e Trabalho). É a divindade da agência econômica e física. Seu papel é garantir a integridade no deslocamento urbano e o sucesso no mercado de trabalho, além da proteção contra a violência.
- Erês / Crianças (Renovação e Comunidade). Exercem o papel de proteção à infância e coesão familiar. Suas festas (Setembro/Outubro) são marcos de alegria coletiva que humanizam as ruas dos bairros.
- Exu / Pomba Gira (Equilíbrio e Limite). Atuam na gestão dos limites sociais e da rua. São os guardiões que "equilibram" as tensões entre o terreiro e a vizinhança, regendo as trocas e as defesas do território.
- Iemanjá / Águas (Maternidade e Fluxo). Representam a regeneração biopsíquica. O papel no território é o acolhimento feminino e a purificação das tensões acumuladas durante o ciclo anual.
- Mestre Nego Gerson / Rei Sebastião / Sibamba (Pilares Regionais). Representam a soberania da memória local. Ao contrário de orixás universais, essas entidades legitimam a Regional V como um polo de identidade fortalezense e cearense. Seu papel é a preservação da história oral e das técnicas rituais de cura regional (Jurema/Mina).
- Zé Pelintra (Malandragem e Caridade). Atua como agente de integração social. Seu papel é a caridade direta, auxiliando na cura de vícios e na reinserção de pessoas marginalizadas na vida comunitária.
- Maria Padilha (Autonomia Feminina). Regente da justiça de gênero e autonomia afetiva. Atua como suporte para mulheres que buscam proteção e empoderamento em contextos de opressão.

- Xangô / São João (Justiça e Lei). É a divindade do equilíbrio ético. Seu papel é a aplicação da retidão e da verdade nas decisões que afetam a coletividade da casa.

A análise sintética das frequências acumuladas nos 40 terreiros da Regional V revela um ecossistema de alta densidade religiosa, litúrgica, social, estética, patrimonial e econômica, caracterizado por cruzos que envolvem tradições universais, regionalismos profundos e territorializações singulares e relevantes, considerando as diferentes genealogias, matrizes e famílias no território.

Mas, é possível aprofundar essa análise.

Destaca-se inicialmente um Bloco de Sustentação e Agência, tendo entre 46-40 menções, com a tríade Oxóssi/Caboclos, Ogum e Pretos Velhos formando o alicerce do território. Revela-se, assim, uma Hegemonia do "Corpo" e da "Abertura", pois as frequências de Oxóssi/Caboclos (46), Ogum (42) e Pretos Velhos (40) demonstram que a base do ecossistema é o acolhimento e a cura. Esses números indicam que o terreiro funciona como a primeira porta de acolhimento, assistência e cuidado na periferia. Evidencia-se uma Hegemonia das Matas (Oxóssi/Caboclos). A linha das matas é uma base de sustentação central aos Povos e Comunidades de Terreiro do território, o que pode se vincular à forte ligação da Umbanda cearense com a Jurema Sagrada, onde o Caboclo é a autoridade máxima. Evidenciada através de Terreiros como Aldeia Caboclo Rompe Mato e CEU Cabocla Jurema, vinculados essencialmente à preservação de remanescentes de vegetação, na Granja Lisboa e no Siqueira, agregando a colheita de ervas e a realização de oferendas.

No ecossistema da Regional V, Oxóssi é o regente da soberania botânica e da gestão da provisão. Sua figura representa o domínio humano sobre as leis da natureza para a manutenção da vida, traduzindo-se tecnicamente como o guardião da segurança alimentar e dos recursos vitais. No contexto urbano de bairros como a Granja Lisboa, Oxóssi opera como o "Senhor da Fatura", sendo evocado para garantir que as carências materiais da periferia sejam supridas através do conhecimento estratégico e da precisão nas escolhas cotidianas. Ele é a inteligência que mapeia o território em busca de sustento. Liturgicamente, Oxóssi fundamenta a ciência das ervas e o saber fitoterápico dos terreiros. Sua presença é o que legitima

a rede de colheita local e o comércio de ervanarias, transformando quintais produtivos em farmácias vivas. Do ponto de vista do planejamento urbano e do patrimônio, Oxóssi personifica a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade; seu ciclo em janeiro estabelece um compromisso ético entre a comunidade e a preservação das "matas" residuais da cidade, garantindo que o progresso urbano não apague os saberes ancestrais de cura botânica.

Os Caboclos representam a soberania afroameríndia e a identidade de chão da Regional V. Diferente de divindades universais, os Caboclos (como Vira Mundo, Pena Branca e Rompe Mato) são entidades de "raiz", que estabelecem um vínculo direto e indissociável com a terra e com a história da fundação das casas. Eles funcionam como os diplomatas do território, mediando a relação entre o sagrado e a geografia local. Na prática social, o Caboclo é a força que "limpa o terreno", sendo responsável por estabelecer a posse simbólica e a proteção física dos perímetros rituais contra as invasões e desordens externas. A função social dos Caboclos é a de agentes de brasilidade e resistência cultural. Eles personificam o herói popular — o vaqueiro, o índio, o sertanejo — e sua presença nos terreiros do Bom Jardim e Siqueira reforça o sentimento de pertença e o orgulho das origens rurais e migrantes. No âmbito do patrimônio imaterial, a linhagem dos Caboclos constitui o que Luiz Antonio Simas define como o "reencantamento das ruas"; eles transformam lotes de periferia em "aldeias" de resistência, onde a oralidade e os cantos de mata preservam uma memória nacional que a história oficial muitas vezes ignora.

De modo mais detalhado, cabe a referência às Falanges de Caboclos (Os Guardiões da Floresta/ Os Donos da Mata), que articulam centros regidos por entidades que personificam a força da natureza e o conhecimento das ervas: (1) Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo: (Primeiro da lista) Vira Mundo é um caboclo de grande autoridade, conhecido por transitar por todos os reinos e "virar o mundo" para trazer cura. (2) Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI), onde o nome já estabelece o compromisso central com a linhagem indígena. (3) o CEU Reis Tupinambá, que evoca a nobreza e a força guerreira da nação Tupinambá, uma das mais fortes nas matas da Umbanda. (4) a Casa de Caridade Caboclo Pena Branca, com Pena Branca sendo uma das entidades mais universais da Umbanda, representando a paz, a pureza e a sabedoria profunda das matas virgens. (5) o CEU Caboclo Pena Verde, com ligação direta com a vibração de Oxóssi (cor verde), focado na fartura e na cura pelas folhas. (6) a Cabana do

Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras, expressando uma articulação entre a força da mata (Tupinambá) e a purificação dos rios (Águas Claras), muito comum em regiões de mata ciliar como o Grande Bom Jardim. (7) a Aldeia Caboclo Rompe Mato, onde o uso do termo "Aldeia" reforça o terreiro como um território de retomada ancestral, sendo Rompe Mato a entidade que desbrava e protege as entradas da floresta. (8) o Centro de Umbanda Cabocla Jacira, com a presença de uma Cabocla reforçando o aspecto feminino da mata, ligado à proteção da família e ao acolhimento. (9) o CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo, que reitera a importância de Vira Mundo na região, e articula um Caboclo e um Preto Velho. (10) o CEU Cabocla Jurema, expressando o domínio da Jurema Sagrada, evidenciando pilar central da hegemonia das matas no Nordeste. A Jurema não é apenas uma entidade, mas uma árvore sagrada cujo culto funde elementos indígenas e afro-brasileiros. (11) os Oguns da Fronteira (Mata/Campo), evidenciando como certos Oguns trabalham "dentro" da mata protegendo o conhecimento de Oxóssi. O CEU Ogum Rompe Mata que atua na abertura de caminhos físicos e espirituais dentro do domínio vegetal. Embora Ogum seja o Orixá do ferro e da guerra, quando atua como "Rompe Mata", ele está na fronteira entre o campo de batalha e a floresta, protegendo as entradas e trabalhando em conjunto com Oxóssi. (12) o CEU São Miguel, a quem cabe menção especial, pois, embora São Miguel seja um arcanjo, no Grande Bom Jardim, o CEU São Miguel (liderado por Pai Neto Tranca Rua) é um dos maiores centros de preservação da cultura e patrimônio dos Povos e Comunidades de Terreiro, atuando como um "quilombo" que protege o conhecimento das matas e das juremeiras da região.

Esses dados indicam como esses Terreiros são interessados na preservação dos remanescentes de vegetação nativa, particularmente na Granja Lisboa e no Siqueira. O desmatamento de uma área de carnaúbas ou da mata ciliar do Rio Maranguapinho não é apenas perda ambiental, é a destruição do santuário de colheita e oração.

As menções a Ogum também prevalecem no território. No ecossistema dos povos e comunidades de terreiro da Regional V, a figura de Ogum transcende a simplificação do "santo guerreiro" para se consolidar como o regente da agência e do ordenamento territorial. Liturgicamente, ele é a divindade que domina a técnica e o ferro, sendo o responsável por domesticar os espaços e transformar a natureza em território habitável. Nas periferias de Fortaleza, essa camada simbólica traduz-se na

gestão dos caminhos e na garantia da integridade física e moral dos devotos, posicionando o terreiro como um centro de disciplina e retidão ética diante das tensões do cotidiano urbano. Sua função social é intrinsecamente ligada à agência econômica e ao mundo do trabalho. Ogum é evocado não apenas para a proteção passiva, mas como a força motriz que impulsiona a busca pelo emprego, o sucesso do pequeno empreendedor e a viabilidade dos deslocamentos dos trabalhadores que residem nas franjas da cidade. Ao governar os "caminhos de ferro", ele estabelece uma infraestrutura espiritual que sustenta a resiliência dos moradores do Grande Bom Jardim e Siqueira, funcionando como um mediador entre a ordem ritual e a sobrevivência material, garantindo que o fluxo da vida comunitária não seja interrompido pela estagnação ou pela violência.

Dessa forma, o Ciclo de Ogum assume o papel de um marco de controle social simbólico e pacificação. Através de uma estética frequentemente militarizada e hierárquica, as festividades de abril operam um ordenamento que reafirma pactos de convivência e respeito mútuo no bairro. Sob a ótica do patrimônio e do planejamento urbano, Ogum representa o direito à cidade e ao trabalho; sua presença nos terreiros funciona como um dispositivo de Justiça Restaurativa e Defesa Territorial, transformando o metal sagrado em ferramenta de construção de cidadania e soberania popular.

Os Pretos Velhos constituem o eixo de sabedoria ancestral e mediação psicossocial da rede de terreiros. Eles personificam a resiliência histórica da diáspora africana sob a forma de anciãos que transmutaram a dor do cativo em tecnologia de acolhimento. No cotidiano da Regional V, os Pretos Velhos operam como uma infraestrutura de saúde mental comunitária; sua principal função social é a "escuta ativa" e o conselho, oferecendo suporte emocional e psicológico em territórios onde o acesso a serviços públicos especializados é escasso, precário ou estigmatizante. A liturgia dos Pretos Velhos fundamenta-se na pedagogia da paciência e na cura pelo conforto. Através de elementos de baixo custo e alta carga simbólica — como o café, o mel e o fumo — eles estabelecem ritos de regeneração que buscam o equilíbrio dos conflitos familiares e comunitários. Sob a ótica das políticas públicas, os Pretos Velhos são os gestores da coexistência harmônica e da comensalidade; suas festividades em maio, voltadas para a partilha de alimentos e a valorização da velhice, combatem a invisibilidade dos idosos e promovem a paz

social, transformando a memória do sofrimento em uma rede orgânica de caridade e suporte mútuo.

Outro Bloco é o da Integração e Coesão Social, tendo entre 35-30 menções, agregando Zé Pelintra, Erês e Exu/Pomba Gira, atuando na gestão das relações humanas e urbanas.

No ecossistema da Regional V, Zé Pelintra atua como o agente de integração social e justiça restaurativa. Ele personifica a malandragem como tecnologia de sobrevivência e diplomacia urbana, operando na fronteira entre o sagrado e a rua. Sua função social é a de um mediador de crises; Zé Pelintra é evocado para a resolução de conflitos imediatos, para a cura de vícios e para o suporte a indivíduos em situação de vulnerabilidade extrema. Ao contrário de divindades distantes, ele é o "herói do cotidiano" que circula nos botequins e nas calçadas, transformando a marginalidade em caridade e suporte direto às populações invisibilizadas pelo Estado. Liturgicamente, Zé Pelintra estabelece o "Cruzo" entre a Umbanda, a Jurema e a Malandragem, funcionando como um catalisador de axé que não exige o rigor do isolamento ritual. Do ponto de vista do planejamento urbano, suas festividades em novembro e dezembro promovem a democratização do espaço público, ocupando calçadas e esquinas com uma ética de partilha e alegria. Ele representa o patrimônio da hospitalidade periférica; seu culto legitima o território como um espaço de acolhimento e reinserção social, onde a "ciência da rua" é reconhecida como uma ferramenta legítima de pacificação e coesão comunitária.

Os Erês, ou Crianças, representam o eixo de renovação e fortalecimento dos vínculos familiares. No contexto da Regional V, eles exercem o papel de guardiões da infância periférica, transformando o terreiro em um centro de lazer e segurança alimentar sazonal. Sua função social é a de promover a alegria como um direito político; as festas de setembro e outubro operam como o maior dispositivo de coesão comunitária do território, mobilizando uma rede de doações e voluntariado que culmina na distribuição massiva de doces e brinquedos, suprimindo lacunas de acesso à recreação e à nutrição infantil em bairros como a Granja Lisboa e o Siqueira. A liturgia dos Erês fundamenta-se na pedagogia da doçura e na pureza do axé, sendo essencial para "descarregar" as tensões acumuladas pelos adultos durante o ciclo anual. Sob a ótica das políticas de patrimônio, o ciclo das crianças é um marco da continuidade geracional; ao envolver os jovens nos ritos através do lúdico, o terreiro garante a transmissão do saber ancestral e a preservação da

memória coletiva. O impacto comercial da "Economia do Doce" revela que os Erês são, tecnicamente, indutores de microeconomias locais, provando que o sagrado infantil é um motor de dinamismo e vitalidade para o varejo de bairro.

Exu constitui a força de dinamismo vital e o princípio da comunicação no território. Ele é o senhor das encruzilhadas, o que tecnicamente o define como o gestor de fluxos e o guardião das fronteiras urbanas e rituais. Sua função social é a de assegurar que a energia do território circule sem bloqueios, atuando como um "policimento espiritual" que regula as tensões entre o terreiro e a vizinhança. Na Regional V, Exu é evocado para a proteção contra demandas negativas e para a viabilização de negócios e trocas, sendo o pilar de sustentação que garante que nenhuma outra atividade litúrgica ou social se realize sem o devido equilíbrio de forças. Diferente do estigma colonial, Exu é o ordenador da ética do movimento. No âmbito do patrimônio imaterial, ele personifica a liberdade e a agência humana; seus ciclos de pico (fevereiro e dezembro) coincidem com momentos de transição urbana (Carnaval e Fim de Ano), onde sua presença garante a segurança simbólica das ruas. O reconhecimento de Exu como "Dono das Esquinas" justifica a proteção dos espaços públicos de cruzo como áreas de interesse cultural, reconhecendo que a governança das falanges de rua é o que muitas vezes mantém o "limite" e a ordem nas zonas de maior conflito social.

Pomba Gira atua no eixo da autonomia afetiva, empoderamento e justiça de gênero. Ela representa a face feminina da agência e do desejo, sendo a força que governa as relações interpessoais e a subjetividade das mulheres no território. Sua função social é a de prover suporte e acolhimento para questões ligadas à sexualidade, ao combate à violência doméstica e à afirmação da vontade feminina. Em bairros onde o patriarcado e a opressão de gênero são estruturais, a Pomba Gira oferece um espaço de escuta sem julgamentos e de reparação simbólica da dignidade da mulher, incentivando a independência e o amor-próprio como ferramentas de resistência. Liturgicamente, ela é a senhora da estética e da diplomacia, utilizando elementos de luxo e beleza (velas vermelhas, perfumes, sedas) para transmutar energias de submissão em poder pessoal. No campo das políticas de patrimônio e cultura, as festividades dedicadas a figuras como Maria Padilha e Mulambo são marcos de afirmação da presença feminina na liderança religiosa. O culto à Pomba Gira na Regional V sustenta uma rede de costureiras e artesãos de moda ritual, provando que a soberania dos desejos femininos é também

um vetor de economia sustentável e de preservação da dignidade humana na periferia. Pomba Gira envolve a função social de proteção das mulheres e gestão dos afetos de forma ampla.

Em seguida, cabe destacar o Bloco da Identidade e Regeneração tendo entre 28-22 menções, com Mestre Nego Gerson, Iemanjá e Maria Padilha trazendo a singularidade do "Cruzo" cearense.

No ecossistema da Regional V, o Mestre Nego Gerson assume o papel de amálgama da identidade regional e gestor da ciência da cura. Ele personifica a "Nobreza de Chão" e a ancestralidade cearense-maranhense, atuando como o principal mediador entre a cultura dos encantados e o cotidiano urbano. Sua função social é a de um Agente de Justiça Restaurativa; Nego Gerson é evocado como o "Mestre do Saber" que organiza o território, resolve conflitos comunitários e detém o domínio sobre as artes de transmutação de energias. Ele é o símbolo de uma soberania espiritual que não se curva a padrões externos, legitimando o Siqueira e a Granja Lisboa como polos de uma "ciência" própria e resistente. Liturgicamente, Nego Gerson fundamenta o Ciclo da Encantaria e da Quimbanda Regional, sendo o elo entre o fundamento do Tambor de Mina e a prática da Jurema em Fortaleza. Do ponto de vista do patrimônio imaterial, ele é uma figura de soberania de linhagem, cuja presença em dezenas de terreiros justifica a preservação de ofícios artesanais específicos, como a ferraria de proteção e a alfaiataria de preceito. Sua relevância também reside na capacidade de gerar pertencimento: Nego Gerson transforma a periferia em um "Palácio de Encanto", onde a história local é preservada através da oralidade e de uma governança ancestral que assegura a resiliência e a dignidade da comunidade.

Iemanjá constitui o eixo de maternidade coletiva e regeneração emocional do território. Ela representa o arquétipo do acolhimento incondicional e da purificação, operando como uma infraestrutura simbólica de equilíbrio para as tensões acumuladas pela comunidade. Sua função social é a de promover a saúde integral e o fluxo da vida; em territórios marcados pela dureza do cotidiano, Iemanjá oferece o suporte para a gestão dos afetos e a proteção da família. Ela é a "Mãe de Todos", cuja regência garante que as águas rituais lavem os traumas sociais, restaurando a esperança e a vitalidade biopsíquica dos moradores.

A dimensão urbana de Iemanjá é um dos marcos mais potentes do Direito à Cidade em Fortaleza. Suas festividades em agosto e janeiro promovem um

deslocamento massivo da Regional V em direção à orla marítima, realizando o que se define como a ocupação democrática do espaço público. Sob a ótica das políticas de turismo e cultura, Iemanjá é o vetor que integra a periferia ao centro litorâneo, transformando o rito religioso em um ato de visibilidade política e afirmação territorial. O registro de seu calendário como patrimônio imaterial assegura que a cidade reconheça essa migração sagrada como um elemento constituinte da identidade fortalezense.

Maria Padilha atua no eixo da autonomia afetiva, empoderamento e justiça de gênero. Ela representa a face feminina da agência e do desejo, sendo a força que governa as relações interpessoais e a subjetividade das mulheres no território. Sua função social é a de prover suporte e acolhimento para questões ligadas à sexualidade, ao combate à violência doméstica e à afirmação da vontade feminina. Em bairros onde o patriarcado e a opressão de gênero são estruturais, a Maria Padilha oferece um espaço de escuta sem julgamentos e de reparação simbólica da dignidade da mulher, incentivando a independência e o amor-próprio como ferramentas de resistência. Liturgicamente, ela é a senhora da estética e da diplomacia, utilizando elementos de luxo e beleza para transmutar energias de submissão em poder pessoal. No campo das políticas de patrimônio e cultura, as festividades dedicadas a Maria Padilha são marcos de afirmação da presença feminina na liderança religiosa. O culto a Padilha na Regional V sustenta uma rede de costureiras e artesãos de moda ritual, provando que a soberania dos desejos femininos é também um vetor de economia sustentável e de preservação da dignidade humana na periferia, garantindo que o "Cruzo" das ruas seja também um espaço de justiça para as mulheres. Maria Padilha envolve a função política e de liderança. Ela é a face da governança feminina que toma decisões, que "dá ordens" e que organiza o movimento das outras entidades da mesma linha.

Por fim, o Bloco da Soberania e Fundamento tendo entre 12-10 menções, com Rei Sebastião, Xangô e Mestre Sibamba representando a "guarda" da tradição e conferindo dignidade histórica e legitimidade (Soberania). O rito para o Rei Sebastião conecta a periferia de Fortaleza à diáspora maranhense (Tambor de Mina), enquanto Sibamba e Xangô garantem o rigor ético e a proteção dos segredos rituais que mantêm a unidade do ecossistema.

No contexto da Regional V, o Rei Sebastião atua como o eixo de soberania histórica e preservação da memória diaspórica. Ele representa a face da "Nobreza

de Chão" que conecta diretamente o território de Fortaleza à tradição do Tambor de Mina e ao misticismo maranhense. Sua função social é a de operar uma reparação simbólica e afirmação de dignidade; ao evocar a figura de um monarca encantado, os terreiros do Bom Jardim e Siqueira resgatam uma narrativa de realeza e poder para uma população historicamente marginalizada. Ele é o símbolo de que a periferia é, tecnicamente, um reino de resistência cultural que preserva linhagens de linhagem Jeje-Mina e Europeia-Encantada em um cruzo único de soberania popular. Liturgicamente, Rei Sebastião fundamenta o Ciclo da Nobreza, regendo festividades de alto rigor estético e visual, que exigem indumentárias de luxo e paramentos específicos. Do ponto de vista do patrimônio imaterial, sua presença justifica a proteção dos terreiros como centros de preservação de história oral, onde o "mito sebastianista" é ressignificado para fortalecer a identidade negra e migrante. Sua relevância também evidencia o potencial de Turismo Cultural e Histórico, transformando o saber da realeza encantada em um ativo que valoriza a memória urbana e combate o apagamento das conexões interestaduais que formaram a cultura cearense.

Xangô constitui o eixo do rigor ético, da retidão e da governança da justiça no ecossistema dos terreiros. Ele representa o arquétipo do juiz e do legislador, operando como uma instância de equilíbrio para as decisões coletivas e individuais da comunidade. Sua função social é a de promover a transparência e a verdade nas relações sociais; em territórios onde a justiça institucional muitas vezes é percebida como distante ou punitiva, Xangô oferece o suporte para um tribunal ético ancestral, onde o peso da lei divina exige responsabilidade mútua e respeito aos pactos comunitários. Ele é a força que garante que a "pedra da justiça" esmague a iniquidade e restaure a harmonia.

A dimensão econômica de Xangô é evidenciada pela intensa ativação do mercado de insumos vegetais e hortifrutigranjeiros, como o quiabo e o azeite de dendê para o preparo dos banquetes rituais (Amalá). Sob a ótica das políticas públicas e do patrimônio imaterial, Xangô personifica o ordenamento moral e a autoridade legítima; suas festividades em junho operam como marcos de comensalidade que reforçam a ética da partilha. O reconhecimento de seu papel no território sustenta a ideia do terreiro como um espaço de Justiça Restaurativa, onde o equilíbrio de forças é mediado por uma lógica de retribuição e equidade social.

O Mestre Sibamba assume o papel de guardião dos segredos rituais e mestre da alta ciência da cura. Ele personifica a figura do "Mestre de Fundamento", cuja autoridade emana do domínio técnico sobre os ritos de maior complexidade litúrgica e proteção territorial. Sua função social é a de atuar na segurança espiritual de alta camada; Sibamba é evocado para ritos de guarda, fechamento de corpo e proteção das fronteiras do terreiro contra energias externas disruptivas. Ele representa o saber "fechado", a disciplina e a seriedade do misticismo da Jurema e da Quimbanda, funcionando como um pilar de estabilidade técnica para as lideranças religiosas da Regional V. Liturgicamente, Mestre Sibamba é o elo com a ancestralidade da terra e do ferro, operando curas pesadas e limpezas profundas. No âmbito das políticas de cultura e patrimônio, sua figura é crucial para o reconhecimento do saber técnico especializado dos povos de terreiro. Ele é o detentor de uma "ciência" que sobrevive à margem da academia oficial, mas que gere a saúde e a proteção de milhares de pessoas. Sua relevância para o território reside na preservação de uma identidade singular e secreta, que fundamenta a Regional V como um polo de especialização religiosa onde a tradição é mantida com rigor, silêncio e autoridade mística.

Os dados evidenciam uma Singularidade do "Cruzo" Cearense, através da alta pontuação de Zé Pelintra (35) e Mestre Nego Gerson (28), nesse território. Enquanto o Candomblé de matriz clássica foca em Orixás, a Regional V eleva os Mestres e a Malandragem a pilares de governança. Isso indica um ecossistema de Umbanda Cruzada e Jurema, onde a ancestralidade não é apenas africana mítica, mas também indígena, sertaneja e urbana, configurando um patrimônio imaterial de forte identidade local. Reforça-se a também a ideia de que Nego Gerson e Zé Pelintra são Pilares Territoriais. As frequências dos Mestres da Jurema e da Malandragem podem indicar que a espiritualidade no território é antropocêntrica, focada em figuras que viveram na terra, criando uma proximidade muito forte entre o fiel e a entidade.

Também cabe destacar uma Unidade na Diversidade, associada ao Fluxo de Rua, com as frequências de Exu/Pomba Gira (30) e Maria Padilha (22) mostrando uma unidade no modo como esses povos gerem o espaço público. Eles são os regentes da "Agência", indicando que os terreiros operam uma rede de proteção e justiça de gênero (no caso de Padilha) que regula as tensões sociais dos bairros Granja Lisboa e Siqueira.

Entidades como Nego Gerson e Rei Sebastião possuem uma frequência maior do que Orixás tradicionais como Iansã ou Omulu, o que reforça a tese de que eles são os verdadeiros "donos da terra" nesse recorte geográfico.

#### 5.4. Arquitetura de Forças e Governança Ancestral

O QUADRO 57 estrutura a dinâmica cotidiana dos terreiros pesquisados em quatro eixos de força, considerando as funções sociais e litúrgicas, bem como as entidades/divindades e os Terreiros envolvidos, conformando uma Arquitetura de Forças e Governança Ancestral consolidada, com quatro eixos essenciais.

**QUADRO 57** – Arquitetura de Forças e Governança Ancestral

EIXO DE FORÇA	FUNÇÕES SOCIAIS E LITÚRGICAS NO ECOSISTEMA	ENTIDADES E DIVINDADES	TERREIROS
<p style="text-align: center;"><b>O</b> "Corpo" (Ancestralidade e Raiz)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Sustentação Afro-ameríndia:</b> Ligação com o território (terra/mata), preservação botânica, cura tradicional e saúde integral.</p>	<p style="text-align: center;">Caboclos e Caboclas (Vira Mundo, Tupinambá, Pena Branca/Verde, Rompe Mato, Índio, Jacira, Mariana, Jurema, Tapinaré, Girassol).</p>	<p>CEU Pai Jacob; CEU Caboclo Vira Mundo; Cabana Tupinambá; Casa Pena Branca; Aldeia Rompe Mato; CU Cabocla Jacira; CU Cabocla Mariana; CEU Cabocla Jurema; CEU Ogum Rompe Mato; SEUCI (Caboclo Índio); CEU Caboclo Pena Verde; Terreiro Girassol; CEU São Miguel (Rei dos Índios).</p>
<p style="text-align: center;"><b>A</b> "Agência" (Proteção e Rua)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Mediação Urbana:</b> Defesa, segurança social e resolução de conflitos nas ruas através da ética da malandragem e do cruzo.</p>	<p style="text-align: center;">Família Gerson (Príncipe, Nego Gerson, Sibamba, Maximiliano), Zé Pelintra, Maria Padilha, Maria Mulambo, Tranca Rua, Exu João Caveira, Paulina, Maria Cadeado.</p>	<p>CEU Príncipe Gerson; Cabana Príncipe Gerson; Casa Nego Gerson Quimbandeiro; CEU Rei da Mansidão; CEU Rei Dragão do Mar; CEU Zé Pelintra das Almas; Abaça de Luzes; Cabana Tupinambá (Padilha); CEU General de Brigada; Aldeia Rompe Mato (Zé Basílio); Casa de Cura Ogum Beira-</p>

			Mar; CU Zé Pelintra e Mãe Maria Conga.
<b>A</b> <b>"Soberania"</b> (Legitim ação e Dignidade)	<b>Realeza e Nobreza:</b> Dignidade histórica, preservação da memória diaspórica (Ceará-Maranhão) e afirmação da cidadania negra.	Dom Rei Sebastião, São Sebastião, São José de Ribamar, Reis da Mina e do Terecô (Rei Ricardino), Rei Salomão.	CU Don Rei Sebastião; CEU São Miguel; CEU Urubu Reis; CEU Reis Tupinambá; CU Reis Ricardino de Oliveira (I e II); CU Força das Águas; CEU Nossa Senhora da Conceição; CEU Pai Joaquim de Angola; Casa Amarela do Rei da Turquia.
<b>As "Mães"</b> (Equilíbrio e Fluxo)	<b>Matriz da Vida:</b> Acolhimento feminino, regeneração comunitária, proteção da infância e gestão simbólica das águas.	Yemanjá, Oxum, Iansã, Nanã, Yabás, Tobossas, Erês (Crianças) e Caboclas das Águas.	Ilê Asé Yá Omi Ogunté; CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá; CU Cabocla Mariana; Palácio das Águas; Tenda Santa Bárbara Guerreira; Centro Espiritual Ogum Iara; Ilê Ya Omi; Ilê Asé Dan Jikoie; CEU Cabocla Jurema.

Fonte: Dados da pesquisa

A estruturação do QUADRO de Arquitetura de Forças e Governança Ancestral dos 40 terreiros da Regional V baseia-se no conceito de Ecossistema dos Povos e Comunidades de Terreiro, onde a divindade não é lida apenas como um ente de fé, mas como um Eixo de Força que opera funções sociais, econômicas, políticas, estéticas, epistêmicas e ancestrais no território urbano. A escolha dos quatro eixos — O Corpo, A Agência, A Soberania e As Mães — fundamenta-se nos critérios a seguir indicados.

O "Corpo" do Território incorpora a Ancestralidade Ameríndia, com os Caboclos e Caboclas constituindo o corpo e o chão litúrgico do/no território, evidenciando uma base civilizatória, societal e cosmológica afroameríndia. O Corpo remete à Ancestralidade e Raiz, fundamentando a função do terreiro como equipamento de Saúde Integral e Preservação Ambiental. Ao vincular Caboclos e Juremeiros à cura e às matas, estabelece-se uma relação direta com as metas de sustentabilidade do Plano Diretor, reconhecendo o terreiro como guardião da biodiversidade urbana

(ervas e quintais). Os Caboclos e Caboclas expressam e performam a estabilidade vital, fundando a conexão com a terra e a ancestralidade primordial. Desse modo, sem essa base ameríndia, o ecossistema perderia sua raiz, sua capacidade de regeneração através do contato com o sagrado da natureza.

A "Agência" Urbana, nas funções de Proteção e Mediação Social, vincula-se à Família de Nego Gerson e Zé Pelintra, exercendo a "agência" social e política, com estas entidades da Quimbanda e da Malandragem lidando diretamente com as contradições da vida urbana, os conflitos da rua e a necessidade de proteção imediata. A "Agência" envolve Proteção e Rua, definindo o terreiro como Centro de Mediação e Segurança Comunitária. As entidades de "rua" (Exus, Malandros e Pomba Giras) operam a resolução de conflitos em territórios onde o Estado é muitas vezes ausente. Metodologicamente, este eixo justifica o papel social do terreiro na manutenção da paz local. As Famílias Gerson e Zé Pelintra atuam nas tensões do cotidiano, sendo, em termos vitalistas, a "imunidade" do território, lidando com o que é externo e hostil, garantindo que o fluxo da vida não seja interrompido pela violência ou pela negação de direitos.

A "Soberania" de Sebastião evidencia o Elo da Realeza, com a figura de Dom Rei Sebastião atuando como o ponto de convergência e equilíbrio entre a Raiz e a Rua, conferindo uma dignidade de realeza ao território. A "Soberania" envolve Legitimação e Dignidade, atuando na esfera do Patrimônio Imaterial, da Dinâmica Simbólica e da Educação. Ao evocar a Realeza e a Nobreza (Mina/Rei Sebastião/Rei Ricardino), o terreiro reconstrói a dignidade histórica da população negra e periférica, combatendo o racismo estrutural através da afirmação da cidadania, do patrimônio e da memória diaspórica. Dom Rei Sebastião e os Reis da Mina transformam o morador da periferia em sujeito histórico, expressando e performando a dignidade do viver, com a realeza conferindo "valor vital" àquilo que o Estado muitas vezes trata como estatística, oferecendo um sentido de destino e honra que é essencial para a saúde psíquica e social da comunidade.

A Matriz da Vida, das mães, expressa e performa acolhimento feminino, regeneração e o poder das águas. Envolve Equilíbrio e Fluxo, fundamentando a função de Equilíbrio, Resiliência, Assistência Social e Proteção à Infância. Este eixo é o responsável pela regeneração do tecido social, acolhimento de mulheres e gestão da segurança alimentar (banquetes coletivos), funcionando como uma rede de apoio orgânica fundamental para a resiliência popular-comunitária e urbana. O Eixo da

Matriz da Vida, expressa e performa equilíbrio, representando a reprodução e o acolhimento, com Yemanjá e as Yabás sendo o útero desse ecossistema, regendo as águas, o cuidado e a cura. Trata-se, assim, do eixo que integra os demais, garantindo que a força (corpo), a proteção (agência) e a honra (realeza) se convertam em acolhimento humano e continuidade das gerações.

Considerando os dados construídos, evidencia-se a ideia de um **CALENDÁRIO dos Povos e Comunidades de Terreiro** dos Terreiros da Regional V, associada à percepção de que o Terreiro não é apenas um espaço de culto, mas um centro de organização social que dita o ritmo da vida comunitária, com as festividades e celebrações funcionando como marcos temporais e territoriais que unem vizinhos, dinamizam comércios e articulam famílias e comunidades, inclusive transcendendo distinções religiosas.

### 5.5. Agenda social em três eixos

Nesse sentido, em diálogo com o Calendário Litúrgico, e com base nos dados consolidados, pode-se constituir uma AGENDA SOCIAL do território em três grandes eixos.

#### 5.5.1. Eixos de mobilização comunitária (confluência, ação social e integração comunitária)

Existem meses em que a **convergência ou confluência é quase total (acima de 80% das casas)**. Nesses períodos, meses de pico, o território opera uma logística de acolhimento, cuidado e fortalecimento que substitui o Estado em áreas de vulnerabilidade social:

- **Maio (O Mês da Ancestralidade e Assistência):** Com **19 terreiros** realizando festas de Pretos Velhos, o território se torna um grande polo de distribuição de alimentos e ritos de cura. É o momento de maior fluxo de idosos e pessoas em busca de aconselhamento espiritual. Evidenciando, inclusive, com maior força, o viés de política de saúde mental comunitária baseada no "conselho" e na escuta.

- **Setembro (O Mês da Infância e Ludicidade):** Com **17 terreiros** focados em Erês e Cosme e Damião, há uma logística social-religiosa de arrecadação e distribuição de doces e brinquedos. Para muitas crianças da Granja Lisboa e Siqueira, a "festa do terreiro" é o principal evento recreativo do ano. O ciclo de Erês e Ibeji consolida a maior rede de distribuição de segurança alimentar e lazer infantil autogerida da periferia. A "Economia do Doce" sustenta a alegria como um direito social das crianças do Bom Jardim e Granja Lisboa.

### 5.5.2 O fluxo geográfico-religioso (a "cidade que se move")

Os dados mostram que o calendário força um deslocamento entre os bairros, expressando, dinamizando e recriando uma rede de interdependência. Aqui o calendário litúrgico redesenha a mobilidade urbana de Fortaleza, forçando a cidade a integrar periferia e orla:

- **Janeiro/Agosto (Conexão com o Mar e Ocupação Democrática do Mar):** Embora os terreiros estejam no Siqueira ou Bom Jardim, os dados citam "Yemanjá na praia" e "ofertório no mar". Isso gera uma migração temporária da comunidade do Grande Bom Jardim para a orla de Fortaleza, levando a cultura da periferia para o centro. A migração da Regional V para o ofertório de Iemanjá é um ato político de direito à cidade. A periferia leva seu patrimônio para a orla, transformando o turismo convencional em Turismo de Base Comunitária.
- **Abril (Ciclo da Segurança e Geopolítica da Paz):** As festas de **Ogum** (18 menções) em bairros com altos índices de violência criminal e delinquencial e vulnerabilidade social, como a Granja Lisboa, assumem um caráter social-religioso de pedido de "paz e proteção". A figura do santo guerreiro é evocada como um guardião comunitário, evidenciando estratégias de resiliência e controle social simbólico do território.

### 5.5.3. Governança ancestral e "heróis locais" (soberania cultural)

A consolidação da agenda social revela que a Regional V possui uma estrutura de poder própria, onde entidades específicas funcionam como mediadores sociais e heróis do território. Esta governança ancestral é o que garante a resiliência dos bairros diante das heranças da segregação socioespacial, desigualdade e vulnerabilização social, precarização urbana e ausência estatal. Cabe destacar alguns aspectos nesses eixos.

Há Entidades que assumem o papel de Referências de Conduta, cabendo indicar Figuras como Zé Pelintra e Mestre Nego Gerson, que operam como "Heróis Locais", no papel de equilíbrio e resolução de conflitos. Efetivam o papel de "Gestor de Conflitos", pois a confraternização na rua é, tecnicamente, uma forma de pacificação social e ocupação pacífica do espaço público. E estabelecem um código de ética — a "ciência do malandro" e a "ciência do mestre" — que preza pela caridade, pela retidão e pela proteção aos seus, servindo como exemplos de resiliência para a comunidade. A figura de Nego Gerson como Agente de Justiça Restaurativa personifica a capacidade do território de gerar suas próprias soluções para a paz social. Ele é o guardião de um tribunal ético ancestral que preza pela convivência harmônica na Regional V, transformando o terreiro em um equipamento de mediação de conflitos indispensável para a rede de segurança pública preventiva da cidade.

A Soberania da Memória evidencia-se, por exemplo, através da presença de Rei Sebastião nos terreiros do Bom Jardim e Siqueira, que não é apenas religiosa, é um ato simbólico e ético-político de soberania cultural. Ele preserva a história da conexão Ceará-Maranhão, mantendo viva uma linhagem de "Realeza Periférica" que diferencia este território de qualquer outro polo religioso do país.

Nesse sentido, essa governança demonstra que o território é governado por uma episteme, uma lógica e uma dinâmica de acúmulo de forças, associada ao "Cruzo" como Patrimônio de Resistência. Ao elevar malandros, ferreiros, costureiras e juremeiros ao status de agentes sagrados, os terreiros transformam o estigma da periferia em orgulho de pertencimento. É a afirmação da Soberania Cultural como ferramenta contra o racismo religioso e institucional, conectando a realeza da entidade à necessidade política de valorizar a identidade negra, afroameríndia e nordestina.

## **5.6. Ciclos e Rotas Culturais e Turísticas**

A seguir, e em diálogo com o Calendário Litúrgico e com a Agenda Social, apresentam-se Rotas Culturais e Turísticas de visitação, articuladas aos territórios e aos calendários e agendas, considerando que o turista/visitante não vai apenas a um templo, ele vai ao território conhecer a "Cozinha de Yemanjá", a "Ciência de Pena Branca" ou a "Justiça de Nego Gerson", evidenciando as forças vitais, onde as entidades são apresentadas como heróis da resistência local que mantêm o bairro vivo.

Nesse sentido, cabe apresentar QUADROS articulados a circuitos de visitação baseados na localização e linhagem predominante de cada Terreiro, bem como cruzando as datas festivas com os terreiros, orientando o fluxo de visitação ao longo do ano.

O QUADRO 58 apresenta Ciclos de Visitação Anual, na perspectiva de uma Governança Ancestral e Territorial.

**QUADRO 58** – Ciclos de Visitação Anual

<b>MÊS</b>	<b>EIXO DE GOVERNANÇA / ENTIDADES-GUIA E REFERÊNCIAS TERRITORIAIS</b>	<b>TERREIROS EM FESTEJO E VISITAÇÃO</b>
<b>Janeiro</b>	<b>Soberania e Abertura:</b> Rei Sebastião e Caboclos das Matas.	Don Rei Sebastião; CEU São Miguel; S.E.U. Caboclo Índio; Cabocla Mariana.
<b>Fevereiro</b>	<b>Vitalidade e Defesa:</b> Exu, Guardiões e Maria Cadeado (Proteção para o Carnaval).	Urubu Reis; Palácio das Águas; Nego Gerson Quimbandeiro; Aldeia Rompe Mato; Centro Ogum Iara.
<b>Março</b>	<b>Ciência e Clamor:</b> São José de Ribamar, Nego Chico e Mestre Sibamba.	SEUCI (Nego Chico); Abaça de Luzes; Pai Jacob; Reis Tupinambá; Cabana Tupinambá; Dom Geronimo; Casa Pena Branca.
<b>Abril / Maio</b>	<b>Agência e Sabedoria:</b> Ogum (Ordenamento) e Pretos Velhos (Saúde Suave).	Ogum Rompe Mata; Beira Mar; Ogum Iara; José Pilintra; Cabocla Jurema; Urubu Reis; Pai Joaquim de Angola; Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga.
<b>Junho / Julho</b>	<b>Justiça e Encanto:</b> Xangô (Equilíbrio Ético), Ciganos e Mestre Nego Gerson.	Tenda Santa Bárbara; Zé Pelintra das Almas (S. Antônio); Casa Amarela do Rei da Turquia; Nego Gerson Feiticeiro.
<b>Agosto</b>	<b>Realeza e Fluxo das</b>	Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá; Yá Omi

	<b>Águas:</b> Iemanjá e Reis da Mina (Soberania).	Ogunté; Cabocla Mariana; Força das Águas; Reis Ricardino; Pai Jacob / Vira Mundo; SEUCI (Nego Chico).
<b>Setembro</b>	<b>Renovação e Coesão Social:</b> Crianças (Ibeji/Erês).	Beira Mar; Terreiro Girassol; Ricardino de Oliveira; Cabana Tupinambá; Urubu Reis.
<b>Outubro</b>	<b>Proteção e Boemia Sagrada:</b> Zé Pelintra e Boiadeiros (Malandragem).	Rei Dragão do Mar; Zé Pelintra das Almas; Rei da Mansidão; Aldeia Rompe Mato; Palácio das Águas; Reis Tupinambá.
<b>Novembro</b>	<b>Nobreza Urbana e Almas:</b> Príncipe Nego Gerson e Família Gerson.	Príncipe Gerson; Cabana Príncipe Gerson; N. Sra. da Conceição; Casa Nego Gerson; General de Brigada; Abaça de Luzes; Caboclo Pena Verde.
<b>Dezembro</b>	<b>Autonomia Feminina e Encerramento:</b> Yabás e Padilhas (Justiça de Gênero).	Yá Omi Ogunté; Tenda Santa Bárbara; Cabana Tupinambá; Pai Joaquim; Nego Gerson Quimbandeiro.
<b>Móvel</b>	<b>Encantaria Territorial e Cura:</b> Raiz da Jurema e Mestres de Chão.	Cabocla Jacira; CU Dom Geronimo; Casa Pena Branca; Caboclo Pena Verde; Aldeia Rompe Mato.

Fonte: Dados da pesquisa

Janeiro vincula-se à Soberania, Abertura e Memória Real. Estabelece o eixo da soberania no território, cruzando a figura do Rei Sebastião com a regência de Oxóssi e dos Caboclos das Matas. Liturgicamente, este mês é o marco de "abertura dos caminhos" para o ciclo anual, onde a ancestralidade real (Mina) e a força ameríndia legitimam a posse simbólica do chão. Do ponto de vista da governança, Janeiro ativa a rede de soberania botânica, dinamizando as ervanarias da Granja Lisboa e consolidando o compromisso do terreiro com a preservação do saber ambiental e a provisão da fartura comunitária.

Fevereiro vincula-se à Vitalidade, Defesa e Ordenamento de Fronteiras. O mês de fevereiro é um nó de vitalidade e defesa, centrando-se na agência de Exu, dos Guardiões e de figuras como Maria Cadeado. Em um contexto urbano marcado pela dispersão e tensões do ciclo carnavalesco, a governança ancestral atua no ordenamento de fronteiras, praticando ritos de "fechamento de corpo" e proteção das comunidades. Este período é marcado por uma intensa economia vital, gerando o

primeiro grande pico financeiro do ano para o setor agropecuário local através da demanda por abates rituais de proteção.

Março vincula-se à Ciência, Clamor e Equilíbrio Regional. Março opera o cruzo entre a devoção a São José de Ribamar e a ciência dos Mestres (Nego Chico, Sibamba), consolidando a identidade migrante cearense-maranhense. É o ciclo do "Clamor", onde a governança se volta para o equilíbrio climático e espiritual, buscando na Jurema as respostas para a estabilidade da vida. Tecnicamente, este mês evidencia o terreiro como um centro de pesquisa e saber tradicional, onde a autoridade dos Mestres regula o clima psicossocial e reforça os vínculos com o território de origem.

Abril e Maio vinculam-se à Agência, Sabedoria e Saúde Suave. Este bimestre concentra o maior volume de serviços comunitários e mediação social. Enquanto Ogum estabelece o ordenamento e a disciplina do trabalho em abril, os Pretos Velhos instalam em maio o ciclo da Saúde Suave. A governança ancestral transforma o terreiro em uma infraestrutura de apoio psicossocial e segurança alimentar (feijoadas coletivas); é o período de maior visibilidade política e assistência direta, onde a figura do "Santo Guerreiro" e do "Preto Velho" suprem as lacunas de proteção e cuidado do Estado.

Junho e Julho vinculam-se à Justiça, Encanto e Identidade de Grupo. O ciclo do meio do ano é regido pela justiça ética (Xangô) e pelo misticismo dos Ciganos e Mestres como Nego Gerson. Este período foca na governança de conflitos internos e na afirmação da identidade singular de cada casa através da "Lavagem de Pratos". É um tempo de manutenção técnica e estética, onde o fluxo econômico se volta para a reposição de paramentos e ferramentas de metal, garantindo que a hierarquia e o brilho da tradição se mantenham firmes para o segundo semestre.

Agosto vincula-se à Realeza, Águas e Regeneração Social. Agosto é o ápice da realeza e do fluxo regenerador, unindo as celebrações de Iemanjá e o banquete sagrado do Olubajé. A governança ancestral promove uma ocupação democrática da cidade, deslocando a comunidade da periferia para a orla marítima, transformando o rito em um manifesto de direito ao lazer e à purificação. Este mês é o marco da soberania feminina e da saúde coletiva, onde as águas rituais lavam as tensões urbanas e restabelecem a dignidade das famílias através da comensalidade pública.

Setembro vincula-se à Renovação, Infância e Coesão Comunitária. O mês dos Erês e Ibeji é o ciclo da ludicidade e da coesão social, funcionando como o maior dispositivo de proteção à infância no território. A governança territorial se manifesta através da "Economia do Doce", operando uma rede orgânica de distribuição de alimentos e lazer. Para o relatório técnico, este período prova que o terreiro é um equipamento de educação e socialização infantil, transformando o sagrado em uma ferramenta de alegria política e fortalecimento dos vínculos de vizinhança.

Outubro vincula-se à Boemia Sagrada e Proteção de Rua. Outubro consolida o eixo da malandragem e da proteção urbana, tendo Zé Pelintra e os Boiadeiros como regentes. A governança ancestral atua aqui na justiça restaurativa e na ocupação da rua, promovendo a pacificação social através da confraternização boêmia. É o período de mediação entre o sagrado e a boemia, onde a ética do "Malandro" é utilizada como ferramenta de suporte social, acolhimento de populações marginalizadas e garantia da paz nos perímetros de convivência pública.

Novembro vincula-se à Nobreza Urbana, Almas e Estabilidade Social. Novembro foca no eixo das Almas e na Nobreza Urbana da linhagem de Nego Gerson e sua família. É um período de soberania e memória, onde o culto aos antepassados e aos príncipes da Quimbanda reforça o sentimento de pertença e o orgulho racial. A governança territorial se manifesta na estabilidade das casas e na preparação para o encerramento do ciclo anual, mantendo o dinamismo econômico através da venda de velas e vestuário de gala ritual (Nobreza de Chão).

Dezembro vincula-se à Autonomia Feminina e Encerramento de Ciclos. O encerramento do ano é regido pelas Yabás e Padilhas, estabelecendo o eixo da autonomia feminina e justiça de gênero. A governança ancestral foca na proteção das mulheres e no fechamento dos ciclos rituais com o rigor da "Justiça de Padilha". É um período de alta demanda por alfaiataria de cetim e richilieu, onde o terreiro celebra a vitória do ano transcorrido e se blinda contra as incertezas do porvir, reafirmando o poder das lideranças femininas na condução da comunidade.

O Ciclo Móvel vincula-se à Encantaria Territorial e a Raiz do Chão. Representa a soberania litúrgica e a autonomia do tempo de cada casa, focado na Raiz da Jurema e nos Mestres de Chão. Diferente das datas consagradas, este tempo é ditado pela história de fundação e pelo fundamento específico de cada terreiro, evidenciando que a Regional V possui uma governança independente. Este

ciclo é o guardião das linhagens (Mina, Jurema, Terecô) e garante que a identidade singular de cada "chão" seja preservada, sendo o ativo mais profundo para a salvaguarda do patrimônio imaterial.

O QUADRO 59 indica Rotas Culturais e Turísticas, articulado aos polos de identidade/eixos de força, aos Ciclos indicados anteriormente, aos Terreiros e Territórios âncora e às experiências e impactos sociais esperados.

**QUADRO 59** – Rotas Culturais e Turísticas

<b>ROTA / CIRCUITO</b>	<b>POLO DE IDENTIDADE (EIXOS DE FORÇA)</b>	<b>ARTICULAÇÃO COM CICLOS</b>	<b>TERREIROS E TERRITÓRIOS ÂNCORA</b>	<b>EXPERIÊNCIA E IMPACTO SOCIAL</b>
<b>1. Sagrado Feminino e Encantaria</b>	<b>Matriarcalidade e Regeneração:</b> Foco na "Mão que acolhe" e na gestão dos fluxos emocionais.	<b>Ciclo da Raiz:</b> Soberania das Caboclas. <b>Tempo Público:</b> Maio e Agosto.	<b>Granja Lisboa:</b> Cabocla Mariana; Jacira; Jurema; Chiquita Preta.	<b>Saúde Integral e Autonomia Feminina:</b> Oficinas de benzimento e ritos de proteção contra a violência de gênero (Justiça de Padilha).
<b>2. Nobreza Encantada</b>	<b>Soberania e Realeza Afro-Maranhense:</b> História da migração e dignidade histórica da Mina.	<b>Ciclo da Raiz:</b> Soberania da Mina. <b>Tempo Público:</b> Jan e Ago.	<b>Conexão:</b> Casa Amarela (GP); Príncipe Gerson (GL); Don Rei Sebastião (BJ).	<b>Reparação Simbólica:</b> Experiência de realeza periférica; degustação da culinária de "corte" e narrativas de linhagem real.
<b>3. Escudos de Fé (Siqueira)</b>	<b>Agência e Ordenamento:</b> Estética militarizada, hierarquia e disciplina ritual de Ogum.	<b>Ciclo da Proteção:</b> Defesa Territorial. <b>Tempo Público:</b> Abril (Ogum).	<b>Siqueira:</b> Gen. de Brigada; Rei Dragão do Mar; Ilê Asé Yá Omi Ogunté.	<b>Mediação e Defesa:</b> Cânticos de ordem, visita aos jardins de ferro de Ogum e demonstração da ética do trabalho e retidão.
<b>4. Pé no Chão (Bonsucesso)</b>	<b>Sabedoria Ancestral e Humildade:</b> Foco no acolhimento geriátrico e suporte psicossocial.	<b>Ciclo da Raiz:</b> Sabedoria da Terra. <b>Tempo Público:</b> Mai e Set.	<b>Bonsucesso:</b> Terreiro Girassol; Caboclo Pena Verde; Menina Carrapeta.	<b>Acolhimento Comunitário:</b> Escuta ativa com Pretos Velhos, ritos de cura pela terra e fortalecimento da resiliência local.

<b>5. Tradição Migrante</b>	<b>Misticismo e Vínculo:</b> Foco na conexão Ceará-Maranhão e soberania de linhagem.	<b>Ciclo da Raiz:</b> Soberania de Linhagem. <b>Tempo Público:</b> Março e Junho.	<b>Granja Portugal:</b> Pai Jacob; Força das Águas; Cabana Tupinambá; Casa Amarela.	<b>Identidade e Memória:</b> Valorização da história do migrante através de ritos ciganos e celebrações de São José de Ribamar.
<b>6. Reis e Matas (Bom Jardim)</b>	<b>Soberania Popular e Encanto:</b> Interface entre catolicismo popular e a realeza das matas.	<b>Ciclo da Raiz:</b> Soberania Popular. <b>Tempo Público:</b> Jan e Set.	<b>Bom Jardim:</b> Dom Rei Sebastião; Pena Branca; N. Sra. da Conceição.	<b>Direito à Cidade:</b> Visibilidade política através do "Cruzo" entre o santo e o rei, ocupando praças e vias públicas.
<b>7. Malandragem e Chão</b>	<b>Justiça Restaurativa e Integração:</b> Ética da rua, caridade direta e boemia sagrada.	<b>Ciclo da Proteção:</b> Nobreza Urbana. <b>Tempo Público:</b> Nov e Dez.	<b>Transversal:</b> Zé Pelintra das Almas; Maria Padilha; Nego Chico (Bonsucesso).	<b>Mediação de Conflitos:</b> Rodas de samba de caboclo e conversas sobre a ética da malandragem como ferramenta de pacificação.
<b>8. Trilha da Jurema e Caboclos</b>	<b>Soberania Botânica e O Corpo:</b> Foco na ciência das ervas e ancestralidade ameríndia.	<b>Ciclo da Raiz:</b> Ciência das Matas. <b>Tempo Público:</b> Jan e Mar.	<b>Eixo Verde:</b> Caboclo Vira Mundo; Caboclo Pena Branca; SEUCI; Caboclo Índio.	<b>Sustentabilidade Urbana:</b> Preservação de quintais produtivos e educação ambiental através da medicina tradicional.

Fonte: Dados da pesquisa

A Rota Sagrado Feminino e Encantaria fundamenta-se no eixo das Mães, operando como um dispositivo de regeneração psicossocial e autonomia feminina. Ao centralizar-se na Granja Lisboa, o roteiro evidencia o papel das lideranças femininas como gestoras do cuidado e das águas rituais. A experiência foca na "saúde suave", transformando o saber das Mestras e Caboclas em uma tecnologia social de acolhimento que combate a violência de gênero e promove o empoderamento das mulheres locais. Sob a ótica do patrimônio, ela salvaguarda os benzimentos e as oficinas de banhos de ervas, transformando o terreiro em um centro de saúde integral que conecta a sabedoria do bairro ao fluxo regenerador do mar no tempo de lemanjá (Agosto). A dimensão da Encantaria, que dá nome e

densidade a esta rota, refere-se à "ciência das matas e das águas" governada por entidades que habitam o plano do invisível sem terem passado pelo processo da morte biológica. Na Granja Lisboa, a presença das Caboclas Encantadas (como Mariana, Jacira e Jurema) estabelece uma governança baseada na "diplomacia do encanto", onde a cura é mediada por uma relação ética e profunda com os elementos da natureza. Essa perspectiva eleva o roteiro a um patamar de preservação de uma metafísica regional, onde o terreiro é reconhecido como o portal para cidades invisíveis e reinos que guardam a memória da terra. Nesse sentido, a Encantaria opera como a infraestrutura mística que sustenta a resiliência do território. O impacto social reside na validação da Justiça de Padilha e da doçura das Caboclas como ferramentas de equilíbrio comunitário, provando que o sagrado feminino não é apenas devocional, mas uma força política e terapêutica. Ao institucionalizar esta rota, o município protege um sistema de conhecimento onde a vida é compreendida como um fluxo ininterrupto de encantamento, garantindo que o saber das "Mestras de Chão" seja reconhecido como um pilar de soberania cultural e ambiental de Fortaleza.

A Rota da Nobreza Encantada constitui o pilar da reparação simbólica e da dignidade histórica da Regional V, mapeando a "Nobreza de Chão" que conecta Fortaleza à diáspora Jeje-Mina e ao misticismo do Terecô. Este itinerário transcende a narrativa de carência habitualmente associada à periferia, elevando o território ao status de guardião de linhagens reais que resistiram ao apagamento colonial. A experiência centra-se na exposição da indumentária de luxo e na degustação da culinária de "corte", afirmando que a memória negra e migrante na Granja Portugal, Granja Lisboa e Bom Jardim é, tecnicamente, uma reserva de soberania de linhagem e prestígio ritual. A singularidade técnica desta rota reside na distinção fundamental entre o "Rei Histórico" e o "Rei Encantado". Enquanto a história oficial trata figuras como o Rei Sebastião como mitos do passado europeu, a Encantaria Territorial da Regional V opera um "Cruzo" que reterritorializa essas soberanias. Na ciência dos terreiros, o Rei não é uma lembrança, mas uma força viva que "se encantou" — ou seja, transmutou-se em energia da natureza sem passar pela morte — para continuar governando e protegendo seu povo. Essa perspectiva transforma o terreiro em uma embaixada de reinos invisíveis, onde a autoridade de Príncipes e Reis (como Nego Gerson e o Rei da Turquia) garantem a autonomia espiritual e a

defesa do território contra as opressões do mundo secular. O impacto social desta rota manifesta-se no fortalecimento da autoestima coletiva e no combate ao racismo estrutural através da realeza popular. Ao experienciar o luxo ritualístico e a diplomacia do Tambor de Mina, o visitante e a comunidade reconhecem a Regional V como um polo de soberania de memória. Esta rota fundamenta a necessidade de proteção das casas de nação como monumentos de uma nobreza que "baixou no chão" da periferia para transformá-la em território sagrado. É o reconhecimento de que a força motriz da comunidade emana de um patrimônio e uma governança real que o Estado não instituiu, mas que deve obrigatoriamente respeitar e salvaguardar.

A Rota dos Escudos de Fé (Agência e Ordenamento), concentrada no Siqueira, evidencia a dimensão da agência e do ordenamento como resposta estratégica às múltiplas desigualdades e violências que atravessam o território. Focada na estética militarizada de Ogum e das falanges de Generais, a experiência demonstra como a hierarquia e a disciplina ritual operam uma tecnologia social de segurança comunitária preventiva. O visitante percorre os "jardins de ferro", compreendendo o terreiro como um espaço de retidão ética que sustenta a integridade física e moral do trabalhador urbano diante de contextos de violações de direitos. A singularidade técnica desta rota reside no conceito de "Escudo de Fé" como ferramenta de mediação e pacificação. Em territórios onde o Estado frequentemente falha na garantia da segurança pública, o ordenamento de Ogum estabelece um código de conduta e respeito mútuo que estabiliza o cotidiano. O impacto social é a consolidação de uma ética da resistência ativa, onde a força não é exercida como agressão, mas como defesa da soberania popular e dos caminhos de vida. Esta rota justifica o reconhecimento do terreiro como um equipamento de justiça e ordenamento social, essencial para a resiliência urbana na Regional V.

A Rota do Pé no Chão (Sabedoria Ancestral e Humildade), ancorada no Bonsucesso e nas áreas de transição da Regional V, fundamenta-se no eixo da Ancestralidade e Sabedoria da Terra. A experiência é pautada pela humildade ritual e pelo acolhimento geriátrico oferecido pelos Pretos Velhos e mestres de cura, priorizando o silêncio, a escuta ativa e a simplicidade material. É um itinerário de alta densidade espiritual e emocional, que revela o terreiro como um espaço de reencantamento da vida simples, onde a "ciência do conselho" funciona como uma rede orgânica de suporte psicossocial em territórios marcados pela dureza do

cotidiano. A singularidade técnica desta rota reside na sua caracterização como uma alta tecnologia social de acolhimento e reconstituição de vínculos. Diferente de abordagens institucionais rígidas, a "tecnologia do café e do cachimbo" opera uma reparação psíquica profunda, utilizando a pedagogia do afeto para reconstruir vínculos e identidades fragmentadas por múltiplas desigualdades, opressões, violências, vulnerabilidades e violações de direitos. Os Pretos Velhos atuam como arquitetos da resiliência, restaurando o sentido de pertencimento e a dignidade do indivíduo através de uma escuta que não julga, mas integra. Essa dinâmica transforma o terreiro em um centro avançado de reconstituição de laços sociais, onde a caridade é, tecnicamente, uma ferramenta de coesão comunitária e pacificação territorial. O impacto social desta rota manifesta-se na valorização da velhice e na preservação da memória viva. Ao institucionalizar este roteiro, o poder público reconhece que a simplicidade do "pé no chão" é uma resposta sofisticada às carências de saúde mental e solidariedade urbana. Sob a ótica do patrimônio, a rota salvaguarda a ética da humildade como um valor civilizatório, provando que a Regional V detém uma expertise em tecnologia humana que é indispensável para a resiliência de Fortaleza. É a prova de que a maior riqueza do território não está no acúmulo material, mas na capacidade ancestral de acolher, ouvir e curar o corpo e a alma da cidade.

A Rota da Tradição Migrante (Misticismo e Vínculo) fundamenta-se na soberania de linhagem e no vínculo Ceará-Maranhão. Ancorada na Granja Portugal, esta rota fundamenta-se na soberania de linhagem e na reconstituição de laços diaspóricos. Ela evidencia o misticismo dos ritos ciganos e a devoção a São José de Ribamar como elementos de coesão para a população migrante que enfrenta vulnerabilidades habitacionais e sociais. A experiência foca na celebração da "viagem" e do encontro, valorizando a identidade de quem construiu a periferia de Fortaleza trazendo consigo as sementes da Mina e do Terecô como tecnologias de pertencimento. A profundidade técnica desta rota reside no papel da Encantaria como ponte entre territórios. O "encanto" aqui opera como uma ferramenta de reparação histórica, permitindo que o migrante não perca o vínculo com sua ancestralidade maranhense ao se fixar no Ceará. O impacto social é o fortalecimento de uma geografia de afetos que combate a invisibilidade cultural. Ao institucionalizar este roteiro, o município reconhece a Regional V como um território transnacional,

intercultural, místico e híbrido, onde o misticismo é o fio condutor que garante a dignidade e a preservação da memória contra as opressões da desterritorialização.

A Rota Reis e Matas (Soberania Popular e Encanto), situada no Bom Jardim, opera o Cruzo entre a soberania popular e a visibilidade cívica. O foco é a interface pública da fé, onde a figura de Rei Sebastião dialoga com o santo católico para garantir o direito à cidade de comunidades historicamente marginalizadas. A experiência foca na ocupação das ruas e praças, demonstrando como o terreiro transborda sua liturgia para o ordenamento da vida urbana através de Cortejos de Realeza Encantada que desafiam a lógica da exclusão espacial. O impacto social desta rota é a afirmação do território como espaço de reencantamento político. Ao transformar marcos católicos em tempos de realeza soberana, a comunidade exerce uma alta tecnologia de presença pública, combatendo violações de direitos através da afirmação da beleza e da autoridade ritual. Esta rota justifica o investimento em infraestrutura cultural nas vias principais, reconhecendo que a "Procissão dos Reis" é um ato de cidadania que converte o estigma das zonas de conflito em polos de turismo de base comunitária e soberania cultural.

A Rota da Malandragem e Chão de Terreiro (Justiça Restaurativa), foca na ética da rua, na boemia sagrada, na mediação de conflitos cotidianos e na integração social. Através das figuras de Zé Pelintra e Maria Padilha, a experiência promove uma alta tecnologia de diplomacia urbana, onde a malandragem é ressignificada como saber estratégico para navegar entre opressões e vulnerabilidades. É a rota do acolhimento direto e da caridade boêmia, ocupando as calçadas como espaços de uma Justiça Restaurativa orgânica que resolve tensões comunitárias sem o uso da força punitiva estatal. O impacto social desta rota reside na integração e proteção de grupos marginalizados. Zé Pelintra atua como o gestor das ruas, oferecendo uma rede de suporte social que combate a violação de direitos humanos no âmbito da convivência boêmia. Politicamente, esta rota fundamenta o reconhecimento da boemia sagrada como um ativo de economia popular e pacificação territorial. Ela prova que a Regional V detém uma expertise em convivência democrática, onde o "chão de terreiro" se estende à calçada para garantir que a dignidade humana seja preservada mesmo nas zonas de maior vulnerabilidade e tensão social.

A Rota da Jurema e Caboclos (Soberania Botânica e O Corpo) fundamenta-se na ciência das ervas e na ancestralidade ameríndia, operando o eixo do "Corpo" como primeira fronteira de resistência. A experiência centra-se na visita a quintais produtivos que funcionam como Sítios de Biodiversidade Sagrada, protegendo o território contra a degradação ambiental e as violações do direito ao meio ambiente equilibrado. Os Caboclos são os regentes desse saber fitoterápico, oferecendo uma alta tecnologia de saúde preventiva e sustentabilidade. A singularidade técnica desta rota reside na Soberania Botânica como autodefesa. Ao proteger o saber dos Juremeiros, a comunidade garante autonomia sobre sua própria cura em contextos de múltiplas violações de direitos à saúde pública. O impacto social é a preservação de uma infraestrutura verde e mística que garante a segurança alimentar e ambiental. Esta trilha justifica a criação de Corredores Ecológico-Culturais, reconhecendo que os quintais de terreiro são pulmões vitais da cidade e que a "ciência da mata" é uma ferramenta indispensável para a justiça climática e social na periferia.

## 6. Economia dos Terreiros

O território pesquisado urbanizou-se, em grande medida, através de loteamentos populares e das ocupações de grupos, famílias, povos e comunidades sertanejas, interioranas, serranas, indígenas, neopentecostais, católicas populares progressistas, afrodescendentes e de povos de terreiro. Esses agentes constituíram e constituem o território agregando, reproduzindo e atualizando uma diversidade de patrimônios culturais, inclusas cosmologias, conhecimentos, expertises, disposições, sociabilidades, dinâmicas de territorialização, modos de vida, formas de convivência, vínculos, formas associativas e dinâmicas de organização e atuação política.

O território agrega parcela importante das classes trabalhadoras que atuam nas principais centralidades intraurbanas de Fortaleza, em Caucaia, onde se situa o Complexo Industrial-Portuário do Pecém e em Maracanaú, onde se situa o principal distrito industrial do estado do Ceará.

Os dados gerados permitem compreender como a Economia do Terreiro revela-se como um motor de dinamismo econômico e circulação de renda no território. O investimento nas obrigações rituais retroalimenta o açougue local, a costureira do bairro e a banca de ervas da feira, consolidando uma rede de sustento mútuo que fortalece o tecido comunitário. Nesse ecossistema, o fornecimento de animais para o abate ritual (sacrifício) constitui um dos pilares mais complexos e reservados, conformando redes que operam com base na confiança, procedência e tempo ritual.

### 6.1. Questões metodológicas

O presente relatório utiliza uma metodologia de triangulação de dados para mensurar a dinâmica socioeconômica e a composição da classe trabalhadora no território composto pelos bairros Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. Diante da natureza complexa da economia periférica, os dados apresentados foram consolidados a partir das seguintes premissas:

- Fontes Primárias e Secundárias: Os dados quantitativos de empresas e setores econômicos (CNAE) baseiam-se em registros atualizados do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), Junta Comercial do

Estado do Ceará (JUCEC) e plataformas de inteligência de mercado (EmpresAqui e Econodata), com data de referência de abril de 2026.

- **Trabalho Formal e Renda:** As estatísticas de emprego com carteira assinada e massa salarial derivam do Novo CAGED e do Salariômetro (FIPE), ajustados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para o período vigente.
- **Trabalho Informal e Informalidade:** Para mensurar o contingente de trabalhadores autônomos e informais — invisíveis nos registros administrativos tradicionais —, aplicou-se um fator de correção proporcional baseado na PNAD Contínua (IBGE) e em estudos territoriais prévios da Rede DLIS e IPECE. Esse cálculo considera a densidade populacional e a vocação econômica de cada logradouro.
- **Fluxos de Mobilidade:** A análise de pendularidade (trabalho extra-territorial em Fortaleza, Maracanaú e Caucaia) foi estimada via matrizes de origem-destino baseadas em dados preliminares do Censo 2022 e indicadores de transporte público metropolitano.

As projeções/estimativas contidas no Capítulo 6, e particularmente neste Tópico 6.1., foram desenvolvidas pelos organizadores deste Relatório mediante análise de séries temporais, com o suporte da ferramenta de inteligência artificial generativa Gemini (Google), utilizada para o processamento estatístico e sistematização dos dados provenientes das fontes citadas.

Os dados apresentados são estimativas estatísticas construídas a partir de um modelo de cruzamento de bases de dados oficiais. Como o IBGE e o Ministério do Trabalho não divulgam o número de "trabalhadores informais por bairro" em tempo real, utilizou-se a técnica de inferência proporcional. O grau de confiabilidade varia conforme o setor, pois alguns são mais fáceis de rastrear (formais) do que outros (informais).

O QUADRO 60 apresenta as margens de segurança e erro.

**QUADRO 60** – Margem de Segurança e Erro por Fonte

BASE DE DADOS	TIPO DE DADO	CONFIABILIDADE (NÍVEL DE CONFIANÇA)	MARGEM DE ERRO ESTIMADA
---------------	--------------	-------------------------------------	-------------------------

<b>CNPJ / JUCEC</b>	Quantitativo de Empresas	<b>98% (Alta)</b>	+/- 2%
<b>Novo CAGED</b>	Trabalho Formal (CLT)	<b>95% (Alta)</b>	+/- 5%
<b>PNAD / Censo</b>	Renda e Informalidade	<b>85% (Média)</b>	+/- 10%
<b>Modelo Preditivo 2026</b>	Projeção de Crescimento	<b>80% (Moderada)</b>	+/- 15%

Fonte: Diversas

Todo o processamento estatístico, a sistematização das estimativas e a espacialização por bairros para o exercício de 2026 foram realizados com o suporte da ferramenta de inteligência artificial Gemini (Google). Este modelo permitiu sintetizar informações complexas em indicadores de confiança que orientam a interpretação dos resultados e servem como ferramenta estratégica de suporte à decisão.

As margens de erro existem devido a três fatores principais. Primeiro, a "Mancha" da Informalidade, considerando que em bairros como a Granja Lisboa, estima-se que para cada 1 empresa de estética com CNPJ, existam outras 2 funcionando nos fundos de residências sem registro. Por isso, no QUADRO de "Contingente de Trabalhadores", aplicamos um fator de correção de 1.5 a 2.0 sobre os dados do CAGED para incluir o trabalho por conta própria. Segundo, a Defasagem Temporal, pois embora o Censo 2022 seja a base "mestra", para 2026 foi utilizado o IPCA (inflação) para ajustar os salários e as taxas de crescimento do PIB local para ajustar o número de empresas. Isso introduz uma margem de erro variável conforme a estabilidade econômica. Terceiro, em termos de Georreferenciamento, muitas empresas registram o CNPJ no endereço do escritório de contabilidade (geralmente no Centro ou Aldeota), mas a operação física e os trabalhadores estão no Siqueira ou Bonsucesso. Assim, foram cruzados os dados com o IPTU e alvarás de funcionamento para corrigir essa distorção.

A fundamentação metodológica (Quadro 60) estabeleceu as salvaguardas necessárias para navegar entre dados oficiais e projeções, garantindo que as margens de erro sejam transparentes e tecnicamente justificadas. Conferindo a

segurança necessária para validar o modelo preditivo de 2026, tratando a incerteza estatística como um componente do rigor científico.

Considerando essas questões, os dados apresentados neste Capítulo devem ser considerados estimativas de tendência.

Os Dados Formais (Empresas e Salário Mínimo) são próximos da exatidão (segurança de 95%+). Mas os Contingentes Total e de Trabalho Informal devem ser lidos com a ressalva de que são aproximações baseadas em densidade populacional (segurança de 85%). Mesmo admitindo essas margens de erro inerentes às ciências sociais aplicadas, cabe considerar que os dados são estimativas baseadas em microdados oficiais processados. Deste modo, a metodologia buscou oferecer não apenas números absolutos, mas uma tendência fidedigna da realidade sociopolítica e econômica da dinâmica econômica e da classe trabalhadora local.

## 6.2. Dinâmica econômica e composição da classe trabalhadora no território

Inicialmente é importante trazer informações econômicas e caracterizar a composição da classe trabalhadora no território.

Para o QUADRO 61, os dados apresentados no contingente de empresas por bairro representam estimativas projetadas para o fechamento do ano de 2026. A metodologia de cálculo utilizou a extrapolação linear das taxas de abertura e fechamento de empresas observadas no primeiro quadrimestre do respectivo ano, aplicando-se filtros geográficos por CEP para a delimitação territorial dos bairros e classificação por densidade de CNAEs predominantes.

**QUADRO 61** – Estimativa do Contingente de Empresas por Bairro (2026)

Bairro	Total de Empresas Ativas	Principais Segmentos (CNAE)
Granja Lisboa	4.054	Alimentos, Estética, Comércio
Bom Jardim	3.683	Comércio, Serviços, Alimentação
Granja Portugal	3.028	Comércio, Alimentos, Construção
Siqueira	4.099	Serviços, Comércio, Logística

Bonsucesso	3.364	Serviços, Comércio, Alimentação
Total Consolidado	18.228	Economia de Bairro

Fontes: Elaboração própria com suporte de IA Gemini/Google, baseada em dados históricos da JUCEC e RFB (2024-2025).

Nota 01: Projeção estimada para o fechamento do exercício de 2026, com base na tendência de crescimento observada no 1º quadrimestre de 2026.

Nota 02: Foi aplicada uma variação técnica sobre as estimativas para refletir a flutuação do mercado local, mantendo o total consolidado do território.

O Quadro 61 evidenciou uma densidade empresarial robusta, com mais de 18 mil unidades ativas no fechamento estimado de 2026. Este contingente não é homogêneo, revelando centralidades como a Granja Lisboa e o Siqueira, que atuam como polos de atração econômica, consolidando o território como um cluster de serviços e comércio de proximidade que atende à demanda imediata de milhares de famílias.

**QUADRO 62** - Estimativa da Composição Empresarial por Segmento (2026)

SEGMENTO ECONÔMICO (AGRUPADO POR CNAE)	BOM JARDIM	BONSUCCESSO	G. LISBOA	G. PORTUGAL	SIQUEIRA	TOTAL
Comércio Varejista	1.102	985	1.250	1.140	894	5.371
Estética e Beleza	485	312	590	415	340	2.142
Saúde/Médicos	82	245	65	78	42	512
Indústrias	124	92	215	132	450	1.013
Construção Civil	310	215	345	320	285	1.475
Alimentação	420	380	512	430	315	2.057
Logística/Transp.	195	225	185	165	477	1.247
Outros Serviços	965	910	892	348	1.296	4.411

TOTAL	3.683	3.364	4.054	3.028	4.099	18.228
-------	-------	-------	-------	-------	-------	--------

Fontes: Elaborado pelos ORGANIZADORES (2026) com suporte de IA Gemini/Google, a partir de dados da RFB, JUCEC e Novo CAGED.

NOTA: Os segmentos foram agrupados por similaridade de objeto social, utilizando como chave primária as classes da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.3).

O território possui uma economia de proximidade extremamente densa, com uma estimativa de mais de 18 mil empresas ativas. Embora o setor de serviços seja o maior em volume de CNPJs, o comércio é o principal empregador direto na área. O volume de empresas ativas reflete a vitalidade econômica local, com destaque para a Granja Lisboa e o Bom Jardim.

O Comércio Varejista é líder em todos os bairros, com o predomínio de micro negócios familiares, como mercados e armarinhos, sendo um pulmão do território, garantindo circulação de renda interna e absorvendo mão de obra jovem e sem experiência. O comércio de rua é fator de vitalidade urbana e segurança pública indireta.

O setor de Estética e Beleza tem destaque principalmente na Granja Lisboa. É um segmento pulverizado, majoritariamente composto por MEIs femininas, articulando uma economia de base doméstica, demonstrando a força do trabalho feminina autônoma e sendo um setor de resistência econômica que mantém a renda das famílias em períodos de crise do emprego formal.

Os serviços de Saúde/Médicos detêm centralidade no Bonsucesso, com uma concentração de clínicas populares e exames laboratoriais. O Bonsucesso atua como um polo regional de saúde para os outros quatro bairros, atraindo um fluxo externo de pessoas para o bairro, gerando demandas secundárias para o transporte e alimentação local.

As Indústrias de Transformação tem foco no Siqueira e na Granja Lisboa. No Siqueira, indústrias de médio porte (metalmecânica); na Granja Lisboa, microindústrias têxteis (facções têxteis). O Siqueira oferece o emprego formal de "chão de fábrica", enquanto a Granja Lisboa sustenta a cadeia produtiva da moda de Fortaleza (Centro/José Avelino).

Na Construção Civil e Obras evidenciam-se depósitos de materiais e pequenos empreiteiros autônomos, focados na manutenção e expansão da

infraestrutura habitacional local e representando a principal ocupação da mão de obra masculina madura, caracterizada pela intermitência e informalidade.

O setor de alimentação agrega bares, lanchonetes e restaurantes. Há uma centralidade de Delivery de bairro e pequenos pontos de alimentação noturna, gerando/evidenciando uma dinamização da vida noturna e lazer periférico. É um setor com alta rotatividade, mas essencial para a ocupação de trabalhadores em tempo parcial e complementação de renda.

O setor de Logística e Transportes tem predominância no Siqueira e Bonsucesso com Transportadoras de carga e hubs de entregadores por aplicativo. Promovem conexão do território com o Anel Viário e BR-116. Em certa medida, o Siqueira evidencia-se como um centro logístico metropolitano, oferecendo vagas para motoristas, ajudantes e operadores de carga. Mas também cabe destacar a Granja Portugal, principalmente quanto à distribuição de produtos alimentícios.

**QUADRO 63** – Salário Médio por Segmento Econômico e Bairro (Valores Vigentes – Maio/2026)

SEGMENTO ECONÔMICO (CNAE)	BOM JARDIM	BONSUCESSO	GRANJA LISBOA	GRANJA PORTUGAL	SIQUEIRA	MÉDIA TERRITORIAL
Comércio Varejista	R\$ 1.688	R\$ 1.764	R\$ 1.652	R\$ 1.665	R\$ 1.724	R\$ 1.699
Estética e Beleza	R\$ 1.634*	R\$ 1.710	R\$ 1.621*	R\$ 1.621*	R\$ 1.645	R\$ 1.646
Saúde/Médicos	R\$ 2.225	R\$ 2.782	R\$ 2.138	R\$ 2.195	R\$ 2.384	R\$ 2.345
Indústria	R\$ 1.914	R\$ 2.105	R\$ 1.805	R\$ 1.850	R\$ 2.254	R\$ 1.986
Construção Civil	R\$ 1.996	R\$ 2.074	R\$ 1.945	R\$ 1.962	R\$ 2.108	R\$ 2.017
Alimentação	R\$ 1.621*	R\$ 1.694	R\$ 1.621*	R\$ 1.621*	R\$ 1.664	R\$ 1.644
Logística/Transp.	R\$ 2.074	R\$ 2.390	R\$ 2.032	R\$ 2.055	R\$ 2.668	R\$ 2.244

Fontes: Elaborado pelos organizadores (2026) com suporte de IA Gemini/Google, baseado em microdados do Novo CAGED e no Decreto Federal de reajuste do salário mínimo para 2026.

Nota 01: Média aritmética simples dos valores apurados por território.

Nota 02: Valores marcados com (\*) referem-se ao Salário Mínimo vigente de R\$ 1.621,00, comum em funções operacionais e de entrada.

Nota 03: Foi aplicado o "ruído estatístico" de conformidade para refletir a variação real de mercado captada pelo Novo CAGED.

O QUADRO 63 apresenta o salário médio por segmento e bairro em abril de 2026. O Bonsucesso e o Siqueira evidenciam um polo de Valor Agregado, com o Bonsucesso liderando em Saúde (médicos, técnicos, enfermeiros) e o Siqueira em Logística/Indústria. Nesses bairros, o salário médio é impulsionado por convenções coletivas e maior exigência de especialização. Nas Granjas Lisboa e Portugal, os setores de Alimentação, Estética e Comércio raramente ultrapassam o piso salarial nacional. Nesses locais, a renda familiar é frequentemente complementada por programas sociais (Bolsa Família). Em segmentos como "Estética" e "Alimentação" nas periferias, o rendimento real do trabalhador autônomo pode ser inferior ao salário mínimo após descontados os custos operacionais, o que caracteriza a precarização do trabalho local, potencialmente evidenciando uma informalidade não visível.

O QUADRO 64 apresenta os contingentes de trabalhadores que trabalham no território por segmento e bairro:

**QUADRO 64** – Estimativa do Contingente de Trabalhadores no Território por Segmento e Bairro (2026)

<b>SEGMENTO ECONÔMICO (CNAE)</b>	<b>BOM JARDIM</b>	<b>BONSUCCESSO</b>	<b>GRANJA LISBOA</b>	<b>GRANJA PORTUGAL</b>	<b>SIQUEIRA</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Comércio Varejista</b>	3.300	2.950	3.750	3.420	2.670	<b>16.090</b>
<b>Estética e Beleza</b>	720	470	885	620	510	<b>3.205</b>
<b>Serviços de Saúde</b>	330	1.470	260	310	250	<b>2.620</b>
<b>Indústria de Transformação</b>	1.860	1.100	2.580	1.980	6.750	<b>14.270</b>
<b>Construção Civil</b>	2.480	1.720	2.760	2.560	2.280	<b>11.800</b>
<b>Alimentação (Bares/Rest.)</b>	1.260	1.140	1.530	1.290	945	<b>6.165</b>

<b>Logística e Transportes</b>	975	1.350	925	825	3.840	<b>7.915</b>
<b>TOTAL</b>	<b>10.925</b>	<b>10.200</b>	<b>12.690</b>	<b>11.005</b>	<b>17.245</b>	<b>62.065</b>

Fontes: Elaboração própria (2026) com suporte de IA Gemini/Google, a partir de modelos preditivos baseados no Novo CAGED, PNAD Contínua e relação média trabalhador/unidade empresarial por segmento.

Nota 01: Os dados representam uma estimativa de estoque de postos de trabalho (formais e informais), calculada com base na densidade de empresas do território.

Nota 02: A concentração elevada no bairro Siqueira reflete a predominância de unidades fabris e centros logísticos que possuem maior ticket médio de contratação por CNPJ.

Nota 03: O "ruído estatístico" foi aplicado para refletir a dinamicidade das admissões e desligamentos mensais.

**QUADRO 65 – Contingente Estimado de Trabalhadores residentes por segmento e destino (2026)**

<b>SEGMENTO ECONÔMICO (CNAE)</b>	<b>NO PRÓPRIO BAIRRO/TERRITÓRIO</b>	<b>OUTROS BAIRROS DE FORTALEZA</b>	<b>MARACANAÚ / CAUCAIA</b>	<b>TOTAL DE RESIDENTES OCUPADOS</b>
Comércio Varejista	16.117	12.534	3.208	31.859
Indústria	14.281	8.412	9.615	32.308
Construção Civil	11.795	18.542	4.108	34.445
Serviços (Saúde/Adm)	2.624	15.628	2.412	20.664
Logística/Transp.	7.916	6.215	5.304	19.435
Estética/Alimentação	9.378	3.112	1.206	13.696
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>62.111</b>	<b>64.443</b>	<b>25.853</b>	<b>152.407</b>

Fonte: Elaboração própria (2026), com dados da PNAD Contínua (Mobilidade Pendular), Censo Demográfico (IBGE) e estimativas do Novo CAGED.

Nota 01: Os valores da coluna "No Próprio Território" correspondem ao total de postos de trabalho detalhados no Quadro 64.

Nota 02: O "Total de Residentes" representa a população economicamente ativa ocupada que reside no perímetro pesquisado, independentemente do local de trabalho.

Nota 03: A sigla "R.M.F." refere-se à Região Metropolitana de Fortaleza, com destaque para os polos industriais de Maracanaú e Caucaia.

Para a análise da mobilidade e destino ocupacional (Quadro 65), utilizou-se a técnica de inferência de fluxos pendulares. A metodologia consistiu em cruzar o

estoque de empregos locais com os dados de residência da PNAD Contínua, permitindo distinguir entre os trabalhadores que exercem atividades no próprio bairro e aqueles que se deslocam para outros polos econômicos da capital e da Região Metropolitana (Maracanaú e Caucaia). Essa abordagem permite mensurar a função do território tanto como polo gerador de oportunidades quanto como zona residencial de força de trabalho para o mercado externo.

Embora a Granja Lisboa tenha mais CNPJs, o Siqueira concentra o maior número de trabalhadores. Isso ocorre devido ao porte das indústrias e centros logísticos, que possuem alta densidade de funcionários por unidade. Com mais de 16 mil trabalhadores, o comércio é a maior rede de proteção social imediata, empregando vizinhos e familiares em quase todos os quarteirões. O contingente de quase 12 mil trabalhadores na construção civil é, em sua maioria, de moradores que atuam como pedreiros e serventes. É o setor com maior oscilação sazonal. O Bonsucesso é o único bairro onde o setor de Saúde figura com um contingente expressivo (quase 1.500 profissionais), reforçando sua centralidade de serviços para a Regional 5.

O território é um grande fornecedor de mão de obra operária e de serviços para a Região Metropolitana, evidenciando uma dependência externa, com pendularidade, considerando que 60% da classe trabalhadora residente trabalha fora do território. O Centro de Fortaleza e o território da Aldeota absorvem a maioria dos setores de serviços e construção, enquanto Maracanaú é o destino de quase 30% dos operários industriais. O fluxo para Maracanaú é "especializado" em Indústria e Logística. Já Caucaia absorve trabalhadores do comércio e construção, especialmente pela conexão direta via Bom Jardim e BR-020. A Construção Civil é um Setor Móvel, sendo o segmento com menor fixação local. Quase 70% dos pedreiros e serventes residentes saem diariamente para grandes canteiros de obras em outras zonas da capital. E há uma autonomia na Estética e Alimentação, setores onde o trabalhador mais consegue atuar perto de casa, reduzindo custos de deslocamento e fortalecendo a rede comunitária.

## **6.2. Dinâmica econômica e composição da classe trabalhadora na Economia de Terreiro**

Como muitas das empresas que compõem a Economia de Terreiro operam em residências (CNAE de confecção ou comércio sem fachada), o dado foi obtido

via Mapeamento de Economia Solidária e observação de campo, cruzado com CNPJs de comércio varejista de artigos recreativos e religiosos.

**QUADRO 66** – Estimativa da Cadeia Produtiva da Economia de Terreiro no Território (2026)

SEGMENTO DA ECONOMIA DE TERREIRO	QUANTITATIVO ESTIMADO	PERFIL DAS UNIDADES	PERFIL DO TRABALHADOR
Casas de Artigos Religiosos	68	Comerciante familiar e atendentes locais.	60% F / 40% I
Confecções Especializadas	26	Costureiras autônomas (maioria mulheres).	20% F / 80% I
Comércio de Ervas e Folhas	52	Erveiros e trabalhadores tradicionais.	15% F / 85% I
Hortas e Quintais	17	Agricultores urbanos e zeladores.	05% F / 95% I
Esculturas e Artesanato	14	Artesãos, escultores e artistas plásticos.	30% F / 70% I
Açougue e Abate Espec.	21	Magarefes e ajudantes de balcão.	40% F / 60% I
TOTAL DA CADEIA LOCAL	198	Predomínio de Economia Familiar	Híbrida

Fontes: Elaborado pelos organizadores (2026) com suporte da IA na Busca do Google, por meio de análise inferencial sobre o inventário de 40 terreiros e cruzamento com a densidade de registros CNAE (MEI e Varejo) no território.

Nota 01: Os quantitativos agregam o setor formal (CNAE) e unidades informais satélites aos 40 terreiros inventariados.

Nota 02: Legenda: F (Formal - MEI/CNPJ) e I (Informal - Sem registro oficial).

Nota 03: O perfil do trabalhador destaca o saber tradicional como principal ativo de empregabilidade nesta cadeia.

O Quadro 66 dá visibilidade a uma cadeia produtiva invisibilizada. Ele demonstra que a religiosidade de matriz africana não é apenas um fenômeno cultural, mas um motor econômico que gera demanda para costureiras, erveiros, artesãos e pequenos comerciantes locais.

A metodologia consistiu na análise documental e inferência a partir do inventário territorial de 40 Casas de Axé. Com base no perfil das atividades rituais e sociais identificadas no inventário, realizou-se uma dedução da cadeia de valor local,

projetando o quantitativo de unidades fornecedoras necessárias para suprir a demanda recorrente desses centros. Esse modelo de estimativa cruzou as necessidades de consumo mapeadas (insumos, vestuário e serviços) com a densidade de microempreendimentos informais e MEIs registrados nos setores correspondentes nos cinco bairros estudados, permitindo visibilizar a rede econômica satélite gerada pelas comunidades tradicionais.

A análise adotou uma perspectiva multidimensional, integrando o quantitativo de unidades produtivas ao perfil socioprofissional dos envolvidos. A metodologia de composição híbrida permitiu mensurar a coexistência entre o setor formal (MEI/CNAE) e a economia informal, evidenciando que a rede de suporte dos 40 terreiros inventariados opera como um sistema de economia solidária, onde a informalidade reflete a natureza doméstica e tradicional das ocupações.

A Economia de Terreiro evidencia uma cadeia produtiva vigorosa e muitas vezes invisibilizada, que opera tanto na formalidade quanto na informalidade. No território ela possui uma capilaridade alta, considerando diversos segmentos que fornecem insumos e serviços essenciais para o funcionamento dos terreiros e para a manutenção da fé de suas comunidades.

A economia de terreiro nesses bairros funciona como um sistema de microcrédito e circulação interna, considerando que o dinheiro do terreiro e de suas comunidades circula na costureira do bairro, no erveiro da feira local e na casa de artigos religiosos da avenida principal (como a Av. Augusto dos Anjos ou Av. Osório de Paiva). O Bonsucesso concentra as maiores lojas de artigos religiosos devido ao fluxo de transporte. A Granja Lisboa e o Bom Jardim são fortes em ateliês de costura e herbanários domésticos. O Siqueira possui maior facilidade para o comércio de animais e insumos rústicos devido às áreas de transição urbana. E há um protagonismo feminino absoluto na confecção de roupas e no comércio de ervas. Já na parte de estatuária e logística (transporte de insumos), observa-se maior presença masculina.

É possível afirmar a existência de um arranjo produtivo local com relevante impacto na dinâmica econômica e na ocupação e renda da classe trabalhadora.

As estimativas de circulação financeira foram construídas através da técnica de Custo Operacional Litúrgico (COL). Este cálculo pondera o consumo médio de insumos essenciais (velas, ervas, proteínas animais, têxteis) necessários para a manutenção de giras semanais e festas de preceito, cruzados com os preços

praticados pelo comércio varejista local em abril de 2026. O modelo distingue meses de rotina de meses de pico litúrgico (calendário de obrigações), aplicando um fator de correção de demanda que varia entre 60% e 110% para os setores de alimentação e têxtil durante os ciclos festivos.

O número de trabalhadores "ativados" foi estimado através da densidade de unidades produtivas locais (Casas de Artigos Religiosos, Herbanários e Ateliês) e da taxa de Trabalho Eventual por Demanda. Diferencia-se o trabalho fixo (comercial) do trabalho intermitente (serviços de apoio às festas), capturando a mão de obra informal que não consta nos registros do Novo CAGED. Quanto às limitações e Confiabilidade, por tratar-se de uma economia com alto índice de informalidade e autogestão, os dados possuem uma margem de erro estimada em +/- 15%, sendo considerados estimativas de tendência baseadas em evidências de consumo e microdados de economia de bairro.

**QUADRO 67** – Estimativa da Circulação Financeira Anual na Economia de Terreiro (2026)

CATEGORIA DE GASTO	GASTO MÉDIO "MÊS COMUM" (BASE)	GASTO EM "MÊS DE FESTA/OBRIGAÇÃO" (PICO)	TOTAL ANUAL CONSOLIDADO (40 TERREIROS)
Insumos Rituais (Velas, Ervas, Azeites)	R\$ 26.420	R\$ 42.180	R\$ 380.080
Alimentação e Carnes (Festas/Águas)	R\$ 48.150	R\$ 95.340	R\$ 766.560
Têxtil e Adereços (Roupas de Axé)	R\$ 18.260	R\$ 55.420	R\$ 367.760
Logística e Infra (Som, Aluguéis, Fretes)	R\$ 16.140	R\$ 30.280	R\$ 250.240
<b>TOTAL ESTIMADO</b>	<b>R\$ 108.970</b>	<b>R\$ 223.220</b>	<b>R\$ 1.764.640</b>

Fontes: Elaborado pelos organizadores (2026) com suporte de IA no Google, com base em análise inferencial sobre o Calendário Litúrgico Consolidado (40 terreiros) e preços médios de mercado praticados no território.

Nota 01: Mês Comum: Período de manutenção e atividades rituais regulares (Estimativa de 8 meses/ano).

Nota 02: Mês de Festa/Pico: Período de grandes obrigações e festividades públicas conforme o calendário litúrgico (Estimativa de 4 meses/ano).

Nota 03: Total Anual: Cálculo ponderado considerando a sazonalidade específica de cada categoria de gasto.

Nota 04: Os valores refletem a circulação financeira interna do território, injetada diretamente no comércio e serviços locais.

Para os Quadros 66 e 67, o calendário litúrgico é a chave mestra para entender a sazonalidade da economia de terreiro, funcionando como a motriz que justifica as variações de demanda, produção e renda. Deste modo, a análise da sazonalidade econômica foi fundamentada no Calendário Litúrgico Consolidado dos 40 terreiros inventariados. Esta abordagem permitiu identificar os ciclos de maior fluxo financeiro no território, correlacionando as festividades religiosas com o aumento da demanda por insumos biológicos, têxteis e serviços especializados, evidenciando o papel da cultura de matriz africana como indutora de circulação de capital em períodos específicos do ano.

A mensuração da circulação financeira utilizou a metodologia de custeio baseada em ciclo litúrgico. Para cada uma das 40 unidades inventariadas, estimou-se o ticket médio de consumo em meses de atividade regular e o incremento de demanda em meses de festividades públicas. O 'Total Anual Consolidado' foi obtido através de um modelo ponderado que considera a sazonalidade das obrigações religiosas, cruzando esses dados com o levantamento de preços praticados pelos fornecedores locais identificados. Esta abordagem permitiu quantificar o impacto econômico direto da cultura de matriz africana, revelando uma circulação superior a R\$ 1,7 milhão por ano no território pesquisado.

Em meses de grandes festas (como as de Preto-Velho em maio ou Cosme e Damião em setembro), um único terreiro pode gastar em uma semana o equivalente a três meses de operação normal. Essa dinâmica de consumo pode garantir o lucro anual de pequenos comerciantes locais. Também cabe falar em uma dinâmica de trabalho eventual e extra, considerando que o calendário litúrgico cria demandas por trabalhadores temporários residentes, tais como freteiros para carregar animais/insumos, cozinheiras extras, costureiras de emergência, trabalhadores da construção civil para reformas/manutenções e seguranças para os dias de festa pública.

**QUADRO 68** – Estimativa de Postos de Trabalho Gerados pela Economia de Terreiro (2026)

SEGMENTO DA ECONOMIA DE TERREIRO	TRABALHADORES FIXOS	TRABALHADORES EVENTUAIS / EXTRAS	TOTAL
Comércio de Artigos	134	47	181

Religiosos			
Alimentação e Açougues	56	38	94
Confecção e Têxtil (Axé)	42	64	106
Erveiros e Hortas	62	32	94
Logística e Serviços (Fretes/Segurança)	37	114	151
Outros (Artesãos/Músicos/Limpeza)	24	86	110
<b>TOTAIS</b>	<b>355</b>	<b>381</b>	<b>736</b>

Fontes: Elaborado pelos organizadores (2026) com suporte de IA no Google, por meio de análise inferencial sobre a cadeia produtiva local (Quadro 7) e demanda sazonal litúrgica (Quadro 8).

Nota 01: Trabalhadores Fixos: Inclui proprietários de pequenos negócios, MEIs e ajudantes permanentes.

Nota 02: Trabalhadores Eventuais: Diaristas, auxiliares de festas, seguranças extras e músicos contratados por ciclo litúrgico.

Nota 03: O quantitativo reflete a estimativa de postos de trabalho diretos e indiretos sustentados pela demanda dos 40 terreiros inventariados.

Para o dimensionamento da força de trabalho (Quadro 68), utilizou-se a técnica de coeficiente de ocupação por unidade produtiva. A metodologia correlacionou o número de unidades identificadas na cadeia local com a demanda de serviços gerada pelo calendário litúrgico. Os postos de trabalho foram segmentados entre 'Fixos' (compondo o núcleo de proprietários e especialistas) e 'Eventuais' (trabalhadores de apoio e diaristas), permitindo captar a flexibilidade característica da economia solidária e a capacidade do território em absorver mão de obra local em períodos de alta sazonalidade. Com a média de aproximadamente 3,7 trabalhadores por unidade produtiva/apoio, o que é muito realista para pequenos negócios.

O QUADRO 68 estima, portanto, mais de setecentos trabalhadores envolvidos na Economia de Terreiro no território, envolvendo quatro segmentos, detalhados abaixo:

- Proprietários de Pequenos Negócios (Empreendedores de Bairro).  
Perfil: Donos de casas de artigos religiosos, proprietários de pequenos abatedouros/açougues e donos de armarinhos/lojas de tecidos. Papel:

Atuam como os principais nós de concentração da renda. Eles investem o capital no bairro e dependem diretamente da saúde financeira e da agenda litúrgica dos 40 terreiros. No GBJ e Bonsucesso, são frequentemente ex-trabalhadores formais que abriram seus negócios por necessidade ou vocação religiosa.

- Intermediadores Comerciais e Logísticos. Perfil: Atravessadores de ervas (que buscam em feiras maiores para revender no bairro), freteiros e motoristas de aplicativo especializados no transporte de insumos sensíveis (como animais ou grandes volumes de louça). Papel: Garantem o fluxo de suprimentos. No Siqueira, por exemplo, esse papel é vital pela proximidade com o Anel Viário, facilitando a chegada de produtos vindos de outros municípios.
- Trabalhadores Especializados (Artesãos e Ofícios). Perfil: Costureiras de axé, ferreiros que moldam ferramentas de orixás, escultores de imagens e erveiros com profundo conhecimento botânico. Papel: Detêm o saber-fazer (capital intelectual). São trabalhadores que, embora muitas vezes informais, possuem uma especialização que o mercado de trabalho convencional não oferece, garantindo-lhes uma reserva de mercado no território.
- Trabalhadores de Apoio e Serviços (Diaristas e Eventuais). Perfil: Pessoas contratadas para limpeza pós-festa, seguranças para os dias de "porteira aberta", cozinheiras extras e ajudantes de carga e descarga. Papel: Representam a elasticidade da economia. É o contingente que "entra e sai" do mercado conforme a necessidade do calendário litúrgico, funcionando como uma importante fonte de renda complementar para famílias em situação de extrema pobreza.

Esses dados estimados e análises demonstram que a Economia de Terreiro não é um gueto, mas um ecossistema integrado à cidade. Quando um dos 40 terreiros realiza uma festa, ele ativa o Proprietário que lucra, o Intermediador que ganha pelo serviço; o Trabalhador Especializado que vende seu ofício, o Trabalhador de Apoio (que garante sua diária). Dessa forma, evidencia-se a constituição de uma estrutura e de uma dinâmica que produz, distribui, comercializa

e consome produtos, fortalece pequenos negócios/empresas e gera emprego, ocupação e renda de modo transversal, envolvendo desde o microempresário até o trabalhador informal mais vulnerável.

**QUADRO 69** – Tipologia e Impacto dos Agentes da Economia de Terreiro (2026)

TIPO	CONTINGENTE	PERFIL SOCIOECONÔMICO	PAPEL NA DINÂMICA DO TERREIRO	IMPACTO
Pequeno Proprietário	112	Microempreendedores (MEI/Informais); donos de lojas, açougues e herbanários.	Gestão e Estoque: Detém o ponto comercial e capta o maior volume do gasto direto.	Gera empregos fixos e sustenta o mercado imobiliário comercial local.
Intermediador	128	.	Fretistas e fornecedores de insumos biológicos; agentes que conectam o terreiro a produtores periurbanos e rurais para o suprimento de animais e ervas específicas.	Logística e Fluxo: Garante o abastecimento; ganha pela taxa de serviço e conveniência.
Trabalhador Especializado	174	Costureiras de axé, escultores, ferreiros, ogãs e cozinheiras de preceito.	Saber-Fazer (Ofício): Vende capital intelectual e técnico; valor baseado na exclusividade.	Preservação de ofícios tradicionais e autonomia por especialização.
Trabalhador de Apoio	322	Diaristas de limpeza, ajudantes de carga, seguranças e auxiliares de cozinha.	Suporte e Execução: Operacionaliza festas e giras; renda baseada em diárias.	Principal rede de renda imediata para população em maior vulnerabilidade.
<b>TOTAIS</b>	<b>736</b>	-	-	<b>Economia de Proximidade</b>

Fontes: Elaborado pelos organizadores (2026) com suporte de IA no Google, a partir de categorização analítica sobre o contingente de trabalhadores (Quadro 9) e observação do fluxo econômico local.

Nota 0: O contingente foi ajustado para manter a correlação direta com o total de postos de trabalho identificados no Quadro 9.

Nota 02: A tipologia reflete a hierarquia de especialização e o tipo de vínculo (fixo ou eventual) predominante em cada categoria.

Nota 03: Este quadro consolida a percepção da economia de terreiro como um sistema de proteção social e geração de renda descentralizado.

Nota 04: Os agentes classificados como Intermediadores no Quadro 69 estão majoritariamente contabilizados no segmento de Logística e Serviços do Quadro 68, dada a natureza de deslocamento e suprimento de suas atividades.

Para a sistematização da força de trabalho, o relatório adotou uma classificação tipológica dos agentes econômicos (Quadro 69). A metodologia consistiu em agrupar os trabalhadores identificados no Quadro 68 em quatro perfis funcionais, baseando-se no grau de especialização, na natureza do vínculo e no papel desempenhado na cadeia de suprimentos dos terreiros. Essa categorização permitiu analisar não apenas o volume de ocupação, mas o impacto qualitativo de cada grupo no desenvolvimento territorial, distinguindo entre a gestão comercial, a intermediação logística, o saber-fazer tradicional e o suporte operacional. A mensuração dos agentes intermediadores baseou-se na demanda logística global do território, independentemente da especificidade rituais de cada unidade. O papel desse agente é contabilizado pela sua função de suprimento (ponte entre o produtor rural e o território urbano), sendo um componente essencial na circulação de insumos biológicos e rituais que abastecem a rede de terreiros pesquisada.

Enquanto o Proprietário concentra o lucro sobre o produto, o Trabalhador de Apoio representa quase 45% do contingente total, evidenciando que a Economia de Terreiro é uma grande "empregadora" de mão de obra não qualificada em momentos de pico, funcionando como um programa de transferência de renda direta. O Trabalhador Especializado (costureiras e artesãos) possui o maior grau de liberdade econômica, pois seu serviço é indispensável e não depende de um ponto comercial fixo, atuando muitas vezes em domicílio nas Granjas e no Bom Jardim. Os Intermediadores são os agentes que mais dependem do calendário litúrgico; sem as obrigações e festas, sua demanda de frete cai drasticamente, tornando-os os mais sensíveis à sazonalidade religiosa.

### **6.3. A economia de terreiro na Regional V: dinâmicas, impactos e implicações para Fortaleza**

Trabalhamos com a tipologia de cadeias produtivas culturais para segmentar os papéis de cada trabalhador residente. A ideia de Cadeias Produtivas Culturais é um conceito central da Economia da Cultura, que estuda como um bem cultural (por

exemplo, o rito e a tradição do terreiro) gera uma sucessão de etapas econômicas, desde a criação/produção até o consumo final.

O conceito de cadeias produtivas culturais permite compreender o terreiro não apenas como um espaço de liturgia, mas como o nó central de um ecossistema econômico complexo. Nessa perspectiva, o rito atua como o motor de uma sucessão de etapas que envolvem desde a extração e fornecimento de insumos naturais (ervas e animais), passando pela transformação técnica (confecção de indumentárias e estatuária), até a prestação de serviços logísticos e de suporte. Cada festa ou obrigação listada no calendário litúrgico dos 40 terreiros aciona, de forma encadeada, diversos setores do comércio e serviços locais, transformando o valor simbólico da fé em valor econômico tangível para o território. Diferente das cadeias industriais tradicionais, as cadeias produtivas culturais das religiões de matriz africana e umbandista possuem uma alta taxa de retenção de riqueza local. No contexto da Regional V, isso significa que a demanda gerada pelos terreiros é suprida majoritariamente por trabalhadores e microempreendedores residentes. Assim, a cadeia produtiva se manifesta como um arranjo orgânico que converte a tradição em ocupação, garantindo que o fluxo financeiro circule horizontalmente entre os agentes do próprio bairro — do proprietário da loja de artigos religiosos ao trabalhador eventual que auxilia na infraestrutura dos eventos.

Nas periferias de Fortaleza, a economia não se explica apenas pela lógica fria do mercado, mas pelas redes de reciprocidade que sustentam a classe trabalhadora em contextos de vulnerabilidade. Como aponta Hélio de Oliveira Lima, a "Economia de Terreiro" opera sob uma lógica onde o lucro é frequentemente mediado pelo pertencimento e pela solidariedade comunitária. A relação entre o terreiro e o pequeno comércio vizinho — o açougue, a mercearia ou a costureira — ultrapassa a mera troca comercial, estabelecendo um vínculo de confiança e apoio mútuo que estabiliza o consumo local mesmo em períodos de crise econômica nacional. Essa dinâmica revela que o mercado nas periferias é indissociável da vida social e religiosa. O terreiro funciona como um agente redistribuidor de recursos: ao realizar uma festividade, a comunidade religiosa redistribui o excedente financeiro entre os trabalhadores do entorno, ativando uma rede de "ganha-pães" informais que dificilmente teriam acesso ao mercado de trabalho estruturado. Portanto, analisar a economia dos terreiros no território envolve também identificar um modelo de resistência econômica que combina a sobrevivência do mercado com a manutenção

dos laços de axé, provando que a classe trabalhadora periférica constrói suas próprias saídas através da fé e da proximidade.

É possível apontar algumas conclusões importantes, a seguir indicadas.

### *1. A Singularidade do Território e a Classe Trabalhadora*

A Regional V, composta por bairros do Grande Bom Jardim e o Bonsucesso, abriga um dos maiores contingentes da classe trabalhadora de Fortaleza. Os dados gerais indicam uma população jovem, com rendimentos que gravitam em torno do salário mínimo e uma forte dependência do mercado informal. Nesse cenário, a Economia de Terreiro emerge não apenas como um fenômeno espiritual, mas como uma engrenagem vital de sustentação socioeconômica que preenche as lacunas deixadas pelo setor formal e pelo Estado.

A "classe trabalhadora de terreiro" — composta por zeladores, ogãs, cozinheiras, artesãos e fornecedores — revela uma face do empreendedorismo que a ABNT e o IBGE muitas vezes não captam, com uma economia fundamentada na circularidade e na solidariedade. Aqui, a geração de renda está intrinsecamente ligada à função social, onde o lucro é reinvestido na manutenção da memória ancestral e na segurança alimentar da comunidade.

### *2. O Terreiro como Unidade Produtiva e de Consumo*

Diferente das indústrias de transformação localizadas no Siqueira, que exportam sua produção, os 40 terreiros mapeados funcionam como "âncoras de consumo local". Eles retêm a riqueza no território, pois sua demanda por insumos rituais, alimentícios e têxteis é suprida por uma rede de vizinhança. Cada terreiro atua como uma unidade produtiva micro-local, gerando uma circulação financeira mensal que ultrapassa os R\$133 mil em meses comuns, elevando-se significativamente nos ciclos litúrgicos.

### *3. Sazonalidade e o "PIB da Ancestralidade"*

A análise do calendário litúrgico revela que a Economia de Terreiro injeta anualmente cerca de R\$ 1,75 milhão no comércio de bairro. Essa circulação, do "PIB do Axé", possui uma função anticíclica: quando a economia geral arrefece, as obrigações religiosas mantêm o fluxo de vendas nos pequenos açougues,

herbanários e armarinhos. Essa estabilidade é fundamental para o Proprietário de micro-negócio, que encontra na fé da comunidade uma demanda fiel e previsível.

#### *4. A divisão estrutural-funcional dos Agentes: Do Lucro à Diária*

A divisão estrutural-funcional entre Proprietários, Intermediadores, Especialistas e Trabalhadores de Apoio demonstra a sofisticação dessa cadeia. Enquanto o Proprietário lucra com a venda do insumo, o Trabalhador de Apoio — que representa 44% do contingente ativado — encontra na limpeza e segurança das festas uma fonte de renda imediata e desburocratizada. Esse papel é essencial para a subsistência de famílias em situação de extrema vulnerabilidade residentes nas Granjas Lisboa e Portugal.

#### *5. O Saber-Fazer e a Reserva de Mercado*

O Trabalhador Especializado (costureiras de axé, escultores e erveiros) detém um monopólio técnico que o protege da concorrência das grandes redes de varejo da Aldeota ou do Centro. Esse ofício, transmitido pela oralidade e tradição, cria uma "reserva de mercado" no território. E variadas vezes expressa, se vincula e compartilha os patrimônios culturais dos Povos e Comunidades de Terreiro. A classe trabalhadora especializada do Grande Bom Jardim não compete com a indústria têxtil formal; ela atende a uma demanda religiosa e simbólica exclusiva, o que lhe confere maior autonomia e valor agregado ao serviço.

#### *6. Logística, Pendularidade e Maracanaú*

A função do Intermediador conecta a Regional V ao restante da Região Metropolitana. O fluxo de transporte de animais, ervas e grandes volumes para as festas utiliza a mesma infraestrutura que atende ao Distrito Industrial de Maracanaú, mas com uma lógica inversa: em vez de levar o trabalhador para a fábrica, traz o insumo para o centro da vida comunitária. Isso fortalece o setor de transportes e fretes locais, que encontra nos terreiros um cliente constante.

#### *7. Implicações para a Cidade de Fortaleza*

Para Fortaleza, a Economia de Terreiro da Regional V atua como um laboratório de Economia Criativa e Solidária. Ela prova que a cultura de matriz africana, afrodescendente e afroameríndia é um ativo econômico que reduz a

pressão sobre os serviços de assistência social, ao gerar ocupação para mais de 700 pessoas de forma direta. A cidade ganha em diversidade e em resiliência econômica, já que o território se torna menos dependente exclusivamente dos fluxos de emprego do Centro.

#### *8. Redes de Reciprocidade versus Mercado Frio*

A relevância dessa economia reside na substituição do "mercado frio" por "redes de reciprocidade". No Bonsucesso e Bom Jardim, a compra no açougue vizinho para a festa de um orixá não é apenas uma transação; é a manutenção de um laço social. Essa característica protege os pequenos negócios locais contra a "gentrificação comercial" e grandes redes de supermercados, pois o consumo religioso exige um atendimento personalizado e especializado que só o comércio local oferece.

#### *9. Composição de Gênero e Autonomia Feminina*

Uma implicação econômica central é o fortalecimento do trabalho feminino. A confecção de vestuário e a comercialização de ervas e alimentos são nichos majoritariamente geridos por mulheres da periferia. A Economia de Terreiro, portanto, é um vetor de emancipação financeira para chefes de família residentes, permitindo que elas conciliem o trabalho produtivo com o espaço doméstico e comunitário.

#### *10. Integração aos Dados Gerais: Uma Síntese*

Ao cruzar os R\$1,75 milhão gerados pelos terreiros com os dados de renda média da Regional V, percebe-se que essa rede religiosa é responsável por uma parcela significativa da "renda invisível" do território. Enquanto o Censo foca no salário formal, a vida real da classe trabalhadora nesses bairros é sustentada por esses fluxos circulares de axé e mercado que garantem a sobrevivência e a dignidade de centenas de famílias.

#### *11. A Tensão Dialética: Geração de Renda vs. Precarização e o "Empreendedorismo de Viração"*

A Economia de Terreiro na Regional V revela uma tensão constitutiva: se, por um lado, ela democratiza o acesso à renda para os estratos mais vulneráveis da

classe trabalhadora, por outro, ela se estrutura sobre o que a sociologia do trabalho denomina como "empreendedorismo de viração". Para o segmento dos Trabalhadores de Apoio (diaristas, ajudantes e seguranças), a ocupação não se traduz em emprego, mas em uma mobilização constante de recursos e contatos para garantir a subsistência imediata. O paradoxo reside no fato de que o terreiro oferece a "diária" que o mercado formal nega, porém, o faz sob a lógica da "viração": um esforço individual e intermitente que depende da sorte litúrgica e da rede de contatos, desprovido de qualquer rede de proteção social estável.

Conceitualmente, o que se observa é o que autores como Ricardo Antunes denominam como a precarização estrutural do trabalho. A "viração" torna-se a estratégia de gestão da escassez, onde o trabalhador é "ativado" instantaneamente conforme o calendário dos 40 terreiros. No entanto, ao operar fora dos marcos regulatórios, essa dinâmica perpetua uma condição de desproteção social crônica. A precarização, neste contexto, é a face oculta da agilidade econômica da periferia: embora o terreiro funcione como um motor de inclusão produtiva, a ausência de seguridade torna esse trabalhador um sobrevivente intermitente, cujo sustento está condicionado à sua capacidade de estar "disponível" para o próximo evento ritual.

### *12. O Protagonismo Feminino: Entre a Autonomia Especializada e as Ambivalências da Economia do Cuidado*

O papel das mulheres na Economia de Terreiro da Regional V é marcado por uma ambiguidade profunda, operando nas "ambivalências da economia do cuidado". Elas detêm o protagonismo técnico e econômico em elos vitais, como a confecção ou produção material de objetos que "carregam" ou manifestam as forças vitais, como, por exemplo, indumentárias rituais e paramentos, e o herbanário, o que lhes confere uma autonomia que rompe com a lógica patriarcal de dependência financeira. Entretanto, essa autonomia é exercida dentro de uma extensão da lógica do cuidado: o trabalho de preparar a roupa de santo ou de zelar pelas ervas é uma atividade produtiva que muitas vezes é percebida socialmente como uma continuidade das tarefas domésticas e comunitárias, o que dificulta a sua plena valorização enquanto mercado de trabalho especializado. Essa ambivalência esconde uma camada de precarização específica: a sobreposição do trabalho produtivo com o reprodutivo no espaço doméstico. Muitas dessas costureiras e erveiras operam em suas casas, onde o ato de produzir para o terreiro se mistura ao

cuidado com os filhos e com a gestão do lar. Tecnicamente, essa "autonomia" pode ser uma face do auto-emprego precário, onde a mulher assume todos os riscos do negócio sem qualquer distinção entre tempo de trabalho e tempo de vida. Assim, o protagonismo feminino no terreiro é, simultaneamente, um espaço de emancipação simbólica e um campo de exaustão material, onde a especialização técnica é a única salvaguarda contra a invisibilidade econômica total imposta pelas estruturas de gênero.

#### 6.4. Sazonalidade e fluxo econômico – Economia do Terreiro

A seguir, apresenta-se o QUADRO 70 que traz informações sobre a sazonalidade e o fluxo econômico da Economia do Terreiro.

**QUADRO 70** – Sazonalidade Litúrgica e Dinâmica do Fluxo Econômico de Terreiro (2026)

Janeiro	Ciclo das Matas (Oxóssi / Reis)	Insumos Botânicos	Ervanarias e Feiras: Guiné, arruda e fumo.
Fevereiro	Ciclo da Vitalidade (Exu / Guardiões)	Proteção e Oferendas	Agropecuárias: Aves e caprinos.
Março	Ciclo do Clamor (São José / Mestres)	Ciência e Equilíbrio	Artigos Religiosos: Velas e insumos de Jurema.
Abril	Ciclo dos Metais (Ogum / São Jorge)	Ordenamento e Força	Açougues/Ferreiros: Carne suína e ferramentas.
Maio	Ciclo da Sabedoria (Pretos Velhos)	Acolhimento e Cura	Varejo Local: Café, mel, fumo de rolo e velas.
Junho	Ciclo do Fogo (Xangô / Família Léguas)	Justiça e Vitalidade	Mercados: Quiabo, dendê e bebidas destiladas.
Julho	Ciclo da Limpeza (Nego Gerson / Chico)	Manutenção	Armarinhos: Miçangas, búzios e cristais.
Agosto	Ciclo das Águas (Iemanjá / Olubajé)	Realeza e Regeneração	Floriculturas/Avícolas: Flores, perfumes e bodes.
Setembro	Ciclo da Doçura (Erês / Ibeji)	Coesão Social	Confeitaria/Embalagens: Doces e saquinhos.
Outubro	Ciclo do Encanto (Crianças/Boiadeiros)	Ludicidade	Varejo Popular: Brinquedos e artigos de couro.

Novembro	Ciclo das Almas (Zé Pelintra / Padrilha)	Justiça Restaurativa	Artigos Religiosos: Velas coloridas e chapéus.
Dezembro	Ciclo do Encerramento (Exu / Yabás)	Autonomia e Ritos	Têxteis: Morim, rendas e tecidos acetinados.
Fluxo Mensal	Giras de Manutenção	Manutenção Contínua	Avícolas de Bairro: Aves para obrigações de rotina.
Conforme Rito	Iniciações (Feitura)	Ritos de Passagem	Especiais: Roupas de richilieu, louças e bodes.

Fontes: Elaborado pelo autor (2026) com suporte de IA no Google, a partir do Calendário Litúrgico Consolidado (40 terreiros) e observação da dinâmica de consumo local.

Notas:

Nota 01: Este calendário reflete os momentos de maior pressão de demanda sobre a cadeia produtiva mapeada no Quadro 7.

Nota 02: A coluna "Setor do Comércio" identifica onde a circulação financeira do Quadro 8 é prioritariamente absorvida a cada mês.

Nota 03: A categoria "Conforme Rito" refere-se a eventos não calendários, mas que geram o maior ticket médio individual de gasto.

É importante ressaltar características centrais a cada período, indicados no QUADRO 70.

Janeiro e Março iniciam com o Ciclo das Matas e o Ciclo do Clamor, ativando a Soberania Botânica e a Ciência, revelando o período de maior pressão sobre as ervanarias e feiras livres, onde o saber fitoterápico e a busca pelo equilíbrio (Mestres da Ciência) dinamizam a economia dos elementos vegetais e minerais.

Em Fevereiro, Junho e Dezembro, evidenciam-se os ápices da Agência Vital, com o foco na "Esquerda" (Exu e Guardiões) mobilizando uma complexa logística de proteínas (agropecuárias e avícolas), representando os maiores picos de movimentação financeira do setor de abates rituais, essenciais para o Ordenamento de Fronteiras e a proteção das comunidades.

Em Abril e Agosto evidenciam-se o Ciclo dos Metais (Ogum) e o Ciclo das Águas/Olubajé (Iemanjá/Obaluaê), ativando a indústria de transformação e o comércio de alimentos. Movimentando desde pequenos ferreiros (ferramental sagrado) até açougues e avícolas de grande porte para banquetes coletivos, transformando o rito em um dispositivo de Segurança Alimentar e visibilidade pública.

Em Maio e Novembro instalam-se a Alta Tecnologia Social de Acolhimento, em articulação com as cosmologias e liturgias da Sabedoria e da Malandragem. Maio com foco na Saúde Suave (Pretos Velhos), impulsionando o varejo de miudezas (café, mel, fumo) e Novembro focando na Justiça Restaurativa e na Boemia Sagrada (Zé Pelintra), triplicando a venda de velas e dinamizando a alfaiataria de preceito e a economia das ruas.

Em Setembro e Outubro evidenciam-se momentos de Renovação e Infância, com o ciclo de Erês e Boiadeiros consolidando a Coesão Comunitária e efetivando o marco da "Economia do Doce" e do artesanato têxtil, operando como um dispositivo orgânico de lazer e nutrição infantil que movimentava massivamente o setor de confeitarias e embalagens da Av. Oscar Araripe.

Há também um Fluxo Mensal, de manutenção contínua, que, para além dos picos, mantém um Giro de Caixa Permanente. As giras mensais de Exu e Caboclo garantem a sustentabilidade das avícolas de bairro, enquanto a reposição de miçangas e búzios para a manutenção das guias oferece previsibilidade financeira aos armarinhos e lojas de artigos religiosos.

E vinculado aos Ritos e conformam a Soberania de Linhagem, as Iniciações e Feituras expressam um consumo de alto valor agregado. Estes ritos de passagem mobilizam a "Nobreza de Chão", exigindo vestuário de luxo (richilieu/cetim), louças finas e aves especiais (Etú), sustentando uma rede de artesãos especializados cujos ofícios sobrevivem graças ao rigor e à sofisticação da estética dos terreiros.

Desse modo, é possível afirmar a existência de uma Cosmologia do Ciclo Econômico, regida por uma Geografia dos Ciclos, onde cada período litúrgico opera como um indutor de demandas específicas no varejo local. A inteligência deste ecossistema reside na transposição da "ciência sagrada" em pragmatismo econômico: os ciclos não apenas celebram divindades, mas organizam a provisão, a agência e a segurança comunitária. Do "Ciclo das Matas" em janeiro ao "Ciclo do Encerramento" em dezembro, o terreiro funciona como um fomentador da dinâmica econômica e um regulador do fluxo financeiro no território, agregando múltiplos agentes e garantindo que a circulação de produtos e rendas entre produtores, artesãos, feiras, açougues e terreiros, transformando o "tempo da ancestralidade" em estabilidade para o varejo periférico.

A Economia do Terreiro na Regional V opera através de uma sazonalidade sistêmica, onde o calendário litúrgico funciona como um indutor de demandas que

estabilizam o varejo periférico durante todo o ciclo anual. Esta dinâmica não é meramente devocional, evidenciando uma gestão estratégica de recursos e energias que garante a resiliência do território através de ciclos de produção, distribuição e consumo, agregando ofícios e serviços especializados.

Essa dinâmica econômica evidencia Pilares de Governança que fundamentam a resiliência societal, ética, política e urbana. Onde o Estado identifica carência e precariedade, inclusive quando reproduz estigmas e segregações, como o racismo institucional indica, o Calendário Litúrgico estabelece Soberania.

Ciclos como o da "Vitalidade" (Fevereiro) e o dos "Metais" (Abril) não tratam apenas de ritos de vitalidade e de proteção, mas de uma alta tecnologia de ordenamento territorial que assegura a integridade física e a capacidade de trabalho dos moradores, efetivando uma cosmologia e uma política da vida, em contraposição à necropolítica.

A densidade desses ciclos prova que o terreiro é a principal agência de promoção da vida e de proteção, mas também de articulação entre cultura, patrimônio e economia, em territórios marcados por múltiplas vulnerabilidades, convertendo a fé em uma ferramenta de justiça restaurativa e reencantamento político.

Os Terreiros da Regional V, portanto, articulam a constituição e reprodução social de uma infraestrutura ancestral invisível e em redes, que converte a fé em produção, comércio e trabalho e a liturgia em dignidade.

Ao institucionalizar e reconhecer como patrimônio imaterial da Cidade o Calendário Litúrgico dos Povos e Comunidades de Terreiro da Regional V, integrando Rotas e Ciclos Patrimoniais, Culturais e Turísticos, Fortaleza reconhece que o terreiro é – ética, social, política e economicamente – um agente essencial e relevante de promoção de Justiça Econômica e Reencantamento Territorial da periferia, garantindo que a circulação de ocupação, produção, trabalho e renda e a preservação do patrimônio caminhem em perfeita sincronia rítmica.

## **6.5. Avançando na compreensão da Economia do Terreiro**

A seguir, serão abordados aspectos singulares à Economia do Terreiro.

### **6.5.1. Animais para abate ritual**

A Economia do Terreiro conforma uma Estrutura própria da Cadeia de Suprimentos. Dificilmente um terreiro compra animais em grandes redes de supermercado, pois o ritual exige que o animal esteja vivo, saudável e "inteiro". Constitui-se, portanto, uma Rede de Fornecedores Periféricos, com criadores específicos nas franjas urbanas de Fortaleza e em municípios vizinhos ou próximos (como Caucaia e Maranguape) que criam aves (galos, galinhas, angolas) e caprinos/ovinos (bodes, cabras, carneiros) especificamente para o mercado religioso.

Surge então a figura do "Atravessador do Axé", comerciante que realiza a curadoria e logística, buscando os animais nos sítios e escoando-os por encomenda direta nos terreiros ou através das Feiras Livres do território, que funcionam como os principais entrepostos físicos dessa economia.

Essa economia é circular, gerando renda rural e sustentando pequenos produtores familiares que não teriam escala para vender para grandes frigoríficos. E também há um aproveitamento total, diferente do que o senso comum imagina, após o ritual e a retirada do axé (partes específicas para a divindade), a carne é preparada em banquetes coletivos (o axé de comida), alimentando centenas de pessoas da comunidade. Isso reduz a insegurança alimentar no bairro.

Há uma sazonalidade, pois a demanda não é linear, havendo períodos de pico. A demanda acompanha o "sangue" (energia vital) exigido por cada ciclo litúrgico. Assim, a priori o pico se situa em Fevereiro/Junho/Dezembro (Exu e Guardiões), meses de grandes obrigações de "Esquerda". Nesse período a demanda por galos pretos e caprinos machos dispara. É o período de maior movimentação financeira desse setor. Em Agosto (Olubajé/Omulu), o Olubajé exige ritos de abate para o banquete sagrado, aumentando a procura por bodes e aves de cores específicas (geralmente carijós ou escuras). Já em setembro (Ibeji/Erês) a demanda por abates cai ou muda de perfil, focando em aves menores (frangos/frangas), pois o foco comercial muda para os doces.

### **6.5.2. Lojas de artigos religiosos**

O setor de serviços sofre impacto direto da dinâmica dos terreiros, com as lojas de artigos religiosos funcionando como o termômetro econômico da região. Esse comércio concentra-se nos eixos de grande fluxo do Bom Jardim, especialmente na Avenida Oscar Araripe e na Rua Coronel João Correia, na Rua

Vital Brasil (Granja Lisboa) e em áreas de interface no Siqueira (próximo ao terminal) e na Avenida General Osório de Paiva. Nestes pontos, observa-se o fenômeno da sazonalidade: a reposição de miçangas e fios de conta atinge o ápice no meio do ano (período de lavagem de contas e obrigações de Orixá), enquanto a venda de velas — especialmente brancas, vermelhas e pretas — triplica no último trimestre, impulsionada pelas festividades de Zé Pelintra, Exu e os encerramentos de ano na Umbanda e Quimbanda.

Para além da venda de insumos básicos, como a triplicação na saída de velas em novembro e dezembro, essas lojas sustentam uma rede de serviços especializados.

### **6.5.3. Vestuário ritual**

A demanda por vestuário ritual gera um fluxo econômico perene para costureiras e alfaiates do território, cuja especialização no corte e acabamento de 'trajes de preceito' é um diferencial competitivo. Se no Candomblé e na Umbanda o destaque é o rigor das roupas brancas em richilieu, laise e cetim, o setor também se dinamiza para atender às cores vibrantes e tecidos encorpados das entidades da Quimbanda, aos paramentos específicos do Tambor de Mina e à indumentária característica dos mestres da Jurema. Essa rede de alfaiataria sagrada atende a dezenas de terreiros na região, convertendo a necessidade litúrgica de cada 'nação' em uma fonte estável de renda para os profissionais da moda e do artesanato têxtil local.

### **6.5.4. Metalurgia e ferraria**

Também na Metalurgia e Ferraria, com a manutenção e confecção de ferramentas de metal representando um nicho vital da economia local, preservando ofícios artesanais que sobrevivem graças à demanda contínua dos povos de terreiro. Este setor movimentava pequenos ferreiros e serralheiros da região, especializados em dar forma aos símbolos de poder de cada tradição: das espadas e escudos de Ogum e os machados (Oshés) de Xangô, centrais no Candomblé e na Umbanda, até os tridentes e ferramentas personalizadas de Exus e Pombagiras na Quimbanda. Na Jurema e no Tambor de Mina, a demanda estende-se a ferramentas de corte e elementos de proteção em ferro e aço. Assim, o saber técnico desses ferreiros locais

torna-se indissociável da preservação litúrgica, garantindo que os objetos rituais sigam os preceitos de peso, material e forma exigidos por cada divindade.

#### **6.5.5. Estabilidade e caixa contínuo**

A Economia do Terreiro também é importante para a estabilidade e o caixa contínuo de parte relevante de comércios e comerciantes. O que se associa, por exemplo, à reposição de miçangas, cristais e búzios para a Lavagem de Contas e a renovação dos fios de proteção — ritos fundamentais e recorrentes em todas as vertentes, da Umbanda e Candomblé ao Tambor de Mina e Jurema — garantindo uma manutenção financeira constante para os estabelecimentos locais. Esse fluxo, particularmente intenso no meio do ano, funciona como um elemento de estabilidade econômica, mantendo o giro de caixa das lojas nos períodos de transição entre os grandes ciclos festivos. A demanda por diferentes qualidades de materiais (do vidro comum ao cristal e porcelana) reflete a diversidade da clientela no território, permitindo que pequenos armazéns e lojas especializadas sustentem suas operações durante todo o calendário litúrgico.

#### **6.5.6. Ciclo econômico das ervas e defumadores**

Há um ciclo econômico das ervas e defumadores com picos em janeiro e maio. Nestes períodos, associados a Oxóssi e aos Pretos Velhos, a demanda por elementos vegetais atinge o ápice, dinamizando o comércio local. Esse fluxo é transversal às diferentes nações: das folhas de fundamento rigorosas do Candomblé e Tambor de Mina à 'ciência das ervas' central na Jurema e na Umbanda. Nas feiras livres, como a da Granja Lisboa, estoques de arruda, guiné, alecrim e palha de costa esgotam-se rapidamente. Consolida-se, assim, uma rede de colheita local: moradores com quintais produtivos tornam-se fornecedores estratégicos, convertendo o saber botânico tradicional em renda complementar ao suprir tanto os terreiros quanto a vizinhança que busca banhos de proteção.

#### **6.5.7. Logística do açougue e da mercearia**

Há uma logística de Açougue e Mercearia com picos em abril, junho e agosto, vinculados às festividades que envolvem o preparo de comidas rituais coletivas (como a Feijoada de Ogum, o Caruru de Xangô e o Olubajé). Tendo o Candomblé como matriz dessas tradições, tais celebrações são amplamente compartilhadas por

terreiros de Umbanda, Quimbanda, Tambor de Mina e Jurema no território, movimentando intensamente o setor de alimentos. Notadamente, o aumento na venda de proteínas (carne suína e frango) e de insumos específicos — como o azeite de dendê, o quiabo para o Amalá e o feijão fradinho — faz com que esses itens ganhem lugar de destaque nas prateleiras dos mercadinhos de bairro nesses períodos.

#### **6.5.8. A economia do doce**

A denominada 'Economia do Doce', concentrada em setembro, consolida o mês dos Erês (Ibeji/Cosme e Damião) como o segundo Dia das Crianças do território da Regional V. No varejo popular, estabelecimentos de embalagens e confeitarias localizados no Centro e nos eixos comerciais do Bom Jardim (sobretudo na Av. Oscar Araripe) preparam kits e estoques volumosos para atender à demanda massiva por carurus e festas infantis rituais. Esse fenômeno transborda o comércio de bens e impulsiona o artesanato regional: observa-se um aumento significativo na procura pela confecção de saquinhos de tecido e lembrancinhas personalizadas. Essa cadeia produtiva gera renda direta para costureiras locais e artesãos, que adaptam sua produção para suprir as cores e estéticas exigidas pela Umbanda, Candomblé e demais vertentes que celebram a ancestralidade infantil.

#### **6.5.9. Desafios para as políticas públicas**

Do ponto de vista das políticas públicas, as práticas litúrgicas podem gerar desafios significativos que transitam entre a liberdade religiosa, o direito sanitário, a segurança alimentar e o desenvolvimento econômico. No contexto de Fortaleza, especialmente em áreas densas como o território pesquisado, alguns desafios envolvem:

- **Intolerância e Racismo Religioso:** O abate ritual e as festas de rua muitas vezes sofrem denúncias baseadas em preconceito, utilizando leis de "perturbação do sossego" ou de "maus-tratos a animais" para criminalizar o culto.
- **Vigilância Sanitária vs. Tradição:** A legislação sanitária comum é desenhada para a indústria. Exigir que um terreiro tenha a mesma estrutura de um abatedouro industrial é inviabilizar a prática religiosa e a segurança alimentar da comunidade que consome o alimento ritual.

- **Invisibilidade Econômica e Dificuldades de Formalização:** Como essa economia (compra de animais, ervas e serviços) é informal, os terreiros não acessam editais de fomento à cultura alimentar ou ao empreendedorismo periférico.

Nesse contexto, é importante constituir soluções proativas e democráticas, transcendendo o caráter fiscalizador punitivo na atuação do Estado, transitando para a parceria na salvaguarda. Constituindo uma Vigilância Sanitária Educativa e Adaptada, com protocolos sanitários específicos para o manejo de animais em contextos rituais, respeitando o tempo do axé, inclusive realizando oficinas de capacitação técnica em parceria com a Secretaria de Saúde para os responsáveis pelos abates, focando em biossegurança e descarte correto de resíduos, sem interferir no rito.

É essencial integrar os terreiros aos circuitos, redes e políticas públicas de economia solidária, sustentável, criativa, periférica e popular-comunitária e de agroecologia urbana, inclusive criando linhas de microcrédito e editais de Gastronomia Ancestral. Se o Estado reconhece que a feijoada ou o caruru do terreiro alimenta a comunidade, ele pode fornecer insumos ou infraestrutura de cozinha industrial para as casas, inclusive reconhecendo e apoiando as Cozinhas Comunitárias, no contexto dos Povos e Comunidades de Terreiro.

## 7. UMA ANÁLISE DA PRECARIEDADE URBANA

Para avaliar o grau de precariedade urbana dos terreiros de forma técnica e comparativa, constituiu-se uma Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT), que atribui pesos diferentes aos indicadores selecionados, gerando uma pontuação que define o nível de risco e urgência de intervenção pública.

Os indicadores, aos quais se atribuem pontos para cada situação de ausência ou instabilidade, são os seguintes: (1) sede do templo; (2) ligação da propriedade com rede pública de abastecimento de água; (4) ligação da propriedade com rede pública de esgotamento sanitário; (4) rede de drenagem de água no logradouro.

Cabe indicar aspectos relevantes a cada indicador.

A **ausência de ligação da sede do terreiro à rede pública de abastecimento de água** pode causar: (1) Dificuldades, precariedades e mesmo impedimentos litúrgicos, inclusive se se considera que a água é elemento central de purificação na Umbanda, e, portanto, sem ela, rituais essenciais ficam comprometidos, tais como a preparação de Amaci, Banhos, Limpezas, Oferendas e Firmezas; (2) Questões de Higiene Coletiva; (3) Dificuldades para a Cozinha de Santo; (4) Contaminação e saúde pública, cabendo indicar que, como o território sofre com a falta de drenagem pluvial, vivencia-se um contexto marcado pelo Risco de Contaminação de Poços e o risco de focos do mosquito *Aedes aegypti*, transformando o espaço sagrado em um ponto vulnerável à saúde da vizinhança.

Quanto à **ausência de rede de drenagem pública no logradouro**, pode causar: (1) Riscos de Colapso da Mobilidade e Acessibilidade: Além de impedir o deslocamento de veículos (gerando congestionamentos e riscos de pane mecânica), a ausência de drenagem isola pedestres, impede ou dificulta o acesso ao transporte público e bloqueia serviços de emergência (ambulâncias e polícia); (2) Danos estruturais ao pavimento: A água parada infiltra na base do asfalto, causando rachaduras, buracos e, em casos extremos, o colapso total da via. A água acumulada destrói o pavimento (buracos e fendas), reduzindo drasticamente a vida útil da via. (3) Insegurança e Instabilidade Geológica: O escoamento superficial descontrolado pode infiltrar no subsolo de forma inadequada, causando processos erosivos que comprometem a estabilidade de encostas e fundações de edificações

próximas. O fluxo descontrolado da enxurrada pode remover a camada superficial do solo, causando erosão e até deslizamentos em áreas de declive. (4) Invasão de imóveis e prejuízos materiais: Sem escoamento, a água invade calçadas e residências, danificando móveis, eletrodomésticos e comprometendo a estrutura das casas. (5) Degradação da Infraestrutura e Patrimônio e Desvalorização imobiliária. Para os moradores, o prejuízo é direto com a invasão de água em casas e comércios, destruindo bens e desvalorizando o valor venal dos imóveis, associado ao fato de que os logradouros que sofrem com alagamentos constantes perdem valor de mercado e afastam investimentos comerciais. (6) Riscos à saúde pública: O acúmulo de água cria criadouros para mosquitos (como o do *Aedes aegypti*) e facilita a propagação de doenças de veiculação hídrica, como a leptospirose. O logradouro torna-se um foco de doenças. (7) Contaminação ambiental: A água da chuva que não é drenada acaba carregando lixo, óleo de veículos e esgoto para dentro das casas ou para rios e córregos próximos sem qualquer filtragem. Ambientalmente, causa erosão do solo e polui corpos hídricos vizinhos.

Quanto à **ausência de ligação com rede pública de esgoto sanitário**, pode causar: (1) Problemas com as questões Litúrgicas, envolvendo particularmente o Descarte Ritual, considerando que muitos ritos geram efluentes e resíduos orgânicos que exigem destinação correta. Após a utilização ritual, os restos de ervas e a água (já magnetizada) devem ser descartados. Sem rede de esgoto, o despejo no solo ou em fossas rudimentares pode ser visto como uma quebra de ciclo energético ou causar o transbordamento dessas fossas devido ao volume. (2) o Fundamento da Água Limpa, considerando a crença de que a "água leva o mal e traz o bem", o que exige fluidez. Assim, o esgoto a céu aberto na porta do terreiro gera uma "barreira de miasmas" que fere a pureza espiritual do ambiente. (3) Riscos à Saúde da Comunidade e do Corpo Mediúnico, considerando que os Terreiros que operam como "casas abertas" recebem dezenas de pessoas, o que agrava os problemas sanitários, considerando doenças de veiculação hídrica. A exposição ao esgoto não tratado facilita a propagação de doenças como leptospirose, disenteria, hepatite A e verminoses. (4) Contaminação do Solo Sagrado: o uso de "fossas secas" (buracos simples no solo) contamina o lençol freático local. Isso é crítico no Grande Bom Jardim, onde há terreiros que utilizam poços para coletar a água dos rituais, evidenciando um ciclo perigoso de recontaminação. (5) Odor e Insuportabilidade: O mau cheiro do esgoto acumulado compromete a concentração necessária durante

as giras e sessões de atendimento público. (6) Inundações Contaminadas: Em períodos de chuva, a falta de esgoto e drenagem faz com que dejetos retornem para dentro dos imóveis ou fiquem estagnados na calçada, impedindo o acesso dos consulentes e expondo os médiuns (que frequentemente trabalham descalços) a riscos biológicos diretos.

A **precariedade na posse/propriedade do imóvel**, considerando sedes alugadas ou cedidas, é impedimento estrutural e grave à sustentabilidade dos terreiros no Grande Bom Jardim, e pode causar as seguintes consequências: (1) Insegurança do "Plantio" e do Fundamento, considerando que o assentamento de uma casa aberta muitas vezes envolve o "plantio" do axé (objetos rituais enterrados no solo). Desse modo, há o risco de Perda do Sagrado, com o zelador e a comunidade enfrentando o trauma espiritual de ter que "desplantar" ou abandonar fundamentos que levaram anos para se consolidar no solo. (2) Limitação Ritual: O medo de ter que sair a qualquer momento impede o zelador de realizar obras definitivas, como a construção de uma tronqueira de alvenaria ou o plantio de ervas sagradas específicas que levam anos para crescer. (3) Dificuldade de Regularização e Acesso a Direitos, pois a maioria das políticas públicas exige comprovação de posse ou contrato de longa duração. (4) Impedimento de Editais: Terreiros alugados dificilmente conseguem se cadastrar como Pontos de Cultura ou acessar editais de fomento à infraestrutura, pois não podem realizar reformas estruturais em imóveis de terceiros. (5) Vulnerabilidade Tarifária: Sem a titularidade do imóvel, o terreiro tem dificuldade em pleitear a imunidade tributária (IPTU) ou a tarifa social de água e energia, direitos garantidos por lei a templos religiosos. (6) Fragilidade diante de Gentrificação e oscilações do Mercado, potencialmente gerando Aumento de Aluguel. Considerando que a valorização de áreas onde a drenagem e o asfalto chegam pode elevar o preço do aluguel sobre, podendo forçar o terreiro a se mudar para áreas ainda mais precárias. (7) Retomada por Preconceito, considerando que infelizmente, não é raro que proprietários rescindam contratos ao descobrirem que o imóvel será usado para fins de religiões de matriz africana, caracterizando casos de racismo religioso. (8) Impacto na Relação com a Comunidade, pois a mudança constante de endereço (o "terreiro itinerante") quebra o vínculo com os consulentes locais e com a rede de proteção do bairro. (9) Efetivação de um Ciclo da Precariedade, pois como o imóvel não é próprio, o zelador evita investir em ligação de água, esgoto ou melhorias na drenagem, o que pode manter o terreiro em um

ciclo de problemas sanitários e estruturais. (10) Fragilização da função social da propriedade e da cidade, particularmente relacionada à resistência, proteção, preservação e compartilhamento desses templos enquanto centros de cultura, patrimônio e memória afro-brasileira.

### 7.1. Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT)

O QUADRO 71 apresenta os Indicadores e os pontos para cada situação na Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT).

**QUADRO 71** - Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT)

Indicador	Situação (Pontos)
Sede	Própria (0) / Cedida (2) / Alugada (3)
Água	Tem (0) / Não Tem (3)
Esgoto	Tem (0) / Não Tem (2)
Drenagem	Tem (0) / Não Tem (1)

Fonte: Elaboração própria

A gravidade da situação de vulnerabilização vivenciada pelo Terreiro e sua comunidade vincula-se à existência de vulnerabilidades urbanas sobrepostas. Desse modo, quanto maior a pontuação final do Terreiro, maior a urgência de inclusão em programas de melhorias urbanísticas ou regularização fundiária.

Ao somar os pontos de cada terreiro, eles podem ser enquadrados nas categorias apresentadas no QUADRO Tal, que evidencia que uma **Escala do Grau de Precariedade e um Ranking de Prioridade para Ações Públicas**.

Já o QUADRO Tal indica as **Ações Públicas** a serem desenvolvidas e consolida a prioridade/temporalidade para a execução das ações públicas.

**QUADRO 72** - Escala do Grau de Precariedade e Ranking de Prioridade para Ações Públicas

PONTUAÇÃO	ESCALA DO GRAU DE PRECARIIDADE	RANKING DE PRIORIDADE
06 A 08	Emergência Sanitária	Ações imediatas

04 a 05	Precariedade Urbana Crítica	Ações de médio prazo
02 a 03	Precariedade Urbana Estrutural	
00 a 01	Baixa Precariedade Urbana	Ações de médio prazo e Ações permanentes de manutenção e melhoria

Fonte: Elaboração própria

#### QUADRO 73 - Ações Públicas a serem desenvolvidas

INDICADOR	AÇÃO PÚBLICA	TEMPORALIDADE
Ausência de ligação com a rede pública de água	Efetuar a ligação	Emergencial
Ausência de ligação com rede pública de esgoto	Implantar a rede e/ou efetuar a ligação	Curto e/ou médio prazo
Ausência de rede de drenagem no logradouro	Implantar a rede	Médio prazo
Sede do Templo alugada ou cedida	Criar as condições para transitar para sede própria com regularização fundiária	Médio prazo

Fonte: Elaboração própria

## 7.2. Análise dos dados de precariedade urbana dos terreiros

A seguir, analisam-se os dados gerados pelo Diagnóstico Participativo, quanto à precariedade urbana.

#### QUADRO 74 – Matriz de Vulnerabilidade Urbana de Terreiro (MVUT) aplicada aos Terreiros

BAIRRO	TERREIRO	SEDE	ÁGUA	ESGOTO	DRENAGEM	RANKING
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Alugada	Não	Não	Sim	8
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Própria	Não	Não	Não	6
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Alugada	Sim	Não	Não	6
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas	Alugada	Sim	Não	Não	6
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga	Própria	Não	Não	Não	6
Siqueira	Centro Espiritual	Alugada	Sim	Não	Não	6

	Ogum Iara					
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Cedida	Sim	Não	Não	5
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Alugada	Sim	Não	Sim	5
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Cedida	Sim	Não	Não	5
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	Alugada	Sim	Sim	Não	4
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Alugada	Sim	Sim	Sim	3
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Própria	Sim	Não	Não	3
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Própria	Sim	Não	Não	3
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Própria	Sim	Não	Não	3
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Própria	Sim	Não	Não	3
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Própria	Sim	Não	Não	3
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Própria	Sim	Não	Não	3
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Própria	Sim	Sim	Não	3
Siqueira	CEU Ogum	Própria	Sim	Sim	Não	3

	Rompe Mata					
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Própria	Sim	Sim	Não	3
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Própria	Sim	Não	Sim	2
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Própria	Sim	Não	Sim	2
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Própria	Sim	Não	Sim	2
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Própria	Sim	Não	Sim	2
Siqueira	CEU Palácio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Própria	Sim	Não	Sim	2
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Própria	Sim	Sim	Não	1
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Própria	Sim	Sim	Não	1
Bom Jardim	CEU Nossa Senhora da Conceição	Própria	Sim	Sim	Não	1
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Própria	Sim	Sim	Sim	0
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Própria	Sim	Sim	Sim	0
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Própria	Sim	Sim	Sim	0
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Própria	Sim	Sim	Sim	0
Bonsucesso	Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde	Própria	Sim	Sim	Sim	0

Fonte: Dados da pesquisa

Cabe indicar que 15% dos terreiros (06 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada como de **Emergência Sanitária**, requerendo ações de curto prazo. Estes Terreiros apresentam a situação mais grave, requerendo ações públicas

emergenciais e imediatas, inclusive com dois terreiros sem ligação com a rede pública de abastecimento de água.

Cabe indicar que 10% dos terreiros (04 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada como de **Precariedade Urbana Crítica**, requerendo ações de médio prazo.

Cabe indicar que 55% dos terreiros (22 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada como de **Precariedade Urbana Estrutural**, apresentando ausência de ligação com rede pública de esgoto e/ou ausência de rede de drenagem no logradouro.

Cabe indicar que 20% dos terreiros (08 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada como de **Baixa Precariedade Urbana**.

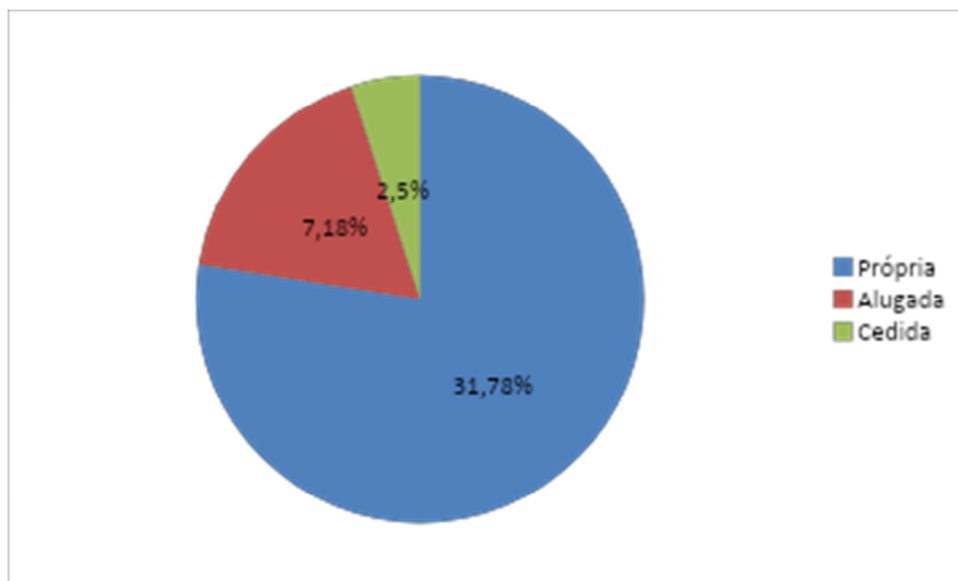
Cabe indicar que 22,5% dos terreiros (09 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada como de **Precariedade Urbana na posse/propriedade do imóvel**, operando em sedes alugadas ou cedidas, o que ameaça a continuidade dos circuitos litúrgicos em caso de instabilidade econômica. É necessário, porém, avançar na investigação sobre a situação de regularização fundiária em cada imóvel. Saliente-se que é recorrente nestes bens patrimoniais pesquisados a coabitação dos templos nas residências das lideranças, em um dos cômodos da casa.

Cabe indicar que 7,5% dos terreiros (03 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada como de **Déficit Hídrico**, pois não possuem ligação com a rede pública de água.

Cabe indicar que 75% (30 terreiros) vivenciam uma situação de precariedade no esgoto, não possuindo ligação com a rede pública de esgoto.

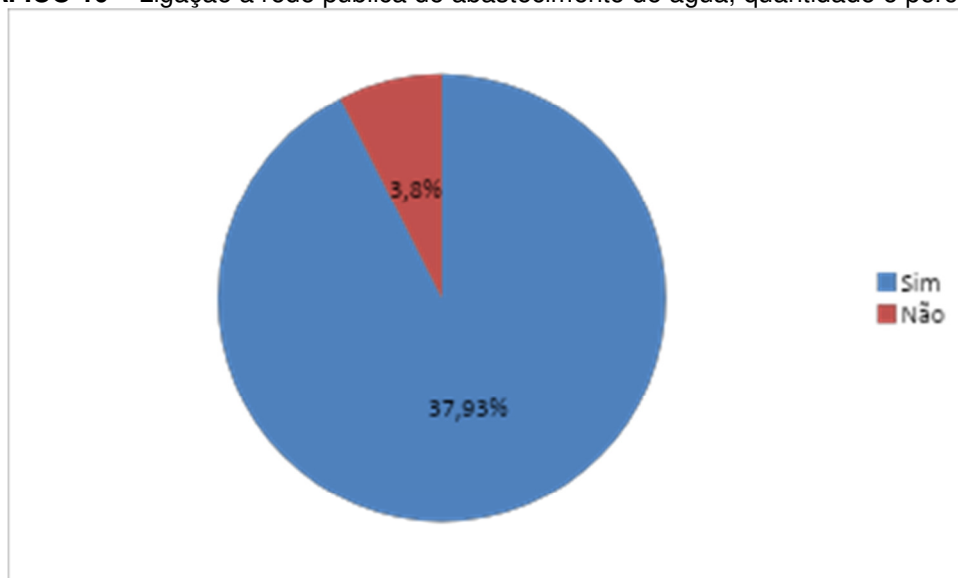
Cabe indicar que 67,5% (27 terreiros) vivenciam uma situação aqui caracterizada de **Precariedade na Drenagem Pluvial**, não tendo rede de drenagem no logradouro.

**GRÁFICO 09** – Tipos de sede dos templos, quantidade e percentual



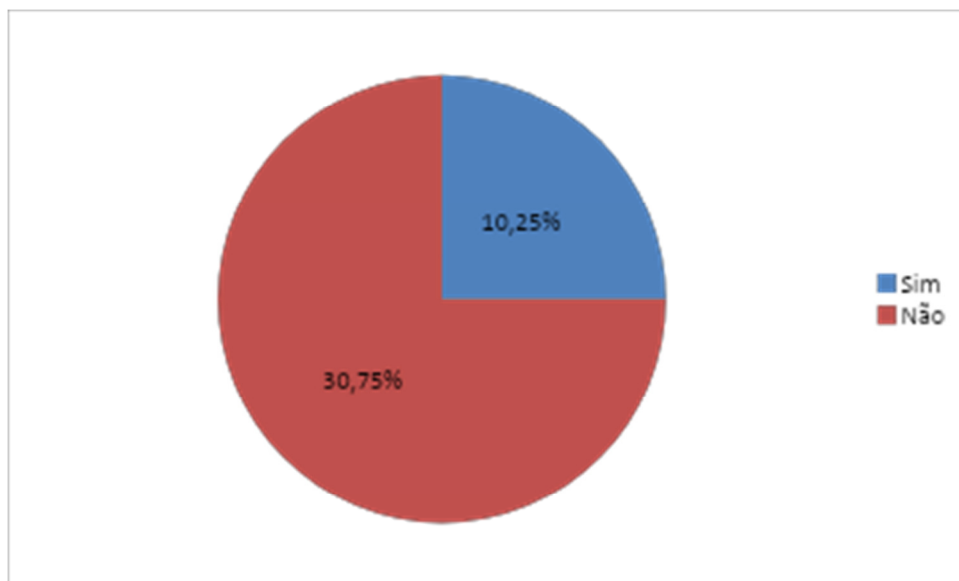
Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 10** – Ligação à rede pública de abastecimento de água, quantidade e percentual



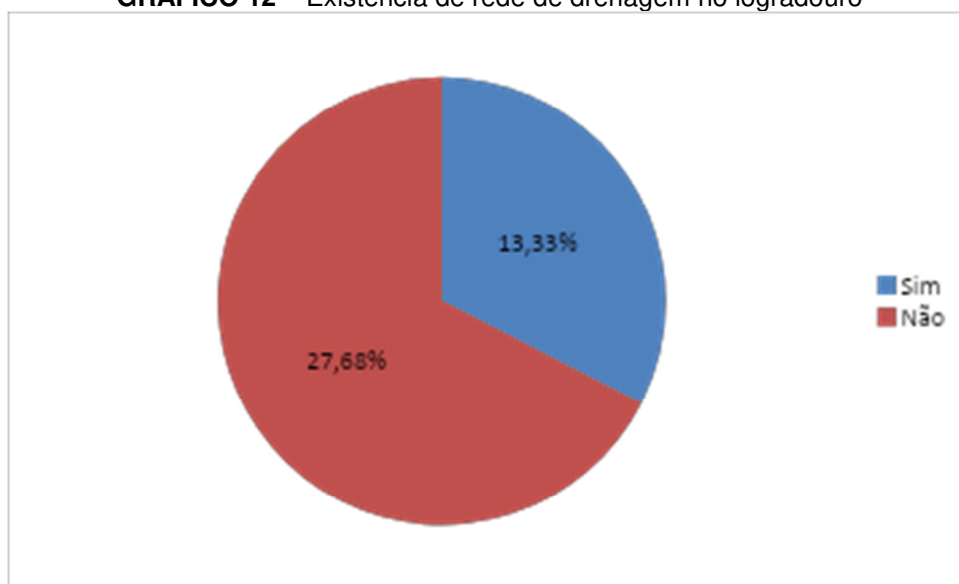
Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 11** – Ligação dos Terreiros com rede pública de esgoto



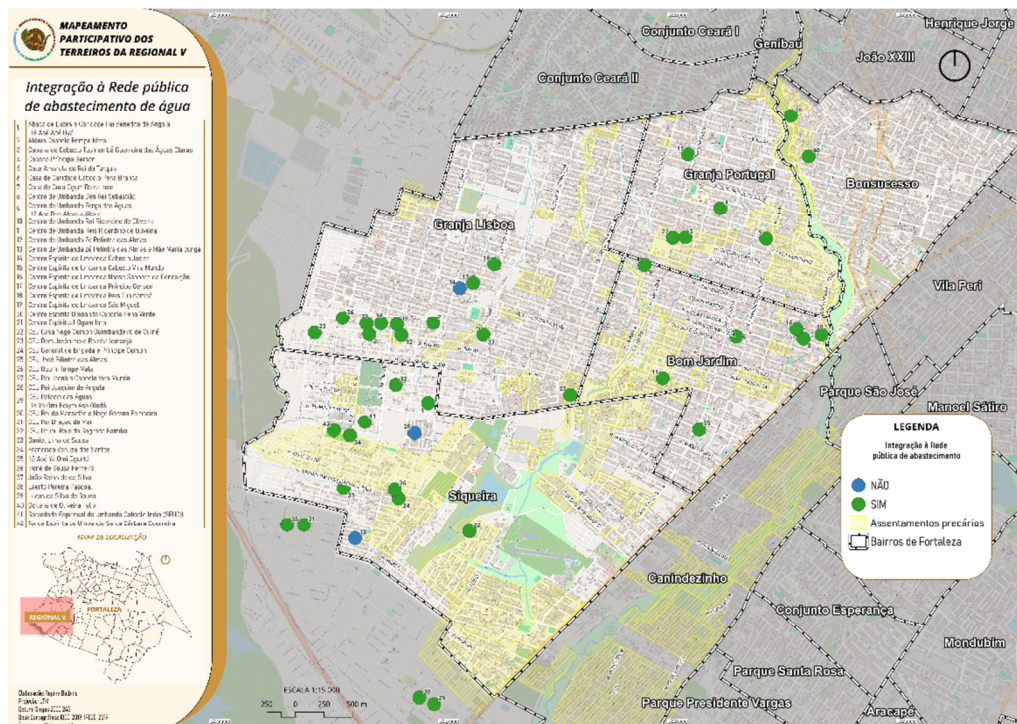
Fonte: Dados da pesquisa

**GRÁFICO 12** – Existência de rede de drenagem no logradouro



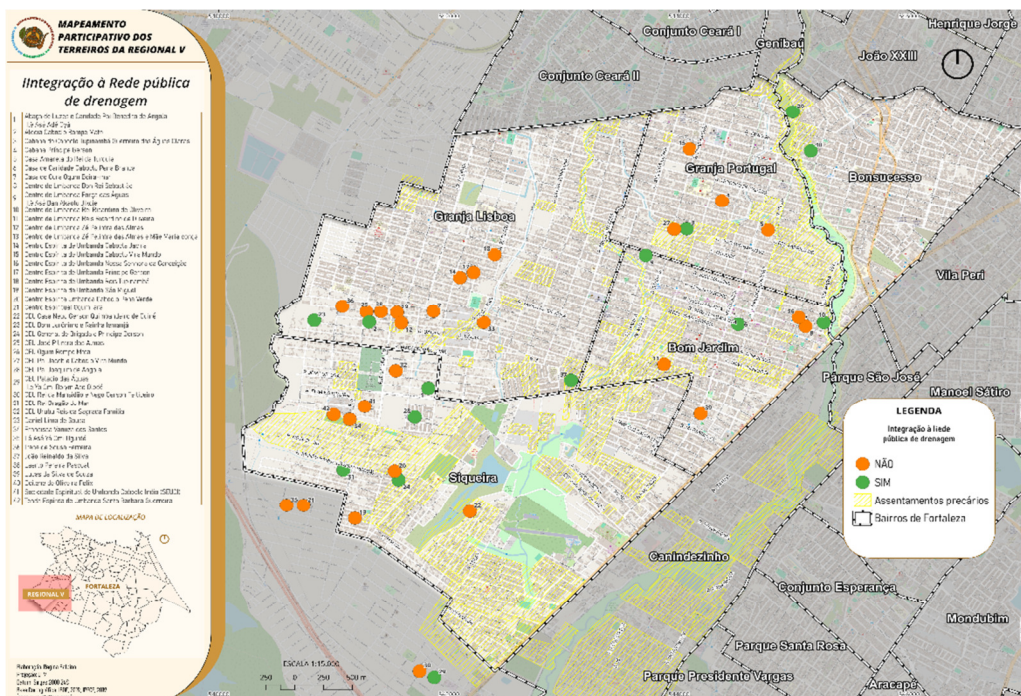
Fonte: Dados da pesquisa

MAPA 04 - Integração à Rede Pública de Abastecimento de Água



Fonte: pesquisa direta

MAPA 05 - Integração à Rede Pública de Drenagem



Fonte: pesquisa direta

QUADRO 75 – Terreiros com sede própria e saneamento ambiental adequado

BAIRRO	TERREIRO	SEDE	ÁGUA	ESGOTO	DRENAGEM
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Própria	SIM	SIM	SIM
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Própria	SIM	SIM	SIM
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Própria	SIM	SIM	SIM
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Própria	SIM	SIM	SIM
Bonsucesso	Centro Espirita Umbanda Caboclo Pena Verde	Própria	SIM	SIM	SIM

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 76** – Terreiros sem sede própria

BAIRRO	TERREIRO	SITUAÇÃO
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Cedida
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Alugada
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas	Alugada
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Alugada
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Alugada
Granja Portugal	Cabana Príncipe Gerson	Alugada
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Alugada
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Cedida
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Alugada

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 77** – Terreiros sem ligação com a rede pública de água

BAIRRO	TERREIRO
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria Conga
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 78** – Terreiros sem ligação com a rede pública de esgoto

BAIRRO	TERREIRO
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá
Granja Lisboa	CEU São Miguel
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo

Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das almas
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 79** – Comparativo de destinação de esgoto

<b>Tipo</b>	<b>O que é</b>	<b>Pontos Positivos (Prós)</b>	<b>Pontos Negativos (Contras)</b>
<b>Rede Geral</b>	Sistema público coletivo que leva o esgoto para uma estação central (ETE).	Máxima proteção ambiental; o usuário não se preocupa com manutenção ou limpeza.	Depende de infraestrutura urbana; pode gerar cobrança de taxa de esgoto mensal.
<b>Fossa Séptica</b>	Tanque impermeável para tratamento biológico primário (separação de sólidos).	Evita a contaminação direta do solo; solução segura para áreas sem rede pública.	Exige limpeza periódica (caminhão); o líquido residual ainda precisa de destino final.
<b>Fossa Seca</b>	Buraco no solo para dejetos, sem uso de água (banheiro seco/casinha).	Baixíssimo custo; não consome água; solução para locais extremamente isolados.	Risco de odores e proliferação de insetos; se mal feita, polui o solo e o lençol freático.
<b>Sumidouro</b>	Poço que permite a infiltração de líquidos no solo (etapa pós-fossa).	Solução prática para dar destino ao líquido tratado pela fossa séptica.	<b>Perigoso se usado sozinho</b> ; alto risco de contaminar poços artesianos vizinhos se houver falhas.

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 80** – Terreiros sem ligação com a rede pública de esgoto – sistemas de destinação de esgoto

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>DESTINAÇÃO ESGOTO</b>
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Fossa seca
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Fossa séptica
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ilê Ya Omi Boiym Ase Olodé	
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	

Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Fossa sumidouro

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 81** – Terreiros sem rede de drenagem no logradouro

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família
	CEU Reis Tupinambá
	CEU São Miguel
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas
	CEU Príncipe Gerson
	CEU Cabocla Jurema
	CEU José Pilintra das Almas
	Casa de Cura Ogum Beira-mar

	Centro de Umbanda Cabocla Mariana
	Centro de Umbanda Cabocla Jacira
	Centro de Umbanda Dom Gerônimo
	CEU Zé Pulintra das Almas
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Indio (SEUCI)
	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné
	CEU Ogum Rompe Mata
	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga
	Centro Espiritual Ogum Iara
	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro
	Ilê Asé Yá Omi Ogunté
	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia
	Cabana Príncipe Gerson
	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo
	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião
	CEU Nossa Senhora da Conceição
	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira

Fonte: Dados da pesquisa

## 8. VIOLÊNCIA, SUSTENTABILIDADE E PRÁTICAS INOVADORAS

Apresentamos neste capítulo violências, desafios e vulnerabilidades identificadas, bem como dados sobre a sustentabilidade econômica e inovações sociais.

### 8.1 Violências, desafios e vulnerabilidades

**QUADRO 82** – Relatos de violências aos Terreiros

BAIRRO	TERREIRO	RELATO
Granja Portugal	CEU Caboclo Vira Mundo	O pessoal da igreja fez um abaixo assinado para o fechamento do terreiro na rua. O documento não chegou a ser entregue, mas foi comunicado.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Duas visitas desagradáveis da Polícia Militar que não tiveram abordagem adequada por denúncias infundadas.
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Foi invadido em meados de 98 por marginais, colocando a arma na cabeça dele, pois tinha confundido ele com outro pai de santo.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Um pastor veio deixar unção na porta, na hora da gira de exu, antigamente jogavam pedras grandes dentro do terreiro, por cima, chegando a quebrar o teto. Uma vez cerca de 15 homens foram ao terreiro no intuito de agredir os adeptos, ficaram na porta e quase arrombaram, mas não entraram.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Quando o terreiro era no Canindezinho sempre chamavam a polícia, mas eles são associados a Associação Espirita de Umbanda São Miguel, eles mostravam os registros pra polícia e eram liberados.
Bom Jardim	Centro de Umbanda rei Ricardino de Oliveira	No início das atividades jogaram uma pedra durante um gira.
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Recentemente no mês de maio, uma mãe de uma aluna durante uma atividade cultural, veio pear a menina dizendo que aqueles instrumentos eram amaldiçoados.
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Quando abriu o terreiro em 2013 o vizinho da época reclamou da macumba, foi terminada 21h40 nesse dia. O vizinho subiu numa escada do quintal e gritou que ia entrar no terreiro e quebrar tudo, ele mesmo caiu da escada e o pai Jonas saiu para a calçada, o vizinho saiu e começou a reclamar, pai Jonas argumentou que o terreiro é registrado e terminou cedo, mas o vizinho ainda assim agrediu pai Jonas com um tapa na cara. Depois disso ele perseguiu o pai Jonas até eles saírem do local e se mudarem.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das almas.	Familiares do sacerdotes com ameaças, agressões verbais e ameaça de destruição do templo
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Nos anos 70 os tambores do terreiro foram apreendidos pela polícia

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 82 documenta o custo da resistência. Nele, a intolerância religiosa deixa de ser um conceito abstrato e assume formas concretas de violência física, institucional e psicológica. Estrutturamos a análise deste Quadro através de quatro vetores críticos.

Primeiro, o vetor da Intolerância Civil e Fundamentalismo, evidenciando uma Violência de Vizinhança, que revela como o racismo religioso se manifesta no cotidiano, através de agressões diretas de indivíduos ou grupos religiosos vizinhos. Nesse sentido, os relatos descrevem um cenário de "cerco". Há desde agressões verbais e "pedradas" durante os ritos até tentativas de invasão coletiva.

O segundo vetor da Violência Institucional e Abuso de Autoridade evidencia como o braço do Estado (especialmente o aparato policial) é utilizado, muitas vezes de forma indevida, para coibir a prática religiosa através de denúncias infundadas. Nesse sentido, a polícia aparece não como proteção, mas como um agente de interrupção do sagrado, agindo sob o pretexto de "perturbação do sossego" ou denúncias falsas.

O terceiro vetor da Violência Psicológica e Estigmatização, evidenciando Dano Moral. Este vetor trata do impacto na saúde mental e na reputação dos praticantes, visando o isolamento social do terreiro. É evidenciado através do uso de termos como "amaldiçoados" e a tentativa de "fechamento por abaixo-assinado" visam desumanizar o adepto perante a comunidade.

Por fim, o vetor da Insegurança Pública e Criminalidade, que evidencia o Terreiro como Alvo. Nesse sentido, o terreiro, como espaço aberto, torna-se vulnerável a invasões que misturam preconceito com a violência urbana comum das periferias. Aqui o relato de invasão por marginais com "arma na cabeça" do zelador mostra o grau extremo de vulnerabilidade desses territórios.

A sistematização dos relatos de violência na Regional V expõe um cenário de vulnerabilidade multidimensional. A prática do axé nesses territórios exige um estado de alerta constante, onde o sagrado é exercido sob a ameaça de pedradas, invasões e abusos institucionais. É imperativo destacar que a formalização institucional (registros e associações) surge nos relatos como uma das poucas ferramentas de defesa eficazes contra a arbitrariedade policial. Contudo, a violência de vizinhança, alimentada pelo fundamentalismo religioso, demanda uma resposta que ultrapasse a segurança pública, exigindo políticas de educação para a diversidade e o fortalecimento de órgãos de proteção como a DECRIN, para que o 'guerrear'

cotidiano desses povos dê lugar ao pleno usufruto do direito constitucional à liberdade de culto. E talvez esse quadro justifique a criação de um Protocolo Municipal de Proteção aos Povos de Terreiro, que oriente as forças de segurança sobre a natureza dessas comunidades e combata o uso da máquina pública como instrumento de intolerância.

**QUADRO 83** – Relatos de desafios e vulnerabilidades vivenciados pelos Terreiros

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>DESAFIOS E VULNERABILIDADES</b>
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Olhares de julgamento e xingamentos, as crianças sofrem preconceito nas escolas.
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Falta de pavimentação e saneamento básico.
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Guerra Territorial, intolerância religiosa e racismo religioso.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Querer fazer o compartimento em cima do terreiro para os filhos ficarem mais a vontade.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	A rua tem pouca iluminação pública
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Sustentabilidade da casa. É muito difícil manter uma casa com muitas pessoas onde a maioria não tem muito a ofertar, muita das vezes a mãe de santo ergue a mão e ajuda os filhos.
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	A dificuldade de manter tantas pessoas dentro do barracão.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	O pai de santo já sofreu com intolerância religiosa no trabalho.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Não tem mercantil perto, não tem posto, não tem rua pavimentada, não tem saneamento, não tem creche perto.
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Perigo das ruas, como em todo o local.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Não tem segurança, não tem saneamento, não tem transporte, as pessoas não tem acesso ao terreiro, o que dificulta os trabalhos.
Bonsucesso	Terreiro Girassol	A ida e volta para casa dos seus filhos e filhas de santo, pois por morarem muito longe exige certa preparação para se locomoverem
Bom Jardim	Centro de Umbanda rei Ricardino de Oliveira	Um filho que certa vez indo frequentar o terreiro foi questionando sobre sua tatuagem.
Granja Lisboa	Centro espirita de Umbanda São Miguel	A violência urbana que se alastra com os evangélicos ligados ao crime organizado.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Falta de Políticas Públicas.
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	Tem dificuldade em manter o terreiro, pois a família ainda tem muito preconceito

Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Pela casa ser abaixo do nível da rua, quando chove alaga tudo.
Granja Lisboa	Casa de cura Ogum Beira-mar	O templo está alagado atualmente devido ao fechamento de um rio próximo, surgiu uma nascente de água no quintal da casa que alaga tudo. Os mesmos estão perdendo toda a memória do terreiro por não ter recursos para aterrar o local.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Avanço e doutrinação pentecostal
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	A infraestrutura e a pavimentação da rua dificulta o acesso ao terreiro.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Infraestrutura da rua onde está localizada não dá acesso ao terreiro.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Captação de Recursos e Manutenção
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas	Dificuldade de manter o local, o mesmo busca um local próprio
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Vulnerabilidade social e de alimentos.

Fonte: Dados da pesquisa

O QUADRO 83 consolida o diagnóstico das barreiras que impedem o pleno exercício da cidadania e da liberdade religiosa na Regional V. Enquanto os relatos de violência focavam em ataques diretos, este mapeia as vulnerabilidades estruturais e o racismo institucional. Estruturamos a análise dos dados em cinco vetores.

O vetor da Precariedade Urbana e Ambiental, também evidenciando Racismo Ambiental. Este vetor revela como a ausência do Estado na infraestrutura básica atinge desproporcionalmente os terreiros, afetando a memória e a segurança dos espaços. Aqui a falta/precariedade de pavimentação, saneamento e iluminação é uma constante, mas o dado mais alarmante é o risco ambiental (alagamentos).

O vetor de Insegurança Alimentar e Sustentabilidade Econômica revela como o terreiro opera como uma rede de proteção social para pessoas em extrema vulnerabilidade, muitas vezes sem recursos para a própria manutenção. A sustentabilidade da casa recai quase exclusivamente sobre as lideranças, que muitas vezes tiram do próprio sustento para manter o coletivo.

O vetor da Intolerância Sistêmica, envolvendo Escola, Trabalho e Família. A violência aqui é insidiosa, ocorrendo nos espaços onde o sujeito deveria estar seguro ou se desenvolvendo profissionalmente. O estigma atinge as crianças nas escolas e os adultos em seus empregos, além de gerar rupturas nos laços familiares.

O vetor da Violência Urbana e Conflito Territorial. Inclusive com o avanço de grupos armados com viés fundamentalista religioso criando um cenário de "guerra" que ameaça a existência física dos terreiros. O termo "Guerra Territorial" e a conexão entre crime organizado e proselitismo religioso são apontados como desafios centrais.

O vetor da Exclusão Jurídico-Institucional, evidenciando ausência de Políticas Públicas. A dificuldade de acesso a recursos e a inexistência de políticas específicas para o local próprio mantêm os terreiros em uma situação de instabilidade permanente.

O quadro de desafios e vulnerabilidades da Regional V demonstra que os Povos de Terreiro vivem sob um regime de negligência estrutural que continua. A carência de infraestrutura urbana não é apenas um problema de engenharia, mas de racismo ambiental, pois ameaça o patrimônio material e a memória dessas comunidades.

Além disso, a convergência entre a violência urbana e o fundamentalismo religioso impõe uma geografia do medo, onde o direito à cidade e à livre expressão religiosa é cerceado pelo preconceito nas escolas, no trabalho e nas próprias famílias. Este cenário justifica a urgência de políticas transversais que unam segurança pública, infraestrutura urbana e proteção aos Direitos Humanos para garantir a sustentabilidade destes territórios de axé.

## 8.2. Sustentabilidade econômica e práticas inovadoras

**QUADRO 84** – Principais fontes de manutenção do Templo

BAIRRO	TERREIRO	FONTES DE MANUTENÇÃO
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Atendimento
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Atendimento
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Atendimento
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Atendimento
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	Atendimento
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Atendimento, Trabalhos de demandas
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações, Produção de artesanato, Comercialização de artesanato
Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Atendimento, Trabalhos de demandas,

		Comercialização de artesanato
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Atendimento, Trabalhos de demandas, Produção de artesanato
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Atendimento, Trabalhos de demandas
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Atendimento, Trabalhos de demandas
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Atendimento, Trabalhos de demandas, Produção de artesanato
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	Atendimento, Trabalhos de demandas, Gastronomia em feiras/eventos
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	Atendimento, Trabalhos de demandas
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Doações, mensalidade e o próprio pai de santo trabalha e mantém o local
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	trabalho do pai de santo e mensalidade do terreiro
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	Atendimento, Trabalhos de demandas, contribuição mensal
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações, Produção de artesanato, Comercialização de artesanato, contribuição mensal / venda de fardas e costuras no geral
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	Doações
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações, Editais, Contribuição dos filhos de santo, consulentes e o salário dos pais de santo.
Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações, Editais, Produção de artesanato, Comercialização de artesanato, Gastronomia em feiras/eventos, Jogos, oráculos, búzios, cartomancia cigana.
Bom Jardim	Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Atendimento, Trabalhos de demandas
Bonsucesso	Terreiro Girassol	Atendimento
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Atendimento, Doações
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Atendimento, Trabalhos de demandas, Doações, Produção de artesanato, Comercialização de artesanato
Granja Lisboa	CEU São Miguel	Doações, Editais, Produção de artesanato, Comercialização de artesanato
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Atendimento, Doações, Editais, Produção de artesanato, Comercialização de artesanato, Gastronomia em feiras/eventos, Promoção de eventos.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Doações, O terreiro nao tem uma base de arrecadação de fundos.
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Produção de artesanato, Comercialização de artesanato
Granja Lisboa	CEU José Pilintra das Almas	Atendimento
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das	Atendimento, o pai de santo trabalha com gastronomia

	Águas Claras	
Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Atendimento
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Atendimento, Doações
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	Atendimento, Trabalhos de demandas
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	Atendimento
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Atendimento, Doações
Granja Lisboa	CEU Zé Pulintra das Almas.	Atendimento, Doações
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Atendimento, Trabalho do pai e mãe de santo

Fonte: Dados da pesquisa

O QUADRO 84 revela uma engenharia da sobrevivência que mantém essas instituições abertas, analisada através de quatro vetores.

O vetor da Prestação de Serviços, articulado ao Atendimento e Trabalho de Demanda. Este é o vetor predominante, presente em quase 100% das casas mapeadas. Aqui o termo "Atendimento" revela que o terreiro sobrevive da sua utilidade social. Ele é procurado como um centro de aconselhamento e cura. Trata-se de uma Economia Pragmática. O recurso entra como retribuição ou oferta pelo serviço espiritual prestado, o que reforça o papel do terreiro como um equipamento de saúde e acolhimento comunitário.

O vetor da Economia Criativa e Empreendedorismo, envolvendo Artesanato e Gastronomia, potencialmente vinculado a uma economia sustentável, periférica, urbana e criativa. Este vetor é fascinante, pois mostra o terreiro como uma unidade produtiva. Diversas casas indicam a "Produção de Artesanato", "Comercialização de Artesanato" e "Gastronomia em Feiras/Eventos" (ex: *CEU Força das Águas e Casa de Caridade Pena Branca*). Aqui o terreiro atua como um hub cultural. Ele transforma o saber ancestral (cultura alimentar e gastronomia e artes manuais) em produto, gerando renda para os filhos de santo e garantindo a sustentabilidade da casa sem depender apenas de doações.

O vetor da Autogestão e Solidariedade, envolvendo Doações e Mensalidades. Ele revela a responsabilidade coletiva da "Família de Santo" na manutenção do território. O uso de "Doações", "Contribuição Mensal" e, em casos heroicos, o próprio salário do zelador (ex: *Casa Amarela do Rei da Turquia e Cabana Príncipe Gerson*) mostram como o terreiro sobrevive do esforço interno dos seus membros, o que demonstra um alto grau de compromisso e resiliência, mesmo diante da vulnerabilidade social já mapeada.

O vetor da Captação de Recursos Externos, através, por exemplo, de Editais. Este é o vetor de maior potencial de crescimento e articulação com o Estado. Aqui a inclusão dos terreiros em editais de cultura (Lei Paulo Gustavo, Aldir Blanc, editais da Secultfor/Secult) é a prova de que a formalização institucional é um caminho viável para a proteção desses patrimônios.

É imperativo notar que a sustentabilidade dessas casas ainda repousa fortemente sobre o sacrifício pessoal dos zeladores, que frequentemente utilizam seus próprios salários para manter os templos abertos. Este dado reforça a necessidade urgente de políticas públicas de fomento à economia criativa dos terreiros, facilitando o acesso a editais e microcrédito, para que esses centros de cultura e acolhimento deixem de operar no limite da sobrevivência e passem a ser reconhecidos como potentes motores econômicos das periferias de Fortaleza.

**QUADRO 85** – Prática inovadora para mobilização social e engajamento

<b>BAIRRO</b>	<b>TERREIRO</b>	<b>PRÁTICA INOVADORA</b>
Granja Portugal	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Vira Mundo	Não
Granja Lisboa	CEU Urubu Reis da Sagrada Família	Não
Siqueira	Sociedade Espiritual de Umbanda Caboclo Índio (SEUCI)	Oficinas de percussão, apresentações culturais e samba de caboclo.
Siqueira	CEU General de Brigada e Príncipe Gerson	Faz postagem no Instagram e Facebook.
Siqueira	CEU Rei Dragão do Mar	O fundamento que passa para as pessoas que vão ao seu terreiro, se espalha e atrai as pessoas
Siqueira	Casa Nego Gerson Quimbandeiro de Guiné	Não
Siqueira	CEU Palacio das Águas / Ile Ya Omi Boiym Ase Olodé	Tentando através das redes sociais

Siqueira	CEU Ogum Rompe Mata	Não
Siqueira	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas e Mãe Maria conga	Não
Siqueira	Centro Espiritual Ogum Iara	Não
Siqueira	CEU Rei da Mansidão e Nego Gerson Feiticeiro	Não
Siqueira	Ilê Asé Yá Omi Ogunté	Grava vídeos na internet.
Granja Portugal	Centro de Umbanda Força das Águas / Ilê Asé Dan Akaolu Jikoie	A primeira segunda-feira do mês tem uma gira de prosperidade, que é algo que atrai mais pessoas para o terreiro. A gira é divulgada no instagram do terreiro.
Granja Lisboa	Abaça de Luzes e Caridade Pai Benedito de Angola / Ilê Asé Adé Oyá	A cozinha comunitária está em processo de construção.
Granja Portugal	Casa Amarela do Rei da Turquia	Não
Granja Portugal	Cabana Principe Gerson	São desenvolvidos trabalhos de cura, que deixam a casa mais visível, é divulgado na internet.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Don Rei Sebastião	NSR
Siqueira	CEU Pai Joaquim de Angola	divulgação das redes sociais da festa e as ações sociais realizadas na comunidades.
Siqueira	Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara Guerreira	é divulgado nas redes sociais
Granja Lisboa	CEU Dom Jerônimo e Rainha Iemanjá	NSR
Granja Lisboa	CEU Reis Tupinambá	Não

Bom Jardim	Casa de Caridade Caboclo Pena Branca	Através da adesão do terreiro as redes sociais ( Instagram e tiktok), O Pai Arley pena branca, tem adeptos que apostaram em construir essa ponte entre o terreiro e as redes, com a visão de quebrar o estigma que a umbanda tem, ele fala que o tempo da umbanda ser algo escondido no fundo da casa já passou, agora é a hora da umbanda se abrir e mostrar a riqueza que ela é, as redes sociais são uma grande ferramenta para essa transformação. O terreiro mostra o dia a dia, nas redes.
Bom Jardim	Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Não
Bom Jardim	Centro de Umbanda Reis Ricardino de Oliveira	Não
Bonsucesso	Terreiro Girassol	A Mãe baixinha orienta a seus filios e filhas a convidarem amigos e simpatizantes da religião para conhecer a casa.
Bonsucesso	CEU Caboclo Pena Verde	Os filhos e filhas estão autorizados a convidarem seus amigos e simpatizantes para conhecer o terreiro.
Bom Jardim	Centro de Umbanda Rei Ricardino de Oliveira	Não
Granja Lisboa	CEU São Miguel	O Grupo Cultural Toque senzala.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Zé Pelintra das Almas	Como no terreiro sua grande maioria e do Publico LGBTQIAPN+, abrir espaço para que as pessoas possam se aceitar como elas são de fato e de direito, buscando tambem politicas afirmativas, para cada vez mais contribuir com essa juventude.
Granja Lisboa	CEU Príncipe Gerson	Não
Granja Lisboa	CEU Cabocla Jurema	Não
Granja Lisboa	CEU José Pulintra das Almas	o terreiro está funcionando só internamente devido a doença da mãe de santo
Granja Portugal	Cabana do Caboclo Tupinambá Guerreiro das Águas Claras	Não

Granja Lisboa	Casa de Cura Ogum Beira-mar	Não
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Mariana	Ações Sociais mensais com aconselhamento e acolhimento, bazar e distribuição de alimento para a comunidade.
Granja Lisboa	Aldeia Caboclo Rompe Mato	O pai de Santo busca sempre atividades e vivências com a comunidade.
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Cabocla Jacira	NSR
Granja Lisboa	Centro de Umbanda Dom Gerônimo	Trabalhos e ações comunitárias e redes sociais.
Granja Lisboa	CEU Zé Pilintra das Almas.	Não
Granja Portugal	CEU Pai Jacob e Caboclo Vira Mundo	Não

Fonte: Dados da pesquisa

O QUADRO 85 subverte a imagem do terreiro como um espaço estático ou "preso ao passado". Ele revela como as comunidades de axé da Regional V estão utilizando linguagens contemporâneas para o enfrentamento do estigma e para a sustentabilidade de seus territórios. Analisamos os dados construídos e apresentados neste quadro através de quatro vetores

O vetor da Visibilidade Digital e Desmistificação. Este é o vetor mais presente, onde as redes sociais (Instagram, Facebook, TikTok) deixam de ser lazer e passam a ser ferramentas de gestão de imagem e combate à intolerância. Os terreiros utilizam a internet para mostrar o "dia a dia", quebrando o sigilo que muitas vezes alimentava o preconceito.

O vetor da Inovação Social e Direitos Humanos. Este vetor demonstra como o terreiro se adapta para ser um porto seguro para grupos historicamente vulnerabilizados, promovendo inclusão e segurança emocional. O terreiro é apresentado como um espaço de acolhimento para a juventude e para a diversidade sexual, conectando o axé com as políticas afirmativas.

O vetor da Economia Solidária e Segurança Alimentar. Aqui a inovação reside na criação de estruturas formais de ajuda mútua que fortalecem o bairro. A criação

de cozinhas comunitárias e bazares mostra o terreiro como um "equipamento de assistência" inovador e independente.

O vetor da Difusão Cultural e Educação Patrimonial, através de inovações que utilizam a arte (música e dança) como ferramenta de mobilização externa e preservação interna. A criação de grupos culturais e oficinas retira o saber do terreiro de dentro do barracão e o leva para a praça, para a cidade.

As práticas inovadoras mapeadas na Regional V revelam um Axé em Rede e em Movimento. O terreiro contemporâneo utiliza as plataformas digitais não apenas para comunicação, mas como um escudo contra a intolerância, expondo a beleza do rito para desarmar o preconceito. Além disso, a inovação manifesta-se no compromisso com a pauta LGBTQIAPN+ e na construção de estruturas de segurança alimentar (cozinhas comunitárias), provando que essas comunidades são laboratórios de cidadania e resiliência. O reconhecimento dessas 'Práticas Inovadoras' pelo Estado é fundamental para que as políticas públicas deixem de ver o terreiro como um objeto do passado e passem a compreendê-lo como um parceiro estratégico e moderno no desenvolvimento cultural, social e econômico das periferias de Fortaleza.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos capítulos já foram apresentados resultados e conclusões significativas.

Neste momento, cabe destacar que o reconhecimento formal-institucional dos Terreiros, seus Zeladores, Comunidades e Patrimônios é um elemento essencial e decisivo. Compreendendo-se, porém, que não basta o reconhecimento, mas este deve ser ponto de partida para a construção e implantação efetiva de um conjunto integrado e territorializado de políticas públicas democráticas, com o protagonismo dos agentes locais. Articulando patrimonialização, salvaguarda e notório saber, por exemplo.

A densidade e complexidade litúrgica, as festividades e celebrações e os próprios nomes dos Terreiros são evidências plenas da confluência em rede, que estrutural e cotidianamente articula e reproduz um conjunto integrado formado por múltiplas Casas e seus Zeladores e Comunidades, vivenciando uma diversidade de expressões e performances e conformando uma singularidade territorial e cultural inestimável para a cidade.

Os Terreiros pesquisados na Regional V de Fortaleza evidenciam a constituição de um Ecossistema de matriz afrodescendente e afroameríndia, onde coexistem várias formas associativas, ético-políticas, religiosas, cosmológicas, culturais e artísticas, em um mesmo espaço geográfico. Vivenciando e lidando ativamente com uma processualidade marcada pela segregação socioespacial de larga escala, pela marginalização e vulnerabilização social e historicamente construída e pela atualização continuada e desigual de múltiplas violências e violações de direitos, considerando-se clivagens de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e território.

Embora haja elementos comuns, que permitem que todos os agentes – individuais, coletivos e institucionais – se reconheçam, sintam-se pertencentes e se vinculem em algum grau, esse ecossistema é marcado por uma diversidade de religiões e linhagens, considerando as diferenças de origens e os pertencimentos/filiações, bem como as distinções, por exemplo, entre a Umbanda, a Quimbanda, a Jurema, o Candomblé, o Terecô e o Tambor de Mina.

Essa diversidade é também marcada por interlocuções, interações e hibridizações que compõem o Ecossistema, pois os diferentes Terreiros e suas

comunidades não estão isolados. Além disso, a historicidade vivenciada por cada Terreiro, com seus Zeladores e comunidades, vai reconstituindo identidades individuais, coletivas e institucionais e tornando cada Terreiro único, e singular em diferentes períodos e ciclos históricos, contextuais e conjunturais, considerando intencionalidades, desafios e dificuldades vivenciados, bem como a forma como lidam com eles e conformam escolhas e decisões.

É possível mesmo falar em biodiversidade cosmológica, religiosa, espiritual, ético-política, estética e social, inclusive ao considerar que cada Terreiro tem focos diferentes de atuação e função, condições socioeconômicas e urbanas e lugares políticos diferentes, situando-se em contextos marcados por hierarquias, relações de poder e protagonismo ético-político distinto.

Trata-se de um mosaico composto por um conjunto de distinções e diferenças, com formas associativas, organizações ético-políticas, expressões estéticas e funcionalidades sociais e religiosas marcado simultaneamente pela unidade e pela diversidade, evidenciando um ecossistema denso, intenso, complexo e relevante quanto aos patrimônios culturais e memórias.

Os Terreiros ressignificam e refuncionalizam diferentes espacialidades na área da Regional V, constituindo redes de solidariedade, afeto e ancestralidade.

Dito de outra forma, os diferentes Terreiros da Regional V detêm identidades, ocupam posições e desempenham funções diferentes, em certa medida complementares e integradas, revelando em algum grau e em certos momentos e condições sinergias e/ou confluências.

Aqui cabe destacar a centralidade e a relevância incomensurável e inestimável dos patrimônios culturais, das histórias e das memórias continuamente vivenciadas, atualizadas, compartilhadas e salvaguardadas por esses Terreiros, suas lideranças e comunidades, para a cidade de Fortaleza, o estado do Ceará, o Brasil e o mundo.

Considerando as expressões culturais, societais, religiosas, cosmológicas, espirituais e ético-políticas, as artes e os ofícios inscritos nas matrizes afrodescendentes e afroameríndias, evidenciadas, inclusive, nas conexões entre a cidade de Fortaleza e o estado do Maranhão.

Cabe indicar de modo direto que a pesquisa permite perceber a centralidade dos patrimônios culturais africanos, afrodescendentes e negros, mas também dos patrimônios culturais indígenas, compondo esse Ecossistema.

Os Terreiros funcionam como verdadeiros equipamentos culturais, artísticos e sociais de base territorial, são pontos e redes de apoio social e psicossocial, preservando e compartilhando patrimônios e memórias cearenses e fortalezenses.

Os Terreiros são espaços essenciais à produção social do espaço urbano na cidade, conformando processos e dinâmicas relevantes de constituição de territórios urbanos negros, afrodescendentes e ameríndios na cidade de Fortaleza. Conformam territórios e territorialidades que vão muito além e geram alternativas à produção da cidade determinada por interesses econômicos ou mercantis, pelo lucro e renda da terra, pela propriedade privada da terra e do capital, pela negação da função social da cidade e da propriedade.

A constituição territorial-urbana efetuada pelos Terreiros e seus agentes conforma dinâmicas educacionais e de regulação ética e processos de reconstituição identitária, com lugares e papéis sociais atravessados por solidariedades, vínculos interindividuais, compartilhamentos e reconhecimentos e com a constituição de compromissos mútuos e horizontes de sentido compartilhados.

Mesmo considerando as contradições e desafios vivenciados, e problematizando qualquer fetichização desses espaços e seus agentes, é possível perceber como o Terreiro é um lugar de promoção de saúde, cura, acolhimento, cuidado, autodesenvolvimento, espiritualidade, integração social, construção comunitária e luta por direitos e por justiça social, em sentidos societais, sociais, éticos, estéticos, espirituais e políticos.

Os agentes desse Ecosistema (individuais, coletivos e institucionais) lidam continuamente com paradoxos, contradições e ambiguidades, considerando que constituem e mantêm espaços sagrados de alta filosofia ancestral e, ao mesmo tempo, lidam com problemas, dificuldades e desafios muito concretos, como a sustentabilidade do Terreiro, a segurança fundiária da sede do templo, a falta de água e/ou esgoto, a ausência de rede de drenagem, a luta pela terra, diferentes expressões de criminalidade e delinquência no território e diferentes formas de racismo religioso, institucional e ambiental.

Vivem, portanto, entre a vulnerabilização social, a segregação política, a precarização urbana e a preservação, a vivência e o compartilhamento do sagrado, considerando linhagens, ritos e segredos diversos.

Por tudo isso, é essencial que a gestão municipal transcenda a compreensão do terreiro apenas como um local religioso e entenda-o como um **centro de preservação, resistência e compartilhamento cultural, de proteção social, de saúde comunitária e de educação**. No contexto de uma confluência entre uma Geografia do Sagrado e da Ancestralidade e uma Geografia da Cultura e da Arte, ambas densas, complexas, intensas e relevantes.

É essencial formular e executar ações que promovam o enfrentamento de estigmas, preconceitos e discriminações que segregam, excluem e colocam na invisibilidade os Terreiros, os Mestres e Mestras de Culturas Tradicionais e Populares que os lideram e suas comunidades.

É necessário garantir que as futuras gerações desses bairros e da cidade continuem a ter acesso às histórias, memórias e patrimônios ancestrais. O fortalecimento dos Terreiros intenciona que os conhecimentos, culturas, artes, ofícios, epistemologias, práticas, patrimônios, memórias e cosmologias dos terreiros da **Granja Lisboa, Siqueira, Bom Jardim, Bonsucesso e Granja Portugal** saiam das margens e ocupem os centros das produções estéticas, intelectuais, sociais e ético-políticas de Fortaleza.

E assim, a política de cultura se configura também como uma política de **reparação histórica** e de **justiça social**.

É importante que Fortaleza reconheça as suas periferias como centros de excelência acadêmica, social, ético-política, cultural, artística, cosmológica, religiosa e epistêmica.

Os terreiros dos bairros analisados são, na prática, as instituições mais antigas de acolhimento social, de produção social do espaço urbano e de gênese e preservação identitária destes territórios, sendo imperativa sua integração formal à política de cultura da capital. Compondo parte essencial de uma política pública interfederativa voltada para as culturas tradicionais e populares, efetivando a salvaguarda, preservação, conservação, transmissão, compartilhamento e vivência cotidiana dos patrimônios culturais – em seus aspectos e dimensões materiais e imateriais – que compõem o Ecossistema Ancestral dos Povos e Comunidades de Terreiro na Regional Administrativa V, em Fortaleza.

Entende-se que as percepções e análises aqui efetuadas necessitam ser consolidadas participativamente, através de interlocuções e diálogos com os povos e comunidades que compõem os Terreiros locais, inclusive com alterações e ajustes

que se revelem necessários, considerando potenciais inconsistências e problemas metodológicos, teóricos ou empíricos do relatório.

Apresentamos, a seguir, como parte destas Considerações Finais, um conjunto de proposições feitas “à quente”, durante a análise e produção textual aqui efetuada, formuladas em diálogo com leis, normas, políticas e instrumentos de planejamento.

Dentre as proposições, cabe destacar, particularmente, a criação da Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPC) do Sagrado Ancestral, bem como a criação de uma Zona Especial de Comunidades e Povos Tradicionais (ZECT), sobreposta e integrada à ZPC, ambas agregando áreas e terreiros do território.

### 9.1. Propostas

Neste tópico são apresentadas propostas.

**QUADRO 86** – Criação do Fórum

<b>PROPOSTAS</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO</b>
<b>CONSTITUIÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE TERREIROS DA REGIONAL V.</b>	Decisão interna aos Terreiros, constituindo um interlocutor jurídico e coletivo, uma representação legítima.
Constituição do Fórum Permanente de Terreiros da Regional V.	Agregando CARTA solicitando a inclusão no Sistema Urbano de Patrimônio Cultural.  Agregando CARTA solicitando a inclusão no Sistema Urbano de Turismo.

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 87** - Propostas cultura e patrimônio cultural

<b>PROPOSTAS</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO</b>
<b>REPRESENTAÇÃO NO SISTEMA URBANO DE PATRIMÔNIO CULTURAL</b>	
Inclusão de <b>representação dos Terreiros que compõem o Fórum Permanente de Terreiros da Regional V como parte do Sistema Urbano de Patrimônio Cultural (SUPC)</b> .  Considerando a relevância dos acervos patrimoniais, das memórias coletivas e institucionais, das referências africanas, afrodescendentes e indígenas para a identidade cultural da cidade e dos papéis atuais e potenciais enquanto elemento estratégico de desenvolvimento sustentável,	- Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Capítulo V, Art. 99, Art. 101, Art. 102, Art. 103.

<p>considerando aspectos ambientais, socioeconômicos e urbanos.</p> <p>Considerando que “O Sistema Urbano de Patrimônio Cultural é um instrumento de gestão formado por uma rede de identificação, monitoramento, preservação e valorização dos bens culturais materiais, imateriais e arqueológicos da cidade de Fortaleza, objetivando organizar e sistematizar o acervo patrimonial municipal, de modo a fortalecer a memória coletiva e a identidade cultural da cidade, garantindo que o patrimônio cultural municipal seja reconhecido como elemento estratégico de desenvolvimento sustentável”.</p> <p>Considerando que Compõem o Sistema Urbano de Patrimônio Cultural, pelo menos, saberes e ofícios (conhecimentos tradicionais, técnicas artesanais, modos de fazer); celebrações e rituais (festas populares, cerimônias religiosas e outras práticas festivas); formas de expressão (danças, músicas, artes cênicas, artes plásticas e outras manifestações culturais); lugares de memória e referência simbólica (espaços onde práticas culturais coletivas acontecem, como mercados, feiras e santuários, terreiros e praças com usos tradicionais); paisagens culturais (porções peculiares do território municipal, representativas do processo de interação do ser humano com o meio natural, às quais a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores).</p> <p>Considerando a necessidade de: subsidiar políticas públicas de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural que envolvam o acervo sistematizado e participativo de bens de interesse patrimonial municipal; ampliar os mecanismos de proteção do patrimônio cultural, por meio do controle de intervenções e da exigência de análise prévia pela Secultfor; promover a participação cidadã na construção e na atualização do acervo patrimonial municipal e de outros bens de interesse cultural; fomentar a valorização e a preservação dos bens sistematizados, mediante incentivos urbanísticos e fiscais.</p>	
<p><b>CRIAÇÃO DE ZONA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL (ZPC)</b></p>	
<p>Criação da <b>Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPC) do Sagrado Ancestral</b>, agregando áreas e terreiros da Regional V.</p> <p>Considerando que o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 observa que o patrimônio cultural brasileiro é constituído pelos bens materiais e imateriais.</p> <p>Considerando que o entendimento da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) e do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), compreendemos, como patrimônio imaterial, as práticas, as celebrações, os saberes, os ofícios, os lugares, as técnicas e as expressões artísticas e lúdicas que funcionam como referências para a história e a memória dos grupos sociais que os praticam, juntamente com os objetos, instrumentos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados.</p> <p>Considerando que este Diagnóstico Participativo adquiriu no decorrer da pesquisa o caráter de um Inventário Participativo do Patrimônio Cultural local, indicando bens de valor reconhecido para o patrimônio cultural do Município, tomados individualmente e/ou em conjunto.</p> <p>Considerando que este Diagnóstico Participativo, que adquiriu no decorrer da pesquisa o caráter de um Inventário Participativo do Patrimônio Cultural, inventariou as práticas, as celebrações, os saberes, os ofícios, os lugares, as técnicas e as expressões artísticas e lúdicas que funcionam como</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Seção V Da Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPC), Art. 485, 486 e 488</p> <p>Lei Ordinária nº 9.347, de 11 de março de 2008</p>

<p>referências para a história e a memória dos grupos sociais que os praticam, juntamente com os objetos, instrumentos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados.</p> <p>Considerando que a pesquisa identificou, descreveu e analisou bens culturais materiais e imateriais e trouxe elementos para conhecer as formas como se manifestam e são praticados, como são transmitidos entre as gerações, quais as transformações vivenciadas e as principais dificuldades para a sua prática e difusão e quem são os grupos sociais e sujeitos que mantêm a tradição, dentre outras informações.</p> <p>Considerando que este inventário articulou métodos técnicos e científicos adequados e consistentes, efetuando um minucioso levantamento descritivo e documental dos bens culturais que compõem os patrimônios dos Terreiros, identificando os significados atribuídos e produzindo elementos para subsidiar o planejamento de políticas públicas, para a mobilização dos grupos envolvidos e, se for o caso, para fundamentar processos de registro. Destacando particularmente os Saberes, envolvendo conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; as Celebrações, agregando rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; as Formas de Expressão, evidenciando manifestações, musicais, cênicas e lúdicas; os Lugares, agregando os santuários e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.</p> <p>Considerando que o Plano Diretor de Fortaleza indica que a “Política de Patrimônio Cultural visa preservar e proteger os bens de valor reconhecido para o patrimônio cultural do Município, tomados individualmente ou em conjunto” (Fortaleza, 2025, p. 30, Art. 50º).</p> <p>Considerando quanto à Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPC), que ela “corresponde a porções do território destinadas à valorização do patrimônio cultural de Fortaleza por meio da promoção, do incentivo, da preservação, da conservação e do restauro de bens e conjuntos de valor arquitetônico, artístico, histórico, cultural, arqueológico e paisagístico, considerados representativos e significativos da memória local” (Fortaleza, 2025, p. 180, Art. 485º).</p> <p>Considerando que a alteração e a criação de Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPCs) deve ser precedida de estudos técnicos e pode ser proposta por municípios, por entidades representativas da sociedade civil ou pelo órgão municipal competente, sendo submetidas à apreciação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural de Fortaleza (COMPHIC) e do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano (CMDU) (Fortaleza, 2025, p. 181, Art. 488º).</p> <p>Considerando o artigo 30 da Constituição Federal, que indica a competência dos municípios para promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, bem como a Lei Municipal nº 9.347/2008, que dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico-cultural e natural do município, por meio do tombamento e do registro, criando também o Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico-Cultural (COMPHIC).</p>	
<p><b>PLANO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARTICIPATIVO E INTEGRADO</b></p> <p>Subsidiar a elaboração e implantação de um <b>Plano de Educação Patrimonial</b> participativo e integrado para os bairros que compõem a pesquisa</p> <p>Elaborar e implementar um plano de educação patrimonial participativo para o território, incluindo ações nas escolas públicas e produção de materiais educativos, de difusão e informação, envolvendo as comunidades</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Anexo 2.6. Ações da política municipal de patrimônio cultural</p>

tradicionais na sua elaboração e implementação, e com o caráter de Projeto Piloto na cidade.	
<b>FORTELECIMENTO DAS COZINHAS COMUNITÁRIAS NO TERRITÓRIO</b>	
<p>Desenvolver ações integradas para <b>fortalecer as cozinhas comunitárias no território, em articulação com o sagrado.</b></p> <p>Considerando a existência, na área, da Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim, da qual participam, inclusive, Terreiros que participaram da pesquisa.</p> <p>Considerando a possibilidade de ações integrando culturas alimentares, gastronomias, turismo, cultura e patrimônio aqui indicado, em várias propostas.</p> <p>Considerando a necessidade de: “Implantar rede de cozinhas comunitárias, refeitórios e restaurantes populares nos territórios mais vulneráveis da cidade.”</p>	Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Anexo 2.10. Ações da Política de Equidade Territorial
<b>CRIAR CONDIÇÕES PARA CULTURA, PATRIMÔNIO, TURISMO E MUSEOLOGIA</b>	
<p><b>Criar as condições</b> para promoção/salvaguarda cultural, patrimonial, turística e museológica: Fomento Logístico: Apoio com policiamento, iluminação e limpeza urbana para os dias de festa. Promoção Turística: Divulgação das Rotas e festas nos guias de eventos da cidade. Combate ao Preconceito: Institucionalização do respeito à diversidade religiosa através da arte e da festa.</p>	-

Fonte: Dados da pesquisa, elaboração própria

#### QUADRO 88 - Propostas povos e comunidades tradicionais

PROPOSTAS	FUNDAMENTAÇÃO
<b>CRIAÇÃO DE ZONA ESPECIAL DE COMUNIDADES E POVOS TRADICIONAIS</b>	
<p>Criar nova <b>Zona Especial de Comunidades e Povos Tradicionais (ZECT)</b> agregando áreas/terreiros do território, sobreposta e integrada à Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPC) do Sagrado Ancestral</p> <p>Considerando que a Área da Regional V detém marcante presença de remanescentes de vegetação nativa, como evidencia, por exemplo, o Parque Urbano Lagoa da Viúva, situado predominantemente no bairro Siqueira, em Fortaleza. Embora sua localização principal seja o Siqueira, o parque está inserido na área da Regional V, o que faz com que sua área de influência e limites ambientais alcancem comunidades e bairros vizinhos como a Granja Lisboa. O Parque detém presença marcante de remanescentes de vegetação nativa, sendo considerado um dos corpos hídricos mais preservados da bacia do Rio Maranguapinho. Apresenta fisionomias típicas de ambientes flúvio-lacustres, com destaque para a vegetação ciliar e a presença de extensos campos de carnaúbas (<i>Copernicia prunifera</i>) à jusante do açude. Regulamentado pelo Decreto Municipal nº 13.687/2015, o parque abrange mais de 39 hectares destinados à conservação da fauna e flora locais. Apesar da pressão urbana e de ocupações irregulares no entorno, estudos indicam que o espelho d'água e as matas que o rodeiam ainda mantêm características de um ecossistema vivo e funcional. O parque passou recentemente por obras de</p>	Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Seção II Da Zona Especial de Comunidades e Povos Tradicionais (ZECT), Art. 565, 566, 568

requalificação feitas pela Prefeitura de Fortaleza, que incluíram paisagismo e infraestrutura de lazer, visando integrar a preservação ambiental ao uso público.

Considerando que os Terreiros detêm relação essencial e vinculação ancestral, religiosa, cosmológica e cultural com o meio ambiente, detendo papéis e funções relevantes de educação ambiental; de proteção e preservação de áreas verdes; de produção e difusão conhecimentos relevantes quanto às áreas verdes, considerando diferentes ecossistemas e biodiversidades. A relação entre os terreiros e as religiões de matriz afrodescendente e afroameríndia com a vegetação nativa é de simbiose espiritual, cultural e de resistência territorial. Os povos e comunidades de terreiro compreendem a Natureza como o Próprio Sagrado. Para essas religiões, a natureza não é apenas um cenário, mas a materialização das divindades e entidades. Os agentes dos terreiros Agentes Ambientais. Ao manterem seus terreiros arborizados com espécies rituais e medicinais, os zeladores de santo garantem "ilhas" de vegetação dentro da malha urbana. Cabe destacar o Uso Etnobotânico, estimando-se que mais de 90 espécies de plantas sejam utilizadas nos terreiros de Fortaleza para fins medicinais e litúrgicos, incentivando a manutenção de remanescentes para coleta. Áreas como a Lagoa da Viúva funcionam como santuários naturais para ritos que exigem contato direto com a terra, água e plantas nativas.

Considerando que a “Zona Especial de Comunidades e Povos Tradicionais (ZECT)” é compreendida como área “em ambiente com marcante presença de remanescentes de vegetação nativa, onde encontram-se assentamentos habitacionais (moradias) de populações tradicionais – grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tal e que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Fortaleza, 2025, p. 211, Art. 565).

Considerando que a “Zona Especial de Comunidades e Povos Tradicionais (ZECT) tem como objetivo reconhecer e garantir a existência das comunidades e povos tradicionais no território do Município de Fortaleza, buscando preservar suas tradições, assegurar a reprodução física e cultural das comunidades, a melhoria de infraestrutura e serviços básicos e a integração entre preservação ambiental e condições de vida e garantir suas práticas culturais para as gerações presentes e futuras (Fortaleza, 2025, p. 211, Art. 566).

Considerando que “Novas Zonas Especiais de Comunidades e Povos Tradicionais (ZECT) poderão ser reconhecidas por meio de lei específica” (Fortaleza, 2025, p. 211, Art. 568).

Considerando que a Zona Especial de Povos e Comunidades Tradicionais, compreende “porções do território municipal onde se encontram assentamentos habitacionais de populações tradicionais — como quilombolas, pesqueiras, marisqueiras, entre outras — e nas quais se busca promover a regularização fundiária, a recuperação ambiental e a implementação de medidas voltadas à preservação dos modos de vida, das

tradições culturais e à conservação e preservação dos respectivos territórios” (Fortaleza, 2025, p. 255).

Fonte: Dados da pesquisa

#### QUADRO 89 - Turismo de base comunitária e Afroturismo

PROPOSTAS	FUNDAMENTAÇÃO
<p><b>REPRESENTAÇÃO NO SISTEMA URBANO DE TURISMO</b></p> <p>Inclusão de representação dos Terreiros que compõem o Fórum Permanente de Terreiros da Regional V como parte do <b>Sistema Urbano de Turismo</b>, a partir deste estudo técnico.</p> <p>Considerando a promoção do Turismo de Base Comunitária (TBC e Afroturismo, articulando elementos como os rituais, as culturas alimentares e as gastronomias, as diferentes religiões, linhagens e expressões religiosas; as músicas, as danças, os cantos, toques e cantigas, os instrumentos musicais; as indumentárias; o calendário litúrgico, as festas e celebrações; os espaços sagrados, as relações com o meio ambiente; as hierarquias e funções religiosas; as ações sociais; dentre outros elementos.</p> <p>Considerando que: “São objetivos do Sistema Urbano de Turismo:  I — promover o engajamento dos diversos atores da cadeia produtiva do turismo e subsidiar a gestão compartilhada da Política de Turismo no Município, por meio do acesso a informações qualificadas que orientem a tomada de decisão;  II — possibilitar o monitoramento contínuo dos componentes e das infraestruturas turísticas da cidade, identificando carências e oportunidades para o desenvolvimento sustentável da atividade turística”.</p> <p>Considerando que: “São componentes do Sistema Urbano de Turismo, dentre outros:  II — rede de gastronomia, compreendendo: [...] (c) roteiros gastronômicos de bairros periféricos e tradicionais;  III — equipamentos turísticos culturais, incluindo: [...] (e) rotas de turismo cultural;  IV — equipamentos e rotas de turismo ecológico, abrangendo: [...] a) rotas verdes e zonas ecológicas urbanas; [...] (d) turismo de base comunitária e de experiência;  VIII — agenda de eventos turísticos, contemplando: [...] (a) eventos tecnológicos, culturais, religiosos, esportivos, feiras, convenções e similares; b) eventos de bairro e festas populares.</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Capítulo X, Art. 123, Art. 125, Art. 126</p>
<p><b>CONSTITUIÇÃO DE ROTAS TURÍSTICAS – TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA</b></p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Anexo 2.6. Ações da política municipal de patrimônio cultural</p>
<p>Constituição de <b>Rotas Turísticas do Sagrado Ancestral de base comunitária</b> agregando Terreiros que compõem o Fórum Permanente de Terreiros da Regional V.</p> <p>Considerando a necessidade de: “Criar rotas de visitação ao patrimônio</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025,</p>

<p>histórico, cultural, paisagístico e natural, engajando a comunidade local e descentralizando essas atividades em todo o território municipal.”</p> <p>Considerando a necessidade de: “Implementar infraestrutura de mobilidade e acessibilidade universal em todos os bens culturais, Zonas de Proteção Cultural e equipamentos públicos, incluindo rampas, sinalização tátil, transporte coletivo acessível e rotas pedonais e cicláveis integradas, garantindo acesso seguro e inclusivo a todos os cidadãos, com monitoramento contínuo.”</p> <p>Considerando a necessidade de: “Requalificação para garantia de acessibilidade universal e ajuste de horários dos equipamentos culturais, polos gastronômicos e polos turísticos para melhor atender o fluxo de turistas e visitantes, realizando a manutenção e revitalização de equipamentos culturais degradados.”</p> <p>Considerando a necessidade de: “Estruturar e consolidar polos gastronômicos existentes e em fase inicial, promovendo sua atratividade e sustentabilidade, com reconhecimento dos mercados públicos e centros de artesanato como âncoras estratégicas para o turismo.”</p> <p>Considerando a necessidade de: “Implantar sinalização turística bilíngue em Fortaleza, integrando recursos inteligentes e multilíngues ao mobiliário urbano, com incorporação de QR Codes para acesso a informações complementares.”</p>	<p>Anexo 2.7. Ações da Política Municipal do Turismo</p>
<p><b>CALENDÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E TURÍSTICO DOS TERREIROS</b></p>	
<p>Agregação do <b>Calendário do Patrimônio Cultural e Turístico dos Terreiros</b> que compõem o Fórum Permanente de Terreiros da Regional V como parte do calendário turístico e cultural da cidade.</p> <p>O Calendário do Patrimônio Cultural e Turístico dos Terreiros apresentará as principais celebrações e festividades de cada Terreiro, e também os ciclos mensais e/ou semanais do calendário litúrgico, vinculados às Rotas Turísticas no território.</p> <p>Considerando que Compõem o Sistema Urbano de Patrimônio Cultural, pelo menos, saberes e ofícios (conhecimentos tradicionais, técnicas artesanais, modos de fazer); celebrações e rituais (festas populares, cerimônias religiosas e outras práticas festivas); formas de expressão (danças, músicas, artes cênicas, artes plásticas e outras manifestações culturais); lugares de memória e referência simbólica (espaços onde práticas culturais coletivas acontecem, como mercados, feiras e santuários, terreiros e praças com usos tradicionais); paisagens culturais (porções peculiares do território municipal, representativas do processo de interação do ser humano com o meio natural, às quais a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores).</p> <p>Considerando que: “São componentes do Sistema Urbano de Turismo, dentre outros:</p> <p>II — rede de gastronomia, compreendendo: [...] (c) roteiros gastronômicos</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Anexo 2.10. Ações da Política de Equidade Territorial</p> <p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Capítulo X, Art. 123, Art. 125, Art. 126</p> <p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Capítulo V, Art. 99, Art. 101, Art. 102, Art. 103.</p>

<p>de bairros periféricos e tradicionais;</p> <p>III — equipamentos turísticos culturais, incluindo: [...] (e) rotas de turismo cultural;</p> <p>IV — equipamentos e rotas de turismo ecológico, abrangendo: [...]</p> <p>a) rotas verdes e zonas ecológicas urbanas;</p> <p>[...] (d) turismo de base comunitária e de experiência;</p> <p>VIII — agenda de eventos turísticos, contemplando: [...] (a) eventos tecnológicos, culturais, religiosos, esportivos, feiras, convenções e similares;</p> <p>b) eventos de bairro e festas populares.”</p> <p>Considerando a necessidade de: “Dotar as praças e espaços livres de infraestrutura para manifestações culturais populares e eventos comunitários de economia criativa (feiras de artesanato, gastronomia, etc.).”;</p>	
<p><b>PLANO DE SALVAGUARDA</b></p> <p>Constituir <b>Planos de Salvaguarda</b> para os terreiros que aderirem às rotas turísticas.</p> <p>PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO.</p> <p>Considerando que a “Salvaguarda é permanente e continuada no processo de reconhecimento e valorização cultural e não pode assumir-se como tutela. Ao contrário, deve promover condições para o protagonismo dos detentores e a autonomia das comunidades envolvidas”.</p> <p>Considerando que o “amparo constitucional à mobilização permanente dos sujeitos de cultura torna imprescindível sua presença como parte ativa nos processos de pesquisa, documentação, instrução processual, Registro, informação, educação patrimonial - entendida como processos educativos, coletivos e dialógicos, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado – em suma, na salvaguarda com amplo acesso ao conhecimento produzido”.</p> <p>Considerando a “Priorização de ações que viabilizem uma abordagem integrada das dimensões material e imaterial do patrimônio cultural”.</p>	<p>II Carta de Fortaleza, MinC/IPHAN.</p>
<p><b>POLÍTICA DE TURISMO ÉTICO E GUIA DE BOAS PRÁTICAS E CONDUTA</b></p> <p>Criação de uma Política de Turismo Ético e de um Guia de Boas Práticas e conduta, considerando os princípios do Afroturismo, para os Terreiros e suas comunidades, as empresas e profissionais envolvidos e os visitantes.</p> <p>Constituir participativamente uma Política de Turismo Ético, onde a comunidade de terreiro seja a principal beneficiária financeira (através da venda de artesanato, guias locais e alimentação) e tenha total autonomia sobre o que pode ou não ser visitado, garantindo o respeito ao sagrado.</p> <p>Constituir participativamente um Guia de Boas Práticas e Conduta para garantir que o Turismo Cultural de Base Comunitária nos terreiros de</p>	

<p>Fortaleza seja uma experiência de respeito, troca e valorização — e não de "turismo exótico" ou invasivo. Através de um documento deve ser entregue aos visitantes e agências de turismo antes da realização dos roteiros, na forma de cartilha, servindo como uma ferramenta pedagógica de combate à intolerância religiosa.</p> <p>Criando as condições para que a própria comunidade de terreiro decida o que, como e quando mostrar. E, nesse sentido, não deve ser uma agência externa a comandar os processos turísticos, sendo a própria comunidade que se organiza para receber, garantindo que o fluxo não interfira na rotina religiosa e que a narrativa histórica seja contada por eles mesmos.</p> <p>Distinguindo-se do turismo convencional, que muitas vezes "vende" a cultura negra ou indígena como algo exótico ou parado no tempo, incorporando as concepções do Afroturismo que trata os conceitos e as práticas como patrimônio vivo e contemporâneo, evitando transformar rituais sagrados em "espetáculos" para entretenimento, mantendo a integridade do que é privado e do que pode ser público.</p> <p>Criando as condições para que a maior parte do recurso financeiro gerado pela visitação permaneça no território, envolvendo, por exemplo, pagamento por serviços e visitação, alimentação e artesanato, gerando ocupação e renda direta para os moradores, e financiando a própria salvaguarda do patrimônio.</p> <p>Criando as condições para que esse turismo ético assuma uma função pedagógica, com os visitantes vivenciando dinâmicas educativas para aprender sobre a formação social do Ceará, o combate ao racismo religioso e a importância da herança africana, auto constituindo visões críticas e respeitadas sobre os povos, comunidades e territórios.</p> <p>Agências e agentes de turismo que operarem essas rotas devem passar por um Treinamento de Sensibilização Patrimonial ministrado pelos próprios Mestres e Mestras dos bairros.</p> <p>Vide o Apêndice, com esboço para Guia de Boas Práticas e Conduta.</p>	
--	--

Fonte: Dados da pesquisa

#### QUADRO 90 - Áreas verdes

PROPOSTAS	FUNDAMENTAÇÃO
<p><b>REPRESENTAÇÃO NO SISTEMA URBANO DE ÁREAS VERDES</b></p> <p>Inclusão de representação dos Terreiros que compõem o Fórum Permanente de Terreiros da Regional V como parte do <b>Sistema Urbano de Áreas Verdes</b>, a partir deste estudo técnico.</p> <p>Considerando que os Terreiros detêm relação essencial e vinculação ancestral, religiosa, cosmológica e cultural com o meio ambiente, detendo papéis e funções relevantes de educação ambiental; de proteção e preservação de áreas verdes; de produção e difusão de conhecimentos relevantes quanto às áreas verdes, considerando diferentes ecossistemas e biodiversidades.</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Capítulo I, Art. 72, Art. 73, Art. 74 e Art. 75.</p>

<p>Considerando particularmente os parques urbanos municipais reconhecidos por lei ou decreto municipal; os microparques urbanos e as praças públicas; os corredores ecológicos e os conectores verdes.</p> <p>Considerando que: “O Sistema Urbano de Áreas Verdes é uma rede integrada de espaços naturais, seminaturais e construídos que incorporam elementos naturais, como cobertura vegetal, fragmentos florestais, dunas e recursos hídricos, cuja finalidade é conectar a natureza, a sociedade e o ambiente urbano, visando fornecer dados para ações de preservação, conservação e restauração de áreas naturais, bem como sua integração à dinâmica urbana e social.”</p> <p>Considerando que: “O Sistema Urbano de Áreas Verdes visa fomentar a garantia da preservação da biodiversidade e a promoção de um ambiente construído ecologicamente equilibrado, sustentável e saudável, sempre observando a proteção inerente a cada um de seus componentes.”</p> <p>Considerando que: “São diretrizes do Sistema Urbano de Áreas Verdes:  I — promoção da conectividade entre as áreas naturais e o ambiente construído, bem como a integração com a sociedade;  II — fomento à pesquisa científica, ao monitoramento ambiental e ao uso de indicadores ecológicos para a avaliação contínua do sistema;  III — envolvimento de comunidades locais e povos tradicionais na gestão e na proteção das áreas inseridas no Sistema Urbano de Áreas Verdes;  IV — permanente atualização dos componentes e dos seus dados quantitativos e qualitativos.”</p> <p>Considerando que: “O Sistema Urbano de Áreas Verdes tem como objetivos:  I — assegurar a conservação da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos;  II — restabelecer a conectividade entre ecossistemas fragmentados no território municipal;  III — fomentar o fluxo gênico e a dispersão de espécies da fauna e da flora nos diversos territórios;  IV — facilitar a gestão e a proteção de mananciais hídricos, zonas úmidas, ecossistemas costeiros e áreas de recarga aquífera;  V — facilitar, monitorar e fiscalizar o desenvolvimento de estratégias de integração entre unidades de conservação, parques urbanos, microparques, corredores ecológicos e conectores verdes;  VI — gerar conhecimento acerca dos ativos ambientais da cidade, promovendo a educação ambiental e a conservação.”</p>	
---	--

Fonte: Dados da pesquisa

**QUADRO 91** - Ciência, tecnologia e inovação

<b>PROPOSTAS</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO</b>
<b>PARCERIAS COM IPES, ESCOLAS E CONSÓRCIO DO NOTÓRIO SABER</b>	Resoluções de Notório Saber de
Constituição de convênios e acordos de cooperação com <b>Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) e escolas de educação básica</b>	Universidades públicas e do IFCE.

<p><b>no Ceará e com o Consórcio do Notório Saber de Mestres e Mestras de Culturas Tradicionais e Populares</b></p> <p>Estimular e fortalecer o reconhecimento institucional e a incorporação acadêmica de Mestres e Mestras de Cultura Tradicional e Popular em instituições públicas de educação superior, articulando ensino, pesquisa e extensão, promovendo a integração curricular.</p> <p>Estimular e fortalecer a incorporação institucional de Mestres e Mestras de Cultura Tradicional e Popular em instituições públicas de educação básica, promovendo a integração curricular.</p> <p>Fortalecer a cultura enquanto vetor acadêmico relevante à educação superior e à educação básica, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.</p> <p>Estimular a integração acadêmica do patrimônio cultural brasileiro às Instituições Públicas da Educação Superior (IPES) e às escolas de educação básica, considerando a diversidade de formas de expressão, modos de criar, fazer e viver e criações científicas, artísticas e tecnológicas associadas às identidades, ações e memórias dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.</p> <p>Contribuir para o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, estimulando e fomentando ações artístico-culturais nas Instituições Públicas da Educação Superior (IPES) e nas escolas de educação básica, agregando Mestres e Mestras de culturas tradicionais e populares, seus povos, comunidades, grupos, coletivos e territórios.</p> <p>Fortalecer e promover ações participativas educacionais, de extensão e de pesquisa em cooperação com os Terreiros, qualificando a formação discente e promovendo a sustentabilidade dos Terreiros.</p>	
<p><b>EXTENSÃO, PESQUISA, CIÊNCIA E INOVAÇÃO</b></p>	
<p><b>Fomentar ações de extensão e pesquisa</b></p> <p>Subsidiar a elaboração e implantação de um plano de dados e informações para a cidade inteligente, com o caráter de projeto piloto agregando os bairros que compõem a pesquisa</p> <p>Fortalecer e apoiar parcerias acadêmicas com os terreiros locais</p> <p>Considerando que: “São diretrizes para a Política de Ciência, Tecnologia e Inovação:”, dentre outras,  [...] V — desenvolvimento de consciência crítica e soluções inovadoras para problemas da cidade;  VI — mobilização da competência técnico-científica da cidade para viabilizar o seu desenvolvimento integral;  VII — mapeamento, identificação e valorização do conhecimento tradicional, estimulando a sua integração aos processos de inovação e Competitividade.”</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Capítulo IX – Da Política de Ciência, Tecnologia e Inovação, Art. 58</p> <p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Anexo 2.8. Ações Política de Ciência, Tecnologia e Inovação</p>

<p>Considerando a necessidade de: “Desenvolvimento e ampliação dos mecanismos de coleta, tratamento, disseminação e usos de dados e informações sobre a cidade, aplicáveis à solução de problemas locais no contexto de uma cidade inteligente.”</p> <p>Considerando a necessidade de: “Programa de fomento, estímulo e apoio às iniciativas nas áreas de fronteira do conhecimento, orientados a aplicações voltadas à solução de problemas locais, especialmente nas áreas de saúde, segurança alimentar, mobilidade, economia circular, sistemas baseados na natureza, tecnologias sociais, energias renováveis, saneamento e meio ambiente.”</p>	
--	--

Fonte: Dados da pesquisa

#### QUADRO 92 – Enfrentamento à precariedade urbana

PROPOSTAS	FUNDAMENTAÇÃO
<b>AÇÕES URBANÍSTICAS PARA ENFRENTAR A PRECARIIDADE URBANA</b>	Constituição Federal, Estatuto da Cidade, Plano Diretor de Fortaleza.
Promover ações urbanísticas para enfrentar a precariedade urbana dos terreiros	

Fonte: Dados da pesquisa

#### QUADRO 93 – Museologia social e comunitária

PROPOSTAS	FUNDAMENTAÇÃO
<b>TERREIROS E MUSEOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA</b>	
<p>Fomentar a constituição de Terreiros como museus sociais e comunitários vivos, por adesão.</p> <p>Considerando: “Unidades museológicas os museus ou entidades afins, existentes ou em fase de desenvolvimento, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, desde que sejam instituições de caráter permanente, com acervos abertos ao público e destinados a coletar, estudar, pesquisar, conservar, expor, divulgar os testemunhos e os bens materiais e imateriais do ser humano e de seu ambiente, com objetivos culturais, educacionais, científicos e de lazer”.</p> <p>Fomentar a constituição dos Terreiros como organizações sociais, museus comunitários, ecomuseus e/ou grupos étnico-culturais que mantenham ou desenvolvam processos museológicos.</p> <p>Instituir Código de Visitação.</p> <p>Estimular convênios e acordos de cooperação com Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) e com escolas públicas da educação básica, realizando ações de ensino, pesquisa e extensão integradas aos currículos, através de oficinas, minicursos, performances, ações artísticas, visitas técnicas, rodas de conversa, aulas espetáculo, projetos, dentre outras.</p> <p>Priorizar a realização das atividades, eventos e ações em parceria com/e fortalecendo o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim.</p>	<p>Lei Ordinária municipal nº 10.544, de 18 de novembro de 2016</p>

<p>Promover a articulação, o intercâmbio e a troca de experiências entre os museus existentes no território e no município, e com as entidades estaduais, nacionais ou internacionais, respeitando sua autonomia jurídico-administrativa, cultural e técnico-científica.</p> <p>Propor e garantir, anualmente, provimento de recursos, financiamento, dentre outras formas de fomento, destinados à área museológica no território e para os Terreiros que o compõem.</p> <p>Estimular propostas de realização de atividades culturais, educativas e de educação para o patrimônio dos museus junto às comunidades e às instituições de ensino.</p> <p>Estimular projetos e ações voltados para o fortalecimento da educação para o patrimônio e o turismo na cidade de Fortaleza.</p>	
--	--

Fonte: Dados da pesquisa

#### QUADRO 94 – Gerais

PROPOSTAS	FUNDAMENTAÇÃO
<p><b>INSTITUIR AÇÕES PÚBLICAS PARA ENFRENTAR O RACISMO, PARTICULARMENTE EM SUAS EXPRESSÕES RELIGIOSA E AMBIENTAL</b></p> <p>Implantando uma Casa da Igualdade Racial no território.</p>	<p>Constituição Federal, Leis, Normas, Políticas, Estatutos e Decisões do STF.</p> <p>SINAPIR (Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial), instituído pela Lei nº 12.288/2010 e regulamentado pelo Decreto nº 8.136/2013, que organiza e articula a implementação de políticas públicas para superar desigualdades raciais no Brasil, com foco na população negra e povos tradicionais</p>
<p><b>SUBSIDIAR A ELABORAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DE UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INTEGRADO PARA OS BAIRROS QUE COMPÕEM A PESQUISA</b></p> <p>Considerando este mapeamento das comunidades tradicionais, identificando suas principais características, saberes, costumes e modos de vida.</p> <p>Subsidiar a elaboração e implantação de um plano de desenvolvimento sustentável com participação da população, para o território, com o caráter de Projeto Piloto na cidade.</p>	<p>Plano Diretor de Fortaleza de 2025, Anexo 2.6. Ações da política municipal de patrimônio cultural</p>

**TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, TURISMO, CULTURA E PATRIMÔNIO.**

Agregação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) à tradição ancestral, promovendo o interesse da juventude conectada, transformando o território em um Museu de Percurso Digital. Incluindo Totens com QR Codes (Sinalização Híbrida): Instalação de sinalização física com códigos que, ao serem escaneados, abrem conteúdos exclusivos no celular. Áudios de Mestres: Depoimentos curtos sobre o fundamento daquela casa ou. Realidade Aumentada: Visualização de elementos rituais ou reconstrução histórica do terreiro em décadas passadas. App "Calendário Vivo do GBJ": Desenvolvido em parceria com o curso de Sistemas de Informação do IFCE, o aplicativo funcionaria como: Mapa Turístico: Rota segura entre os terreiros participantes do circuito. Agenda de Notificações: Avisos sobre as festividades de pico (Maio, Setembro), feiras de economia solidária e oficinas nas universidades. Laboratório de Mídias em parceria com o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim e Terreiros que atuam como Museus Sociais ou Comunitários: Criação de um núcleo onde jovens alunos do Ensino Médio (em seus Itinerários Formativos) são capacitados para produzir os conteúdos digitais, atuando como "Social Media do Patrimônio". Integração dos processos e instituições museológicas á uma plataforma de Segurança Cidadã Digital, permitindo que visitantes e estudantes transitem pelo território com suporte de geolocalização e informações em tempo real sobre a rede de apoio comunitário e serviços públicos, buscando que a segurança não seja apenas policial, mas tecnológica e comunitária.

## POSFÁCIO

Nas liturgias religiosas dos povos de terreiro, é de praxe saudar inicialmente Exu, o senhor das encruzas. Assim farei como saudação inicial a este belíssimo trabalho que agora chega aos/as leitores/as. A saudação também se dá como modo de compreensão dos caminhos abertos que a pesquisa proporciona, sendo uma mostra consistente de um universo alargado de povos e comunidades de santo na cidade de Fortaleza.

Neste riquíssimo trabalho, a Fortaleza cristã devota de nossa Senhora de Assunção celebrada sempre no dia 15 de agosto, mostra uma outra face religiosa, a devoção resistente aos encantados, orixás, inkisis, voduns, reis e rainhas. Esta diversidade de entidades que povoam os bairros do Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira são certamente exemplares de uma realidade de escala mais vasta que cobre, de forma invisível, toda a capital cearense e sua área metropolitana.

A presença destes entes espirituais em nossa cidade revela uma realidade urbana diversa habitada por seres visíveis e invisíveis que se reconhecem e são celebrados em seus ritos religiosos. Tranca ruas, Ogum, Rei da Turquia, Cabocla Jurema, Pomba Gira, Maria Mulambo, são alguns destes seres que povoam o território da Regional V, suas ruas, encruzilhadas, bares, festas, feiras e se relacionam nas sociabilidades urbanas cotidianas. A cidade, portanto, como nos demonstra esta pesquisa, é um manto de relações entre o mundo dos viventes e o mundo ancestral que com ele dialoga. Como ignorá-los/as?

No entanto, ainda que a pesquisa seja capaz de demonstrar a robustez da presença ancestral e seus cultos, escasseiam políticas públicas para este segmento da sociedade que teima em (re)existir. Acontece que a macumba cearense, como é chamada por vezes de forma pejorativa, cresce a cada dia como mostram as estatísticas nacionais, sobretudo nas periferias, contrariando o devir das oligarquias que no início do século XX pensaram a estética da capital cearense a partir do estrangeirismo da *Belle époque*. Tristes trópicos, diria o intelectual francês Levi Strauss.

Infelizmente, Tranca Ruas, o grande arquiteto paisagista das encruzilhadas, nunca foi chamado para pensar o espaço urbano fortalezense, confrontando os

mapas cartográficos dos planejadores urbanos com uma realidade cruel e desigual que ainda habita as periferias da capital. O que diria Cabocla Jurema, senhora das águas, sobre a degradação ambiental e a poluição dos poucos rios e córregos que correm em nossa urbe? O debate certamente, se ocorresse, seria digno de menções políticas e questionamentos no podcast das Cunhãs, nos bastidores da política cearense, tanto quanto nos bares e botecos das periferias.

A pesquisa também revela uma cidade negra em festa, tamanha a dimensão do calendário festivo das casas de culto. Ora, nestes locais a culpa cristã não cabe, festejar é mote para celebrar a vida, tanto quanto uma forma de resistência peculiar que esses grupos sociais produziram. A festa é uma das tecnologias sociais de produção comunitária que se agrega aos ebós, encantamentos, feitiços, oferendas e outros artefatos produzidos no terreiro. Cabe enfatizar, por fim, que o terreiro não é apenas um espaço religioso, mas, sobretudo, de sociabilidade comunitária, compartilhamento de saberes, de alimentos, cuidados e ajuntamento político e afetivo de pessoas movidas por questões raciais, de gênero ou classe.

O mapeamento, portanto, cumpre um papel social de relevância, revelando a densidade destes espaços nos cinco bairros que compõem a Regional V de Fortaleza. A qualidade da pesquisa abarca um conjunto de temáticas de importância no contexto cultural, estético, político e econômico da cidade, revelada através dos povos e casas de santo. Se Exu abre os caminhos desta pesquisa, que Xangô traga justiça social a estes povos invisibilizados para que se siga, por fim, a paz de Oxalá.

Axé!

*Ricardo César Carvalho Nascimento*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Professor da UNILAB, atualmente vinculado ao Ministério da Cultura (MINC). Membro Fundador do Consórcio do Notório Saber de Mestres e Mestras de Culturas Tradicionais e Populares. Mestre de Capoeira.

## REFERÊNCIAS

**3 OBÁS DE XANGÔ.** Sérgio Machado. Rio de Janeiro: Diogo Dahl, 2025. Disponível em: Mubi.

**8 ANOS DA TRADICIONAL FESTA DE YEMANJÁ NO ATERRO DA PRAIA DE IRACEMA.** Dudu de Logun Edé. Fortaleza: D.D Falamais, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=myg2L7z6PkA> Acesso em: 17. jul. 2025

ANJOS, Jean. **Terreiros de Fortaleza: estética, política e religiosidade nas periferias.** Fortaleza: Editora UECE, 2024. (Entrevista/Citação adaptada ao contexto de dados do Censo 2022).

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2009.

BARBOSA, Patrício Carneiro. **O Império do Belo Amor: ritos e festas na Umbanda de Fortaleza.** Fortaleza: Edições UFC, 2012.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Novo CAGED: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Brasília, DF: MTE, 2024-2026. Disponível em: [mte.gov.br](http://mte.gov.br). Acesso em: 2 maio 2026.

BRASIL. Receita Federal do Brasil. Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Brasília, DF: RFB, 2024-2026. Disponível em: <https://dados.gov.br>. Acesso em: 2 maio 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Novo CAGED: Estatísticas Mensais do Emprego Formal.** Brasília: MTE, abr. 2026. Disponível em: [mte.gov.br](http://mte.gov.br) Acesso em: 30 abr. 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Painel de Informações do Novo CAGED.** Brasília: MTE, 2026. Disponível em: [mte.gov.br](http://mte.gov.br) Acesso em: 30 abr. 2026.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA (CMFor). **Regional 5: bairros concentram mais de 5 mil comércio e potencializam a economia local.** Fortaleza, 11 set. 2023. Disponível em: <https://www.cmfor.ce.gov.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Regional 5: bairros concentram mais de 5 mil comércio e potencializam a economia local.** Fortaleza: CMFor, 2023. Disponível em: <https://www.cmfor.ce.gov.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

CEARÁ. Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC). Estatísticas do Registro Mercantil e Densidade Empresarial. Fortaleza: JUCEC, 2024-2026. Disponível em: [jucec.ce.gov.br](http://jucec.ce.gov.br). Acesso em: 2 maio 2026.

CENTRO CULTURAL BOM JARDIM. **Território e Contexto Social – Grande Bom Jardim**. Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://ccbj.org.br/sobre-nos/territorio-e-contexto-social/> Acesso em: 30 abr. 2024.

CHAPIN, M.; ZARZYCKI, T.; THRELKELD, B. **Mapping Indigenous Lands**. World Bank, 2005.

DALTON, Craig M.; STALLMANN, Tim. Counter-mapping data science. **The Canadian Geographer/Le Géographe Canadien**, v. 62, n. 1, p. 93-101, 2018.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Fortaleza ganha 25 mil novas empresas em 2026 e chega a 460 mil negócios ativos**. Fortaleza: Sistema Verdes Mares, 28 abr. 2026. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

ECONODATA. **Maiores Empresas no bairro Bonsucesso em Fortaleza, CE**. São Paulo: Econodata, 2026. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/maiores-empresas/ce-fortaleza/bairro-bonsucesso> Acesso em: 30 abr. 2026.

EMPRESAQUI. **Empresas em Granja Lisboa - Fortaleza (CE)**. São Paulo: EmpresAqui, 12 abr. 2026. Disponível em: [https://www.empresaqui.com.br/listas-de-empresas/CE/FORTALEZA/granja\\_lisboa](https://www.empresaqui.com.br/listas-de-empresas/CE/FORTALEZA/granja_lisboa) Acesso em: 30 abr. 2026.

EMPRESAQUI. **Listas de empresas no bairro Siqueira - Fortaleza, CE**. São Paulo: EmpresAqui, 2026. Disponível em: <https://www.empresaqui.com.br/listas-de-empresas/CE/FORTALEZA/siqueira> Acesso em: 30 abr. 2026.

EMPRESAQUI. **Listas de empresas por bairro: Granja Lisboa e Bom Jardim**. São Paulo: EmpresAqui, 2026. Disponível em: <https://www.empresaqui.com.br/> Acesso em: 12 abr. 2026.

FLANNERY, W. *et al.* Exclusion and non-participation in Marine Spatial Planning. **Marine Policy**, [s. l.], v. 88, p. 32-40, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2017.11.001>.

FORTALEZA (Município). **Fortaleza abre mais de 20 mil empresas no primeiro trimestre de 2026**. Fortaleza: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, 22 abr. 2026. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

FORTALEZA (Município). **Fortaleza registra crescimento de 41,6% na abertura de novas empresas**. Fortaleza: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, 2025. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro. Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONYO, S. B. *et al.* Resident perceptions of local offshore wind energy development: Modeling efforts to improve participatory processes. **Energy Policy**, v. 149, p. 112068, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.enpol.2020.112068..>

GOOGLE. Gemini (Versão de maio de 2026). Modelo de Inteligência Artificial Generativa. Disponível em: google.com. Acesso em: 2 maio 2026.

GORAYEB, A; MEIRELES, A.J; SILVA, E.V. **Cartografia Social e Cidadania: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais.** Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2015.

GOVERNO FEDERAL. **Painel Mapa de Empresas.** Brasília: Ministério do Empreendedorismo, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas> Acesso em: 30 abr. 2026.

HAFSTEIN, Jean-Baptiste. **Candomblé em Fortaleza: a invenção da tradição.** Fortaleza: Expressão, 2004.

HARRIS, L.; HAZEN, H. **Power of maps: (Counter) Mapping for conservation.** ACME, 2006.

HAYASHI, M. C. P. I. *et al.* Apresentação. In: HAYASHI, M. C. P. I.; RIGOLIN, C. C. D.KERBAUY, M. T. M. (Orgs.). **Sociologia da Ciência: contribuições ao campo CTS.** Campinas,SP: Editora Alínea, 2014. p. 7-12.

HIRATA, Helena. **O trabalho de cuidado.** São Paulo: Boitempo, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br). Acesso em: 2 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Religião e Identidade no Ceará.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br) Acesso em: 30 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Panorama.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> Acesso em: 30 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua).** Rio de Janeiro: IBGE, 2026. Disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br) Acesso em: 30 abr. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Ipece Informe Nº 272 – agosto/2025: Desigualdades territoriais de Renda: Evidências dos Bairros de Fortaleza a Partir do Censo Demográfico 2022.** Fortaleza: IPECE, 2025. Disponível em: [https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2025/08/ipece\\_informe\\_272\\_05\\_ago2025.pdf](https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2025/08/ipece_informe_272_05_ago2025.pdf) Acesso em: 30 abr. 2026.

IPLANFOR. **Fortaleza em Dados.** Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://dados.fortaleza.ce.gov.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

IPLANFOR. **Observatório de Fortaleza: Indicadores de Emprego e Renda por Regional.** Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, 2025. Disponível em: [fortaleza.ce.gov.br](https://fortaleza.ce.gov.br) Acesso em: 30 abr. 2026.

IPLANFOR. **Perfil Socioeconômico e do Empreendedorismo na Regional V.** Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, 2024.

JOLIVEAU, T. O lugar do mapa nas abordagens participativas. In: ACSELRAD, H. (org.). **Cartografias sociais e território.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p. 13-43. ISBN 978-85-86136-04-7.

LIMA, Hélio de Oliveira. **Economia de Terreiro: redes de reciprocidade e mercado nas periferias.** Salvador: EdUFBA, 2020.

LIMA, Hélio de Oliveira. **Economia de Terreiro: redes de reciprocidade e mercado nas periferias.** Salvador: EdUFBA, 2020.

LINHARES, T. S.; LUIS F. U. Mapeamento Participativo: Subsídio à Gestão Participativa e ao Manejo Sustentável de Recursos Naturais de Comunidades Tradicionais. **Sociedade E Território** – Natal. Vol. 29, N. 1, P. 50 - 70. Jan./Jun. 2017.

LODY, Raul. **Dendê: o sabor do axé.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

LODY, Raul. **O povo de santo: religião, costumes e gastronomia afro-brasileira.** Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

NETO, F. O. L.; SILVA, E. V. DA; COSTA, N. O. DA. Cartografia Social instrumento de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 18, n. 2, p. 56-70, 12 set. 2016.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Censo 2022: **Fortaleza e o quarto maior município brasileiro.** Fortaleza: Núcleo Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrosoles.net.br/> Acesso em: 30 abr. 2026.

PAIVA, Olga. **Religiosidade popular em Fortaleza: o caso dos terreiros.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

**POVOS DE TERREIRO (DOCUMENTÁRIO).** Isabel Mayara. Fortaleza: CCBJ, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqDuFGXK-KA> Acesso em: 17 jul. 2025.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REDE DLIS DO GRANDE BOM JARDIM. **Relatório Final: Pesquisa Perfil da Rede DLIS GBJ.** Fortaleza: Unilab, 2018. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp->

<content/uploads/2018/03/RELATORIO-FINAL-PESQUISA-PERFIL-DA-REDE-DLIS-GBJ.pdf> Acesso em: 30 abr. 2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vencer a morte: saberes vividos e compartilhados**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SALARIÔMETRO. **Salários por CBO e Bairro em Fortaleza - CE**. São Paulo: FIPE, 2026. Disponível em: [fipe.org.br](http://fipe.org.br). Acesso em: 30 abr. 2026.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a Morte**. Petrópolis: Vozes, 1976 (Obra clássica que define Ogum como o senhor da técnica e da abertura de caminhos).

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **O que a conta do axé não mostra: economia e religiosidade**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCORE CIDADES. **Bonsucesso, Fortaleza (CE) - Economia e Oportunidades**. São Paulo, 27 mar. 2026. Disponível em: <https://scorecidades.com.br/bairro/ce-fortaleza-bonsucesso/> Acesso em: 30 abr. 2026.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

TELES, Edson. **A viração: o trabalho informal no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2012.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1981.



## APÊNDICE

### Guia de Boas Práticas e Conduta: Visitação aos Terreiros Sagrados

#### Diretrizes para Visitantes, Pesquisadores e Turistas

##### 1. Preparação e Postura Ética

- **O Sagrado é Real:** Lembre-se de que você está em um solo sagrado, equivalente a uma igreja ou catedral. Mantenha o tom de voz moderado e evite comportamentos expansivos ou desrespeitosos.
- **Vestimenta:** Prefira roupas claras e discretas. Evite roupas curtas, decotes acentuados ou trajes de banho. Em muitas casas, o branco é a cor da paz e do respeito; usá-lo é um gesto de cortesia.
- **Acesso Restrito:** Nunca entre em quartos fechados, áreas de assentamento (pejis) ou locais isolados sem a permissão explícita do(a) Zelador(a) ou do guia local.

##### 2. Imagem e Som (Registro Audiovisual)

- **Peça Permissão:** É terminantemente proibido fotografar ou filmar rituais, médiuns em transe ou altares sem autorização prévia da liderança da casa.
- **Uso das Redes Sociais:** Se autorizado a postar fotos, marque a localização do terreiro e use legendas que valorizem a cultura e o patrimônio, evitando comentários que possam reforçar estigmas ou preconceitos.
- **Celulares:** Mantenha os aparelhos no modo silencioso ou vibrar durante as cerimônias.

##### 3. Interação com a Comunidade

- **Hierarquia:** Saude as lideranças (Pai ou Mãe de Santo) de acordo com as orientações do guia. O respeito à hierarquia é a base das comunidades de terreiro.
- **Oferendas e Comensalidade:** Se for oferecida comida (como o Caruru de Santa Bárbara ou bolos de festa), aceite como um gesto de comunhão. Se tiver restrições alimentares, agradeça gentilmente. Nunca jogue comida fora dentro do terreiro.

- **Perguntas e Curiosidade:** Sinta-se à vontade para perguntar sobre a história do terreiro e as divindades, mas faça-o de forma respeitosa. Evite questionamentos de cunho inquisitório ou julgamentos morais.

#### 4. Sustentabilidade e Economia Local

- **Contribuição Voluntária:** Muitos terreiros sobrevivem de doações. Se houver uma caixinha de contribuição para a manutenção do espaço ou para as festividades, considere colaborar.
- **Comércio Local:** Priorize a compra de artesanatos, ervas, banhos ou alimentos produzidos pela própria comunidade do terreiro ou moradores do bairro durante o roteiro.

#### 5. Combate à Intolerância

- **Terminologia:** Utilize os termos corretos conforme orientado. Evite termos pejorativos.
- **Zero Discriminação:** O terreiro é um espaço de inclusão. Comentários racistas, homofóbicos ou de intolerância religiosa resultarão na interrupção imediata da visita e nas medidas legais cabíveis.